

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**A CONSTRUÇÃO DA VERDADE AUTORITÁRIA:  
Palavras e Imagens da Interventoria Agamenon Magalhães em  
Pernambuco. (1937 - 1945)**

**MARIA DAS GRAÇAS ANDRADE  
ATAÍDE DE ALMEIDA**

*Tese de doutoramento em História social apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob da orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. MARIA LUIZA TUCCI CARNEIRO.*

**SÃO PAULO**

**1995**

**A todos que trabalham por um mundo sem preconceitos,  
em que a tolerância permeie as relações entre os homens.**

## AGRADECIMENTOS

O momento de escrever os agradecimentos torna-se também um momento de reflexão e, por isto, reveste-se de profunda emoção, uma vez que perfilam em nossa memória os gestos de apoio e carinho de várias pessoas que nos acompanharam nestes anos. Passamos a perceber então a dimensão do amor dos que compartilharam esta trajetória.

Gostaria de agradecer em primeiro lugar à minha orientadora, Profa. Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Tucci Carneiro, que durante estes cinco anos revelou-se uma pessoa extraordinária, não somente no seu papel profissional, mas essencialmente como pessoa humana. Que raro dom o seu de sair da teoria para a prática, recebendo-me sem nenhum formalismo! Ser sua orientanda constituiu-se para mim um privilégio e uma fecunda fonte de enriquecimento e aprimoramento intelectual. De forma segura e firme, conduziu-me neste caminhar, sempre pronta e solícita. Suas críticas e exigências sobre o trabalho deram-me confiança para ir em frente, mesmo quando o desânimo se abatia diante das dificuldades inerentes a todo trabalho de Pós-Graduação. Estes agradecimentos são extensivos à sua família, seus filhos Milena e Marcos e seu marido, Prof. Dr. Boris Kossoy, que sempre ao me receberam, fizeram-me sentir o privilégio de estar em família, mesmo estando a 3000 Km de casa. Os fins de semana no "Mirante", em Itapeçerica da Serra, tornaram-se um oásis na caminhada.

Meu agradecimento à minha casa de trabalho, Universidade Federal Rural de Pernambuco, aos meus colegas do Departamento de Letras e Ciências Humanas e especialmente ao meu diretor, Prof. José Josi da Silva, e ao vice-diretor, Prof. Exedito Bandeira de Araújo, que sempre tiveram uma atitude de incentivo a este doutorado.

À CAPES, pelo amparo material, através da bolsa do Programa de Capacitação de Docentes (PICD).

No Centro de Documentação de História Contemporânea (CPDOC), no Rio de Janeiro, quero registrar o meu agradecimento pela eficiência dos que compõem aquela Instituição, em especial a Inês Niedo.

Na Biblioteca Nacional (RJ), Anna Naldi foi uma presença constante, procurando simplificar as inúmeras dificuldades que encontramos na hemeroteca.

No Arquivo Nacional, o meu agradecimento à figura amiga do Sr. Eliseu de Araújo Lima, pela forma atenciosa com que tem me recebido nestes dezoito anos de vida acadêmica, em minhas idas àquela Instituição.

No Arquivo e Biblioteca da Cúria Metropolitana de Olinda e Recife, contamos com o carinho e o apoio de Josefa Bezerra da Silva (Menininha), que se tornou no decorrer destes anos, uma amiga querida.

No Arquivo Público Estadual de Pernambuco, Jordão Emerenciano, o nosso agradecimento à pessoa do seu diretor, Prof. Potyguar Matos, de seus vários funcionários, em especial à dedicação de Lindinalva Costa dos Santos. Entre os estagiários, destacamos o trabalho de Janaína, sempre disposta a ajudar.

Na Biblioteca Municipal Mario de Andrade (SP), infelizmente, tivemos a dureza de enfrentar a práxis do preconceito, desta vez evidenciado contra o nordestino, quando nos foi negado, no segundo semestre de 1990, o acesso ao manuseio, só sendo permitida a leitura do microfilme, de jornais e revistas que continham charges e caricaturas necessárias a este trabalho. Após esclarecimentos acerca da nossa experiência com documentação rara nos principais arquivos brasileiros, adquirida quando realizamos nossa dissertação de mestrado, a explicação que nos foi dada pessoalmente pela zelosa senhora diretora daquela casa de pesquisa era de que *"todo mundo não podia manusear os jornais antigos"*. Descobrimos então, para grande surpresa nossa, que éramos o "outro", que não fazíamos parte dos eleitos de Pasargáda, dos amigos do rei.

A Débora Suassuna, pela revisão do texto. A Maria Cavalcanti, que digitou a primeira parte desta tese, sua dedicação, carinho e afeto para comigo foram significativos.

Na Comunidade Israelita de Recife, o meu agradecimento ao casal Miriam e Samuel Kelner, pelas informações valiosas de suas experiências de vida como adolescentes nos Tempos de Agamenon Magalhães, em Pernambuco. A Moisés e Miriam Ledermam, pela alegria de lembrar a tarde que passamos conversando e aprendendo sobre a dura realidade do imigrante: a profundidade destes conhecimentos não pode ser encontrada em nenhum livro. A Ruth Rozembaum e às histórias do cotidiano de sua família, que podem esclarecer e me fazer entender melhor a época do autoritarismo estadonovista em Pernambuco. No Colégio Israelita, a Anita Levi o meu profundo agradecimento pela pessoa alegre, despreendida, disposta a cruzar montanhas para ajudar o outro.

Os amigos que nos deram uma palavra de conforto e estímulo são muitos e não daria para nomeá-los todos. De Silvia Cortez e Silva a lembrança dos dias vividos em São Paulo, do apoio mútuo. Dr. Moacir de Novaes extrapolou sua função de médico da família, tornando-se um amigo querido, sempre preocupado em nos apresentar às pessoas ligadas à comunidade judaica em Recife. Em São Paulo, Celina Kuniyoshi sempre esteve com sua casa aberta para me receber. O seu carinho para comigo, quando do momento do meu Exame de Qualificação, jamais poderá ser esquecido. Annette Dennis representou a figura amiga nas minhas idas e vindas a São Paulo. Diane Kuperman sempre teve palavras de encorajamento e incentivo a este trabalho. Talita Gueiros Castor, amiga querida, foi sempre um ouvido atento às alegrias e angústias nos momentos difíceis desta travessia.

Minha gratidão é imensa a Lucinalva da Silva Macêdo (Nina), que, nessa trajetória, tornou-se um membro da nossa família, por compartilhar a leitura dos capítulos, discutindo e se envolvendo nesta tese,

vasculhando sebos e bibliotecas atrás de livros raros, numa dedicação sem limites.

Meu reconhecimento a Maria do Rosário de F. Andrade Leitão, minha irmã, que me "familiarizou" com o tema da Interventoria Agamenon Magalhães e também com quem discuti todo o projeto inicial deste doutoramento, mesmo que depois ele tenha seguido outras trajetórias.

Um agradecimento especial a meus pais, Manoel Emiliano de Andrade e Zina Araújo de Andrade, pelos avós maravilhosos que são, cercando Sérgio e Silvânia de todo o carinho possível, nestes cinco anos de doutorado.

Meus filhos queridos, Silvânia e Sérgio, por caminharem ao meu lado e, de certa forma, terem feito o doutorado comigo, na medida em que compartilhávamos as alegrias, as angústias, os medos e os sonhos.

Por fim, a Romero Ataíde de Almeida, meu marido, companheiro e amigo, que conseguiu extrapolar o seu papel de pai e tornou-se uma mãe maravilhosa para nossos filhos, Sérgio e Silvânia, em minhas longas ausências quando estava em São Paulo. Sua presença contínua e segura ao meu lado, me apoiando, tornou-se um "porto seguro", de ancoragem certa, mesmo quando as ondas eram violentas e ameaçadoras. Nesta convivência de 26 anos, termos construído juntos a maravilhosa dádiva do amor longânimo e paciente.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	02
<b>ABREVIATURAS E SIGLAS</b> .....	12
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO I - O PROJETO PEDAGÓGICO E A CONSTRUÇÃO DO SABER</b> .....	28
1.1- Contra a Anarquia da Inteligência .....	28
1.2- Seminário Pedagógico: veiculador da nova pedagogia .....	36
1.3- As Oficinas de Escultura Fascistas .....	43
1.4- Legislação Educacional: instrumento ideológico do Estado .....	48
<b>CAPÍTULO II - A RECRISTIANIZAÇÃO DA SOCIEDADE</b> .....	61
2.1- O Modelo Ético Religioso .....	61
2.2- Cruzada de Educadoras Católicas: marcha das mulheres contra o laicismo .....	72
2.3- Ação Católica: guia das massas amorfas .....	85
2.4- Liga Eleitoral Católica: políticos de sotaina .....	98
<b>CAPÍTULO III - EM NOME DA MODERNIDADE</b> .....	120
3.1- Recife é Uma Aldeia .....	122
3.2- O Olhar do Turista na Veneza Brasileira .....	126

3.3- O Lazer da Elite .....	130
3.4- Ruas do Recife: sítio de exibição de elegância .....	134
3.5- O Espetáculo da Miséria: engraxates do Recife .....	138
3.6- Mascateadores do Recife: a praga do Egito .....	140
3.7- O Mundo do Frevo e o Mundo do Jazz .....	142
3.8- Loucos: quem são eles? .....	147
<b>CAPÍTULO IV - FOLHA DA MANHÃ: A REPRODUÇÃO DA INFÂMIA .....</b>	<b>160</b>
4.1- O jornal: um agitador de rua .....	160
4.2- AIP: uma instituição a serviço do anti-semitismo .....	170
4.3- Imprensa: o quarto poder .....	175
4.4- Pernambuco: uma vasta sinagoga .....	180
4.5- O Mito do Caráter Hereditário na Construção da Imagem do Judeu .....	195
4.6- Judeus: agentes do Kominther em Pernambuco .....	200
4.7- A Reprodução da Infâmia: nazismo e fascismo .....	207
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>237</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>240</b>
<b>ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES</b>	
1- " <i>A Hora da Pátria</i> "	
2- " <i>Esportes</i> "	
3- " <i>Missa de Acção de Graças pela Revolução de 30</i> "	

4- *"Vista parcial da Assembléia Magna do teatro Santa Isabel aos 10 de maio de 1931, em regozijo pelo Decreto do Governo Provisório facultando o ensino religioso"*

5- *"Dia da Família"*

6- *"O Chefe do Estado e o arcebispo Primaz, tocam cordialmente as taças"*

7- *"Páscoa dos Militares em 8-5-1938 "*

8- *"Páscoa dos Militares"*

9- *"Banquete oferecido pelo Interventor Agamenon Magalhães ao Bispo Primaz do Brasil"*

10- *"Cidade Piedosa e Christã"*

11- *"Acção Catholica nas escolas"*

12- *"Acção Catholica"*

13- *"Só o Destino Decidirá....."*

14- *Desembarque do Cardial Legado vendo-se ao seu lado o General Firmino Freire, representante do Presidente Getúlio Vargas e o Interventor Agamennon Magalhães"*

15- *"Encerramento do III Congresso Eucharistico Nacional"*

16- *"III Congresso Eucharistico Nacional"*

17- *"O pavilhão onde foi armado o grande Altar vendo-se os bancos que deram assento a sessenta mil pessoas no recinto do Congresso".*

18- *"O local onde vae ser construído o UFA-PALACIO no bairro de Santo Antonio"*

19- *"Parte de um predio desmoronando e uma apressada e modesta mudança"*

- 20- "*Quem é que....*"
- 21- "*Não Vacile!*"
- 22- "*Ô que becco estreito chegado a espinho.....*"
- 23- "*A Cidade cheia de graça e de luz!*"
- 24- "*As indústrias Marca Peixe*"
- 25- "*O Recife de Hoje*"
- 26- "*Vila Nóbrega, casa de exercícios de Santo Inácio, no Recife*"
- 27- "*Flagrante do banquete no Restaurante LEITE, oferecido pela firma Herm Stolz & C'a aos seus auxiliares*"
- 28- "*Um casino de luxo para o Recife*"
- 29- "*Á esquina e á sombra do Café Lafayette*"
- 30- "*Pés de Lã, Pés de Fadas e Pés de Brasas*"
- 31- "*Pescadores de Mariscos e Caçadores de Perolas*"
- 32- "*Pianos, vendedores de jaca e melancia, mercadores de carangueijos, tudo dentro da rua tumultuosa*"
- 33- "*Cidade Misturada*"
- 34- "*Um bond apinhado de pingente- cousa commum no Recife, ás 5 horas da tarde*"
- 35- "*Engraxates de Recife: o espetáculo da miséria*"
- 36- "*Flagrantes do Recife, ás 6 da manhã*"
- 37- "*Um curioso rei de rua*"
- 38- "*F R Ê V O*"

- 39-"*FRÊVO*"
- 40-"*Ultimos foliões sobre a terra*"
- 41- "*O baile do Clube Internacional do Recife*"
- 42- "*O Córso pelas ruas do Recife*"
- 43- "*Um espirito ruim no corpo do catimbozeiro Pereira*"
- 44- "*A começar a 1ª de Maio*"
- 45-"*Funcção Social da Imprensa*"
- 46-"*A sollenidade da posse do novo presidente da Associação da Imprensa de Pernambuco*"
- 47-"*Os bravos rapazes do incidente da Loja Maçônica Conciliação*"
- 48-"*Parte do Salão da biblioteca e das reuniões da C.M.M.A.*"
- 49- "*Grupo do retiro fechado do Carnaval de 1936, na Villa Nobrega*"
- 50- "*Faculdade de Direito de Recife*"
- 51- "*O gringo da prestação*"
- 52- "*O fracassado levante integralista*"
- 53- "*Missa dos Integralistas: em memória dos que morreram em defesa do regimen*"
- 54- "*Inimigos da pátria e do regimen*"
- 55- "*A Nação Victoriosa*"
- 56- "*O Presidente Vargas, sereno e confiante*"
- 57- "*destruindo as inverdades da campanha comunista judaica, a Italia e a Allemanha reaffirmam, em declarações publicas a sua união e mostram ao mundo confiado na sua força em face das manobras odiosas dos Sovietes*"

58- "*As atrocidades da guerra na Hespanha*"

59- "*Dia da Pátria e encerramento do III Congresso Eucharístico Nacional em Recife*"

60- "*Club Allemão e sua Directoria*"

61- "*O Perigo do systema antigo*"

62- "*Bebé já tem um anno...*"

63- "*Venceu os Tchecos* "

64- "*á direita Leônidas, principal jogador da Seleção Brasileira de 1938* "

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

AGM- Arquivo Agamenon Magalhães

APEP- Arquivo Público Estadual de Pernambuco

BN- Biblioteca Nacional

CEC- Cruzada de Educadoras Católicas

CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda

DNP - Departamento Nacional de Propaganda

FGV - Fundação getúlio Vargas

LEC - Liga Eleitoral Católica

## INTRODUÇÃO

Este estudo se propõe a elaborar uma análise das relações de poder na Interventoria Agamenon Magalhães, entre 1937 e 1945, privilegiando setores acionados pelo Estado como preponderantes para a sua legitimação e doutrinação - a Igreja, a Educação e a Imprensa- evidenciando uma situação de "pacto" característica das tramas do poder.

Ao elegermos estes setores da sociedade civil, levamos em consideração a importância dada aos mesmos pelo próprio Interventor, apontado como reprodutor e executor do regime estadonovista, tendo o Rio de Janeiro como matriz.

Assim, a proposta temática e metodológica de análise deste trabalho insere-se num momento específico da realidade nacional - 1930/1945 - quando novos paradigmas políticos eclodiam na Europa, emanando modelos de comportamento e idéias admirados pelos intelectuais brasileiros. Novos modelos políticos emergiram no cenário internacional, condenando o liberalismo e exaltando o conceito de autoridade como via única para o reerguimento dos Estados em crise.

*Igualdade, Fraternidade e Liberdade* passaram a ser considerados como cânones de um paradigma falido, que havia levado as nações a uma bancarrota. A crítica doutrinária contra o modelo político liberal somou-se a figura do salvador político que, através de um governo forte, reergueria o Estado. A Alemanha era mostrada ao mundo como uma nação que venceu as humilhações impostas pelo Tratado de Versalhes. A Itália, por sua vez, resgatou seu passado glorioso de conquistas, segundo orientação determinada por Mussolini. (1)

Uma intensa literatura de fundo autoritário, racista e anti-semita circulava por toda a Europa e América, dando suporte às idéias extremistas presentes nos modelos políticos nazista e fascista. Muitos intelectuais brasileiros, ao digerirem tal literatura, não somente a aceitavam como única e

verdadeira, como também nela encontravam as respostas às inquietações do Brasil. Face a um contexto político-econômico tido como "atrasado", esses modelos políticos se apresentavam alvissareiros e auspiciosos para a solução dos problemas nacionais. Assim, uma parcela considerável da intelectualidade brasileira reprocessou essas idéias, reproduzindo-as através de centros de estudos <sup>(2)</sup> e de uma farta literatura, em forma de ensaios e artigos, veiculada pela imprensa laica e religiosa. <sup>(3)</sup>

Nazismo e fascismo emergiram como novos paradigmas políticos para a sociedade, de cunho totalitário, para os quais o controle das massas deveria repousar nas mãos de uma elite. Neste sentido, as reflexões de Hannah Arendt sobre o papel das massas diante das novas propostas políticas européias -tanto de extrema direita como de esquerda- apontam para algo em comum: a manipulação das massas amorfas e atomizadas por parte da elite dominante. <sup>(4)</sup>

Exercer o controle sobre essa massa, transformá-la em acrítica, apolítica, apática, anticomunista e anti-semita fazia parte do projeto político do Estado. Apreender a relevância da manipulação das massas e executá-la, no sentido em que Elias Canetti sugere em sua obra **Massa e Poder**, foi objetivo que a Interventoria Agamenon Magalhães em Pernambuco se propôs. <sup>(5)</sup>

A legitimação do regime junto às massas efetuou-se através de um "pacto" entre a Igreja e o Estado, apoiado em um sistema de representações dentre as quais os valores católicos se faziam presentes. Nesta relação intrínseca entre o campo religioso e o campo do poder político, a ordem simbólica assegura e legitima a ordem imposta. <sup>(6)</sup>

Além da colaboração da Igreja Católica, elo de ligação junto à sociedade civil, o Estado também se apercebeu da instrumentalidade que representava a educação como reprodutor ideológico, "forjador de mentes". A educação dedicada à construção de um "saber orientado" poderia vir a ser um núcleo erradicador dos focos de resistência à ideologia estadonovista. <sup>(7)</sup>

Assim, a polaridade dos rumos da educação sob a responsabilidade do Estado deveria ser dicotomizada na construção de saberes distintos, todavia mantendo uma complementariedade: "educação para os músculos", dirigida à classe dominada e "educação elitista", voltada apenas para uma parcela da classe dominante. O fio comum desses "dois saberes" residia na relevância dada pelo Estado na fabricação de corpos e mentes dóceis.

Associada à manipulação do saber temporal e do religioso, a Interventoria elegeu a imprensa como veículo de propaganda, doutrinação e persuasão da ideologia estatal, instrumental imprescindível para a construção de um ideário político, acionando signos que contribuíssem para a configuração de um consenso social. A importância dada ao papel da imprensa, de acordo com os modelos ditados pelos regimes autoritários, torna-se ponto de referência dos intelectuais ligados à administração Agamenon Magalhães. Neste sentido, a imprensa, longe de ter sido um simples meio de comunicação, foi reificada como arauto de um paradigma da verdade. <sup>(8)</sup>

Desta forma, tornou-se indispensável para nosso estudo a recuperação do ideário dessa elite de colaboradores da administração pública do Estado Pernambucano, formada, em sua maior parte, por bacharéis e jornalistas de formação católica. A questão encontrava-se, portanto, centralizada na proposta de se compreender a atuação deste grupo como decodificador de uma visão de mundo para a sociedade civil, além de se prestar como exemplo dos parâmetros de lealdade e fidelidade à Interventoria. <sup>(9)</sup> A passagem destes intelectuais pela **Faculdade de Direito do Recife** tornou-se para nós informação preciosa para o início da pesquisa, no sentido da reconstrução daquele ideário que caracterizou o regime estadonovista em Pernambuco, com suas nuances regionais. Identificar os teóricos que influenciaram esses intelectuais tornou-se possível através do levantamento que realizamos nas bibliotecas das instituições a que pertenciam os mesmos. As resenhas e indicações de leituras que circulavam

pelos principais periódicos do estado, transformaram-se em fontes para o estudo da mentalidade daqueles homens. Oliveira Vianna, Gustavo Barroso, Alberto Tôrres, Manoielesco, Gustavo Le Bon, Plínio Salgado, Miguel Reale, Osório Lopes, Gobineau, dentre tantos outros, compõem o rol dos teóricos inspiradores das propostas políticas e sociais que deram um perfil autoritário a este polêmico período da História do Brasil. <sup>(10)</sup>

Uma incursão junto ao ideário católico estadonovista, permitiu-nos uma visão mais detalhada das múltiplas instrumentalidades acionadas pelas instituições de poder. Partimos então para a pesquisa junto aos periódicos católicos e à grande imprensa local, arquivados em diferentes acervos de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.

Com o objetivo de reconstituir tanto a história oficial como os "silêncios" da Historiografia Contemporânea sobre Pernambuco, buscamos junto ao *Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil - CPDOC* (RJ) a documentação referente a Agamenon Magalhães. Chamou-nos a atenção a prioridade que este como Interventor dava à imprensa, particularidade esta documentada principalmente pela correspondência particular com Getúlio Vargas e seus correligionários políticos.

Neste sentido, as imbricações detectadas nas relações entre Igreja e Estado, articuladas através de um projeto educacional e de propaganda política, ganharam espaço em nosso estudo: atenção especial foi dada à documentação produzida pela imprensa católica, dentre as quais cabe citar **A Tribuna**, porta-voz da Cúria Metropolitana de Olinda e Recife e **A Gazeta**, periódico da Matriz da Boa Vista. Temos ainda as revistas **Arquivo da Congregação Mariana**, **Maria**, **Estrela do Mar**, **Atualidades**, **Mensageiro do Coração de Jesus**, **Revista Eclesiástica Brasileira**, **A Ordem**, **A Ação Católica** e o **Boletim Mensal da Arquidiocese de Olinda e Recife**, que circularam entre 1930 e 1945.

As fotografias selecionadas de álbuns, roteiros turísticos e jornais, assim como as charges e caricaturas da época <sup>(11)</sup>, possibilitaram-nos

recuperar alguns dos aspectos que contribuíram para a construção e a manipulação do imaginário social na cidade do Recife durante o Estado Novo. (12)

O conjunto destas fontes aponta para uma produção de discursos que mantêm uma singularidade, um fio condutor que os liga em uma direção: a da retórica da intolerância. Assim, trabalhamos em cima da desconstrução deste discurso, em que as metáforas, as frases estereotipadas, os adjetivos e a persistência de palavras-chaves indicavam o ideário racista de seus expositores. (13)

Neste sentido, o estudo do léxico de determinado contexto conduz-nos à possibilidade de "*penetrar na consciência dos homens, explicar suas condutas e as relações que mantêm com os demais grupos sociais e étnicos*". (14) Nesta incursão é possível identificar a retórica do preconceito, em que os padrões de alteridade são determinados e apontam para o diferente, o "outro" (15). O discurso estadonovista em Pernambuco investiu na construção de uma mentalidade coletiva, a partir de arquétipos (16) recuperados naquele regime autoritário, em que a manipulação do imaginário social foi canalizada para atingir as aspirações, os medos e as esperanças da sociedade. (17) Bronislaw Baczko observa que é através do imaginário social que as sociedades plasmam suas visões de mundo, modelam condutas, identificam seus inimigos, modelam seu passado, presente e futuro. (18)

Assim, como analisa Cornelius Castoriadis, em sua obra **A Instituição Imaginária da Sociedade**, cada sociedade define e elabora um conjunto de significados e significantes [símbolos], importantes para a vida da coletividade. Daí a importância atribuída por Castoriadis à escolha do simbolismo por uma sociedade. Neste sentido, tornou-se relevante a compreensão dos símbolos e mitos eleitos para comporem o imaginário social em Pernambuco, no Estado Novo, uma vez que o processo de decodificação do significado é tarefa imprescindível para que o símbolo não caia no vazio e possa revelar a intencionalidade do mesmo. Nesta ótica,

Castoriadis afirma que "*compreender, e mesmo simplesmente captar o simbolismo de uma sociedade, é captar as significações que carrega*" .<sup>(19)</sup>

Diante destas possibilidades de reflexão, nossa proposta estruturou-se a partir de cinco temáticas: a primeira, "*O Projeto Pedagógico e a Construção do Saber* ", trabalha a construção de um saber calcado nos modelos educacionais nazi-fasci que viesse de encontro à "anarquia da inteligência". A partir do conteúdo da correspondência particular do Interventor, tornou-se possível identificar uma administração em que a sustentação de um clima de insegurança, terror e violência assegurava a implantação de uma situação de fato: exonerações, aposentadorias forçadas transformaram-se em instrumentos de punição e em armas de combate contra aqueles que representavam a anarquia e a imoralidade. Intelectuais identificados com as "doutrinas dissolventes e exóticas" foram transformados em elementos perigosos à manutenção da ordem instituída. Tinha-se, portanto, consciência do papel dos "chefes políticos", da polícia, assim como da força das palavras e da imagem, instrumentos imprescindíveis para a construção de uma "verdade autoritária".

O segundo capítulo, "*A Recristianização da Sociedade*", valoriza as relações de poder entre a Igreja Católica e a Interventoria Agamenon Magalhães em Pernambuco, no período de 1937 a 1945. A Igreja oferecia ao Estado um projeto catequético, no qual os cânones de obediência, autoridade, fidelidade e ordem identificavam-se com aqueles de caráter nacionalista e autoritário do Estado Novo; por outro lado, tal coligação assegurava a erradicação de qualquer heresia política contrária à ordem vigente. Assim, efetuava-se o pacto, em que a aliança entre o espiritual e o temporal assegurava à Igreja a participação nos cargos públicos ocupados por intelectuais representantes da vertente mais conservadora daquela instituição: a *Congregação Mariana*. Através da recuperação do ideário desses intelectuais, podemos compreender sua cooptação pelo Estado e a simbiose entre o político e o religioso. Simbiose esta que Pierre Bourdieu considera como importante para a percepção dos pactos entre aqueles dois

poderes, uma vez que o poder simbólico colabora para a manutenção do poder Político. Neste pacto Igreja/Estado, ambos tinham como proposta monopolizar a educação, eleita como veículo de reprodução ideológica. (20)

No terceiro capítulo, "*Em Nome da Modernidade*", direcionamos o olhar para a cidade do Recife durante o Estado Novo, procurando interpretar as diferentes formas de representações que compõem o imaginário social, responsável, em parte, por aquele cotidiano urbano. Daí a preocupação da Interventoria em transformar a cidade, atribuindo-lhe um perfil moderno, deixando para trás o provincialismo e tudo aquilo que simbolizasse atraso.

A relevância de remodelações urbanísticas e arquitetônicas era veiculada pela imprensa como imprescindível. Mostrava-se sempre que transformações urbanas estavam sendo realizadas nos países de "regime forte", numa clara alusão de que seus líderes construíam para o futuro. Os jornais sempre apontavam para as transformações efetuadas na capital do III Reich, fruto das projeções de poder pessoal de Hitler e da tentativa do nazismo de se impor como o símbolo da força e do progresso. (21)

Estas transformações atingiam também o cotidiano da população pernambucana, objetivando imprimir novos costumes, em que emergiam as categorias de progresso e modernidade. Desvendar os valores que permearam as tentativas de mudanças na principal festa do pernambucano -o carnaval- tornou-se imprescindível para detectarmos este novo momento. Na tentativa de apontar as "heresias" a serem extirpadas, a Interventoria elegeu os marginalizados desta sociedade:

- *a população pobre*, moradora dos sobrados velhos e freqüentadora dos becos;
- *os trabalhadores da economia informal*: mascateiros; vendedores de caranguejos, frutas e ervas medicinais; engraxates e carregadores de pianos;
- *os umbandistas*, todos identificados como casos de medicina ou polícia.

Para os "loucos", garantia-se um espaço reservado junto à cadeia ou ao hospital psiquiátrico. (22)

No quarto capítulo, "*Fôlha da Manhã: a reprodução da infâmia*", procuramos situar o papel da imprensa, através do jornal **Fôlha da Manhã**, como canal de *propaganda, doutrinação e persuasão* diários, contribuindo para a legitimação da ordem vigente. Neste sentido, fez-se prioritário identificar aqueles que foram jornalistas e/ou intelectuais, colaboradores diretos do aparelho do Estado. Muitos se prestaram a divulgar de forma sistematizada conceitos inerentes ao ideário nazi-fasci, dentre os quais o anti-semitismo desponta de forma explícita e doutrinária.

A leitura de um artigo, "*Os Indesejáveis*", datado de 27 de novembro de 1937, de caráter anti-semita, no jornal **Fôlha da Manhã**, portavoz da Interventoria Agamenon Magalhães em Pernambuco, foi a mola propulsora para a idealização desta temática. A partir deste artigo, empreendemos uma incursão por este periódico, recuperando sua trajetória desde a fundação, em novembro de 1937, até 1945, período delimitado pelo término do governo autoritário de Getúlio Vargas. <sup>(23)</sup>

Este periódico, na sua essência, deve ser visto como um exemplo de apologia ao modelo político nazi-fasci, que exacerba em seus cânones de paradigma político os conceitos de Ordem, Autoridade, Pátria e Igreja, que, por si e entre si, possibilitariam o reerguimento político, econômico, social e moral das nações.

Ao nos depararmos com esses textos, ficamos sensibilizados com a reprodução da infâmia que ocorria na Europa, onde judeus eram escorraçados, caluniados e acusados dos males que vitimavam as nações. A **Fôlha da Manhã**, como instrumento político e formador de opinião pública, reproduzia tais idéias, adequando-as à realidade brasileira. Num processo de doutrinação, persuasão e sedução, os artigos denegriam e envileciam a imagem do judeu, atribuindo-lhe um caráter negativo e uma personalidade duvidosa.

O alcance destas descobertas, do ponto de vista da pesquisa histórica, levou-nos a investigar junto à imprensa do Rio de Janeiro as matrizes ideológicas, visto ali estar a sede da liderança política do Estado

Novo. Elegemos o jornal **A Nota**, cujo proprietário e jornalista, Geraldo Rocha, também colaborador da **Fôlha da Manhã**, mantinha uma correspondência particular com o Interventor Agamenon Magalhães. Na busca deste jornal, localizado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, deparamo-nos com algumas dificuldades que, habitualmente, tornam mais árduo o trabalho dos pesquisadores nas hemerotecas dos arquivos brasileiros: o estado de conservação do documento e a falta de periódicos já microfilmados que simplificariam o acesso. (24) O discurso do jornal carioca assemelhava-se ao da **Fôlha da Manhã** quanto ao seu conteúdo anti-semita, calcado na obra apócrifa **Os Protocolos dos Sábios de Sião**. (25)

A imprensa religiosa alcançou um grande público com certeza, nesta campanha doutrinária, atuando no sentido de manipular a população cristã, colocada em estado de alerta e vigilância constante contra a presença do judeu-indesejável junto à sociedade pernambucana.

A análise desta documentação levou-nos a questionar a razão de tão longo silêncio -50 anos- sobre questões tão relevantes. Possivelmente, o clima de tensão gerado por este tipo de manifestação tenha dificultado aos imigrantes judeus refugiados do nazi-fascismo a sua instalação em Pernambuco, primeiro porto de escala para os navios vindos da Europa.

A historiografia regional dedicada aos estudos sobre o período Vargas, no entanto, ignora tal temática. Um levantamento da produção intelectual que abrange o período da Interventoria Agamenon Magalhães, coloca-nos diante de um conjunto de obras que fazem apologia àquele governo: comemorativas e, como tal, enaltecedoras, lisonjeiras. Dentre estas cabe citar: **In Memorium - Agamenon Magalhães**: coletânea de discursos proferidos em 24 de agosto de 1952, durante o sepultamento do Interventor, e que representam um excelente documento sobre a "construção" da memória oficial (26); **O Jornalista Agamenom Magalhães**, inventário dos artigos escritos pelo político e publicados em Pernambuco. No prefácio, as palavras de Mauro Mota enaltecendo a figura do Interventor nos falam de uma "*verdade nua, embora, para muita gente, a verdade verdadeira seja a*

*mentira que nos agrada"* (27); Nilo Pereira, retomando o fio condutor de Mauro Mota, escreve **Agamenom Magalhães: uma evocação pessoal**, em que Magalhães - político, visto hoje, por outro enfoque- "*vence o próprio regime que ajudou a fundar e a viver. Ultrapassa os erros institucionais*" (28). Uma outra biografia elogiosa foi escrita por Andrade Lima Filho, **China Gordo - Agamenon Magalhães e sua época**, e soma-se a tantas outras com o mesmo teor. (29)

Lembramos aqui Maurice Halbwachs que, em sua obra **A Memória Coletiva**, chama-nos para as versões construídas pela história oficial que nem sempre correspondem à realidade dos fatos registrados. (30) Marc Ferro retoma esta idéia em **A História Vighada**, ressaltando o quanto o silêncio se faz cúmplice das tramas sociais (31). As evidências documentais levam-nos a acreditar que este processo se deu no sentido de esconder essa *Idade das Trevas* na história contemporânea brasileira: estamos diante da "lapidação da memória". Henry Rousso, em seu trabalho **Le Syndrome de Vichy**, também levanta esta questão, do ponto de vista da construção de uma memória "enquadrada", em que seus sujeitos tornam-se mitos reverenciados como heróis que modernizaram e transformaram o Estado, através de programas sociais e grandes construções: é a memória cristalizada na pedra. (32)

Obras desvinculadas deste caráter apologético, dentro de uma abordagem crítica, têm sido produzidas após 1980, em forma de teses acadêmicas: Maria do Rosário Andrade Leitão, em **Caracterização e Contribuição para Interpretação da Política e Habitação Popular - Recife- Estado Novo [1937/1945]**, trabalha a questão da legitimação política da Interventoria Agamenon Magalhães via o projeto de habitação popular e de erradicação dos mocambos da cidade (33); Dulce Pandolfi, em **Pernambuco de Agamenon Magalhães**, analisa a figura daquele político e a formação do Partido Social Democrático (PSD) no estado (34). Carlos Alberto Miranda, em **Igreja Católica no Brasil: uma trajetória reformista (1872-1945)**, trata da questão da Igreja e do operariado em

Pernambuco, dedicando todavia seu trabalho a dar uma visão geral do Brasil, em detrimento de um estudo mais pormenorizado - que o tema lhe oferecia das imbricações entre o religioso e o social em Pernambuco. (35)

Percebe-se, portanto, que a historiografia acerca da era Vargas em Pernambuco produzida até então ignora atitudes de anti-semitismo no estado. Lembramos aqui Pierre-André Taguieff, sua obra **La Force du Préjugé. Essai Sur le Racisme et Ses Doubles** e seu questionamento acerca do tabu que ainda representa a questão do racismo no mundo contemporâneo. (36) Recuperar esta história subterrânea ou pactuar deste silêncio que a própria cidade se encarregou de construir tornaram-se a nossa dúvida. Preferimos seguir a trilha daqueles historiadores que buscam desmascarar e trazer a público os "silêncios" da história e desse modo recobrar uma parte da história real. Começamos então um trabalho de rastreamento na documentação pertinente ao período e objeto de estudo. Assim, através da análise dos registros documentais e à medida que conseguíamos realizar a "desmontagem" da história, fomos deparando-nos com as artimanhas asseguradas pela sutileza da memória oficial: a credibilidade em torno do que foi construído e acatado pela sociedade.

## NOTAS

- 1- CASSIRER, Ernest. **El Mito del Estado**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992; GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; CARLYLE, Thomas. **Los héroes**. Barcelona: Editorial Iberia, 1985
- 2- Sobre a reprodução das idéias importadas nos centros de estudos brasileiros, ver o trabalho de SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993
- 3- Ao fazerem estas resenhas os jornais demonstravam uma clara opção por estas idéias
- 4- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- 5- CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: UNB, 1983
- 6- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987
- 7- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução- Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992
- 8- Acerca do discurso ideológico na imprensa ver: MATTELART, Armand. **La Comunicación Masiva en el Proceso de Liberación**. México: Siglo Veintiuno, 1984; GARCIA, Nelson J. **Estado Novo: ideologia e propaganda. A legitimação do estado autoritário perante as classes subalternas**. São Paulo: Loyola, 1982; CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Moderna, 1982; FIORIN, Jose Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1990; DARNTON, Robert. **Edição e Sedição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; MORAES, Dênis de. **O Imaginário Vigiado. A imprensa Comunista e o Realismo Socialista no Brasil (1947-53)**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1994
- 9- WEBER, Max. **Economia y Sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica, 2 v. 1969
- 10-BARROSO, G. **A Sinagoga Paulista**. Rio de Janeiro: ABC, s/d; **Do Nacionalismo na Hora Presente**. Rio de Janeiro: Livraria Católica, s/d; **A história Secreta do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1937; **Integralismo e Catolicismo**. Rio de Janeiro: ABC, 1937; **Brasil, Colônia de Banqueiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935; **O que o Integralismo Deve Saber**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935; **O Integralismo em Marcha**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933; **Comunismo, Cristianismo e Corporativismo**. Rio de Janeiro: ABC, 1938; **O Quarto Império**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1935. VIANNA, Oliveira. **Raça e Assimilação**. São Paulo: Nacional, 1932; LOPES, Osório. **O Problema Judaico**. Petrópolis: Vozes, 1942; FRANCA, Leonel. **Ensino Religioso e Ensino Leigo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931; CABRAL, J., **A Questão Judaica**. Porto Alegre: Globo, 1937; SALGADO, Plínio. **O Que o Integralista Deve Saber**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935; **Espírito da Burguesia**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1951; **O Que é o Integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. REALE, Miguel. **O Estado Moderno: Liberalismo, Fascismo,**

**Integralismo.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1934; **ABC do Integralismo.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1936; **Formação da Política Burguesa.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1934; AMARAL, Azevedo. **Estado Autoritário e a realidade nacional.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1938; **Ensaio Brasileiros.** Rio de Janeiro: Omena & Barreto, 1930

11-KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Atica, 1989; KOSSOY, B. & CARNEIRO, M.L.T. **O Olhar Europeu: o negro na iconografia do século XIX.** São Paulo: Edusp, 1994; FREUND, Gisele. **La Fotografia como Documento Social.** Barcelona: Gustavo Gili, 1976; VILCHES, Lorenzo. **Teoria de la Imagen Periodística.** Barcelona: Ediciones Paidós, 1993; FRANCASTEL, Pierre. **A Realidade Figurativa.** São Paulo: Perspectiva, 1982

12- Acerca do imaginário social e político ver: CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982; COLOMBO, Eduardo et al. **El Imaginario Social.** Montevideo: Editorial Altamira, 1993; BALANDIER, G. **O Poder em Cena.** Brasília: UNB, 1982.

13- Sobre a temática ver: TORÍO, Miguel A. Rebollo. **Lenguaje y Política - introducción al vocabulario político republicano y franquista (1931-1971).** Valencia: Fernando Torres, 1978; ALVAR, Manuel (org). **El Lenguaje Político.** Madri: Fundación Friedrich Ebert/Instituto de Cooperación Iberoamericano, 1987; ROBIN, R. **História e Linguística.** São Paulo: Cultrix, 1977; VERON, E e outros. **El Discurso Político: lenguajes y acontecimientos.** Buenos Aires: Hachette, 1987; CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito.** São Paulo: Perspectiva, 1972; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Discurso da Intolerância - fontes para o estudo do racismo.** Comunicação apresentada no 10º Congresso Brasileiro de Arquivologia, 7º Seminário de Fontes para a História do Brasil. São Paulo, 30.11.1994

14- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Discurso da Intolerância - fontes para o estudo do racismo.** op. cit. p 5; ver também da mesma autora "*Elementos do vocabulário da ideologia racista: o estudo do léxico e a ideologia dominante*", IN **Preconceito Racial em Portugal e Brasil Colônia.** São Paulo: 1988

15- Sobre a questão do conceito de alteridade *versus* preconceito, ver: TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1993; VIEIRA, Nelson. **Construindo a Imagem do Judeu.** Rio de Janeiro: Imago, 1994

16- JUNG, C.G. **Civilização e Transição.** Petrópolis: Vozes, 1993

17- BACZKO, Bronislaw. **Les Imaginaires Sociaux. Mémoire et Espoirs Collectifs.** Paris: Payot, 1984

18-Idem, ibidem

19- CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade.** op. cit. p166

20- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** op. cit.

21- RICHARD, L. **Le Nazisme & La Culture.** Paris: François Maspero, 1978; CANETTI, Elias. "*Hitler, por Speer*", IN **A Consciência das Palavras.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990

22- Sobre a temática ver: SCHMITT, Jean-Claude. "*A História dos Marginais*", IN LE GOFF, J. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990; PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988

23- **FÓLHA DA MANHÃ**, Recife, Matutino, 27-11-1937, p 3

24- O estado de conservação do jornal **A Nota** é bastante precário, e só nos foi possível manuseá-lo graças à presteza das pessoas ligadas à hemeroteca da Biblioteca Nacional (RJ). Tivemos de arcar com o ônus de custear a microfilmagem e as cópias fotostáticas do material pesquisado

25- **Os Protocollos dos Sábios de Sião- O Domínio do Mundo Pelos Judeus**. Esta edição não traz data, nem nenhuma outra referência que indique sua procedência (editor e local). Traz todavia uma dedicatória sugestiva assinada por quem fez a doação ao Centro Literário São José, do Seminário de Olinda: "*Morrer? só pela Pátria, pela Família e pelo Integralismo*". É uma oferta de Laudelino Barreto, sendo presidente do Centro Literário naquele momento Ernani de Oliveira. Sobre **Os Protocolos dos Sábios de Sião**, ver: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. "*O Mito da Conspiração Judaica no Brasil*". IN **América 92**. São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: Expansão e Cultura, ( no prelo); TAGUIEFF, Pierre-André (org). **Les Protocoles des Sages de Sion**. Paris: Berg International Editeurs, 1992, v. I e II; ROSENFELD, Anatol. **Mistificações Literárias: "O Protocolos dos Sábios de Sião"**. São Paulo: Perspectiva, 1976; J.S.Charles Pierre. **Los Protocolos de los Sabios de Sion: uma supercheria anti-semita**. Buenos Aires: Ediciones D.A.I.A. 1954; COHN, N. **El Mito de la Conspiracion Judia Mundial**. Madri: Alianza Editorial, 1983

26- PERNAMBUCO, Govêrno do Estado de. **In Memorium - Agamenon Magalhães**. Recife: Imprensa Oficial, 1952

27- PERNAMBUCO, Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes/Arquivo Público Estadual. **O Jornalista Agamenon Magalhães** . Recife:Imprensa Oficial, 1982

28- PEREIRA, Nilo. **Agamenon Magalhães: uma evocação pessoal**. Recife: Taperoá Editora, 1973

29- LIMA FILHO, Andrade. **China Gordo- Agamenon Magalhães e sua época**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1976

30- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990

31-FERRO, Marc. **A História Viglada**. São Paulo, Martins Fontes, 1989. Acerca deste tema, ver a réplica de Ricardo Seitenfus à tentativa de Geraldo Mourão Filho em artigo intitulado "*Quem teria medo de Plínio Salgado?* " para o jornal **FOLHA DE SÃO PAULO**, de 03 de maio de 1995, de instituir o ano de 95 como "*o ano Plínio Salgado*". "*Salgado, amargo engano*". IN **FOLHA DE SÃO PAULO**, (SP), 10.05.1995, secção Tendências/Debates, p 3

32-ROUSSO, Henry. **Le Syndrome de Vichy**. Paris, Le Seuil, 1987; ver ainda sobre a temática o ensaio de Michael Pollak "*Memória, Esquecimento, Silêncio*". IN Revista **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Vértice, v. 2, n.3, 1989, p 9

33- LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. **Caracterização e Contribuição para Interpretação da Política e Habitação Popular -Recife- Estado Novo -1937/1945**. Recife: 1987. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal de Pernambuco

34- PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães**. Recife: Massagana, 1984

35- MIRANDA, Carlos Alberto Cunha, **Igreja Católica no Brasil: uma trajetória reformista (1872-1945)**. Recife: 1988. Dissertação (Mestrado em História) Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco

36-TAGUIEFF, P.A. **La Force du Prejugé. Essai Sur le Racisme et Ses Doubles**. Paris: La Découvert, 1987

## I- O PROJETO PEDAGÓGICO E A CONSTRUÇÃO DO SABER

*"Com efeito só a educação pode  
criar a emoção da vida nacional"*  
Nilo Pereira (1937)

### 1.1 - Contra a Anarquia da Inteligência

Para compreender-se o papel da educação como veículo de reprodução ideológica em Pernambuco, faz-se necessário apreender as articulações do Poder em relação à nova política educacional adotada pela Interventoria Agamenon Magalhães, no período de 1937 a 1945.

As imbricações entre a política educacional e a ideologia autoritária estadonovista podem ser percebidas através do projeto pedagógico proposto pela Interventoria de Pernambuco, que, sabiamente, colocou a educação a serviço do regime autoritário, objetivando o consenso e a legitimação da sociedade para com a nova ordem política instaurada em 10 de novembro de 1937.

O discurso que privilegia a educação como uma estratégia governamental para a erradicação dos focos de resistência à ideologia autoritária do Estado Novo pode ser evidenciado tanto na imprensa secular quanto também na religiosa. <sup>(1)</sup> Em ambos os campos, a educação é apontada como o instrumento para a regeneração do Estado. Nela residia a possibilidade e o controle da elite dominante e da massa dominada, grupos apontados como os responsáveis pela paz e coesão social. Na construção do "saber" dessa elite, a segurança do regime arbitrado; no controle do "saber" destinado às massas, a certeza de que este "saber" tinha em seus cânones a obediência e a fidelidade ao Estado.

Essa visão instrumental da educação como aparelho ideológico do Estado era endossada a nível nacional, emergindo de forma explícita no discurso de Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde do governo Vargas, de 1934 a 1945. Capanema, em 1937, abordando o tema, traduz este ideário ao afirmar que a guarda e o controle sobre a educação seriam função do Estado. Ao seu ver, esta está longe

*"de ser neutra, deve tomar partido ou melhor, deve adotar uma filosofia e seguir uma tabua de valores." (2)*

O discurso oficial nega a neutralidade da educação e aponta para um ensino partidário, reprodutor da ideologia vigente. Com este mesmo sentido, o ensino foi reificado em Pernambuco, como mola propulsora para a consolidação da nova ordem política.<sup>(3)</sup> Encontrava-se à frente do Departamento de Educação Nilo Pereira, um dos líderes do laicato católico em Pernambuco, Congregado Mariano, porta-voz de uma ideologia autoritária e nacionalista. Cabe ressaltar que os congregados marianos eram considerados "*a nata da sociedade*", representando a elite da mocidade local. Do ponto de vista de Alceu Amoroso Lima, era sobre "*essa elite laica*" que deveria repousar a educação no Brasil.<sup>(4)</sup> Nilo Pereira preconizava de forma axiomática a relevância de o Estado ter preeminência sobre a educação:

*"o sucesso do nosso regimen depende do systema de educação imposto e controlado pelo estado. Fora dahi seria perder tempo, palavras e dinheiro".(5)*

Barbara Freitag, em seu estudo **Educação, Estado e Sociedade**, sintetiza este tipo de situação, ao analisar a relevância política do aparelho escolar dirigido e controlado pelo Estado. Ressalta que sua instrumentalidade reside no fato de atuar como palco de transformação da *filosofia da classe hegemônica em senso comum para a classe subalterna*.<sup>(6)</sup>

Reproduzindo este ideário, o jornal **Fôlha da Manhã** - porta voz da interventoria Agamenon Magalhães- empenhou-se nesta campanha doutrinária acerca da relação entre ensino *versus* regeneração política de

Pernambuco. Defendendo a idéia de controle da educação pelo Estado, o periódico faz apologia ao paradigma pedagógico do III Reich. No artigo "*Educa-se a criança alemã sob o controle da autoridade*", publicado em março de 1938, aponta o crescimento daquele país como consequência do controle estatal sobre o sistema educativo:

*"todas essas conquistas sociais do Reich são uma consequência da imensa tarefa educacional a que elle se entregou. Certo os seus grandes homens, que unicamente pela educação é possível crear uma Nação e engrandecer um povo. Educar é também o problema fundamental do Brasil; resolvendo-o, teremos resolvido afinal os nossos destinos". (7)*

Retoma-se desta forma a idéia defendida por políticos e intelectuais da República Velha de que na educação residia a solução para os problemas nacionais. Lembraria aqui Vicente Licínio Cardoso, A. Carneiro Leão, Gilberto de Carvalho, entre outros, que acreditavam que "*instruir é formar cidadãos, é sanear mentalmente, é fundamentar os laços da coletividade dentro da unidade da pátria*".<sup>(8)</sup> Essa reificação da educação é recuperada não mais sob os auspícios do liberalismo, mas sob uma nova roupagem, metamorfoseada por um exacerbado nacionalismo: da educação das Luzes nos preceitos rousseauianos, para os ideais nazi-fasci europeus. Em lugar da França, como exemplo, apontava-se para as disciplinadas escolas fascistas italianas e para os resultados da juventude hitleriana, sob a influência totalitária e anti-individual da educação nazista.<sup>(9)</sup>

Os princípios que deveriam nortear este novo projeto político pedagógico seriam os tradicionais, tendo como base a trilogia fascista: *Deus* [catolicismo], *pátria* e *família*. Neste sentido, para Nilo Pereira, a ordem, a tradição e o patriotismo do povo brasileiro, eram idéias e noções, sentimentos e princípios que se espalhariam nos novos programas do ensino. Defendendo a idéia de que a reforma do ensino justificava a preeminência do novo paradigma pedagógico que, ao seu ver, deveria estar integrado ao espírito conservador da civilização brasileira, ou seja:

*"era necessário promover a reforma do ensino, afastando do liberalismo e do indiferentismo, para integral-o no espírito nitidamente conservador da civilização brasileira, no civismo em que temos definido a terra e plasmado a cultura".<sup>(10)</sup>*

Esta consciência da instrumentalidade da escola, por parte da Interventoria de Pernambuco, na construção de um saber "disciplinado", encontrou expressão em Nilo Pereira, que defendia a idéia de que havia chegado a "*hora da educação*":

*"Estejamos certos de que a obra de renovação pedagógica em consonância com as realidades que o Estado Novo revelou ao povo brasileiro, num momento decisivo de sua história, irá ao fim, sem tibiezas. Esta é a hora da educação. Já temos experiências suficientes para não sermos um eterno instrumento dos maus pedagogos, responsáveis pela desordem do mundo".<sup>(11)</sup>*

À pedagogia imputava-se o valor de ciência toda poderosa, motriz da ordem e da desordem na sociedade civil. A idéia de equilíbrio social perpassava por domínio e controle da esfera educacional pelo Estado. Cabia a este desempenhar o seu papel intervencionista nas instituições escolares, para que fosse realizado um trabalho de "*renovação*" dentro das "*realidades*" reveladas pelo Estado Novo. Interessante observar no discurso estadonovista o seu caráter "profético", messiânico, que tudo revela, traz à tona, desmistifica, para que o novo seja construído após a destruição do velho, do considerado obsoleto. A veiculação dos conceitos de destruir e construir é utilizada como meta a ser atingida. Morte e ressurreição são metáforas que estão sempre emergindo na retórica estadonovista, como trajetórias que levam à construção do novo Brasil. Aos pedagogos caberia a responsabilidade de construir um saber positivo, ordeiro ou de se tornarem veículos responsáveis pela desordem, elementos "*inoculadores dos germens da dissolução*."<sup>(12)</sup>

Neste sentido, a construção do discurso pedagógico estadonovista em Pernambuco tem o seu cerne na instrumentalidade política da área pedagógica, daí as acusações de que os "inimigos da ordem" -

bolchevismo e liberalismo- eram inimigos "sagazes em assaltar a pedagogia". A apropriação dos temas de ensino parece ser o âmago deste discurso que visualizava na formação educacional a "matriz definitiva" do indivíduo e, conseqüentemente, o destino da sociedade e do Estado.<sup>(13)</sup>

George Mosse, em estudo sobre a cultura do III Reich, chama a atenção para a relevância dada pela Alemanha nazista ao papel desempenhado pela educação formal, no processo de reprodução ideológica. Neste sentido, a preeminência sobre a escola seria um aspecto determinante no processo para a disseminação de qualquer ideologia. Ressalta também que a cooptação da juventude alemã ao nazismo deveu-se em grande parte à apropriação pelo Estado do controle sobre a educação.<sup>(14)</sup>

Esta importância dada ao aparelho educacional pelo Estado alemão evidenciou-se em 1934, quando foi criado o *Ministério de Ciência, Educação e Formação do Povo*, que assumiu a jurisdição escolar em todos os países do Reich, elaborando medidas centralizadoras no sentido de "criar" o protótipo do homem alemão. Este paradigma pedagógico da Alemanha nazista tinha dentre seus objetivos: alimentar o imaginário de repulsa aos regimes democráticos e parlamentares, ao ideário comunista e ao sindicalismo; disseminar a ideologia racista, apresentando o alemão como o representante da raça ariana superior; instrumentalizar o anti-semitismo como o inimigo-objetivo a ser extirpado da nação; reinterpretar a história alemã, desenvolvendo o culto aos heróis nacionais, exacerbando o nacionalismo; apresentar o nacional-socialismo como o único regime capaz de extinguir as lutas de classes, "construindo" a paz social entre operariado e patrões. Assim, o Estado nazista elaborava e manipulava os temas de ensino. <sup>(15)</sup>

De igual forma, a Itália tem na reforma do ensino realizada por Giovanni Gentile, Ministro da Educação do regime fascista, a escola sob a égide do Estado. Em sua obra **Scritti Pedagogici, La Riforma della Scuola in Italia**, de 1932, Gentile expõe os critérios que deveriam nortear o novo paradigma pedagógico. Esses parâmetros residiam na preeminência de o ensino repousar no Estado autoritário e ético e na igreja católica. Afirmava

# A Hora da Pátria

Com a educação do povo no amor da Pátria na Matriz da Boa Vista.



Os alunos internos do Juvenato D. Vital cantam hinos sacros pelo Brasil.

Ilustração 1 - "A Hora da Pátria", IN Jornal A GAZETA, Recife,  
17.08.1936, p1

que deveria ser ensinado o catolicismo nas escolas, da mesma forma que se ensinava a língua dos escritores italianos, uma vez que o catolicismo representava a religião da nação. Exigia-se a fidelidade dos professores ao regime fascista. Essa exigência era requerida dos docentes de todos os graus: do ensino primário à universidade. Reificava o papel político do aparelho escolar, apregoando a intrínseca relação entre a fascitização das escolas *versus* fascitização nacional.<sup>(16)</sup>

A reprodução de alguns cânones do paradigma político fascista em Pernambuco se traduz, essencialmente, pela eleição do conceito de ordem - instaurada com o advento do Estado Novo - em contraponto com a idéia de desordem, identificada com as ideologias opostas aos cânones defendidos em nome do nacionalismo e do catolicismo.

Ordem transformou-se em conceito-chave para o novo regime brasileiro. Neste, tudo deveria estar sob o manto da ordem. Tanto assim que o vocábulo ocupava considerável espaço junto ao discurso pedagógico em Pernambuco, réplica daquele sustentado pelo Estado. A antítese era a desordem, identificada com o ensino na República Velha, com as propostas "esquerdistas" do grupo da Escola Nova e da infiltração vermelha através da "*pedagogia exótica*".

A grande argumentação girava em torno das possibilidades que o controle e a implantação desta ordem nas idéias conferiam à ordem social. Assim, a ordem urbana torna-se conseqüência da ordem nas "*inteligências*". Neste sentido, Alceu Amoroso Lima, discursando dois meses após a implantação do Estado Novo, ressalta a inter-relação do conceito de ordem e educação:

*"pôr ordem nas inteligências é a primeira condição para pôr ordem nas ruas."*<sup>(17)</sup>

Ordem *versus* desordem permeia o discurso estadonovista em Pernambuco, no qual a educação atuava como forjadora de uma nova mentalidade (Ilustração 01). Como estratégia política, a escola foi

transformada no palco onde os princípios ideológicos eram trabalhados. Sob esta ótica a "nova escola" em Pernambuco apresentou-se como a salvadora das mentalidades contra "*a anarquia da inteligência*".<sup>(18)</sup>

Em 1936, a preocupação em utilizar-se a educação como estratégia para a legitimação da política autoritária do governo Vargas levou Gustavo Capanema, Ministro da Educação, a organizar um inquérito, aplicado em todo o país, com o objetivo de formular um *Plano Nacional de Educação*. Os centros D. Vital, do Rio de Janeiro e de São Paulo, responderam a este inquérito, através dos principais pedagogos católicos: Mario Masagão, Alceu Amoroso Lima, Sebastião Pagano, Leonardo Van Acker, Arlindo Vieira, Everardo Backheuser, entre outros. Suas respostas apontam para a nacionalização do ensino, refutando a escola "internacional" da República. Esta foi caracterizada como desnacionalizada, por ser o veículo de uma pedagogia liberal, laica, rousseuniana, "*dissolvente da unidade nacional e profundamente revolucionária*". Sua pedagogia - conceituada como ilustrada- foi apontada como inibidora da formação de valores nacionalisantes e da consciência cívica junto à juventude brasileira, fazendo emergir em contraponto um "*racionalismo agnóstico*" e uma "*fraternidade*", que aboliam as

*"fronteiras pátrias pela promoção do indivíduo a cidadão do universo."*<sup>(19)</sup>

Essa escola "internacional" era apontada como "construída" pelos liberais, "inimigos da ordem", "maus pedagogos". Afirmava-se que a falência dos princípios do **Contrato Social**, de Rousseau, mostrava que "*liberalismo e nacionalismo eram duas contraditórias irreduzíveis*". Justificavam então a adoção de um nacionalismo pedagógico que responderia às necessidades brasileiras, haja vista que deveria ser da competência do Estado zelar pelos destinos da nacionalidade. Tais cuidados se faziam emergenciais mediante a constatação de um processo imigratório que, descontrolado, permitia o ingresso no país de elementos e doutrinas

"dissolventes"; daí a função instrumental da educação apontada como um meio necessário:

*"principalmente num país como o Brasil, cuja existência periclita por causa do turbilhão imigratório, desordenado".(20)*

Por outro lado, temia-se também que esta mesma educação fosse veículo de doutrinas *"importadas, exóticas e dissolventes"*. Neste quadro, apontava-se para a escola nacionalizada, ordeira, que luta contra as *"forças da anti-nação: liberalismo, socialismo, bolchevismo e judaísmo maçônico"*.(21)

No ideário autoritário da era Vargas, o modelo pedagógico liberal trazia em seu bojo o estigma da desordem e do bolchevismo. Daí, o novo discurso estar centrado numa educação *"totalitária e anti-individual"* (22) segundo a qual qualquer outro paradigma era repudiado por seus cânones "heréticos", caracterizados como sendo:

- de *"espírito ateu, inorgânico, anárquico e cosmopolita da liberal democracia"*.
- firmado numa *"concepção metafísica de vida, sustentáculo da estrutura da pedagogia nacional , e pecando pela "ausência de uma sólida base pedagógica"*.(23)

Àquele modelo de escola "internacional" era imputado o crime de fomentar o desequilíbrio, através da infiltração da desordem -estratégia de que eram acusados os bolchevistas-, para que daí viesse o caos.(24)

Essas idéias de reificação do papel político da escola em Pernambuco, não se expressaram apenas no papel. Evidenciaram-se na prática, através de uma série de medidas administrativas acionadas pela Interventoria, no sentido de transformar o Departamento de Educação em um órgão controlador e irradiador do novo projeto pedagógico, paradigma que apresentava como cânone principal a preocupação de incutir no ensino uma

diretriz nacionalista e católica. Manipulando o saber a ser construído, o Estado afirmava que caberia a ele imprimir à instrução pública um cunho intelectual e disciplinador.<sup>(25)</sup>

O verbo imprimir transformou-se em configuração típica da retórica estadonovista. Fazia-se necessário transportar da matriz [Rio de Janeiro] o autoritarismo de cunho fascista, cabendo à Interventoria realizar esta tarefa. Ao chegar a Pernambuco para assumir o governo do Estado, o Interventor Agamenon Magalhães declarou ter vindo para "*trazer a emoção do Estado Novo*".<sup>(26)</sup>

Dever-se-ia imprimir o ideário estadonovista, moldando-se a mentalidade do povo, através de um processo hegemônico, uma vez que a base do discurso da Interventoria era a criação do "*consenso social*". Fazia-se necessário o consentimento desta sociedade para com a nova ordem política estabelecida, levando-se em conta, que, as lembranças da revolta comunista de 1935 ainda estavam muito latentes na memória da população.<sup>(27)</sup> Daí, o forte aparato coercitivo do Estado que, aparentemente oculto, se impunha sob um discurso nacionalista e aterrorizante, fomentando o imaginário coletivo. Vislumbrava-se a possibilidade de a cidade do Recife ser "*assaltada a qualquer momento pelos germens bolchevistas à mandado do Kominthern*".<sup>(28)</sup>

Um dos meios para imprimir esta nova diretriz política concentrava-se no papel atribuído à educação, que oferecia a possibilidade de servir de instrumental ao Estado, através do uso dos programas de ensino, dos currículos, enfim, da oportunidade de tornar seus os temas de ensino, metamorfoseando-os em temas ditados pelo Estado.

## **1.2-Seminário Pedagógico: veiculador da nova pedagogia**

O novo paradigma pedagógico apontava para a relevância de uma "*educação dirigida*", no sentido de "barrar" a infiltração comunista no

estado, apontado como o monstro cujo programa visava à destruição das sociedades:

*"ahi está o monstro moscovita, trabalhando não mais à socapa, mais às claras, terrivelmente, no seu programa de destruir a sociedade".<sup>(29)</sup>*

Afirmava-se que as formas de repressão utilizadas até então pelo Estado eram "*práticas, mas ineficientes*". Elegia-se então um "único caminho" plausível para extirpar o gérmen bolchevista :

*"a pregação da idéia contrária, feita com methodo, porque a idéia só encontra obstáculo na idéia".<sup>(30)</sup>*

Havia plena consciência por parte daqueles que elegiam a educação como instrumento de reprodução ideológica de que a "velha idéia" só poderia ser extirpada através da formação de uma "nova idéia".

A escola em Pernambuco transformou-se em espaço ideal para a aplicação de estratégia metodologicamente organizada, com vistas a combater o "*monstro moscovita*" que tentava "dominar" a cidade desde 1935: idéias se combatem com idéias.

Através das metáforas, as figuras de linguagem construíam uma imagem do comunismo como doença [vírus e germens], apontando monstros que estariam prontos para "devorar" os incautos. Estes recursos não constituem uma característica identificada só no Brasil. Na época da Guerra Civil espanhola e no período franquista, *posters* são veiculados animalizando a imagem do comunista.<sup>(31)</sup>

Uma das primeiras medidas de Nilo Pereira, então diretor do Departamento de Educação, foi organizar a *Cruzada de Renovação Pedagógica*, através da qual foi revitalizado o *Seminário Pedagógico*. Este órgão já existia, mas, naquela conjuntura, transformou-se em instrumental formador de um novo saber - através da manipulação dos programas e currículos educacionais- junto ao professorado. Ao *Seminário Pedagógico*

foi reservado o papel principal de tornar-se o executor do *Projeto Político Pedagógico*, idealizado pela interventoria. (32)

O Seminário Pedagógico passou então, a partir de dezembro de 1937, a exercer as funções de controle e fiscalização do ensino do Estado. No discurso de inauguração do órgão, Nilo Pereira sintetizou o seu objetivo classificando de tradicional, porque se baseiava no conceito de mentalidade tradicional brasileira. A escola a partir de então teria como propósito formar no educando uma concepção de vida patriótica e cristã, cujos pilares estavam calcados no amor à Pátria e à Igreja. Ao *Seminário Pedagógico* caberia veicular um discurso educacional -réplica do discurso político do Estado- no qual a relevância dada ao aparelho escolar, como instrumento na formação da hegemonia, substituiria qualquer possibilidade do uso da força para a legitimação do novo regime. Caberia ao *Seminário Pedagógico* transformar em senso comum a nova política, assegurando o consentimento, via persuasão. (33)

A "necessidade" da eficiente coerção do Estado [através das punições no corpo docente] por si mesma evidencia o frágil consentimento da sociedade frente ao novo paradigma pedagógico. A esta falta de consentimento, tornava-se premente um projeto pedagógico hegemônico, que levasse a sociedade a acatar o "*novo estado de coisas*". Instrumentaliza-se a escola como reprodutor ideológico junto à sociedade civil.(34)

Em consonância com os princípios defendidos pelo regime, o Seminário teria por tarefa imprimir ao ensino um ritmo de organização e ordem. O lema principal residia num trabalho de "ação" conjunta e ordenada: professores e Seminário. Seu espaço tornar-se-á o ponto de contato entre o Departamento de Educação e o corpo Docente do Estado. Através desta "*cooperação inteligente*", seria possível "*afastar as doutrinas dissolventes*", garantido um saber baseado no respeito à tradição nacional, a Deus, e à família. (35)

Nilo Pereira tinha consciência da força da imagem e das mensagens curtas e claras. Ao orientar os professores sobre a campanha

anticomunista a ser realizada nas salas de aula, sugeria o emprego de material didático ilustrado e convincente:

*"à campanha com relação às escolas, seja associado a cartazes ilustrativos com narrativas claras e suscintas das atrocidades que se praticam na Rússia soviética. As professoras formarão assim, pela palavra simples e convincente um ambiente de repulsa ao comunismo, inculcando no íntimo da criança o amor ao Brasil".<sup>(36)</sup>*

A força da linguagem era compreendida e manipulada na construção do imaginário coletivo acerca do comunismo, relacionando-o com símbolos do mal. Estas mesmas idéias podem ser identificadas nos documentos produzidos pelas escolas fascistas da Itália e da Espanha. As orientações são muito semelhantes: o uso da imagem como formadora de opinião, induzindo ao sentimento de repulsa às ideologias apresentadas como "*dissolventes e exógenas*" e o emprego de mensagens claras dando relevância ao uso da palavra, para que o doutrinação se efetivasse através da persuasão.<sup>(37)</sup>

De acordo com o modelo fascista -elogiado e assimilado por uma parcela de intelectuais pernambucanos- o público jovem das escolas era visto como uma "*verdadeira massa modelável à feição dos bons e maós artistas*".<sup>(38)</sup> Esta visão reificada da posição do professor frente ao educando, acerca do que se poderia criar através do saber ministrado em sala de aula, levou Everardo Backheuser, pedagogo, autor de livros e artigos sobre educação, a afirmar que o educando "*é como uma placa fotográfica, que tudo recebe e tudo revela*". Daí a relevância dada à seleção e ao treinamento destes mestres, dos quais se exigiam atitudes morais, intelectuais e até físicas que servissem de bom exemplo. <sup>(39)</sup> A análise de Backheuser recai sobre a importância de trabalhar o potencial de crítica e rebeldia presente nos jovens, canalizando-o para os objetivos educacionais, que deveriam ter como base a religião e o nacionalismo. Este raciocínio esteve presente em toda a prática do nacional-socialismo. Vários autores estudiosos do nazismo têm trabalhado a instrumentalidade de cooptação que a juventude oferecia à liderança do III

Reich, que, aproveitando-se da disposição dos jovens para o novo, para a aventura, canalizava as suas frustrações e rebeliões, apontando para a construção de uma nova Alemanha.<sup>(40)</sup>

Na práxis, o Seminário Pedagógico atuava diretamente junto ao professorado do estado, orientando leituras e promovendo encontros semanais. Uma ênfase especial era dada aos trabalhos em grupo, considerando-se que seriam neles ventiladas as questões mais "*palpitantes da actualidade pedagógica*". Era realizada uma escala entre professores, para que os grupos semanais fossem limitados, havendo assim um melhor aproveitamento. A opção desta forma de trabalhar em grupos evidencia o objetivo de efetuar uma uniformização dos valores educacionais.<sup>(41)</sup>

Além do doutrinamento realizado nas sessões semanais, cooptavam-se os professores através de prêmios, configurados em dinheiro ou cargos. Nessas premiações eram contemplados aqueles que se saíam melhor no fim dos trabalhos semanais, cooptando-se assim os futuros diretores das escolas -cargo muito almejado- com o primeiro prêmio intitulado "José de Anchieta", numa clara apologia ao modelo pedagógico jesuíta. Aos contemplados com o primeiro lugar, o *Departamento de Educação* concedia a direção de uma escola, sem que fosse necessário ao professor passar pelo processo administrativo comum. Em troca, esses professores deveriam mostrar-se identificados com o regime, reproduzindo em seus jovens alunos o discurso nacionalista divulgado pelo *Seminário*. Era sobre o professor que recaía a grande preocupação do *Seminário Pedagógico*: formar um corpo docente livre das "*ideologias dissolventes*" e comprometido com um ensino de conteúdo patriótico e religioso.<sup>(42)</sup>

Esses mestres transformavam-se em funcionários obedientes e leais, não em relação à racionalidade e à competência do cargo, mas quanto ao princípio que Weber chama de obediência e fidelidade ao chefe.<sup>(43)</sup>

Nestas reuniões, Nilo Pereira propunha que deveriam ser usados todos os momentos e assuntos em aula, para "*conformar o ensino com o novo estado de coisas*". Sob esta orientação, nas aulas de português, os

temas para interpretação de texto e ditados deveriam ser aqueles que exaltassem o patriotismo, evidenciando um claro apelo ao nacionalismo. Tudo isto deveria ser feito no sentido de contribuir para a formação moral e material do educando. (44)

A retórica empregada nos documentos oficiais coloca-nos diante de um Estado preocupado em amparar e promover o ensino em Pernambuco, no sentido de formar o professorado nas diretrizes traçadas pelos novos programas.<sup>(45)</sup> Estas nossas constatações vão de encontro às reflexões de Bordieu e Passeron, que, analisando o papel da escola como reprodutora da ideologia vigente na sociedade, observam a relevância da forma como se realiza esta reprodução: através do ocultamento, de maneira camuflada, uma vez que esta reprodução representa o conjunto de valores culturais da elite dominante inserido no processo pedagógico, que os mesmos conceituam como violência simbólica, isto é:

*"todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica a essas relações de força".*  
(46)

Jamil Cury, em seu trabalho **Educação e Contradição**, faz uma análise das críticas à teoria da reprodução ideológica no contexto pedagógico. Estas críticas poderiam falar mais alto frente à nossa assertiva, todavia a configuração histórica em que se insere a eleição da escola como veículo reprodutor ideológico em Pernambuco não abria espaço para que emergissem as contradições naquele Projeto Político Pedagógico.<sup>(47)</sup> O forte aparato coercitivo do Estado autoritário proporcionava as condições necessárias para que fosse esmagada qualquer contra-ideologia emergente. O uso da polícia como meio de aterrorizar e "calar as vozes dissidentes" foi utilizado de forma ostensiva pela Interventoria.<sup>(48)</sup>

Assim, neste contexto típico de regime autoritário, não existia espaço para o desenvolvimento de um discurso de oposição. A qualquer

manifestação contrária, os aparelhos estatais repressivos seriam acionados. No setor educacional a repressão foi evidente e fez suas vítimas. Exonerações, aposentadorias forçadas transformaram-se em instrumentos de punição, em arma de combate contra aqueles que simbolizavam a anarquia e a imoralidade. Os intelectuais identificados com as "*doutrinas exóticas*" ou "*doutrinas dissolventes*" eram apresentados como os indivíduos perigosos à manutenção da ordem instituída: elementos de cultura inidônea.<sup>(49)</sup>

A listas diárias de exonerações de professores foram apresentadas com destaque na **Fôlha da Manhã**, em fevereiro de 1938, e analisadas sob a ótica de que essas medidas tinham que ser executadas, para afastar das escolas "*os pruridos da pedagogia de fachada*". Este discurso abertamente anti-comunista identificava-se com o do Estado, que justificou tais medidas pelo fato de tais elementos estarem ligados à pedagogia "*exótica*".<sup>(50)</sup>

Tinha-se, pois, consciência da força do mestre. Interessava ao Estado ter cidadãos apolíticos, acríticos, dóceis, submissos. Nesta linha, Agamenon Magalhães, exigia que os docentes estivessem integrados com o Estado Novo manifestando para tanto um claro espírito de colaboração:

*"fizemos as reformas do alto, aposentando e eliminando do professorado os elementos de cultura inidônea, fechando todas as portas à anarquia da inteligência, à amoralidade".*  
(51)

Essa atitude de "*depuração*" do corpo docente, justificado como a forma de "*expurgar o germen bolchevista*", podia ser também identificada na Espanha franquista, quando foram criadas em 08.11.1936 as "*Comisiones Depuradoras*". Justificava-se a sua criação, uma vez que o magistério esteve durante várias décadas influenciado e "quase" monopolizado pelas

*"ideologias dissolventes: hay que revisar total y profundamente el personal de instrucción pública".*<sup>(52)</sup>

Para que não houvesse mais dúvidas sobre a adesão e a fidelidade destes mestres ao novo regime político, o governo espanhol passou a exigir dos estudantes que iam cursar o magistério -futuros mestres- a

apresentação de uma declaração de autoridades civis, militares e eclesiásticas que abonasse sua conduta católica e patriótica. Garantia-se desta forma a geração de novos docentes, livres da inoculação dos germens bolchevistas: funcionários leais, fiéis, obedientes. José María Carandell resume o que o Estado fascista espanhol esperava de seus educadores em 1939:

*"el educador fascista es, ante todo, un disciplinador de las consciencias. Para él, lo esencial es modelar un carácter o, mejor dicho, el carácter. Hacer hombres del futuro, soldados del mañana, cruzados de la fe y de la patria".* <sup>(53)</sup>

Interessante observar que a imprensa pernambucana - laica e religiosa - aderiu a este mesmo discurso. Com o mesmo tom usado por Nilo Pereira, a **Fôlha da Manhã** ressalta a importância de se lutar contra os "bolchevistas", advertindo sobre as campanhas anti-comunistas das escolas:

*"Linguagem clara, como recomenda o Director de Educação, eis o principal facto de êxito da campanha contra o comunismo".* <sup>(54)</sup>

Creemos que esta reificação da instrumentalidade oferecida pelo ensino formal, percebido e idealizado como veículo reprodutor ideológico e formador de gerações fiéis aos paradigmas políticos eleitos pelo Estado, emerge de forma contundente, a partir da exacerbação do ideário político nacionalista das décadas de 30 e 40.

### 1.3 - As Oficinas de Escultura Fascista

No ideário da educação como "forjador de mentalidades", emerge a grande polêmica entre ensinar e educar. Ensinar relacionava-se com o conteúdo cognitivo, e educar, com a formação do caráter que na verdade representava a *"imposição do arbitrário cultural de um grupo ou classe a outros grupos ou classes"*, ou seja, com a imposição da ideologia do Estado.<sup>(55)</sup>

O vocábulo educar foi reificado, fomentando uma grande produção de literatura pedagógica,<sup>(56)</sup> em que a preeminência sobre o ensino deveria ser função determinante para os futuros rumos sociais da nação. Na verdade, o conceito de educar era intrinsecamente associado ao controle do "saber" a ser ministrado, à formação do caráter, nos moldes do ideário nacionalista. Em 1938, a *Cruzada Nacional de Alfabetização* tornou-se alvo de severas críticas, por estar fazendo uma "*campanha suspetíssima de alfabetização*". Da argumentação emergia o preconceito e a visão elitista da sociedade, ao afirmar-se que ninguém medianamente instruído poderia acreditar nos bons resultados de simples ensinamentos de escrita e da leitura. Este tipo de ensino, puramente cognitivo, era apontado como suspeito e tido como uma orientação "*no pior e no mais perigoso dos sentidos*", para as classes mais humildes. Afirmava-se que aprender a simplesmente a ler e desenhar o nome poderia acarretar sérios problemas de ordem na sociedade. O importante era antes de tudo e sobretudo, educar o indivíduo.<sup>(57)</sup>

Preocupação semelhante com o educar em detrimento do ensinar permeava, também, o ideário pedagógico dos países fascistas europeus. Em 1935, Salazar, em discurso criticando uma campanha encetada pela imprensa em prol da alfabetização em Portugal, questionava a importância de o povo aprender a ler: "*para ler o que?*" Argumentava que a instrução não trazia a felicidade, concluindo que a verdadeira instrução era a educação moral, que poderia "*congregar a força superior do homem e elevar o seu espírito para os pensamentos mais altos*". Emerge de forma clara do discurso salzarista, a preocupação em salvaguardar as mentes das influências trazidas pela leitura. O próprio Salazar, usando do mesmo tom que seria usado pelo governo de Pernambuco em 1937, afirmava a reificação do controle sobre os temas de ensino: "*resolvendo o problema da instrução primária, faremos obra de alta valorização social.*"<sup>(58)</sup> Pelo que emerge do discurso, sabemos que esta obra de valorização social não estava relacionada com a democratização do ensino; ao contrário, tornou-se evidente, no Estado Novo português, a elitização do saber. Esse ideário é expresso

também em 1936 por um deputado lusitano, que alertava acerca do tipo de ensino ministrado ao povo:

*"deformar o espirito dos que aprendem é uma desgraça: é melhor que sigam sendo analfabetos. Um milhão e seiscentos mil analfabetos deixados em mãos de qualquer educador podem transformar-se em inimigos da sociedade".<sup>(59)</sup>*

Mais uma vez, a imprensa apresentou-se como tradutora e formadora de idéias, dividindo com os setores educacionais o papel de doutrinadora. Abriu-se o debate acerca da relevância do educar sobre o ensinar apresentado como de interesse nacional. Em 1938, José Campello, presidente da *Associação de Imprensa de Pernambuco*, através da *Fôlha da Manhã*, tentava convencer a opinião pública das possibilidades - e perigos - de "modelagem" oferecida pela juventude:

*"educar e ensinar, eis a grande necessidade nacional, a imensa aspiração do Brasil inteiro. Nunca saberemos como separar o ensino da educação, se esta é forçosamente mais útil à nação, bem mais que o ensino, quando as massas infantis são uma verdadeira massa modelavel à feição dos bons e maós artistas".<sup>(60)</sup>*

Para o jornalista católico, o Estado deveria ter cautela com os livros e os programas do Departamento de Educação, uma vez que, antes do Estado Novo, segundo ele havia sido montada no Rio de Janeiro uma verdadeira célula de educação marxista. Apelando para os símbolos nacionais, advertia que, naquele contexto, a instrução pública fora sistematicamente preparada com o objetivo de:

*"combater systematicamente as instituições, a república federativa, a pátria, a religião, a família. tudo enfim que constitua a razão de ser da nacionalidade".<sup>(61)</sup>*

Vinculava-se desta forma, a idéia de ensino aos conceitos de ordem/desordem, de equilíbrio/desequilíbrio, à quebra das instituições, ao caos.<sup>(62)</sup> A grande preocupação de José Campello residia na instrumentalidade política dos livros didáticos, fazendo-se necessária uma reforma geral nos seus conteúdos. Vários foram, neste sentido, os seus

artigos, tanto na imprensa laica como na religiosa, sobre o papel desempenhado pelos manuais didáticos, denunciando sempre o seu uso pelo regime anterior ao golpe de 10 de novembro, como veiculador de uma pedagogia bolchevista:

*"os livros fornecidos aos professores e á creanças vinham da Russia através das traduções francezas, dos comunistas franceses, e impressos nas typgraphias custeadas pelos soviets".<sup>(63)</sup>*

O livro didático foi motivo de grande atenção por parte dos políticos que faziam parte da administração estadonovista. Felinto Müller, em seu sugestivo artigo *"O Perigo da Infiltração Vermelha Nas Obras Educacionais da Infância"*, publicado em 25.12.1937, sugeriu que se censurassem os livros escolares, classificando-os como a *"arma branca"* dos bolchevistas.<sup>(64)</sup> As denúncias eram feitas em caráter de alerta, apontando os livros didáticos como *"verdadeiros elementos de desagregação nacional"*.<sup>(65)</sup> A cruzada anti-comunista de "caça às bruxas" foi tão exacerbada que se chegou ao ponto de se proibirem alguns textos de literatura infantil, sob a alegação de que estes acobertavam supostos diálogos comunistas. O que se nos apresentou como melhor expoente desta paranóia anti-comunista foi a indicação do livro *Tarzan* para o *Index* dos livros proibidos, tido como exemplo de literatura bolchevista infantil. A argumentação que justificava o expurgo do livro diz respeito à expressão muito usada nos diálogos: *"camarada"*, considerada como abominável, por pertencer ao léxico da linguagem comunista.<sup>(66)</sup>

A importância dada a esta *"arma branca"* -o livro- é notória, no projeto defendido por José Campello, de criar bibliotecas populares com literatura doutrinária, para instruir o homem do povo contra a influência dos livros bolchevistas. Sua argumentação acerca da "exposição" do homem comum à literatura bolchevista revela uma postura lombrosiana<sup>(67)</sup>, em relação às "classes perigosas" <sup>(68)</sup>, considerando que:

*"o individuo ignorante (...) é um predisposto ao crime, desde que lhe permita o contacto com as hordas de Moscou". (69)*

Campello insistia num trabalho de reeducação, haja vista que o indivíduo a quem se conseguiu salvar do *"tóxico moscovita"* deveria ser esclarecido para que não caísse em reincidências. Lembraria aqui uma situação similar em relação a esta preocupação com a influência da leitura sobre a sociedade: em 1945, pelo Decreto nº 36.147, o regime salazarista chegou a criar bibliotecas nas escolas, com um acervo restrito às obras selecionadas por uma comissão oriunda da Junta Nacional de Educação.<sup>(70)</sup>

À desordem apontada como sendo provocada pelas *"hordas de Moscou"* faz-se a apologia do ideário nazi-fasci europeu, eleito como construtor de uma pedagogia que possibilitava a *"construção"* do novo homem, moldado nos valores da ordem, antítese da pedagogia soviética. Afirmava-se que o *"homem novo, que Moscou nos promete, é uma aventura, desamparada por todos os princípios realmente morais."* <sup>(71)</sup> Daí, José Campello insistir na eficácia do paradigma pedagógico fascista, assegurando que:

*"uma escola, um instituto, uma colônia infantil na Itália, eram verdadeiras oficinas de escultura fascista."*<sup>(72)</sup>

A discussão entre educar e ensinar levou Campello a questionar a ciência em detrimento dos ideais nacionais modeladores da força da juventude. Deus, Pátria e Família deveriam estar acima de qualquer livro didático, de qualquer noção científica. Desta forma, elegia-se a construção de um saber que não tivesse sua base na transmissão e armazenamento de conhecimentos, mas um saber que tivesse como diretriz a trilogia: Pátria, Catolicismo e Família. O universo escolar -os programas e currículos, os livros didáticos- emergia como instrumento de poder e veículo doutrinário.<sup>(73)</sup>

O discurso articulado pela intelectualidade pernambucana perpassava pela reconstrução social e moral do estado, liderada, principalmente, pela educação, sendo que a retórica sustentava sempre o

mesmo teor: formar crianças e jovens identificados com a ideologia autoritária. Apontava-se para o resultado das novas gerações mediterrâneas, forjadas na educação fascista: "*bloco vivo, inteligente e cívico.*" (74)

Justifica-se a educação como agente formador de mentalidades, criador de um novo homem. No entanto, este ideário defendido pelos intelectuais políticos de Pernambuco não tinha âmbito regional; encontrava-se atrelado a um projeto nacional concretizado, anos depois, na reforma pedagógica empreendida pelo Ministério Capanema.<sup>(75)</sup> Atribuía-se à educação a possibilidade de adestramento e submissão da sociedade à nova ordem política: do colégio elitista [formador da *intelligenza* política dominante, os futuros líderes] às escolas profissionais [formadoras de mentes a serem dominadas]. As mentes seriam forjadas no novo paradigma pedagógico, edificado nos conceitos de ordem, autoridade, tradição e nacionalismo. Neste ideário o Estado afirmava-se como totalitário e dedicado à coletividade e o indivíduo era apresentado como parte integrante do todo:

*"a educação e o ensino no Estado Novo tem esse sentido totalitário e anti-individual. Ou esse programa se executa imperativamente num sentido totalitário ou o fracasso de um implicará no fracasso de outro, que não outra a lição da história e a experiência dos nossos dias".* (76)

#### **1.4- Legislação Educacional: instrumento ideológico do Estado**

A importância de regulamentar esse "saber" político, irradiador ideológico, levou à configuração de uma legislação educacional, que implicou a reformulação dos currículos escolares, na expedição de novos decretos e leis. Assim, a legislação educacional transformou-se em instrumento do Estado, veiculando os conceitos ideológicos que deveriam ser transmitidos pela escola. (77)

É na importância do papel desempenhado pela legislação educacional - como ponto de inferência na escola, do processo de reprodução ideológica - que se entende a cooptação de intelectuais políticos para os cargos públicos que controlam as diretrizes pedagógicas e fazem a implantação das novas legislações. Estes intelectuais devem funcionar dentro de moldes hegemônicos, transplantando para o universo escolar suas "visões de mundo".<sup>(78)</sup> Neste sentido, o discurso nacionalista e autoritário de Nilo Pereira e Arthur Moura, responsáveis pelo aparelho educacional em Pernambuco, expressa as diretrizes educacionais ditadas pelo ideário estadonovista.

Nesta temática, Barbara Freitag, analisando a instrumentalidade da legislação educacional na reprodução da ideologia do Estado, observa a grande relevância da mesma, uma vez que os currículos, os decretos, as leis são criados e executados no "espírito da lei". A legalidade é utilizada para conferir legitimidade aos interesses da elite dominante, "*traduzidos em sua concepção de mundo e reinterpretadas na lei*".<sup>(79)</sup>

O Estado cria seu grupo de intelectuais encarregados de formular e executar o ideário político, através da legislação do ensino. Estes atuam como se fossem "comissários" do Poder, atuando de forma a colaborar para a construção de uma sociedade hegemônica.<sup>(80)</sup> Isto evidenciou-se no discurso de Francisco Campos, em janeiro de 1936, quando este foi empossado na Direção de Instrução Pública do Distrito Federal, cargo este que segundo **A Gazeta** lhe foi dado para que pudesse consertar os estragos da infiltração comunista que Anísio Teixeira teria feito quando dirigia aquele órgão. O discurso de Campos corrobora estas afirmações do periódico ao ressaltar que o fascismo "*salvou o patrimônio da civilização cristã, pela educação e o ensino das novas gerações dentro dos princípios básicos da sua ideologia*". De igual modo traz a Alemanha como exemplo, uma vez que ela estaria procurando através de um programa de educação orientar suas crianças e jovens a acreditarem nos novos ideais e tomarem consciência da grandeza do regime inaugurado. Assim, o cerne da

argumentação do discurso de Francisco Campos é a relevância da instrumentalidade que a educação representa ao sistema político vigente. Sob este prisma, ele argumentava que tanto a Itália quanto a Alemanha não consentiriam jamais em ter entre os seus técnicos de ensino pessoas que tentassem sobrepor-se à ideologia fascista ou nazista. Sem omitir suas simpatias pelos regimes nazi-fascistas, Francisco Campos classificou um ato desta natureza "*como um falso e ridiculo sentido de liberdade, inocular nas jovens mentalidades, idéas criminosas.*" O jornal católico responsável pela divulgação destas idéias conclui de forma crítica, corroborando para a configuração de uma visão politizada do ensino:

*"o Sr. Francisco Campos vae enfim, crear, na Capital do Paiz, o que nenhuma nação pode deixar de crear e manter, se quizer ser, realmente, uma grande nação organizada e poderosa: uma politica de educação, a que todos os technicos de ensino terão que obedecer, ensinar e preservar".*<sup>(81)</sup>

Daí a importância da cooptação de um grupo composto de intelectuais, transformados em "funcionários" leais e fiéis à Interventoria Agamenon Magalhães.<sup>(82)</sup> Um representante fiel deste corpo de intelectuais fiéis foi José Campello, que, mesmo anteriormente à implantação do estado Novo, já se debatia pela questão dos cargos na área de ensino em Pernambuco. Apelando para o sentido do "pan-sexualismo" de Freud e alertando para os perigos da ideologia bolchevista, chamou atenção para o fato daqueles que, em nome do moderno, controlavam os programas escolares.<sup>(83)</sup>

Campello reafirmava suas idéias em contraponto com os educadores escolanovistas, acusados de desenvolver programas de ensino que abominavam o primado espiritual e se voltavam para o primado econômico. Conclui o jornalista, anti-semita assumido, como veremos em capítulo subsequente, que o ensino em Pernambuco estava sob a influência das "*synagogas que deitam o gosmado, os bonzos das ciência*".<sup>(84)</sup>

Nesta linha, Nilo Pereira, o Diretor do Departamento de Educação, justificava a importância de a Interventoria realizar e promover a reforma deste ensino "inoculado" pelo liberalismo e indiferentismo, "típicos do bolchevismo", afirmando que o senso prático deveria dominar a revisão dos programas escolares. Isto significava que, ao fim do ano letivo, o educando não somente teria adquirido a "noção de coisas", mas sobretudo: "*da família, unidade da Pátria, grandeza humana, bom trabalho, justiça do céu, sacrifício e solidariedade*", e mais estaria integrado no espírito nitidamente conservador da civilização brasileira. (85) Neste sentido, os programas escolares deveriam ser elaborados tendo por diretrizes os objetivos de algumas disciplinas específicas:

- Português, "*exaltação da língua como tradição moral, da raça que nos formou*". Exclui-se aí a participação das outras raças formadoras do povo brasileiro - o africano e o índio. (86)

- Ciências e Natureza, "*a idéia da criação da vida como colorário da vontade divina*". Não se abre espaço para discussões científicas, todavia apóiam-as as teorias racistas baseadas na antropometria física. (87)

- Moral e Cívica, "*o primado cristão e a formação ética nacional: a história de Pernambuco, sua luta pela fé e pela terra*". (88) Evidencia-se a criação de uma ética nacional, ditada pela Igreja Católica (Fé) e pelo Estado (Terra, Nação). No que diz respeito à história de Pernambuco, a ênfase é sempre dada à expulsão dos holandeses, apresentados como judeus invasores, e pela epopéia da expulsão e reconquista, realizada pela união de duas forças: o povo e o clero católico, unidos pela pátria. O uso desta retórica, exacerbando a grande união entre a igreja e o povo na luta contra o invasor holandês, foi amplamente manipulado pela Igreja. Tais idéias permeavam tanto a imprensa laica como a religiosa, associando a história da invasão holandesa à imagem do imigrante judeu durante o Estado Novo que, desta vez escorraçado da Europa, transvestiu-se de "invasor bolchevista". (89)

Interessante observar a trajetória desta associação -judeu *versus* invasor holandês- como temática da imprensa religiosa e laica, em 1936, um

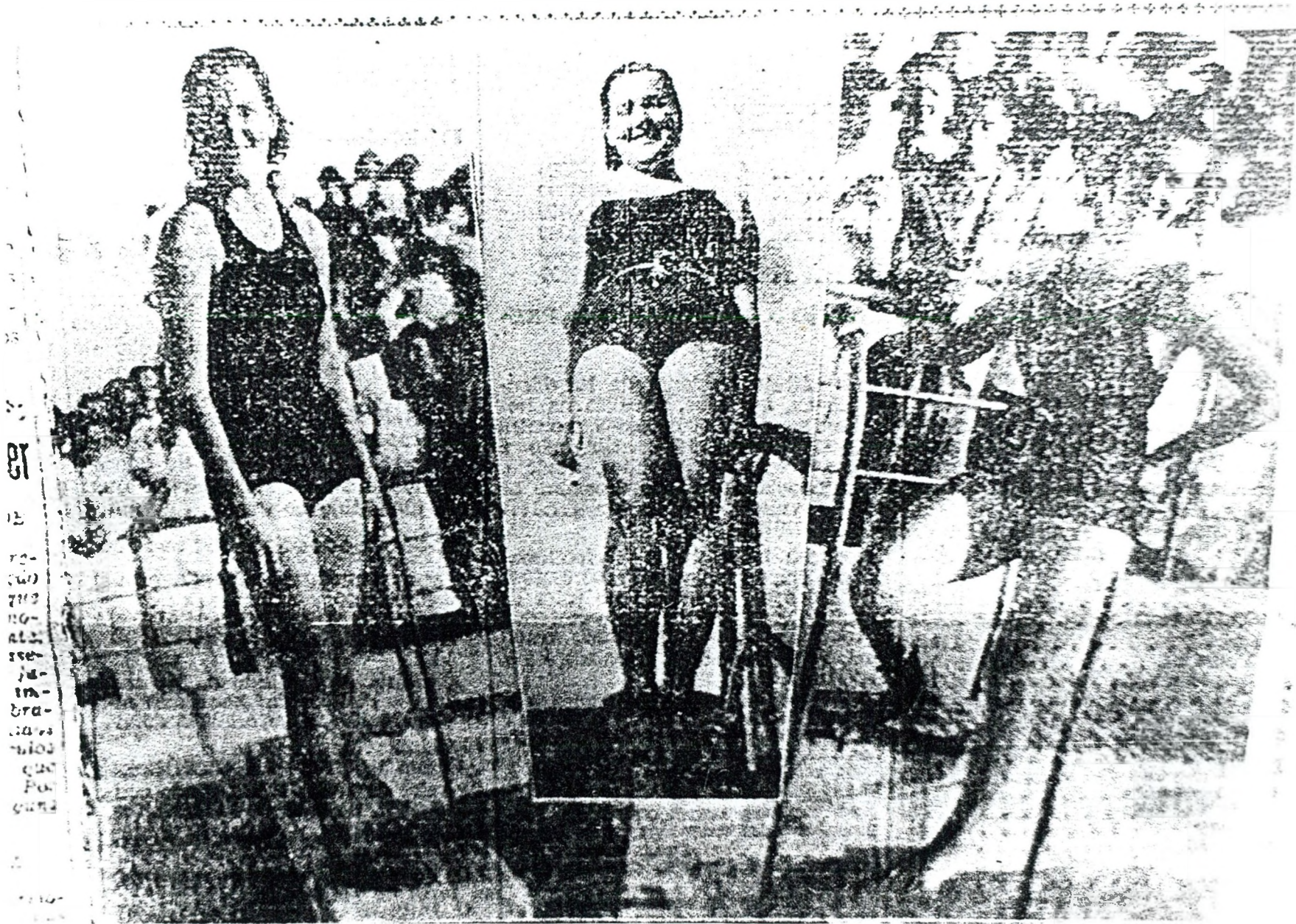


Ilustração 2- "Esportes" IN Jornal FOLHA DA MANHÃ,  
Recife, vespertino, 28.02.1938, p 7

ano após a intentona comunista de 1935. A imprensa empreendeu uma campanha contra as festividades comemorativas do III centenário da chegada do Conde holandês Maurício de Nassau em Pernambuco, que, apesar de ter sido representante das Companhias das Índias Ocidentais da Holanda quando da invasão ao Nordeste, realizou uma administração voltada para a modernização de Recife - construiu pontes, porto, palácios, galerias de esgotos. Questionava-se o anti-nacionalismo destas festas e apontava-se a figura de Nassau como representante do "internacionalismo judaico", do intruso, agressor, líder de judeus "obcecados" em levar a população e o clero para suas sinagogas.<sup>(90)</sup> A *Associação de Professores Primários* do Rio de Janeiro aprova uma moção contra estas festividades, exigindo que, caso as mesmas aconteçam, sejam impedidas de serem realizadas no âmbito das escolas públicas.<sup>(91)</sup>

- Educação física, "*mente e corpo sadio*." A Interventoria reitera o papel da Educação Física nos moldes dos regimes nazi-fascistas, mente sã, corpo são, ao reafirmar a idéia da valorização do corpo e do espírito como os alicerces do sistema educacional do Estado Novo (Ilustração 2).<sup>(92)</sup>

Nilo Pereira conclui estas orientações para a reforma de ensino sugerindo que tais instruções poderiam oferecer um novo itinerário para alunos e professores da capital e do mais "*longínquo recanto pernambucano*". Clamando por ordem, tradição e patriotismo, defendia a aplicação de um conteúdo programático que fosse, ao mesmo tempo, instrutivo e educativo.<sup>(93)</sup>

A repercussão da reforma do ensino em Pernambuco ultrapassou as fronteiras da região, sendo apresentada como um modelo a ser seguido em Belo Horizonte, Minas Gerais. O jornal mineiro se mostrou sensível às mudanças "nacionalistas" imprimidas por Nilo Pereira, destacando que as mesmas só estavam sendo realizadas pelo fato de o Diretor de Educação ser elemento de destaque no laicato católico do estado. Fazendo uma verdadeira apologia ao novo estado de coisas, o periódico apoiava a luta contra o comunismo como forma de prevenir "*choques*

*ideológicos ou correntes antinacionais*". Ressalta-se também o papel dos programas e dos livros didáticos, "imprescindíveis" na prática do novo projeto.<sup>(94)</sup>

Assim, torna-se evidente neste discurso a divisão da sociedade - aqui exemplificada pelo setor educacional - em dois grupos: os ordenadores e os desordeiros. Os primeiros identificados com o "bem", com o regime estabelecido e com o *status quo* tradicional: católico, nacionalista, anti-liberal. Este grupo se divide em subgrupos encarregados de exercer a hegemonia e "criar" o consentimento da sociedade civil, pressupondo-se que esta simbolizasse, essencialmente, a união de homens por meio da ideologia.<sup>(95)</sup>

Esses subgrupos de ordenadores, modeladores do senso-comum, encontravam-se representados pelos elementos defensores e implementadores do ideário estadonovista, representados nas figuras dos intelectuais-políticos como os de órgãos executores do projeto educacional proposto:

- na pessoa do *Diretor de Departamento de Educação*, Nilo Pereira, submisso ao Interventor Agamenon Magalhães, elo de ligação do regime com as unidades administrativas do país, responsável pela execução do programa educacional do governo adequado às condições do seu Estado.

- no *Seminário Pedagógico*, elo de ligação entre o governo e o professorado, responsável pela sistematização do modelo a ser divulgado.

- no *Professorado*, elemento "reprodutor" da doutrina, funcionários fiéis e obedientes que repassavam as "visões de mundo", assegurando o consentimento da sociedade civil.

## NOTAS

1- Esse debate era sustentado diariamente através dos jornais: **FÔLHA DA MANHÃ**, **A TRIBUNA**, **A GAZETA** e as revistas: **MARIA**, **ESTRÊLA DA MANHÃ**, **MENSAGEIRO DO CORAÇÃO DE JESUS**, que de forma sistemática e doutrinária, ressaltavam que esta era a melhor forma de disseminar a ideologia estadonovista.

2-CAPANEMA, Gustavo. **Panorama da Educação Nacional- Realizações**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1937, p 21

3-Sobre a teoria da reprodução ideológica via instituição escolar ver: BOURDIEU e PASSERON, Pierre e J. Claude. **A Reprodução- Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992; DURAND, Jose Carlos Garcia. **Educação e Hegemonia de Classe: as funções ideológicas da escola**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979; GIROUX, Henry. **Escola Crítica e Política Cultural**. São Paulo: Cortez, 1988; ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1983; WERNECK, V. R. **A Ideologia na Educação: um estudo sobre a interferência da ideologia no processo educativo**. Petrópolis: Vozes, 1982; CARNOY, Martin. **Educação, Economia e Estado: base e superestrutura, relações e mediações**. São Paulo: Cortez, 1987

4-LIMA, Alceu Amoroso. sobre os Congregados Marianos ver: D'AZEVEDO, Soares. "*Os Marianos*". IN **A TRIBUNA**, 17.01.1934, p 1. Sobre Nilo Pereira ver: **A TRIBUNA**, 02.03.1938, p 1, que traça um perfil de Nilo Pereira, que iria ao Rio de Janeiro "*representando a intelectualidade brasileira no dia da Raça*"; ver também na **A TRIBUNA**, 19.05.1938, p 4, acerca da "*feiçãõ espiritualista*" que ele estaria dando à educação em Pernambuco.

5- "*Menores Moralmente Abandonados*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**, matutino, 03.03.1938, p 3; ver também os seguintes artigos na **FÔLHA DA MANHÃ**: "*Reforma do Ensino em Pernambuco*", matutino, 16.02.1938, p 3; "*Novos Programas de Ensino*", matutino, 01.04.1938, p 2; "*Novas Idéas e Novos Rumos da Educação em Pernambuco*", matutino, 29.03.1938, p 3. Nestes textos persistem os elogios à Itália de Mussolini e ao regime salazarista.

6- FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Edart, 1978, p 41

7- "*Educa-se a criança alemã sob o controle da autoridade*", IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 08.03.1938, p 3

8- CARDOSO, Vicente Licínio, (org). **À Margem da História da República**. Recife: FUNDAJ, 1990; LEÃO, A. Carneiro. "*Os Deveres da Nova Geração Brasileira*". IN CARDOSO, Vicente Licínio (org). **À Margem da História da República**. op. cit. p 15/30; sobre a educação na república velha e o movimento escolanovista ver: MONARCHA, Carlos. **A Reinvenção da Cidade e da Multidão: dimensões da modernidade brasileira: a Escola Nova**. São Paulo: Cortez, 1989; SAVIANI, Dermeval. "*Tendências e correntes da educação brasileira*", IN MENDES, Durmeval Trigueiro (org). **Filosofia da Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

1985; SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1984; ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985; NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1974; PEIXOTO, Ana Maria Casassanta. **Educação no Brasil - anos 20**. São Paulo: Loyola, 1983

9- Era comum não só na **FÔLHA DA MANHÃ**, como nos outros jornais e revistas em que pesquisamos a exacerbação do paradigma autoritário dos regimes nazi-fasci europeus, em detrimento dos paradigmas pedagógicos inspirados no liberalismo. Essas afirmações eram veiculadas dentro dos padrões de propaganda, com o intento de persuadir a opinião pública contra as escolas "ilustradas", ou que tivessem no seu corpo docente, algum professor com este ideário. Sobre educação nazista ver: MOSSE, George. **La Cultura Nazi**. Barcelona: Grijalbo, 1975

10- "*Reforma de Ensino em Pernambuco*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 10.02.1938, p 3; acerca do indiferentismo e liberalismo na educação, ver: LEÔNCIO, Carlos. **Pedagogia - o educando e sua educação**. São Paulo: Salesiana, 1938

11- PEREIRA, Nilo. "*O Seminário Pedagógico*". IN Revista **A ORDEM**, junho, 1938, p 570

12- Esta expressão era veiculada frequentemente pela imprensa. Acerca desta reificação da pedagogia e dos pedagogos, ver: ANISIO, Mons. Pedro. **Tratado de Pedagogia**. São Paulo: Cia. Editora Nacional; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934; LEONCIO, Pe. Carlos. **Pedagogia**. São Paulo: Livraria Salesiana Editora, 1938; VAISSIÈRE, Jules de La. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

13- DIAS, Publio. "*Novos Programas de Ensino*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**. Recife, matutino, 01.04.1938, p 2

14- Mosse afirma que "*cuando una ideologia puede ser inculcada e institucionalizada a través de la educacion y en los establecimientos de enseñanza, es que ha ganado ya su más difícil batalla*". IN MOSSE, George. **La Cultura Nazi**. op. cit. p 25

15- STOODT, Dieter. "*Alemania: origenes históricos y actualidad de la ideología fascista en la educación*". IN **Fascismo y Educación**. Cuadernos de Pedagogia. Barcelona: Publicaciones Mundial, septiembre, 1976, p 50-52

16- MANACORDA, Mario Alighiero. "*El caso italiano: La reforma Gentile*". IN **Fascismo y Educación**. op. cit. p 54-56. Ver também SANDOICA, Elena Hernández. **Los Fascismos Europeus**. Buenos Aires: Istmo, 1992

17- LIMA, Alceu Amoroso. "*Num Pórtico de Universidade*". IN Revista **A ORDEM**, janeiro/1938, p 67

18- MAGALHÃES, Agamenon. "*Educação e Cultura*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 16.03.1938, p 1

19- RESENDE, Manoel Marcondes. "*Da nacionalização da Escola*". IN **Algumas Sugestões ao Plano Nacional de Educação**. São Paulo: Centro D. Vital de São Paulo, 1936, p 19. Este inquérito distribuído por Gustavo Capanema foi noticiado pela imprensa em Pernambuco.

20- Idem, p 23.

21-Idem, p 22

22- "*A Educação com Carater Totalitário*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 17.02.1938, p 4. Acerca do paradigma pedagógico autoritário no Brasil ver: CUNHA, Célio da. **Educação e Autoritarismo no Estado Novo**. São Paulo: Cortez, 1981; SILVA, Marinete dos Santos. **A Educação Brasileira no Estado Novo (1937/1945)**. Niterói: Livraria Panorama, 1980; PAIVA, Vanilda. "*A Revolução de 30 e a Educação Popular*", IN PAIVA, Vanilda. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 1987, p 111-155; FRANCA, Leonel. **Ensino religioso e Ensino leigo**. Rio de Janeiro: Scmidt, 1931

23- RESENDE, Manoel Marcondes. "*Da nacionalização da Escola*". IN **Algumas Sugestões ao Plano Nacional de Educação**. op. cit. p 21

24-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 17.02.1938, p 4

25- Idem, matutino, 30.03.1938, p 3

26-Idem, matutino, 04.12.1937, p 1

27-JESUS, Antonio Tavares. **Educação e Hegemonia**. São Paulo: Cortez; Campinas: UNICAMP, 1989

28- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 06.12.1937, p 3+

29- GOÉS, Pe. Campos. "*O Ensino Religioso*". IN **A TRIBUNA**, Recife, 18.12.1930, p 1

30- Idem

31- CARNEIRO, M. Luiza Tucci. "*La Guerra Civil española a través de las revistas ilustradas brasileñas: imágenes y simbolismos*", IN **Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe** (2) jul. Israel: Universidad de Tel Aviv, 1991, pp 39-50

32- PEREIRA, Nilo. "*O Seminário Pedagógico*". IN Revista **A ORDEM**, junho, 1938, p 564-570

33-Idem. Antonio Tavares de Jesus, analisando o pensamento de Gramsci sobre dominação via consenso social, afirma que as "*classes dominantes trabalham mesmo para, através dos 'aparelhos ideológicos', transformarem sua concepção de mundo em senso comum, fazendo-a penetrar nas massas e assegurar a dominação pelo consenso*". IN JESUS, Antonio Tavares. **Educação e Hegemonia**. op. cit. p 50

34-Ibidem

35-PEREIRA, Nilo. "*O Seminário Pedagógico*". IN Revista **A ORDEM**, op. cit.

36- **FÔLHA DA MANHÃ**. Recife, matutino, 09.03.1938, p 3. Acerca do uso da linguagem *versus* ideologia da educação ver: FERRO, Marc. **Cómo se cuenta la historia a los niños en el mundo entero**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1990; ECO e BONAZZI, Umberto e Mariza. **Mentiras que Parecem Verdades**. São Paulo: Summus, 1980; DEIRÓ, M. de Lourdes Chagas. **As Belas Mentiras - a ideologia subjacente aos textos didáticos**. São Paulo: Moraes, 1989; ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p 21

- 37- Jaume Carbonell i Sebarroja analisando este mesmo período em Espanha, denuncia que "*cualquier interpretación filosófica que se apartara de la escolásticas más tradicional*", são consideradas pela administração educativa "*ideas disolventes y antipatrióticas*". IN SEBARROJA, Jaume Carbonell i. "*Cuatro décadas de educación franquista: marco legal y política educativa*". IN **Fascismo y Educacion**. op. cit. p 24. Sobre a cooptação dos jovens no nacional-socialismo ver: MOSSE, George. **La Cultura Nazi**. op. cit.; SANDOICA, Elena Hernández. **Los Fascismos Europeos**. Buenos Aires: Istmo, 1992;
- 38- CAMPELO, Jose. "*Escola: oficina de escultura fascista*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**, matutino, 23.11.193, p 3
- 39- BACKHEUSER, Everardo. **O Professor**. Rio de Janeiro: Agir, 1946, p 25
- 40- Sobre a cooptação dos jovens no nacional-socialismo ver: MOSSE, George. **La Cultura Nazi**. op. cit.; SANDOICA, Elena Hernández. **Los Fascismos Europeos**. op. cit.
- 41- "*A Instrução no Estado Novo*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 04.08.1938, p 3.
- 42- Idem.
- 43- WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- 44- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 09.03.1938, p 3
- 45- Idem, matutino, 16.03.1938, p 1
- ⇒ 46- BOURDIEU e PASSERON, Pierre e J. Claude. **A Reprodução - Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. op. cit. p 19
- 47- Acerca das críticas à teoria da reprodução, ver a análise teórica de CURY, C. R. Jamil. **Educação e Contradição**. São Paulo: Cortez, 1992
- 48- Ver **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 16.03.1938, p 3. Expressiva é a correspondência oficial veiculada entre Luis Vergara, Getúlio Vargas e Agamenon Magalhães no ano de 1938.
- 49- MAGALHÃES, Agamenon. "*Educação e Cultura*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 16.03.1938, p 1
- 50- A **FÔLHA DA MANHÃ** fazia propaganda das listas de pessoas exoneradas, numa demonstração clara de Poder .
- 51- Carta de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Gustavo Capanema, Ministro da Educação e da Saúde. Recife, 05.04.1939. IN **Pasta AGM 39.04.05 CPDOC/FGV**. Ver também MAGALHÃES, Agamenon. "*Educação e Cultura*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**, op. cit.
- 52- SEBARROJA, Jaume, Carbonell i. "*Marco Legal e Política Educativa*" IN **Fascismo y Educacion**. op. cit., p 24.

53- CARANDELL, José María. *"Lejos de nosotros la funesta mania de pensar"*. IN **Facismo y Educación**. op. cit., p 30

54-FÓLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 05.03.1938, p 3. Sobre a linguagem como instrumento de persuassão ver: MARCONDES FILHO, Ciro (org). **A Linguagem da Sedução**. São Paulo: Perspectiva, 1988; CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuassão**. São Paulo: Ática, 1985; FIORIN, José Luis. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1988; ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: brasiliense, 1983

55-SEVERINO, Antonio, Joaquim. **Educação, Ideologia e Contra- Ideologia**. São Paulo: EPU, 1986, p 44

56- Acerca da polêmica entre educar *versus* ensinar, ver: OLIVEIRA, C. A. Barbosa de. **Educação e Imprensa**. Rio de Janeiro: Jornal do Comercio Rodrigues & Cia., 1942; TAUZIN, F. Sebastián. **Bergson e São Tomaz- o conflito entre a Intuição e a Inteligência**. Rio de Janeiro: Desclée, De Brouwer, & Cia, 1934; LEME, D. Sebastião de Cintra. **Carta Pastoral [1916]**. Petrópolis: Vozes, 1936, p 89-91

57- *"Alphabetização Sem Sentido"*. IN **A GAZETA**, Recife, 28.02.1938, p 1

58-*"Salazar e a Educação Primária"*, IN Revista **FRONTEIRAS**, Recife, abril/maio 1938, p 15

59-QUINOTE e REBELO, Maria de Lourdes e José. *"Portugal: 50 años de devastación educativa"*. IN **Fascismo y Educación**. op. cit., p 57

60-CAMPELLO, Jose. *"Escola: oficina de escultura fascista"*. IN **FÓLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 23.11.1937, p 3

61-CAMPELLO, Jose. *"Autonomia Absurda"*, IN **A GAZETA**, Recife, 06.09.1936, p 5

62-FÓLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 27.11.1937, p 3

63-CAMPELLO, Jose. *"Autonomia Absurda"*. IN **A GAZETA**, op. cit.; sobre a relevância e instrumentalidade do livro didático, ver: FREITAG, Barbara et. all. **O Livro Didático em Questão**. São Paulo: Cortez, 1989; DEIRÓ, M. de Lourdes Chagas. **As Belas Mentiras - a ideologia subjacente aos textos didáticos**. op. cit.; ECO e BONAZZI, Umberto e Mariza. **Mentiras que Parecem Verdades**. op. cit.

64-MÜLLER, Felinto. *"A Criança a Maior Victima do Comunismo: o perigo da infiltração vermelha nas obras educacionais da infância"*, IN **A GAZETA**, Recife, 25.12.1937, p 21

65- *"Unidade do Ensino Primário"*, IN **A GAZETA**, Recife, 25.03.1940, p 1

66-MÜLLER, Felinto. *"O que os paes devem saber: ' Tarzan, o Invencível ' - Livro de propaganda comunista"*, IN **A GAZETA**, Recife, 25.12.1937, p 3

67- LOMBROSO, Cesare. **L'uomo delinquente**. Roma: 1876, s.e.Uma análise da teoria de Lombroso é feita por Lilia Schawacz, em **"As Faculdades de Direito ou Os eleitos da nação"**. IN SCHAWACZ, Lilia M. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930**. op. cit.

68- Sobre o conceito da expressão "classes perigosas", ver: GUIMARÃES, Alberto Passos. **As Classes Perigosas: banditismo urbano e rural**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981; CARVALHO, Jose Murilo de. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

69- CAMPELLO, Jose. IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 21.11.1937, p 3

70-QUINOTE e REBELO, Maria de Lourdes e José. *"Portugal: 50 años de devastación educativa"*. IN **Fascismo y Educación**, op. cit. p 57

71- OLIVEIRA, C. A. Barbosa. **Educação e Imprensa**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio Rodrigues & Cia, 1942

72-CAMPELLO, Jose. *"Escola: oficina de escultura fascista"*. IN **FÔLHA DA MANHÃ**, op. cit.

73-Jose Campello apelando para a trilogia fascista indagava: *"que importa o livro didático, a noção científica, se a Pátria, se Deus, se a família não estão na alma da criança e do governo, dando-lhe a consistência do aço e a agilidade dos florêtes"*. IN CAMPELLO, Jose. *"Escola: oficina de escultura fascista"*. IN **FÔLHA DA MANHÃ**, op. cit.

74-Idem

75- SCHWARTZMAN, Simon et al. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: EDUSP, 1984

76-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 17.02.1938, p 4

77- *"O Diretor do Departamento de Educação, Nilo Pereira, nomeia comissão de professores para rever os programas escolares e conformal-os à nova orientação pedagógica. Esses programas consagram o ensino no seu fundamento espiritual, cristão e humano e tem dado na pratica escolar os mais salutarees resultados"*. IN *"A Instrução em Pernambuco no Estado Novo"*. IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 04.08.1938; ver também *"Rumo Acertado"*, **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 10.02.1938, p 3

78-JESUS, Antonio Tavares. **Educação e Hegemonia**. op. cit.

79- FREITAG, Barbara. **Escola, Estado e Sociedade**. op. cit. p 41

80-GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968; acerca da função dos intelectuais frente à educação em Gramsci, ver: NOSELLA, Paolo. *"Educação e cidadania em Antonio Gramsci"*, IN BUFFA, Ester et. all. **Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez, 1987, p 81-91; PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o bloco histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; JESUS, Antonio Tavares. **Educação e Hegemonia**. op. cit.; GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978; MACCIOCCHI, M. Antonietta. **A Favor de Gramsci**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; MANACORDA, Mario Alighiero. **El principio educativo en Gramsci. Americanismo y conformismo**. Salamanca: Sigueme, 1977

81-CAMPOS, Francisco. discurso proferido quando de sua posse como Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal. IN **A GAZETA**, Recife, 19.01.1936, p 1

82-Carta de Agamenon Magalhães, Interventor em Pernambuco, para Luiz Vergara, secretário do Presidente Getúlio Vargas,. Recife, 16.05.1938, IN **Pasta AGM 38.05.09/4**, CPDOC/FGV

83-CAMPELLO, José. "*O primado espiritual*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 06.02.1938, p 3

84- Idem

85- PEREIRA, Nilo. "*Ensino em Pernambuco*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 16.01.1938, p 3

86-Idem

87- Idem

88- Idem

89- "*Mauricio de Nassau*", IN Revista **MARIA**, agosto/setembro, 1936, p 222-223

90- Idem

91- "*Como se Manifesta a Associação dos Professores Primários*", IN Revista **FRONTEIRAS**, janeiro, 1937, p 20

92- PEREIRA, Nilo. "*Ensino em Pernambuco*", IN **FÔLHA DA MANHÃ**, op. cit.

93- Idem

94- A transcrição do artigo do jornal mineiro é feita por José Campello no artigo "*A Escola Católica*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 30.03.1938, p 3

95- JESUS, Antonio Tavares. **Educação e Hegemonia**. op. cit p 29

## I I - A RECRISTIANIZAÇÃO DA SOCIEDADE

### 2.1- O Modelo Ético Religioso

O projeto político-pedagógico assumido pelo Estado de Pernambuco a partir de novembro de 1937 identificava-se com o paradigma pedagógico, de caráter conservador, sustentado pela Igreja católica no Brasil. Ambos lutavam pela preeminência sobre as questões educacionais, colaborando para manter acesa a querela com os liberais escolanovistas, que por sua vez, também tentavam fazer valer seus princípios.<sup>(1)</sup>

A polêmica entre conservadores católicos e liberais da Escola Nova tornou-se tema constante nos jornais religiosos do Estado.<sup>(2)</sup> O cerne da discussão baseava-se na filosofia dos dois paradigmas pedagógicos, antagônicos entre si. Os escolanovistas ou pioneiros, postulavam por uma educação numa linha mais liberal, fundamentada em pedagogos liberais como Dewey e Kilpatrick. Os conservadores católicos acreditavam que, somente na filosofia tomista, residia uma pedagogia completa: instrução e educação. A Igreja apontava para a escolástica medieval enquanto que os pioneiros para pedagogos liberais norte-americanos. Nesta luta, a estratégia da Igreja residia na implantação do ensino religioso como obrigatório e em determinar o controle sobre os cargos públicos ligados à área educacional.<sup>(3)</sup>

Esta preocupação com educação e ensino religioso - instrução e ação - já se fazia presente em Pernambuco, em 1916, constando da Carta Pastoral assinada por D. Sebastião Leme. Este, recém-egresso de Roma, na época além de Arcebispo de Olinda e Recife, apresentava-se como líder de uma nova proposta, com idéias precisas, objetivando a reintegração do papel político da Igreja junto ao Estado. Era a

grande tentativa da Igreja de retomar o poder político perdido com a laicização crescente na política brasileira, após a instauração da República em 1889. Esta *Carta Pastoral* de D. Leme, constitui um expressivo documento acerca das intenções de Roma para a recuperação e inferência da Igreja Católica junto ao Poder político no Brasil. Seu discurso perpassa por dois pontos básicos adotados pelo catolicismo e pelo governo de Getúlio Vargas a partir da década de 30: ensino religioso obrigatório e organização da Ação Católica [grupo de intelectuais leigos fiéis à doutrina romana] em todo o território brasileiro. D. Leme assegurava que estes itens eram os pontos cardiais do ministério sacerdotal. A Carta Pastoral que sai de Recife em 1916 tornou-se na verdade, a gênese da recatolização do Brasil, lançando as raízes de uma trajetória que viria a ser plenamente realizada com o advento do Estado Novo, em 1937, data em que a Igreja e o Estado Pernambucano se uniram em um pacto de colaboração recíproca.<sup>(4)</sup>

Até então a Igreja havia contado em sua defesa com vozes soltas, de intelectuais como Ruy Barbosa, Pedro Lessa, Lacerda de Almeida, entre outros. Em 1903, em discurso em Nova Friburgo, e posteriormente em 1910, em Belo Horizonte, Rui Barbosa apoiava as demandas da Igreja, na tentativa de retomar seu papel junto ao Estado.<sup>(5)</sup> Em 1924, Lacerda de Almeida, em sua obra **A Igreja e o Estado**, analisava à luz do Direito brasileiro as relações entre os dois poderes, argumentando que se havia instalado um divórcio entre a Igreja e o Estado, consequência da ideologia da Revolução Francesa, que era acusada de ter desenvolvido o ódio das massas aos reis e à Divindade. Neste sentido acusavam-se as idéias revolucionárias francesas de terem contribuído para um sentimento de revolta contra a gênese donde decorreria todo o poder e autoridade. A grande crítica residia não somente na posição laica do racionalismo mas, principalmente, na exclusão do catolicismo. Em qualquer momento da história, a ruptura da unidade católica era olhada como o prenúncio da desordem e da anarquia tornando iconoclasta qualquer credo que estivesse fora dos dogmas romanos. Isto se evidencia de uma forma mais aguda na

sua crítica à Reforma Luterana, que, segundo Lacerda de Almeida havia separado várias nações da comunhão católica, destruindo a organização política internacional. Lacerda de Almeida trabalhava suas idéias sobrepondo as ideologias liberais e fascistas, evidenciando nesta última sua ligação "real" com o povo, em detrimento do liberalismo, que, segundo ele, apesar de se dizer um governo em que o povo é soberano, desmentia pelos seus atos e discursos vazios os ideais que defendia:

*"sempre invocando o povo e os interesses do povo, com as palavras de LIBERDADE IGUALDADE E FRATERNIDADE na bocca, mas com a oppressão e a tyrania a desmentir nos actos a sonoridade da verbiagem ôca e retumbante".(6)*

A grande solução apresentada era o fascismo, o qual estaria expurgando e reformando a Itália com base num trabalho do verdadeiro "*genio latino, que é cathólico, e na instituição maxima italiana o catholicismo.*" Conceituava o fascismo como o único modelo capaz de restaurar o poder católico e conseqüentemente imprimir a ordem social:

*"o fascismo que não recebeu de ser chamado reaccionario [...] ILLIBERAL e ANTI-LIBERAL. O fascismo não conhece ídolos, não adora fetiches; passou elle já e, se fôr necessário, tornará a passar ainda, com serenidade sobre o corpo mais ou menos putrefacto da deusa Liberdade".(7)*

O elo comum dessas críticas se voltava sempre para o laicismo que havia penetrado no Brasil através da Constituição Republicana. Por ter sido a Carta Magna de 1891 baseada na Constituição dos EUA, argumentava-se que os nossos irmãos americanos, interpretavam a liberdade religiosa nas escolas como permissão oficial de todos os cultos, enquanto no Brasil, este mesmo artigo era visto como a "*proibição e exclusão official de todos os credos.*" A Igreja advogava que na América do Norte, os Estados ministravam comentários bíblicos nas salas de aula, em "*harmonia*" com a maioria protestante. Da mesma forma, a maioria católica do Brasil deveria também ter o direito de receber educação religiosa nas escolas. Ficava

evidenciado que a demanda da Igreja não dizia respeito ao ensino religioso e sim à catequese católica.<sup>(8)</sup> Anos depois, em 1939, quando a Igreja já havia assegurado seu espaço junto ao Poder político, esse discurso tornou-se claro, sem ocultamentos. A tese da maioria católica da população brasileira, e conseqüentemente de seus "*direitos inalienáveis*", tornou-se linguagem comum no discurso religioso.<sup>(9)</sup>

No entanto, tais argumentos constituíam-se em vozes espalhadas, representando meros paliativos. D. Leme pensava em algo mais concreto; talvez na formação de um grupo coeso, uma elite que fosse os "olhos" e os "ouvidos" da Igreja. Esta possibilidade apresentou-se na década de 20, através da conversão de Jackson de Figueiredo que empreendeu uma verdadeira revitalização do catolicismo no Brasil, através da formação de um grupo de intelectuais fiéis aos preceitos romanos, e que tornariam, nos anos 30 fiéis escudeiros na luta contra o Estado laico.<sup>(10)</sup>

A estratégia usada para a recristianização do Brasil por Jackson de Figueiredo, tinha sua base na criação de pólos de disseminação do catolicismo por toda a nação. Nesta linha, em 1922, foi criado o *Centro D. Vital* no Rio de Janeiro, que se espalha por todo o Brasil. Fundou-se a Revista **A Ordem**, tendo início o processo de recatolizar o Estado, através do doutrinação da elite laica católica.

Sob a égide de um catolicismo conservador, apresentado como barreira às doutrinas "*exóticas*", estrangeiras, Jackson de Figueiredo doutrinou essa elite, com o objetivo de organizar uma verdadeira Cruzada Santa contra o laicismo. Contava com o total apoio do Cardeal D. Sebastião Leme -mentor deste trabalho catequético- que vislumbra no jovem sergipano a possibilidade de vir a ser seu veículo junto à sociedade civil cooptando um segmento social, que aceitasse se colocar sob a fidelidade e obediência aos dogmas romanos. A estratégia de D. Sebastião Leme consistia na ingerência deste laicato católico junto ao palco do poder político, com o objetivo claro de ter acesso aos cargos políticos decisórios. Esses intelectuais católicos

deveriam fazer frente às teorias liberais e anti-clericais abrindo espaço para a retomada do poder perdido desde o final do século passado.<sup>(11)</sup>

Neste novo momento, a Igreja criticava a atitude passiva dos fiéis e da maior parte do clero, os quais, nestes 40 anos de laicismo, davam preeminência à prática piedosa, em detrimento de um posicionamento de ação política. Afirmava-se que o catolicismo estava-se mantendo, até então, pelas orações piedosas de algumas santas e boas freirinhas. Todavia, a nova ordem determinava que a *"religião deveria sair das sacristias e dos conventos"*.<sup>(12)</sup> Evidencia-se para a Igreja o seu momento de ação, instigando-se os fiéis a apoiarem a criação de jornais e revistas religiosas, com a distinção de que essa imprensa, antes de mais nada, deveria tratar das questões sociais e políticas.

Ressaltava-se que não se estava tratando de estudos religiosos, mas de jornais e revistas, vibrantes e inseridos no contexto político: a boa imprensa. Justificava-se o largo alcance da imprensa, fazendo correlações entre as restritas pregações do clero e a veiculação diária dos periódicos:

*"o padre estaria adstricto ao templo. O jornal, penetra em toda parte, em todas as casas, em todas as aldeias, em todas as salas, a centenas de milhares de homens."* (13)

Nesta linha, Jonathas Serrano, intelectual católico, afirmava na Revista **A Ordem**, que se o apóstolo São Paulo vivesse naqueles dias, certamente teria a profissão de jornalista, ou faria da imprensa o seu veículo de catequese.<sup>(14)</sup>

As figuras bíblicas de Marta e Maria foram recuperadas pela imprensa numa clara opção pelo dinamismo e pela ação de Marta, em detrimento do ideal contemplativo de Maria, mesmo que o comportamento desta última fosse apontado nos evangelhos como ideal. Assim, vários artigos passaram a ser escritos no sentido de reificar o papel de Marta, contextualizando a mesma naquele momento da Igreja. Nilo Pereira, congregado mariano e líder do laicato católico em Pernambuco, doutrinava

pela imprensa, utilizando o simbolismo de Marta, acerca do novo momento de ação religiosa:

*"Martha de Bethania que tantas vezes hospedou a Jesus quando de sua peregrinação redentora, foi aquela que servindo, reinou."(15)*

Vianna Moog em seu trabalho, **Bandeirantes e Pioneiros**, aborda esta questão do fazer e do contemplar no ideário das colonizações portuguesa e inglesa nas Américas, evidenciado na escolha de nomes conferidos às mulheres nascidas no novo mundo. Para êle, a predominância de Marta como nome próprio dado às crianças na América do Norte e de Maria, às crianças brasileiras, é prova dos parâmetros distintos conferidos à valorização ao trabalho sistemático pelas duas colonizações. Assim, Marta representaria o dinamismo, a ação, em contraponto a uma postura intelectualizada, teórica, contemplativa de Maria.<sup>(16)</sup>

A Igreja dirimia qualquer dúvida acerca da nova interpretação que deveria ser dada ao ensinamento bíblico esclarecendo que naquele contexto não deveria ser esquecida a ordem da Providência, que seria a segunda parte do programa traçado por Deus para os homens: agir. Este ordenamento confluía para os interesses do Estado e da Igreja. O primeiro necessitava daquele discurso catequético, enquanto que o segundo tentava recuperar o poder perdido. Estavam abertos os canais para o pacto que seria realizado, entre ambas as instituições, em 1937, em Pernambuco.<sup>(17)</sup>

O discurso da Igreja enfatizava a reciprocidade entre as duas esferas de poder: temporal e religiosa. Alceu Amoroso Lima, em 1936, quando a Igreja já havia conseguido a grande vitória de tornar o ensino religioso obrigatório via Constituição de 1934, enfatizava aquela reciprocidade "inerente" aos dois poderes, afirmando que ao Estado competia "*precipualemente a organização do trabalho*", à Igreja "*precisamente a organização da família*." Observava então, que bastava volverem-se os olhos para esses dois postulados sociais, para perceber-se que não deveria haver divórcio entre eles, uma vez que o problema da família

não era só um problema moral, mas, também, um problema econômico, que, por sua vez era um problema moral. Concluía, fechando o cerco da argumentação e trazendo à baila a questão educativa, observando que, se o trabalho e a família eram os fundamentos, material e moral da sociedade, estes aglutinam-se em um problema único: o pedagógico. Alceu Amoroso Lima, apontava como sendo o alvo máximo da Igreja Católica, o domínio sobre a educação das futuras gerações:

*"no terreno da educação encontram-se mais uma vez a Igreja e o Estado como colaboradores da mesma obra de formação do futuro da nacionalidade". (18)*

### ***1930: o amanhecer de ressurreição***

Este posicionamento da Igreja tornou-se mais agressivo logo após a revolução de 1930, quando o governo provisório de Getúlio Vargas abriu-lhe espaço legitimando pelos Decretos de 1931/32 de Francisco Campos a implantação do ensino religioso como facultativa. Neste sentido, para a Igreja,

*"aquella formidável rajada que, em outubro de 1930, partiu dos pampas gaúchos, varreu muita folha secca de idéas antiquadas e quebrou muito galho caruncho de preconceito"<sup>(19)</sup>.*

Em Pernambuco, esta atitude do Estado se expressou através do afastamento do laicismo da área educacional, interpretado como um erro de responsabilidade dos fundadores da república brasileira, desde 1889. Inclusive a posição da Igreja Católica em Pernambuco no momento da eclosão da Revolução de 30 foi de apoio ao lado dos revolucionários, uma vez que a nova ordem se apresentava como uma revolução que repelia o comunismo, e que se prezava por se apresentar com um *"character puro e são de religiosidade"*.<sup>(20)</sup>

A imprensa religiosa passou a apontar o movimento revolucionário como uma verdadeira cruzada e uma Guerra Santa contra o laicismo. Os jornais católicos passaram a trazer na primeira página, manchetes enaltecidas à figura revolucionária de Juarez Távora, corroboradas com apoios e adesão da Igreja:

*"Pelo Brasil; por Juarez e seus irmãos de Cruzada; por quantos nessa causa pelejaram e sofreram e tombaram para sempre e no anonimato e sem glória; por quantos ainda agoram pelejam e sofrem e morrem, sorrindo e cantando, neste benedito amanhecer da Ressurreição: Brasileiros, sentido !", (21)*

D. Miguel Valverde, Arcebispo de Olinda e Recife, em *Carta Pastoral*, dirigiu-se à população e ao clero local, concitando-os à obediência ao poder político que se instalava, trazendo à tona, o princípio de obediência às autoridades constituídas, como sendo um preceito sagrado, ressaltando que o indivíduo que resistisse à aceitação do novo poder que se instaurava, estaria resistindo à ordenação de Deus.<sup>(22)</sup> Evidencia-se aí a importância do poder simbólico, aqui representado pela Igreja, atuando para a manutenção do poder político.<sup>(23)</sup>

Após 1930, o discurso da Igreja não era mais de obediência por princípio transcendental como se expressava até então, mas de uma opção consciente pela nova ordem. A contradição evidenciava-se, quando, na mesma página em que se veiculava na íntegra a Carta Pastoral de D. Miguel Valverde, concitando a sociedade civil à obediência irrestrita às novas autoridades políticas revolucionárias, publicava-se com destaque um artigo do Padre Luiz Góes, "*Salvemos o Brasil*", no qual o sacerdote, conclamava o clero a conduzir a sociedade com o objetivo de compreender que a revolução era

*"um direito inalienável, conferido por Deus ao povo, que tem o poder de arrancar o mandato dos que pelo despotismo, fraude e traição, degradaram o regime político".(24)*

No dia 13 do corrente teve lugar em nossa Matriz uma missa de acção de graças.

Foi celebrante o revmo. Padre Alfredo Camara, capellão das forças revolucionarias e major honorario do exercito.

Após a missa o Padre Alfredo Camara pronunciou entusiastico discurso, incitando com palavras vibrantes os reservistas do exercito e os voluntarios alli presentes em grande numero a não esquecerem nunca os dias que haviam passado juntos em tão grato ambiente de verdadeiro patriotismo.

As lições de civismo, que haviam recebido deviam ficar gravadas no espirito de todos, compreendendo ao mesmo tempo que o verdadeiro patriota tem como principal dever conhecer e servir o Deus dos exercitos.



Photographia tirada após a missa na qual se vê o Padre Alfredo Camara.

Ilustração 3 - "Missa de Acção de Graças pela Revolução de 30",  
IN Jornal A GAZETA, 25.12.1930, p 7

Assim, o laicismo republicano passou a ser apresentado como: despótico, fraudulento e traidor. Fazia-se necessário apoiar a revolução que prometia fazer justiça ao povo brasileiro, permitindo que este tivesse o direito de educar seus filhos na religião dos seus antepassados.<sup>(25)</sup>

A Igreja conferia apoio ao reivindicar participação junto à nova ordem instaurada, apesar de o seu discurso se revestir de uma pseudo-aparência de neutralidade frente ao poder instituído. Todavia, este ocultamento mascarava a prática que se efetuava com uma inserção direta junto aos revolucionários. (Ilustração 3) Em várias cidades do interior do estado, os religiosos foram cooptados para prefeitos, assumindo a Igreja Católica a liderança política do município. Justificava-se, que se tratava de um dever patriótico que nenhum eclesiástico deveria recusar.<sup>(26)</sup>

A Revolução de 30, apresentava-se para a Instituição como um "*benedicto amanhecer de ressurreição*". Neste sentido, retoma-se nos anos 30 o conceito de modernidade em defesa da reintegração da Igreja no cenário político nacional. A imprensa religiosa debatia-se pela idéia de que para um país ser moderno e uma grande nação, não haveria a necessidade de se expulsar Deus das escolas. E, por outro lado, o querer ser moderno, implicava também ser identificado com as idéias bolchevistas ou exóticas cujo sistema pedagógico não tinha por finalidade - segundo o discurso da imprensa religiosa- a espiritualização dos indivíduos.<sup>(27)</sup> Logo após o golpe comunista de 1935, em crítica a Gustavo Capanema, então Ministro de Educação e Saúde, a Igreja afirmava que aquele político se apresentava oscilante em elaborar um plano de educação que tivesse em sua base a moralidade da escola e a extinção do ensino marxista "*que ainda anda com uns ares de coisa moderna*".<sup>(28)</sup>

Um pronunciamento de Nilo Pereira no jornal **A Tribuna**, quando da Revolução de 30, antecipou este projeto católico que seria veiculado em 1937, quando o mesmo assumiu a direção do ensino em Pernambuco. Fazendo apologia ao novo momento político, Nilo Pereira afirmava que aquele movimento trazia em seu bojo, a maior verdade

contemporânea que consistia na volta do Brasil às suas raízes católicas. Retomando o conceito de moderno colocava-o como consequência das utopias, devaneios e miragens das ideologias da época contemporânea. Ressaltava porém que as mesmas eram inadmissíveis numa nação "*predestinada*" ao catolicismo. Via nesta ruptura com o liberalismo laico, a implantação do espiritualismo católico, cujo ressurgimento determinaria a morte dos "*falsos profetas*" visionários.<sup>(29)</sup>

Nilo Pereira era enfático, analisando o retorno da sociedade às raízes católicas, como produto de um determinismo histórico, do qual não se teria como fugir. Conclui o artigo, "tranquilizando" a comunidade dos não católicos - "os outros" - ao afirmar não ser pretensão da Igreja fazer nenhuma espécie de coesão católica. O comportamento reivindicatório da Igreja nos anos posteriores, especialmente após os ganhos na Constituição de 1934, desmentem aquela afirmação: para a Instituição, somente no catolicismo havia verdade e fé, às outras crenças era reservado o lugar de heresias, mentiras, e o pior dos crimes: a pecha de ligação com os bolchevistas.<sup>(30)</sup>

Em dezembro de 1937, logo após a instauração do Estado Novo, a Igreja radicalizava, aconselhando e convocando os católicos a assumirem uma posição política, e ressaltando que seria um mal incalculável permanecer um católico indiferente à vida política de sua pátria.<sup>(31)</sup> Os jornais e as revistas católicas de Pernambuco reproduziam, sistematicamente, a pressão da Instituição para instaurar o ensino sob a égide do primado espiritual. A discussão perpassava sempre pela crítica ao liberalismo que levava ao laicismo tornando-se gerador do comunismo. Nesta visão, o bolchevismo russo era apontado como consequência fatal do liberalismo da revolução francesa.<sup>(32)</sup>

É quando emerge uma linguagem e uma ação de extrema excludência no discurso religioso, reificando o conceito de Cruzadas. Fazia-se analogia do Brasil com o México, a Espanha e a Rússia "sovietizada". Daí os apelos conclamativos à sociedade para que a mesma se empenhasse numa luta contra os "*falsos profetas*," que estariam querendo tornar o Brasil

"sovietizado." Conclamam-se os católicos a entregarem suas vidas, lutarem, uma vez que o inimigo já havia sido identificado. Atrelado à sua imagem "amedrontadora" previa-se um futuro "desgraçado" e "infeliz" para o Brasil:

*"pela vastidão do nosso território, pelo problema econômico que nos amedronta, um Brasil soviético será mil vezes mais desgraçado do que a própria infeliz Rússia"*<sup>(33)</sup>

A idéia de Cruzada persistia como uma forma de ação da Igreja Católica para recristianizar o mundo. Nos momentos de desequilíbrio, de perda de poder político, o espírito cruzadista emerge sob novas roupagens. Assim aconteceu em pleno século XX, quando a Igreja se organizou para lutar contra o liberalismo, o comunismo e o judaísmo: eleitos como pertencentes ao corpo de heresias do século XX.

Essas nossas reflexões remetem-nos à análise de Elias Canetti, em sua obra **Massa e Poder**, que ressalta o fato de a Igreja Católica nos momentos de crise usar sua própria massa [o clero], que *"convertidos em agitadores, cruzam o país, instigando as pessoas [a massa aberta] a uma atividade que em condições normais prefere evitar."* O medo de concitar esta massa aberta, levou sempre a Igreja a impor limites, através de uma hierarquia entre a Instituições e seus fiéis, presente em vários rituais: seja, nas procissões, em que esta hierarquia é bem delimitada, seja nos recintos fechados dos cultos. Para Canetti, a Igreja só sai de sua *"elegante reserva"*, quanto à utilização da massa aberta em momentos muito especiais. Conclui, afirmando que *"o exemplo mais grandioso de uma deliberação de massas realizada pela Igreja são as cruzadas"*.<sup>(34)</sup> Neste ideário cruzadista, nos anos 30, três frentes de ação se destacaram em Pernambuco: a *Cruzada de Educadoras Católicas*, a *Ação Católica* e a *Liga Eleitoral Católica*.

## **2.2-A Cruzada de Educadoras Católicas: marcha das mulheres contra o laicismo**

Em 1931 foi fundada a *Cruzada de Educadoras Católicas*, com o objetivo de recristianizar a sociedade através da educação. Esta deveria atuar junto ao professorado do Estado organizando círculos de estudos e debates sobre questões pedagógicas à luz da doutrina católica. Cabia à Cruzada promover também retiros espirituais para as professoras, no sentido de garantir a eficácia do doutrinamento. Os estudos e debates deveriam ser realizados de forma prática, o cerne dos encontros seria destruir a onda de laicismo que segundo as promotoras pretendia nos avassalar. A agenda temática de um desses encontros de estudos, é relevante para a compreensão do doutrinamento realizado pela Cruzada junto ao corpo docente do Estado. Basicamente acionavam alguns conceitos que tinham como matriz a preservação de valores morais, o papel da família e a necessidade de disciplina:

- *Como ensinar catecismo na Escola Nova - Profa. Celina Didier*
- *As virtudes morais do educador - Profa. Iracema Moraes*
- *A colaboração da família na obra da educação- Profa. Aureolina Costa*
- *Concepção da disciplina na Escola Nova - Profa. Hercília Cunha*
- *Como cultivar as virtudes morais dos nossos alunos - Profa. Maria Teresa Lins de Melo*
- *A coeducação sob o ponto de vista religioso - profa. M. José Miranda.*<sup>(35)</sup>

Assim, a CEC trabalhava em cima do paradigma pedagógico da Igreja, refutando as possibilidades de abertura advindas com o movimento escolanovismo. Na verdade a CEC nada mais fazia do que ocupar o espaço



Ilustração 4 - "Vista parcial da Assembléia Magna no Teatro Santa Isabel aos 10 de maio de 1931, em regozijo pelo decreto do Governo Provisório facultando o ensino religioso", IN Arquivo da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, Recife, v.2, 1939

cedido pelo Estado, sob a orientação da Igreja, e lançar as bases de uma caminhada que culminaria com o advento do Estado Novo. Em 1937, o círculo se completou: a CEC era a responsável não só pela idealização do novo programa de ensino religioso instituído em Pernambuco mas, também pela implantação do Projeto Político-Pedagógico. Os responsáveis pela elaboração e execução, eram portanto os mesmos que atuavam na Cruzada Católica.<sup>(36)</sup>

A CEC apesar de funcionar desde 1931, somente foi inaugurada em 10 de julho de 1932, em sessão solene, sob o lema: "*Educação Cristã da Mocidade de Pernambuco.*" O discurso de abertura proferido pelo Padre Carlos Leoncio, salesiano, agridia de imediato o Manifesto dos Pioneiros Escolanovistas, criticando os pedagogos liberais internacionais, e fazendo apologia à pedagogia de São Tomaz de Aquino, Frans De Hovre, e às idéias pedagógicas fascistas de Gentile. Este pode ser considerado como o primeiro passo, para o pressionamento sistemático junto ao poder político do Estado, na tentativa de "catolizar" o ensino em Pernambuco.<sup>(37)</sup>

No entanto o Decreto nº. 19.941 de 30 de abril de 1931, que dispunha sobre a instrução religiosa nas escolas, insidia em dois artigos que feriam a soberania demandada pela Igreja. Conforme o Art. 3º o ensino religioso só poderia ser ministrado se houvesse no mínimo 20 alunos que se propusessem a recebê-lo. Pelo Art. 11º, o governo poderia, por simples aviso do Ministério da Educação e da Saúde suspender o ensino religioso nas escolas oficiais "*quando o exigirem os interesses da ordem publica e a disciplina escolar*". Percebe-se que o Estado através destas restrições não abre mão do poder que tem de "ordenar". Faz uma concessão com garantias. Para a Igreja que se arvorava o manancial gerador da ordem politica, econômica e social, o texto da lei era ultrajante.<sup>(38)</sup>

A CEC considerava o ensino religioso facultativo nas escolas, uma "*nesga de luz no meio das trevas*" (Ilustração 4). Todavia, discorrendo analiticamente sobre o Decreto nº. 19.941, criticava as autoridades

responsáveis pela educação religiosa, acusando-as de displicência, a qual evidenciava o "*nível de nossa ideologia pedagógica*". As críticas incidiam principalmente na linguagem empregada pela lei que permitia o ensino religioso sem, entretanto, torná-lo obrigatório, fato que só ocorreria três anos depois:

*"ensino religioso, "sem determinar que religião seja, num país que o espiritismo e seitas estrambólicas, americanas [protestantismo] quer ter a honra de ser religião."(39)*

Objetivando ampliar seu poder de pressão, a CEC passou a aceitar no seu quadro, a partir de 1934 professores homens, ultrapassando sua proposta inicial de associados que atingir, efetivamente o público feminino.<sup>(40)</sup> Interessante observar que, neste mesmo ano, quando a Constituição seria votada, a Igreja acenava com sua conquista máxima: transformar o ensino religioso facultativo em obrigatório, além de compartilhar o poder político, expresso como uma "*Colaboração recíproca*."

Após a Intentona Comunista de 1935 em Pernambuco, a Igreja intensificou sua campanha anti-comunista, tentando persuadir a sociedade pernambucana de que os comunistas estavam dominando os cargos públicos e especialmente, os da área da educação, transformando o estado em uma nova Rússia. Seis meses após, as notícias veiculadas pela imprensa nacional sobre a Guerra Civil Espanhola (1936/1939), corroboravam este discurso, alimentando o imaginário político dos anos trinta. A imprensa católica veiculava textos virulentos sobre os revolucionários, reproduzindo fotos de igrejas espanholas invadidas, com seus utensílios sagrados, "*profanados pelos ateus comunistas*".<sup>(41)</sup> José Murilo de Carvalho, ao analisar a construção do imaginário social na primeira República comparando-o com o da Revolução Francesa, observa a relevância da proposta de se edificar uma imagem do novo regime, construindo-o nos moldes do regime emergente. Para Carvalho, "*a elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político*."<sup>(42)</sup>



MANSA DO III CONGRESSO EUCHARÍSTICO NACIONAL

Ilustração 5 - "*dia da família*", IN Álbum Revista do III Congresso Eucarístico Nacional do Recife, 1939

Assim, a Intentona Comunista inspirou a Igreja, no ano seguinte, a empreender uma campanha fundamentada na imposição de um dos mais marcantes símbolos do catolicismo: a exposição pública do crucifixo em todas as escolas do Estado, salvaguardando o imaginário das tradições do catolicismo.

A Igreja apregoava sob esta ótica, em manchetes bombásticas, que as normalistas de Pernambuco exigiam a recristianização da escola.<sup>(43)</sup> Na petição das futuras mestras e estas se auto-intitulam mulheres defensoras da Educação e da Pátria, identificamos a mesma linguagem da *Cruzada de Educadoras Católicas* contra o comunismo, em que as normalistas afirmam que a defesa do patrimônio moral do estado é tarefa das educadoras escolares ( Ilustração 5). Repetindo o discurso veiculado pela imprensa religiosa acerca dos supostos estupros infringidos às mulheres, leigas e religiosas, pelos comunistas no México, as normalistas se posicionavam como defensoras da honra da mulher brasileira, apontada como o "*penhor sagrado da inviolabilidade dos nossos lares*". Concluem a petição referindo-se ao movimento de novembro de 1935, como uma grande ameaça, similar àquela representada pela invasão holandesa de 1580. Recuperando a epopéia desempenhada pelas mulheres pernambucanas em Tejucupapo, frente ao invasor infiel, o holandês, comparam-no aos comunistas, que também colocavam em perigo a pátria e a família:

*"considerando que os inimigos da pátria e da família, infiltrando-se pelas camadas sociais, derramaram o sangue dos nossos irmãos e ameaçam ainda os fundamentos da soberania nacional, os corações das jovens pernambucanas palpitam sob o mesmo ritmo que activou as heroínas de Tejucupapo contra o invasor sanguinário".<sup>(44)</sup>*

Em ofício datado de 20 de maio de 1936, a Igreja justificava ao Secretário do Interior, a importância de afixar o crucifixo nas escolas, ressaltando numa linguagem carregada de simbolismos, que o crucifixo representava a fé e a redenção do Brasil.<sup>(45)</sup> Louvava também a atitude de

manifestação de civismo das estudantes, apontada como um contraste na conjuntura por que passava Pernambuco:

*"quando a horda nefasta de mercenários vis se levanta cheia de ódios propagando idéas que corrompem os costumes, extinguem os dogmas christãos[.] destrõem a família e aviltam a pátria".<sup>(46)</sup>*

Dois meses antes uma lei salazarista obrigava o uso do crucifixo em todas as escolas portuguesas. O jornal **A Gazeta**, chegou a elogiar a atitude da *Camara Corporativa Portuguesa*, que estava cuidando de proporcionar um plano de educação, em que não houvesse uma brecha favorável á infiltração das teorias "anárquicas", que estivesse expurgado da obra tida como infernal e criminosa dos agentes da Terceira Internacional e, finalmente que contasse com uma propaganda nacionalista e ordeira, oposta à preparada pelo "*bureau da propaganda comunista, montado em repartições especiaes da Russia*".<sup>(47)</sup>

Em 1939, **A Tribuna** ressaltava em artigo intitulado "*A feliz idéa de um operário*", a proposta de o mesmo colocar um crucifixo nas salas do sindicato. O jornal, porta-voz da Cúria Metropolitana de Olinda e Recife, mostrava a relevância da imagem do crucifixo nas salas sindicais, onde as questões operárias eram resolvidas, ressaltando que isto era realizado com todo o critério e a justiça, à luz dos ensinamentos da Igreja, apontada como a única detentora dos verdadeiros conceitos sobre a personalidade humana.<sup>(48)</sup> Retomando as reflexões de José Murilo de Carvalho sobre o imaginário político, reafirmamos que "*símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura codificada, tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos*".<sup>(49)</sup>

O discurso da Igreja concentrava-se na idéia da corrupção dos costumes, na destruição da Família e da Pátria pelos comunistas, identificados como mercenários vis. O lema era salvar o Brasil e Pernambuco da avalanche bolchevista. Este discurso "cruzadista" gerou conflitos em 1935 com o governo de Lima Cavalcanti, acusado de entregar cargos - Secretarias

do Estado - em mãos pouco confiáveis de ateus e comunistas. Na realização da Assembléia Legislativa de Pernambuco em 10 de dezembro de 1935, parlamentares católicos denunciaram o Governador de ter-se acercado de elementos de ideologia contrária ao regime político brasileiro, permitindo a infiltração de elementos comunistas que estariam assessorando o poder. Este teria transformado as repartições públicas em verdadeiros tribunais de agentes da Terceira Internacional. À "querela dos secretários", como a Igreja denominou à esta situação, Lima Cavalcanti respondia que não lhe interessava saber se seus secretários eram ou não comunistas.<sup>(50)</sup> Evidenciava-se a posição de tolerância do governo Lima Cavalcanti para com outros políticos, assim como se percebe a importância que o governo Getúlio Vargas dava à vinda de Agamenon Magalhães para "*restaurar e higienizar Pernambuco do governo bolchevista do Sr. Lima Cavalcanti*".<sup>(51)</sup>

Lembraríamos que após a Intentona de 1935, Lima Cavalcanti foi acusado de ser conivente com o golpe comunista. A bancada católica da Assembléia Legislativa do Estado, uma semana após a Intentona, recomendava que todos retirassem suas máscaras, especialmente os elementos governistas próximos à administração, e então apareceriam os perturbadores da ordem: os comunistas, identificados como os elementos dissolventes da sociedade e da família. Utilizando-se de uma retórica que infundia o medo na população, os deputados católicos profetizavam a capitulação do Estado de Pernambuco pelos comunistas, apontados como veiculadores de misérias e insanidades.<sup>(52)</sup>

Lima Cavalcanti chegou a se desculpar em público de sua conduta, reiterando sua fidelidade ao regime autoritário do governo Vargas, e se prontificando a colaborar sem hesitação para a extinção das ideologias importadas da Rússia. Seu discurso perpassa pelos itens-chaves esperados pela Igreja e pelo Estado em Pernambuco. Comprometia-se a extinguir o mal pela raiz compondo seu secretariado com elementos identificados com o regime e o sentimento geral. Propunha-se também afastar dos cargos os que pela propaganda e pela ação representassem suspeitas de ameaçar ou

perturbar o sossego público. Conclui de forma a dirimir qualquer dúvida acerca do seu ideário reafirmando que o povo de Pernambuco poderia contar com ele para reagir a qualquer forma de expressão do movimento comunista.<sup>(53)</sup>

Esta conjuntura política leva a Igreja a intensificar a sua estratégia de interferência no campo educacional, além de intervir na distribuição dos cargos públicos. Diante dos obstáculos à sua preeminência sobre a educação, a sua proposta de intervenção junto às esferas do poder, nos anos 30, deveria fazer-se através:

- do controle de cargos públicos,
- da interferência na área educacional,
- da criação de Conselhos Regionais ou diocesano
- de um Conselho Geral da Educação por parte das autoridades eclesiásticas.

Caberia a estes Conselhos traçar as diretrizes da educação católica brasileira, além de supervisionar o conteúdo dos livros didáticos. A idéia central era cristianizar os programas do Ministério de Educação. Afirmava-se que esta mudança seria realizada sem se interferir na qualidade. A percepção da importância da legislação como instrumento político era evidente no discurso da Igreja ao lembrar aos legisladores brasileiros que quando estão legislando, estão dando leis para um país católico. Acrescentava-se que o erro dos legisladores de 1889, residia no fato de que a direção das mentes católicas estava nas consciências atéias, laicas e liberais, dando como consequência um lamentável dissídio, entre a legislação que surgiu e o povo que a mesma devia servir.<sup>(54)</sup>

Para isto fazia-se necessário a interferência do laicato católico nos cargos decisórios da política local e nacional e através deste, efetuar-se-iam os ganhos da Constituição de 1934, na área do ensino e do poder político. Esses intelectuais católicos, alguns políticos, deveriam concretizar os objetivos da Igreja junto à sociedade sociedade civil, assumindo a luta

contra os " *ateus comunistas*". Segundo a versão corrente, estes tinham-se tornado desbravadores de um caminho que levaria as novas gerações para o advento do socialismo integral e revolucionário.<sup>(55)</sup>

Em seu discurso dirigido contra a filosofia da Escola Nova, a Instituição deixa evidenciado seu temor de ver as futuras gerações como não continuadoras "fiéis" dos dogmas romanos. Acusava a pedagogia defendida por Dewey, de ser social radical e responsável por "*inocular o germe destruidor*" [bolchevista] na formação católica de nosso povo.<sup>(56)</sup> Para impedir este processo e garantir a formação de futuros políticos católicos, a Igreja assegurava que era necessária a criação de escolas que formassem profissionais católicos, futuros mestres comprometidos com o ideário da pedagogia catequética; enfim, mestres que edificassem em nosso magistério a pedagogia verídica, livre dos erros e unilateralismo das concepções da pedagogia moderna. Não bastava ter o catolicismo na sociedade, era mister uma preeminência maior, que se apresentava na atitude de "*catolizar de verdade*" os estabelecimentos de educação. A pedagogia catequética vislumbrava as escolas e cursos superiores como verdadeiros centros de formação espiritual, em vez de meras

*"máquinas de fabricar estudantes mal preparados para resistir à propaganda insidiosa dos professores ateus e comunistas confessos ou embuçados"*.<sup>(57)</sup>

Esse receio para com o futuro das gerações foi bem expresso por Oscar Mendes, representante do laicato católico nacional, que ao analisar a Universidade de Coimbra e o Seminário de Olinda, criado pelo bispo Azeredo Coutinho, no início do século XIX, justifica que aquele religioso, por ter sido educado naquela universidade portuguesa, não percebeu que trazia para o Brasil, padres e professores imbuídos de "*idéas libertárias e doutrinas falseadas*". Segundo Mendes, esses mestres, teriam transformado a maior casa de Educação do Brasil em um "*viveiro onde, se alimentaram e criaram forças de difusão as idéas liberais*". Interessante a figura de linguagem utilizada: faz-se uma analogia entre o viveiro, local de procriação

e crescimento, e os locais destinados à educação. Neste sentido, Mendes ressaltava que a Escola dos Jesuitas, que deveria ter sido "*sementeira*" de padres obedientes, virtuosos e instruídos, transformou-se em local de irradiação do liberalismo revolucionário.<sup>(58)</sup> Fazia-se necessário, portanto, não repetir mais esses erros, e isto só seria possível, com a preeminência não só sobre as escolas, mas, também sobre os temas de ensino, legislação e consciências dos que as elaboram.

Diante de toda esta demanda da Igreja, a implantação do Estado Novo em Pernambuco foi considerado, como o momento propício para barganhar junto ao poder político, o espaço almejado desde 1930. Enquanto instituição secular ela oferecia um paradigma catequético que respondia ao momento de crise em que o Estado autoritário buscava legitimidade. Os cânones de obediência, autoridade, fidelidade e ordem, representavam alguns dos cânones presentes no paradigma político nacionalista do Estado Novo.

Associada ao modelo catequético, a Igreja tinha a seu lado um laicato fiel, representante da elite dominante do Estado, verdadeiros intelectuais orgânicos, que elaboravam e sistematizavam as visões de mundo a serem interiorizadas na sociedade civil. Segundo Antonio Novais Filho, prefeito da cidade de Recife em 1937, estávamos diante de

*" um punhado de inteligências cultas que ligada ao verdadeiro espírito do catolicismo, procura recristianizar todo o nosso meio".*<sup>(59)</sup>

Assim, a própria Igreja declarava que a organização do laicato trazia para o seio de Roma, neste século, uma "*uma força nova e terrível*", que mais uma vez a tornaria invencível. A partir de então, uma verdadeira cruzada contra o laicismo seria empreendida no Estado. Concretizava-se em Pernambuco, com a instauração do Estado Novo, o antigo ideal empreendido por D. Sebastião Leme desde 1916: a colaboração recíproca através da aliança entre o espiritual e o temporal.<sup>(60)</sup>

Esta nova configuração do poder da Igreja junto à esfera do político em Pernambuco, ficou evidenciada no domínio dos cargos públicos por intelectuais católicos, identificados pela classificação de bons católicos referência marcante e sempre presente na correspondência particular do Interventor Agamenon Magalhães com o Presidente Getúlio Vargas.<sup>(61)</sup> Na indicação dos nomes a serem cooptados para os postos políticos do Estado, ser "católico praticante" e viver dentro da liturgia do catolicismo, exigia-se como pré-requisito para a ocupação de um cargo público. Estes critérios garantiam ao Estado um corpo de funcionários "fiéis e obedientes" à filosofia católica, "*fascinados pela ordem, jerarchia e disciplina*".<sup>(62)</sup>

Alceu Amoroso Lima foi mais além, ao afirmar que o grande trabalho da Igreja, residia em operacionalizar a passagem de católico praticante para militante. Para ele, onde houvesse um católico militante, haveria a possibilidade de barrar a ação anticatólica, que mesmo subterrânea, era sempre perigosa.<sup>(63)</sup> Interessante observar que este mesmo pré-requisito usado pela Interventoria Agamenon Magalhães, o de ser católico praticante para compor as fileiras da elite governante, foi também utilizado, no mesmo período pela Espanha franquista.<sup>(64)</sup>

Nos primeiros meses, após o golpe de 10 de novembro, as relações entre a Igreja e o Estado, no que diz respeito à educação, eram ainda extremamente vulneráveis. José Campello, católico praticante, redator-chefe do jornal **A Gazeta**, -porta-voz da Matriz da Boa Vista- foi criticado violentamente pelo jornal, **A Tribuna**, por haver escrito um artigo louvando o Presidente Getúlio Vargas, que pretendia desenvolver uma educação religiosa moral e cívica, orientada por uma doutrina oficial. Mesmo se tratando de um representante do laicado, a Igreja reagiu a essa proposta. Ao seu ver, a interferência do Estado na educação religiosa poderia levar à criação de uma religião direcionada pelo Estado. Isto era perigoso aos olhos da Igreja, que temia a reificação do Estado e o atrofiamento da Igreja:

*"quanto a nós, católicos, só temos motivos de combater uma semelhante pretensão do Estado, querendo impor uma*

*educação religiosa, orientada por uma doutrina oficial (...) ou o Estado quereria com isso criar uma escola confessional própria, o que resultaria forçosamente, no estabelecimento de uma confissão estatal, levando à religião do Estado, à sua auto divinização".<sup>(65)</sup>*

No entanto, os tempos eram outros: não estava em questão a luta pelo resgate da religião oficial de Estado, e sim compartilhar do poder político e exercer o monopólio sobre a educação. Em vários momentos, a Igreja procurou deixar evidentes os limites das fronteiras do poder do Estado. A Cúria Metropolitana de Olinda e Recife, era enfática esclarecendo ao Estado todas as vantagens de um acordo entre os dois poderes:

*" que tanto mais se coordena com ele, e mais concorre para a sua conservação, deverá ser o primeiro a reconhecer também na Igreja a sua missão educativa".<sup>(66)</sup>*

O Arcebispado, poder religioso máximo em Pernambuco, deu o ultimato ao Estado, apontando as vantagens de um acordo com o poder religioso: este contribuiria para a preservação do novo regime, mas, em contrapartida, aquele lhe devia o reconhecimento da missão educadora da Igreja junto à sociedade civil. A instituição não temia mais este tipo de confronto, visto já ter a sua posição firmada através dos seus fiéis escudeiros. Percebe-se no discurso religioso que havia um certo receio de apoiar um regime que se escudava no culto ao salvador político, conforme os moldes nazistas. Daí, a Igreja não hesitar em afirmar que temia pela "*auto-divinização do Estado*".<sup>(67)</sup>

A Igreja acreditava que, monopolizando a educação erradicaria o "*germen*" comunista, expurgando os professores que estavam degradando o alto e nobre ofício de ensinar e conduzir a juventude.<sup>(68)</sup> Estas idéias firmaram-se como um compromisso da Igreja frente ao Estado. Através de sua pedagogia catequética, ela extirparia o "*germen dissolvente*", mantendo uma atitude de vigilância e profilaxia, barrando a "*inoculação*" das doutrinas exóticas. Ao seu ver o domínio da educação deveria pertencer-lhe, porque

através dele a instituição perpetuaria sua filosofia e seu poder garantindo o futuro das novas gerações.<sup>(69)</sup>

Interessante observar que o Estado era tratado, simbolicamente, como um corpo doente, infectado. O comunismo e o liberalismo eram apresentados como um mal a ser extirpado, tese esta já defendida por alguns historiadores brasileiros.<sup>(70)</sup> A nação estava doente, assim como a escola primária estava poluída de docentes infectados pelas idéias bolchevistas:

*"o expurgo deve abranger o ensino primário e certamenete com maior severidade que nas escolas secundárias e superiores. A escola primária está polluída por muitos professores e professoras infectados pela demagogia comunista".<sup>(71)</sup>*

A Igreja apontava, convicta, as manifestações da doença: "*membros gangrenados*". A educação era portanto a única possibilidade de profilaxia. Daí a solução apresentada ser expressa numa linguagem violenta e excludente:

*"a ablação desses membros granguenados, deveria ser feito com cirurgia urgente e sem a contemporização dos anesthetics".<sup>(72)</sup>*

O Estado aceitou o pacto. As vozes dos poderes temporal e espiritual eram uníssonas contra os bolchevistas. Erradicar esses "*infectados, gangrenados*", do corpo sadio da sociedade civil, era portanto alvo da Interventoria Agamenon Magalhães, enquanto que monopolizar a educação era explicitado pela Igreja como possibilidade dela dominar o mundo de amanhã.<sup>(73)</sup> Seu discurso apoiava-se sempre no ideal de formar gerações fiéis ao catolicismo que garantissem a preeminência da filosofia Católica Romana na futura elite dominante, geração esta que não permitiria dominassem o país tipos como o "*judeu Calles*" apontado como trucidador de cristãos no México. A imprensa religiosa e laica, afirmava que a escola mexicana era "*visceralmente athéa e bolchevista*".<sup>(74)</sup>



Ilustração 6 - "*O chefe do Estado e o arcebispo Primaz, tocam cordialmente as taças*", IN Jornal **FOLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 24.05.1939, p 8

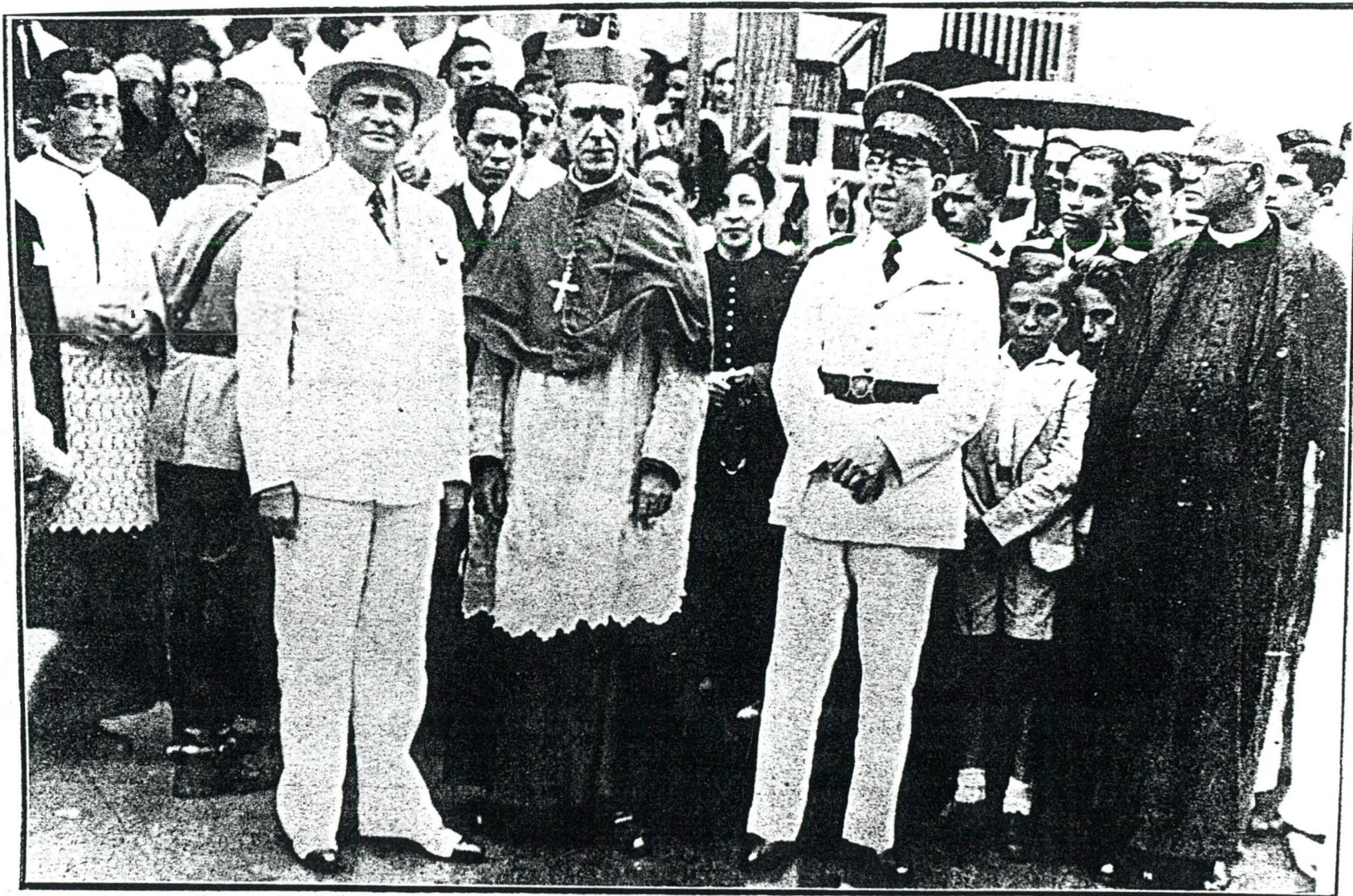


Ilustração 7 - "*Pascoa dos Militares em 8-5-1938*", IN Arquivo da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, Recife, v.2, 1939

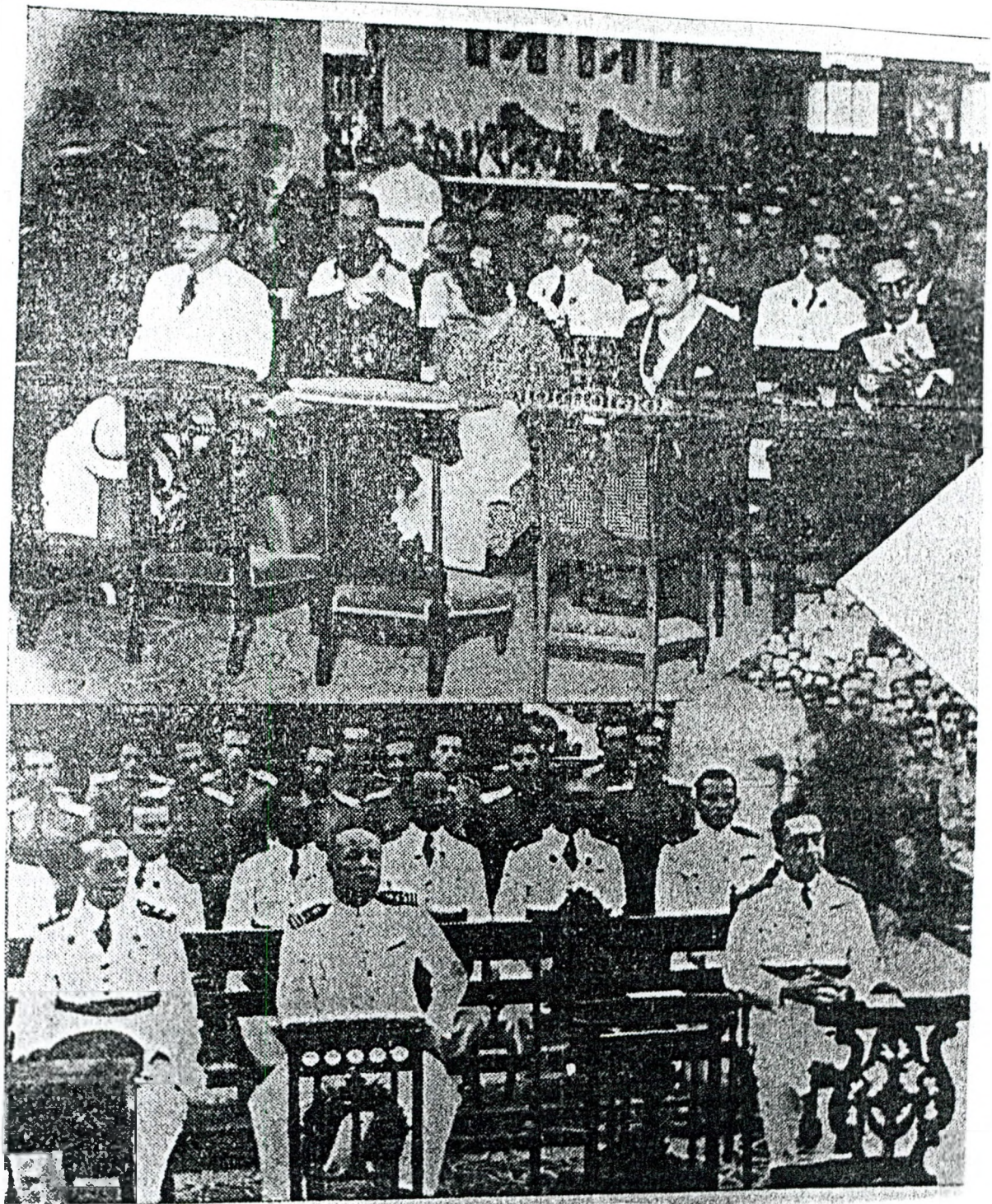


Ilustração 8 - "*Páscoa dos Militares*", IN Jornal **FOLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 03.03.1938, p 1

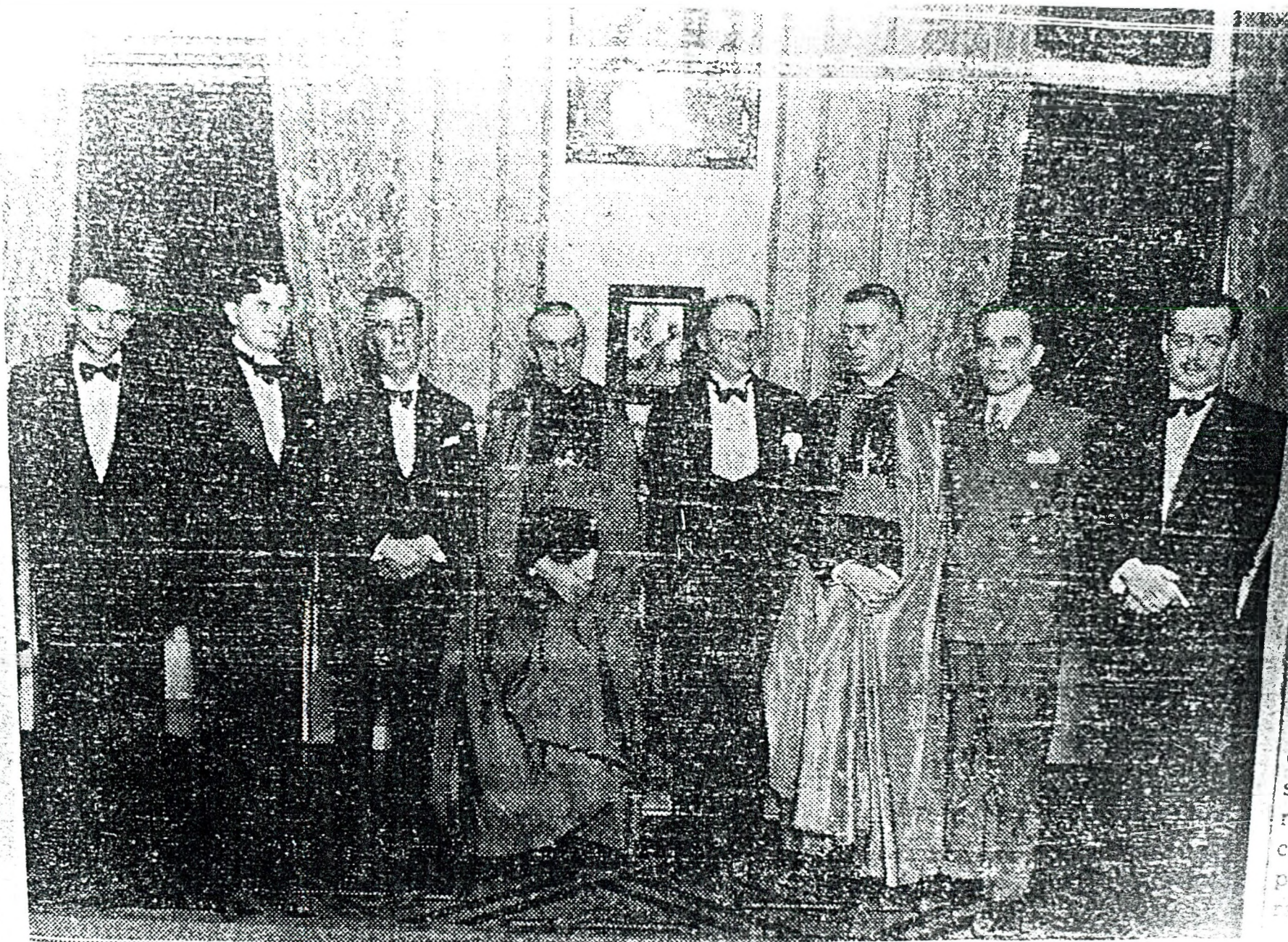
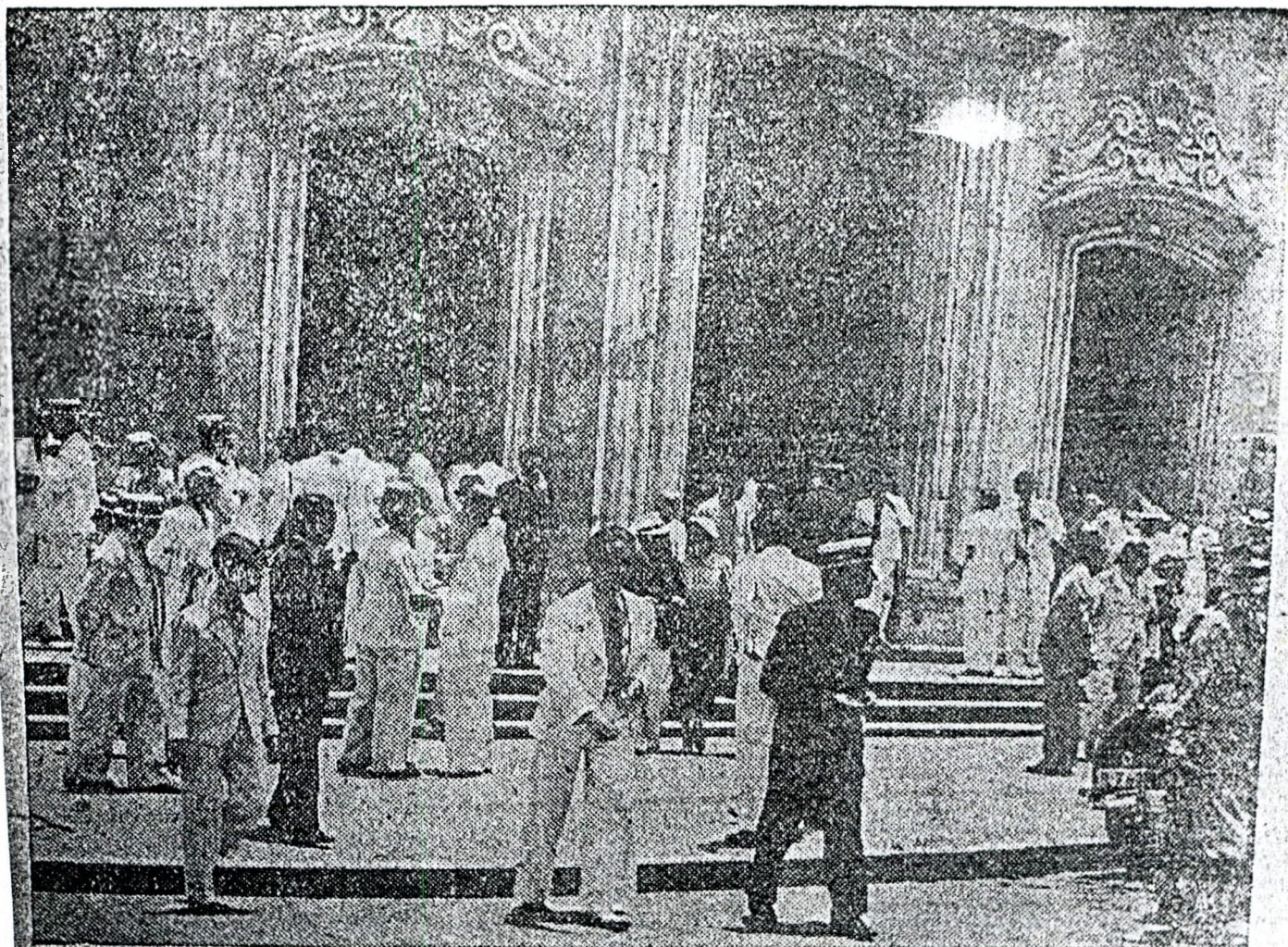


Ilustração 9 - "Banquete oferecido pelo Interventor Agamenon Magalhães ao Bispo Primaz do Brasil", IN Jornal **FOLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 02.03.1938, p 1

# CIDADE PIEDOSA E CHRISTÃ



**Matriz de S. Antonio à saída da missa**

As famílias cristãs do oratório. O dia 04.04.1938

Ilustração 10 - "*Cidade Piedosa e Christã*", IN Jornal FOLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 04.04.1938, p 8

O inimigo comum era o comunismo e, para combatê-lo, Igreja e Estado se uniram em torno do projeto político-pedagógico (Ilustrações 6 - 9). Pernambuco já possuía um grupo de pressão para as demandas da Igreja, reconhecido nacionalmente pela participação na liderança católica quando da Assembléia Legislativa em 1934. Monsenhor Arruda Câmara, Cristovão Barcellos e Barreto Campello - clero e laicato - lideravam o grupo católico em seu *programa* mínimo.<sup>(75)</sup> Se em 1930 a Igreja Católica em Pernambuco vislumbrava na revolução o *renascer benedicto da Ressurreição*,<sup>(76)</sup> em 1937, o círculo se completava ao compartilhar o poder com o Estado. Neste mesmo ano, Felisberto Pereira, Desembargador do Tribunal de Apelação de Pernambuco, sintetizava as relações Igreja/Estado, ao observar que o governo Agamenon Magalhães era um realizador consciente das aspirações da Igreja. Alegava que só uma "*mentalidade obtusa, ou um sectarismo obsidente*" poderia negar esta realidade.<sup>(77)</sup>

Com base nesta retórica fica evidente o papel que a Igreja passou a ter junto às esferas do poder político em Pernambuco, quando se vê que o primeiro ato administrativo de Azambuja Villanova, Interventor que precedeu Agamenon Magalhães no Estado, foi a reintegração do Monsenhor Arruda Câmara no posto de major da Brigada Militar após ter sido exonerado por Carlos de Lima Cavalcanti, o que significou um ato político do Estado para com a Igreja. Os rituais que envolveram a reintegração de Arruda Câmara, almoços, divulgação e convocação pela imprensa de manifestações populares, deram ao evento categoria de um ato político evidenciando o espaço conquistado pelo catolicismo frente ao novo governo.<sup>(78)</sup>

O pacto entre Igreja e Estado concretizou-se sob a forma de uma nova "ordem simbólica", cristã, que tinha como o objetivo legitimar o novo regime junto às massas.<sup>(79)</sup> Esta teoria fica clara na relevância que é dada ao papel da liturgia na Igreja Católica no período em questão. Sua importância na vida do laicado católico, ligado à elite política dominante do Estado, instituiu-se não só na obrigatoriedade da frequência à missa e à eucaristia, (Ilustração 10) como também na pregação constante e persuasiva

de que o centro das associações católicas girava em torno da mesa da comunhão.<sup>(80)</sup> Para aquela instituição, todas as questões fossem elas políticas ou sindicais, seriam resolvidas na mesa eucarística, em que não havia divisão de classes. Esta mesa reunia e dissolvia os conflitos que pudessem existir entre o milionário e o miserável; o cientista e o ignorante. À eucaristia imputava-se o sacramento do trabalho, da igualdade, do amor. Através dela o mundo seria perfeito e a justiça realizada. As revoltas se extinguiriam e ninguém mais morreria de fome. A Igreja trabalhava de forma maniqueísta o oposto dessa relação, apontando para o "plano" comunista, que consistia em acirrar o ódio entre patrões e empregados, incentivando a luta de classes, para "*o aniquilamento da Pátria, vendendo-a ao capitalismo judaico da Rússia*". Assim, ela acenava com o consenso social via ordem simbólica.<sup>(81)</sup>

Em 1939, ao ser instituído o Ano Litúrgico, as Pastorais passaram a ressaltar o papel da liturgia como elo de união entre os católicos.<sup>(82)</sup> O *III Congresso Eucarístico Nacional*, realizado em Recife em setembro de 1939, tinha como um dos seus lemas que o catolicismo militante dependeria do praticante. E afirmava que seria inútil qualquer trabalho, superficiais todas as organizações, se tudo isto não estivesse relacionado com o sacramento diário da missa e da eucaristia.<sup>(83)</sup>

### **2.3- Ação Católica: guia das massas amorfas**

A *Carta do Episcopado Brasileiro*, de 9 de junho de 1935, instituiu oficialmente a Ação Católica, espalhada em grupos por todo o país. O texto do documento é sucinto: dois parágrafos acerca dos objetivos do novo veículo catequético da Igreja, ressaltando os desejos paternos e os elevados propósitos de Pio XI em organizar a *Ação Católica* em todo o mundo, para a salvação das almas e da Pátria.<sup>(84)</sup>

Entender o papel do laicato católico no contexto em questão, não só a nível regional, nacional como a nível internacional, é apreender a

instrumentalidade do mesmo, como único veículo percebido pela Igreja para resgatar o seu poder político junto ao Estado. Recatolizar as mentes, e poder interferir no palco político decisório das nações fazia com que o laicato se tornasse a *menina dos olhos* do Papa Pio XI, não só na Encíclica **Ubi Arcano Dei**, em 1922, criando a Ação Católica, mas em todas as outras Encíclicas subsequentes. A base do discurso do Pontífice sustentava-se na importância dada ao trabalho desses leigos junto aos vários segmentos sociais, fiéis à doutrina de Roma.<sup>(85)</sup>

Esta estratégia permitiu à Instituição salvaguardar seu espaço político, num momento em que a Igreja Católica na Europa passava por perda gradativa de hegemonia desde os primeiros anos do século: Revolução Russa, Revolução Mexicana, Guerra Civil Espanhola. Ao mesmo tempo levava-a a articular uma ação que alijasse dos cargos públicos os ateus bolchevistas e os católicos neutros. Diante de tais fatos, a América tornou-se alvo das atenções de Roma, na perspectiva de barrar os focos comunistas. Um fator preponderante que evidencia esta preocupação de Pio XI com o catolicismo nas Américas, estava na preeminência dada à ida de seminaristas da América Latina para estudarem no Colégio Pio Latino em Roma, que preparava os novos sacerdotes segundo os moldes da *Ação Católica*.<sup>(86)</sup>

Assim a *Ação Católica* passou a ser revitalizada no mundo inteiro pela Encíclica **Ubi Arcano Dei**, com o objetivo de recristianizar o mundo em crise através do laicato fiel. A *Ação Católica*, trabalhando em conjunto com o clero, desempenhou um papel importantíssimo para a recuperação do espaço junto ao poder político. A percepção do Papa Pio XI ao usar uma elite doutrinando-a na obediência fiel aos canônes da Igreja Romana e inferindo-a nos postos-chaves da política nacional, garantiria à Igreja não somente resgatar o poder político, mas também a sua própria linha de continuidade. Por esta razão a Instituição justificava a necessidade de ter intelectuais ligados ao clero, esclarecendo a impenetrabilidade de certos ambientes ao ministério do sacerdote.<sup>(87)</sup>

# Acção Catholica



Educadora da vontade, e fina e segura propulsora do desenvolvimento do espirito humano, a actividade christã, na sua tenacidade evangelica, offerece, a cada passo, a quem acompa-



na o evoluir das nossas idéas, espectáculo como este que é uma synthese sublime do trabalho realizador que não mede sacrificios, nem encara vicissitudes.

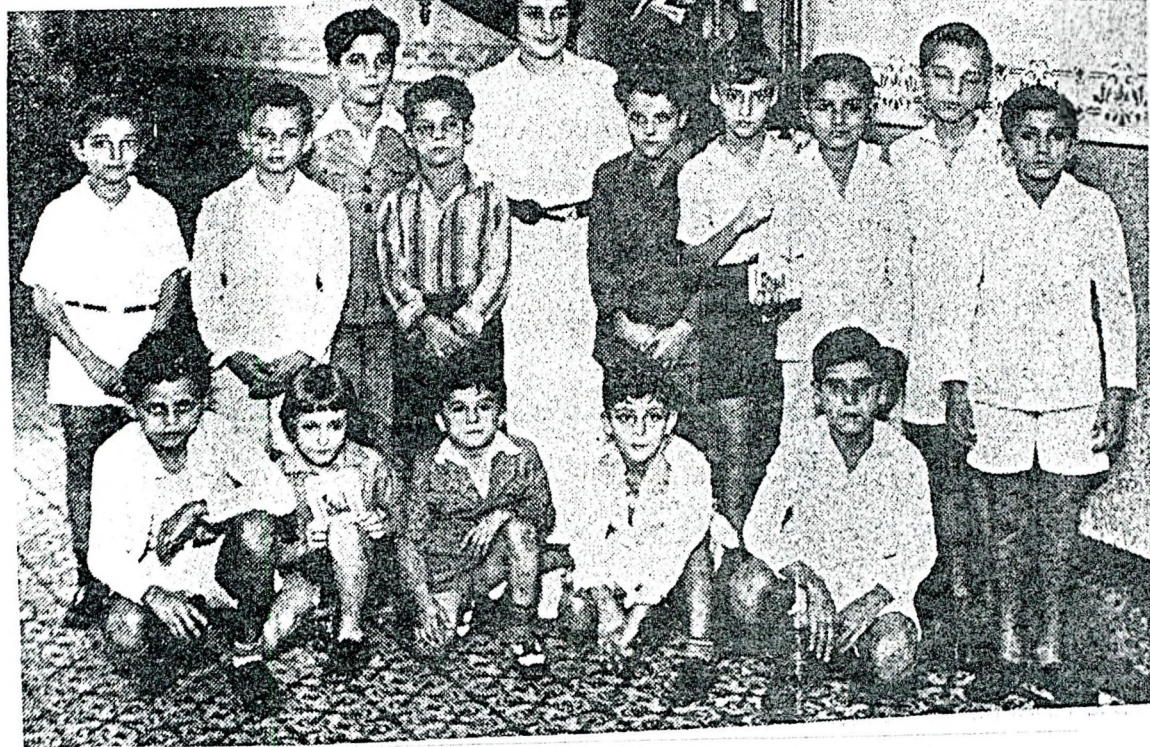


Ilustração 11 - "Acção Catholica nas escolas", IN Jornal A GAZETA, Recife, 17.08.1936, p 19

# Acção Catholica



Ilustração 12 - "Acção Catholica", IN Jornal A GAZETA, Recife,  
17.08.1936, p 11

A revista **Ação Católica**, porta-voz da *Ação Católica* Brasileira, assumiu a divulgação do movimento fazendo intercâmbio a nível nacional e internacional. Utilizando-se de múltiplos subterfúgios, como por exemplo: trazer uma secção de análise de livros e filmes que poderiam ou não ser lidos ou vistos pelos fiéis; apontava também a clientela que deveria ser cooptada para servir naquele apostolado, justificando que nem todos os fiéis poderiam prestar esta colaboração. Afirmava que só uma elite, a qual estaria sempre em minoria, poderia fazer oposição ao mal. Apontava-se então esta elite sã que deveria ter como meta: "*levantar-se e transformar as massas amorphas*". Ao seu ver, guiar e supervisionar essas massas evitaria a infiltração do bolchevismo (Ilustrações 11-12). A massa não era confiável.<sup>(88)</sup>

Compreendemos a formação e a atuação do tipo de trabalho que a Igreja pretendia realizar com os grupos da **Ação Católica**, à luz das reflexões elaboradas por Elias Canetti, ao analisar as relações entre o catolicismo e a massa. Para o autor de **Massa e Poder**, o catolicismo desenvolveu uma obsessiva desconfiança em relação à massa, por sua "*imprevisibilidade e os estalos súbitos*". Esta possibilidade de explosão da massa teria feito com que a Igreja impusesse uma hierarquia eclesiástica, mantendo uma fronteira bem delimitada entre ela e os fiéis. Para Canetti, a massa aberta, livre, sempre representou o *principal inimigo da Instituição, e fez com que ela se opusesse a esta massa de todas as maneiras possíveis*.<sup>(89)</sup> Nesta linha de raciocínio, compreende-se a relevância dada às várias encíclicas, livros e cursos, destinados a explicitar a função da *Ação Católica*, o papel dos intelectuais leigos e essencialmente, a função da Igreja enquanto elemento preeminente na direção dos grupos. Por isto, os grupos de *Ação Católica* estavam subordinados diretamente às paróquias, ficando sujeitos ao olhar vigilante e solícito do vigário. Assim, a Igreja vislumbrava a instrumentalidade da *Ação Católica* afirmando que esta era o feixe de uma vara representada pela unidade da paróquia. O laicato cooptava os componentes para as fileiras da associação, todavia, caberia à Igreja supervisioná-la.

*"Agir-se-á assim do centro para a periphéria. Agrupam-se os átomos para as moléculas, as moléculas para os corpos".<sup>(90)</sup>*

D. Mário de Miranda Villas-Boas, bispo de Garanhuns, em Carta Pastoral datada de 1938, adverte que a *Ação Católica* era direcionada para os leigos, todavia, que estes ficassem restritos à operacionalização dos trabalhos, porque à hierarquia era reservado o elemento diretor. A grande preocupação de que esses leigos se desviassem do reto caminho, levava a Igreja a uma posição de vigilância quanto às regras e diretrizes de controle sobre esses intelectuais, alertando para a importante "*matéria prima*", que representavam homens e mulheres para a construção da obra proposta pela *Ação Católica*. Afirmava, que, se dentro de cada paróquia existisse um vigário "*zeloso e inteligente*", este poderia operar maravilhas, se coadjuvado por elementos leigos de "*real valor e de inquebrantável fidelidade à Igreja de Deus*".<sup>(91)</sup>

Na *Ação Católica* residiam as possibilidades do catolicismo poder resgatar seu papel político junto ao Estado; todavia, ao temor de que esse laicato pudesse tornar-se independente da Instituição, associava-se a advertência de que não poderia existir movimentos isolados, nem ações individuais. A *Ação Católica* deveria ser um movimento coletivo, representando ações oficiais do corpo místico. Dirimindo dúvidas, a Igreja explicava que a *Ação Católica* era um *Instituto oficial da Igreja com definição teológica e Estatuto Jurídico*.<sup>(92)</sup>

A *Ação Católica* utilizou-se do laicato como verdadeiros sátrapas, atuando como os olhos e ouvidos da Igreja. Esta deveria então desenvolver sua missão salvífica junto as mentes dessa elite jovem, levando-a a se afastar de mestres reformadores: o caminho era a educação e a *Ação Católica*. Na medida em que a Igreja forjava essa elite, ela reproduzia e perpetuava o seu poder político. D. Miguel Valverde, Arcebispo de Olinda e Recife, através da **Carta Pastoral Quaresma de 1936**, advertia que o único

meio para a recristianização do mundo seria a organização da *Ação Católica* nos moldes do que ordenava o Pontífice.<sup>(93)</sup>

A Revista **Para o Alto**, porta-voz das lideranças católicas, - Juventude Operária Católica(JOC) e Juventude Estudantil Católica (JEC) - expressava em seu discurso esta elitização da *Ação Católica*. Seus artigos sobre a Juventude Operária Católica construíam sempre a imagem do trabalhador sob a égide da *Ação Católica*: religioso, conformado, ordeiro, pacífico.<sup>(94)</sup> Essa elitização da liderança na *Ação Católica*, proposta por Pio XI é sempre justificada pelo clero e por intelectuais católicos. Alceu Amoroso Lima foi neste contexto, um dos defensores da idéia de se efetivar a relação cultural das elites eliminando os incapazes:

*"dia a dia se mostram as massas mais incapazes de trazer ao mundo a paz e a prosperidade. O século XIX foi o século da alfabetização das massas. o século XX será o da seleção cultural das elites".*<sup>(95)</sup>

O Padre Hélder Câmara, ao criticar em 1933 a pedagogia liberal de Anísio Teixeira, advertia para a relevância de se formar uma elite política católica, através da educação, justificando que "*querer que todos se orientem e se dirijam a si mesmos é esperar que todos sejam elite, todos inteligentes, honestos, vontadosos e sadios*". Para ele este era "*um desejo muito nobre, mas irrealizável*". Podemos considerar que o ideário em voga além de nacionalista era também elitista, visto que buscava, com base nos paradigmas políticos autoritários cooptar os guias intelectuais para as "*massas amorphas*".<sup>(96)</sup>

Este grupo destinado a liderar as massas era apresentado pelo Padre Câmara como sendo uma elite "*vocacionada*", na qual figuravam apenas "*os inteligentes, vontadosos, honestos*", em flagrante contraste com a massa que era apontada como criança grande, necessitada de ser guiada, irresponsável, carente daqueles atributos encontrados no "*outro*".<sup>(97)</sup>

Neste ideário de formar líderes aristocráticos, a "*seleção das inteligências*" tornou-se na prática a opção por uma escolaridade

# SÓ O DESTINO DECIDIRÁ...



A vida é incerta. Prepare seu filho para enfrentar a luta em varios campos, habilitando-o a ingressar, com exito, no comercio, se amanhã não puder continuar seus estudos, como muitas vezes acontece.

DACTILOGRAFIA, TAQUIGRAFIA E CORRESPONDENCIA COMERCIAL

### NOTA IMPORTANTE:

Não damos férias nem incluímos os domingos, feriados e dias santificados na contagem das mensalidades. O aluno paga o que realmente aproveita, aproveitando o que realmente paga. Outrossim, dada a eficiencia do nosso ensino, collocamos nossos alumnos com relativa facilidade, conforme comprovam attestados á disposição dos interessados.

## ESCOLA REMINGTON

DIRECTOR

EMILIO KUHLMANN  
RUA JOÃO PESSÔA, 259, 1º

CRITERIO EFICIENCIA CORTEZIA

Ilustração 13 - "Só o Destino Decidirá...", IN Jornal A GAZETA, Recife, 17.08.1935, p 17

dicotomizada no Brasil: de um lado os que pertenciam à classe dominada e deveriam receber uma educação ligada ao trabalho manual - aos músculos; do outro lado, a elite aristocrática que para, Alceu Amoroso Lima, deve ser trazida do ostracismo, a que foi reduzida pela democracia, caracterizada por aquele intelectual católico como "*a grande onda demagógica, que o século XIX levantou*".<sup>(98)</sup>

O grande argumento para este ensino dicotomizado residia na "natural" seleção das inteligências (Ilustração 13). Laura Jacobina Lacombe advogava uma hierarquia do saber. O conceito elitista ideário que permeava as idéias dos intelectuais pedagogos católicos, atribuía às crianças das classes cultas, um potencial de inteligências ávidas do abstrato, indiferentes ao trabalho manual. A proposta de novos cursos e currículos refletia essa preocupação:

*"os cursos profissionais atendendo à classe pobre; e o curso secundário tradicional, atendendo a formação da elite"*.<sup>(99)</sup>

Noëlle Bisseret, em instigante estudo sobre a questão das aptidões naturais, observa a importância ideológica para as sociedades de apontar os que possuem estas aptidões, como sendo inerentes a cada pessoa.<sup>(100)</sup>

A diretora do grupo escolar João Barbalho, em Recife, Helena Pugô, em sugestivo artigo publicado pela **Fôlha da Manhã**, em 1938, "*Aproveitamento Racional das Vocações*", sintetiza a ideologia do ensino técnico e profissional no Estado Novo em Pernambuco ao defender a idéia de que:

*"os trabalhos manuais educando os olhos, as mãos e o cérebro, promovem a cultura da vontade e da ação e encaminham os alunos para ocupações úteis e produtivas"*.<sup>(101)</sup>

Estas idéias evidenciam o ideário desta educação dualista e a relação intrínseca entre o aprendizado técnico, para a sobrevivência econômica - ocupando as mãos, os olhos e o cérebro- e a modelação da

vontade e do querer do educando. Educação cruel e excludente, que direciona o olhar, os movimentos, o querer, e o realizar. Quase duas décadas depois, Anísio Teixeira um representante do movimento escolanovista pronunciar-se-ia nesta mesma direção:

*"numa das escolas se pretendia educar a mente e noutra as mãos - como se vivêssemos em uma sociedade em que uns trabalhassem e produzissem e outros apenas gozassem e contemplassem".<sup>(102)</sup>*

Na mesma linha, Azevedo Amaral, teórico do Estado Novo, afirmava já em 1930, a necessidade de se formar um estado-maior intelectual da nação, estabelecendo uma "fronteira pedagógica", entre o ensino superior e o ensino técnico, reservado às escolas essencialmente técnicas. O ensino caberia às instituições incumbidas de formar a elite intelectual do país, determinando os rumos do progresso e da sua cultura.<sup>(103)</sup>

Assim, o discurso da educação elitista no Brasil foi construído a partir da proposta de uma seleção natural e eugênica, privilegiadora de uma minoria em detrimento da massa da sociedade. Seleção excludente, sob uma pseudo-aparência de democracia do ensino, enfatizada posteriormente por Capanema como um ensino que oferecia oportunidades para todos: ricos e pobres. Geraldo de Andrade em sua tese de concurso para a cadeira de sociologia, da Escola Normal de Pernambuco, em 1932 elucida este ideário:

*"de um lado está a elite reduzida, de alta cultura, que chegou ao conhecimento das grandes verdades humanas por intermédio de uma inteligência superior, ajudada e guiada por uma força de vontade quasi divina. Do outro, a massa de analphabetos nos quaes os ligeiros traços de humanidade já foram absorvidos, na determinação dos typos, pelas características nitidas do animal".<sup>(104)</sup>*

Ao corroborar esta seleção eugênica das "elites", a Igreja sustentava explicitamente suas idéias: tornava-se necessário o resgate da cultura aristocrática, perdida com a "famigerada" Revolução Francesa e sua "absurda teoria da igualdade".<sup>(105)</sup> Apregoava-se que as tradições e as

heranças não se destroem por decretos e que classes desfavorecidas existiriam sempre numa democracia.<sup>(106)</sup>

A reforma Capanema, em 1942, trazia em seu bojo a consolidação deste dualismo pedagógico, corroborando o disposto na Constituição de 1937, que apontava para a massa da população a configuração de um ensino profissional. A retórica que dominava a Reforma Capanema, impõe-se com expressões do tipo: "*individualidades condutoras, homens que deverão assumir responsabilidades*", com o objetivo de se referir aos condutores do povo, os predestinados aos cursos ginásial, colegial e superior.<sup>(107)</sup>

Desta forma, Estado e Igreja pactuam do mesmo ideário de educação elitista, sustentando um projeto pedagógico excludente, tendo como alvo um inimigo comum: o socialismo que vinha da Europa, e que propunha demandas sociais para a classe trabalhadora. Acreditava-se que através de uma educação dualista seria possível direcionar o "olhar" da grande massa populacional, para imagens e conceitos do Estado autoritário.<sup>(108)</sup> Laura Lacombe, pedagoga católica, que representava o Brasil em encontros de pedagogia no exterior nas décadas de 30 e 40, sintetizou muito bem este ideário elitista, ao questionar:

*"para que fim ensinar a ler ao nosso jéca? com o fim eleitoral? ou para ler romances em série do gênero literário que se encontram às portas dos engraxates".*<sup>(109)</sup>

A questão de uma escolaridade gratuita e obrigatória defendida por Anísio Teixeira e o grupo escolanovista eram criticados pela Igreja, que não conseguia ocultar em seu discurso, o receio de uma educação que atingisse toda massa. O medo deste tipo de ensino, levava a Igreja a apontar nele uma série de aspectos negativos:

*"de desvalorizar o ensino, arruinar as finanças, prejudicar os pobres que necessitam do trabalho dos filhos, comprometer até a necessária reforma econômico-social, que é mais uma questão de justiça e caridade na repartição dos bens materiais, do que uma exigência de*

*difusão igualitária do ensino, criando um proletariado de intelectuais sem trabalho".(110)*

A recomendação da Igreja recaía sobre a necessidade de se ter um ensino apropriado que, em lugar de aristocratizar a massa, favoreceria o operariado através de uma educação profissional. Questionava-se a expectativa do operário preocupado apenas em saber se está diariamente com o almoço garantido, e observava-se que não se poderia ser *"doutor ou bacharel, sem clientes e sem dinheiro"*. Defendia-se a idéia de que se a educação no Brasil seguisse o caminho do liberalismo, teríamos no futuro a *"mexicanização do ensino brasileiro, sonhada e vaticinada pelo Sr. Anísio Teixeira"*.(111)

À visão aristocrática do ensino, a Igreja retoma e associa o conceito antigo de tradição, como sendo um antídoto para a ideologia comunista. Afirmava que quando a tradição de uma pessoa ou de um povo é destruída, tem-se o *"vácuo social e humano, o vácuo moral"*.(112) Este discurso encontra-se permeado pela noção da desordem em contraponto à tradição, apontada como o seu inimigo capital, o demônio social e doméstico para os comunistas. Daí estes a combaterem, infiltrando a desordem. Sob este ponto de vista, portanto, qualquer resquício de tradição que sobrevivesse, representaria a negação do bolchevismo.(113) Dever-se-ia admitir que a salvação do Brasil estava contida na volta à tradição: *"não tenhamos vergonha de ser acoimados de reacionários"*.(114)

Este discurso colaborava para a construção de um imaginário coletivo, em que o comunista se identificava com o demônio, símbolo do mal. Por esta razão a Igreja se imputava a missão de salvar e regenerar a política no Brasil. As doutrinas exóticas, só seriam erradicadas pela função salvadora desempenhada pela pedagogia catequética, apontada como ordeira e nacional. Este discurso trazia na sua essência um determinismo político, segundo o qual todo e qualquer meio de erradicar os *"focos"* bolchevistas era apresentado como ineficiente e falaz. Nesta ótica, preconizava-se que quem fugisse de Roma seria devorado por Moscou.(115)



Ilustração 14 - "Desembarque do Cardial Legado vendo-se ao seu lado o General Firmino Freire, representante do Presidente Getúlio Vargas e o Interventor Agamennon Magalhães", IN **Álbum Revista do III Congresso Eucarístico Nacional do Recife, 1939**

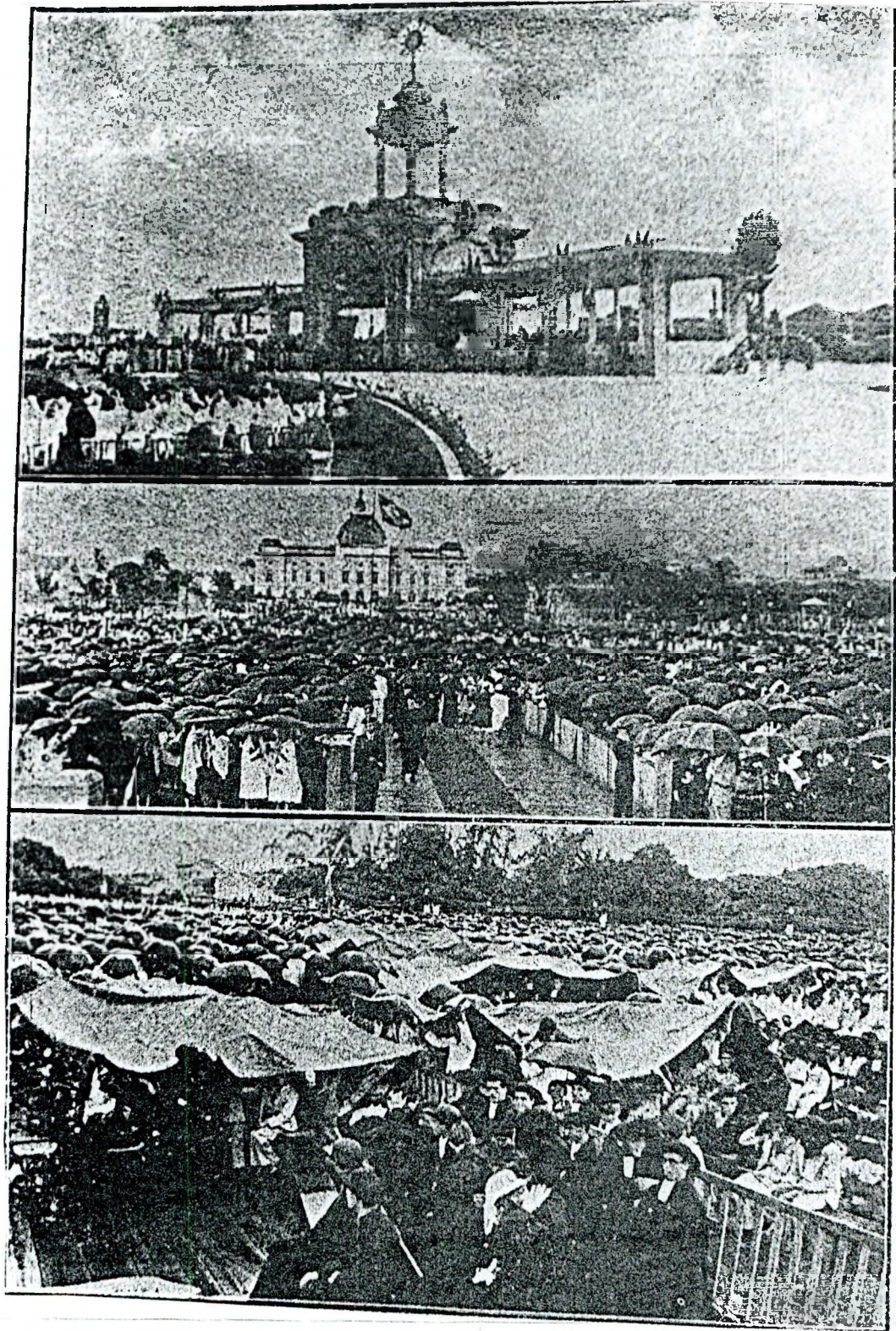


Ilustração 15- "*Encerramento do III Congresso Eucarístico Nacional*", *Annais do III Congresso Eucarístico Nacional*, Recife, 1940



Ilustração 16 - " *III Congresso Eucarístico Nacional*", IN *Annais do III Congresso Eucarístico Nacional*, Recife, 1940

A percepção do momento de crise que o Estado atravessava, foi apreendida pela Igreja, que investiu neste flanco aberto, utilizando-se de numa retórica maniqueísta que afirmava a impossibilidade de a autoridade civil se manter sem o apoio da autoridade espiritual. A leitura que a mesma fazia desta crise residia no comportamento moral e ético de nação contaminada pelo laicismo da República Velha: estávamos diante de uma crise moral. Seu discurso perpassava pela reintegração do Brasil nos caminhos da tradição, da fé e conseqüentemente na moral e na ordem. (116) Pierre Bourdieu em seu trabalho **A Economia das Trocas Simbólicas**, já havia ressaltado a relevância do discurso profético em períodos de crise da sociedade, uma vez este enfraquecimento confere à Igreja a possibilidade de oferecer a instrumentalidade que possui nos seus sistemas simbólicos, redirecionando os princípios que devem plasmar as visões de mundo apontadas pela elite dominante ( Ilustração 14-16).(117)

O discurso profético da Igreja em Pernambuco, no Estado Novo, investindo nesta visão de crise, apresentava solução em direção à formação de uma elite fiel, envolvida nos cargos políticos, comprometida todavia com a erradicação do catolicismo e com a aversão total a qualquer outro credo religioso. Junto à cooptação dessa elite jovem, o paradigma catequético trouxe entre seus cânones, os elementos necessários ao controle sobre este laicato: ordem, fidelidade, autoridade e tradição.

A Interventoria Agamenon Magalhães endossou esta tradição, desde que não estivesse ligada à política. O modelo político estadonovista, deveria ser novo, oposto a tudo o que já se havia feito no Brasil. Tudo deveria ser criação, pois o que foi até então era velho, sem valor transformador, obsoleto. O Estado Novo propunha-se regenerar e criar um novo Brasil, um novo Homem. (118)

No discurso católico, só a tradição com seus ideais poderia resgatar e reproduzir valores significativos como a obediência, a fidelidade e a autoridade. Valores estes também caros ao discurso estadonovista. Sob todos os aspectos pairava no ar o receio de que essa elite pudesse ser

seduzida pelas idéias "modernas". Sob esta ótica, a Igreja afirmava que se a tradição fosse suplantada pela filosofia errônea e sedutora, os intelectuais ficariam à mercê do primeiro vento de doutrina moderna. Salvar o ideário dessa elite jovem era empreendimento necessário aos interesses da Igreja e do Estado.<sup>(119)</sup>

A América do Norte, com os postulados pedagógicos de Dewey, era apontada como a matriz desta filosofia errônea e sedutora. O próprio Padre Hélder Câmara chegou a criticar este ideário "moderno" que distanciava os jovens da filosofia Tomista, citando o caso de Anísio Teixeira que, nas suas viagens para a América do Norte, havia-se deixado levar

*"pelos meios filosofos da Escola Nova, transformados em seus deuses".<sup>(120)</sup>*

Para garantir a propaganda da larga e harmoniosa filosofia Tomista, a Igreja articulou-se estrategicamente fazendo uso da imprensa e das associações como a *Ação Católica*, a *Liga Eleitoral (LEC)* e os centros *D. Vital e Círculos Católicos*. Empreendia-se uma verdadeira "cruzada" no sentido de recuperar seu raio de influência. Esse movimento aponta para os "inimigos reais" da Igreja, os quais deveriam ser extirpados da nação: os pioneiros escolanovistas, os protestantes, os maçons e os judeus. Todos com a pecha de comunistas.

Alceu Amoroso Lima, sintetiza bem o caráter de "cruzada" dessas associações católicas ao detectar, na formação de chefes e na organização de movimento, os "*contra-venenos*" com que a Igreja poderia contar para o ataque.<sup>(121)</sup> Através desta iniciativa, a Igreja, arregimentava a elite jovem destinada a formar seu laicato, fiel escudeiro, na luta contra o laicismo:

*"somos nesta hora, armados cavaleiros da mais sublime das Cruzadas. Vamos servir, no mundo. Os processos da Ação Catholica são os únicos capazes de opor aos processos mais modernos do espírito do mal. Pois a Ação Catholica não é uma simples mobilização de leigos, como forças auxiliares do clero - mais uma arrancada cristã contra os novos bárbaros".<sup>(122)</sup>*

Na cooptação dessa mocidade inquieta e ruidosa, residia a possibilidade de assegurar uma barreira contra a "sedução" das novidades, uma vez que se vislumbravam nesses jovens de amanhã forças públicas, de construção ou destruição.<sup>(123)</sup> A idéia de cooptação desta juventude, emerge em 1932 no Centro Católico de Salvador, no discurso do Padre Camilo Torrend que defendia a idéia de que através da convocação de jovens inteligentes, poderia reintegra-se a ordem entre nós:

*"como já o conseguiram fazer moços da velha Europa cathólica".<sup>(124)</sup>*

Se a América do Norte representava a influência da ideologia liberal que desencadeava a desordem, a velha Europa católica apontava para a reintegração da ordem, através da ideologia nacionalista e autoritária dos regimes nazi-fasci. Diariamente a **Fôlha da Manhã** fazia apologia à Itália, a Portugal, à Espanha, e à Alemanha, como países que haviam conseguido vencer o caos através de governos fortes e autoritários.

Este discurso messiânico da Igreja, manipulava de forma maniqueista o conceito de bem e mal. Ideologia má, diabólica, resumia-se a qualquer ideário que estivesse *"fora das dobras do manto da Igreja"*.<sup>(125)</sup> Fazendo analogia com o movimento das cruzadas da Idade Média, a Igreja convocava os fiéis a este novo empreendimento cujos processos eram, também, segundo sua argumentação tão diabólicos quanto aqueles empregados pelo inimigo:

*"mais diabólicas e difíceis de vencer. É mister arrancar de novo o Santo Sepulcro das mãos dos infiéis. Com diferença de que hoje, o Santo Sepulcro é o coração corrompido do homem moderno e os infiéis estão acamapados em plena cristandade. A Ação Católica é a cruzada específica no meio da civilização".<sup>(126)</sup>*

Os decretos de 1931 e 1932, facultando o ensino religioso - leia-se católico - nas escolas, acalmou de certa forma esta Instituição, que se mostrava temerosa com a Revolução de 1930 caso esta se encaminhasse para

um monismo político.<sup>(127)</sup> Esta preocupação reflete-se nos anúncios publicados pela revista **A Ordem**, que procurava demonstrar o bom relacionamento entre a Igreja e líderes políticos europeus: era importante mostrar o papel político coadjuvante da Igreja junto a Mussolini, Franco e Salazar.<sup>(128)</sup>

No início da década de 30, o ideário fascista apresentava certas analogias com o paradigma catequético da Igreja. Todavia, o medo da possibilidade do monismo político no modelo fascista, levou a Igreja a apregoar que se o fascismo fosse "*fiel à sua missão histórica, poderia figurar na história como o salvador político da civilização cristã*". Em 1937, dissipados os temores quanto à relação Igreja/Estado no regime fascista, o discurso retomou a apologia àqueles líderes autoritários, a exacerbação do ideário e a eficácia dos seus conceitos de ordem e autoridade.<sup>(129)</sup>

O discurso messiânico da Igreja que relaciona ordem e nacionalismo à preeminência do ensino religioso nas escolas, afirmava que se não fosse o esforço inaudito de estabelecimentos privados, onde se desenvolvia uma educação moral e religiosa, estes quarenta anos de República laica teriam não somente gerado uma decadência moral, como também ameaças de separatismos.<sup>(130)</sup> Interessante observar, que a Igreja recuperou o velho discurso que aventava a possibilidade de separatismos no território brasileiro, utilizado no século passado, quando emerge o movimento Regressista, de caráter conservador, em 1837. Naquele momento, liberais se metamorfoseavam em regressistas, porque temiam que idéias separatistas pudessem aparecer como consequência da descentralização advinda com o Ato Constitucional de 1834.<sup>(131)</sup>

Sob esta ótica, a Igreja considerava que o grande dissídio que se formou entre o Estado e o povo, tinha sua gênese no regime pedagógico republicano. A crítica ao passado de separação da Igreja nos quarenta anos do liberalismo laicista, era sempre apresentada como um erro de tristes

consequências, mas que foi sanado pelo despertar das consciências católicas, acerca de seus direitos na Carta Constitucional de 1934.<sup>(132)</sup>

#### **2.4- Liga Eleitoral Católica : políticos de sotaina**

O discurso que reifica o papel do clero em Pernambuco, perpassa pelos feitos políticos gloriosos dos homens da Igreja em prol da nação e pela teoria de que todo brasileiro é um ser político, não importando qual seja sua indumentária: quer vista farda militar, trajes civis ou sotaina eclesiástica. Este discurso dirime qualquer dúvida quanto à inserção política dos sacerdotes no novo regime, afirmando que estes podem e devem orientar os católicos nas reivindicações e garantias de seus direitos.<sup>(133)</sup>

Enfatizava-se que o comunismo ainda não tinha dominado o Estado, graças ao trabalho destes políticos de sotaina, que através da Liga Eleitoral Católica (LEC) evitaram que fosse instaurada em Pernambuco uma República Socialista, que para a Igreja era uma "*tapição da Comunista*".<sup>(134)</sup>

Assegurar os direitos da maioria católica brasileira, seria possível através das Associações da Igreja, que lutariam pela dupla cristianização: ensino e cargos públicos. O laicismo era apresentado simbolicamente, como se fosse um veneno letal que, subitamente atuava junto à maioria católica, enfraquecendo-a. Daí a estratégia de cooptação política proposta pela LEC e pela *Ação Católica*.<sup>(135)</sup>

A *Ação Católica* em Pernambuco, tornou-se eficaz na formação do laicato fiel, interlocutores entre a Igreja e o Estado. A **Fôlha da Manhã**, possuía uma secção diária intitulada "*Acção Cathólica*", espaço reservado para a divulgação do trabalho realizado. O papel desempenhado pelo Padre Antonio Fernandes na construção do ideário dos jovens que formavam a elite pernambucana - posteriormente auxiliares diretos na Interventoria Agamenon Magalhães - é fundamental para a compreensão do ideário desses intelectuais que vão servir de veículos de irradiação da ideologia autoritária estadonovista.<sup>(136)</sup>

A visão tomista de educar e ensinar, é bem compreendida por esses intelectuais que, ao assumirem postos decisórios, vão empreender verdadeiras campanhas doutrinárias, objetivando formar uma mentalidade coletiva segundo a qual a obediência e a fidelidade ao poder instituído é a base da coesão social. Educar o povo, dentro da visão de mundo da elite dominante, era torná-lo maleável e submisso.

Para o Estado, fabricar corpos dóceis, que acatassem a visão de mundo, imposta por seus intelectuais orgânicos, significava barrar a irradiação da ideologia comunista, que soerguia e vitalizava o operariado, acenando com possibilidades de direitos até então sequer questionados.<sup>(137)</sup>

A importância de os cargos públicos estarem em mãos destes intelectuais confiáveis, levava a Igreja a denunciar que a Intentona Comunista de 1935, só ocorreu, porque os principais postos decisórios do Estado repousavam nas mãos dos que tramavam a ruína do Estado. Assim, os comunistas ter-se-iam apossado de postos estratégicos minando, desta forma, a força do Estado:

*"cátedras das escolas secundárias e superiores, altos postos da administração, as fileiras do exército e da polícia, não para servir ao regimen, mas para estrategicamente, combatel-o e tornar sua ruína".<sup>(138)</sup>*

Assim a Igreja se auto intitulava a salvadora política do Estado, soerguendo moral e politicamente Pernambuco. A LEC, foi criada com o objetivo de eleger Constituintes que assegurassem os 2/3 de votos necessários às reivindicações - programa mínimo - da Igreja Católica na Constituinte de 1934. A LEC estava subordinada à *Ação Católica*, e o objetivo era garantir eleitores católicos e levar ao poder constituintes fiéis aos seus postulados. Não importava que esses fossem católicos praticantes; o essencial era a anuência de uma carta compromisso, em que os mesmos se comprometessem em lutar pelos postulados da Instituição. Esperava-se que estes constituintes ao assinarem as cartas, cumprissem com o seu conteúdo. A lógica que permeava esta estratégia de cooptação é explicitada de forma

contudente, em 1934, pelo porta-voz da Curia Metropolitana de Olinda e Recife:

*"há em Pernambuco 102 paróquias, em cada paróquia um mínimo de 10 pessoas. Ora 102 paróquias com 10 desses eleitores em cada uma, formam um total de 1.020 votos em Pernambuco, o quasi bastante para eleger-se em outubro próximo um deputado estadual".<sup>(139)</sup>*

Ao acenar com possibilidades de eleger quem indicasse, a Igreja demonstrava que tinha plena consciência do seu poder de barganha junto aos fiéis e junto ao Estado. Este comportamento gerou críticas à Instituição, no sentido de que a mesma estaria tornando-se politqueira. Sua resposta era contundente: a LEC afirmava que tinha o dever de orientar doutrinariamente o eleitorado católico para que não fosse eleito candidatos contrários às suas reivindicações. Afirmava também que, naquelas condições da política brasileira, o clero e os católicos não poderiam cruzar os braços.  
(140)

Em 1935, a LEC, em Pernambuco, investiu na idéia da Cruzada contra o comunismo, com objetivos de angariar votos. Afirmava que votar era um direito e uma obrigação para todos os católicos, ressaltando que os "nossos inimigos" pretendiam transformar o Brasil em outra Espanha ou México.<sup>(141)</sup>

Na sua campanha doutrinária, persuadia seus eleitores católicos no sentido de que o compromisso perante a LEC era assumido não para cada eleição, mas para toda a vida. Neste doutrinamento, dois meses antes do golpe de novembro de 1937, a imprensa religiosa tentava persuadir a população para que votasse nos nomes indicados pela LEC. Esta deliberava que fosse iniciada uma campanha de propaganda através de imprensa, rádio, boletins e conferências, no sentido de se promover uma união eleitoral dos católicos, a lutarem contra os comunistas, apontados como inimigos da Igreja e veículos de um trabalho satânico para a destruição das forças cristãs.<sup>(142)</sup>

Esta simbiose entre o político e o religioso pode ser claramente identificada nos discursos, nos rituais litúrgicos e no hino que ilustra o III

Congresso Eucarístico Nacional, realizado em setembro de 1939, em Recife, cujo estribilho, gerou polêmica na imprensa por seu caráter nacionalista e excludente:

*"Eis, sus, ó Leão, Leão do Norte!  
Ruge ao mar o teu grito de fé!  
Creio em ti, Hóstia Santa, até a morte,  
Quem não crê, brasileiro não é !"*<sup>(143)</sup>

Ao justificar a letra do hino, D. Mario Villas Boas, Arcebispo de Garanhuns lembrava que no Brasil quem não era católico poderia ser considerado materialmente brasileiro, como o eram as árvores e as pedras, todavia seria sempre estrangeiro:

*"Espiritualmente porém, alienígena será. Brasileiro não é".*<sup>(144)</sup>

Refutando as críticas ao hino do Congresso, o jornal **A Tribuna** fez uma evolução histórica da íntima relação que sempre tinha havido entre a Igreja e o Estado na luta pela libertação da Pátria, recuperando a trajetória do país desde o descobrimento até o golpe de novembro de 1937. Afirmava-se que durante estes séculos, o Brasil jamais desmereceu sua fé. Apelando para o conceito de brasilidade e acionando, várias vezes, a expressão "*quem não crê, brasileiro não é*", o periódico atribuía poderes nacionalistas à Hóstia Santa que faria de cada filho do Brasil um brasileiro, e de cada brasileiro um cristão. Considerava-se que sem a eucaristia, o Brasil não existiria como tal. Ao nível do ideário coletivo o conceito de cidadania estava ligado ao de catolicismo: daí a afirmação de que *a Hóstia Santa fará de cada filho do Brasil um brasileiro*.

A Igreja era categórica: sem a participação na eucaristia poderiam os brasileiros ser ricos, poderosos, temidos ou invejados, mas não se tornariam autênticos brasileiros.<sup>(145)</sup> Neste outro lado estavam especialmente - como veremos em capítulo subsequente - aqueles que eram considerados o anti-Cristo, matadores de Cristo, bolchevistas: os judeus.<sup>(146)</sup> O cerne do discurso era a tradição católica, que sempre esteve presente nas

lutas libertárias. No pacto político/religioso só havia espaço para aqueles que professassem o catolicismo. O simbolismo católico - eucaristia, adoração ao santíssimo, crucifixo nos locais públicos - transformou-se num imprescindível instrumento de divulgação do paradigma catequético. Sob esta ótica, as outras crenças não tinham o direito de compartilhar dos mesmos direitos sob a acusação de serem heréticas. A liturgia eucarística que prega a união dos fiéis, transformou-se na bandeira do Congresso da pseudo-igualdade das classes. A fala de Frei Sebastián Tauzin no evento, imbuída da filosofia tomista, descrevia esta pseudo-união social realizada em torno da mesa eucarística. O Jesuíta trazia à baila o sistema capitalista, enfatizando as diferenças entre as classes, todavia acenando com a solução advinda da reunião em torno da mesa eucarística:

*"lá fora o capitalista viaja no seu carro luxuoso eo pobre vai a pé ou em bonde de segunda classe, os lorés de Pernambuco. Aqui ambos vêm commungar um ao lado do outro. No momento de receber a eucharistia todos se unem. Irmanam-se ricos e pobres na mesma refeição espiritual".<sup>(147)</sup>*

A idéia de consenso social transformou-se em bandeira tanto do Estado como da Igreja. Na interventoria Agamenon Magalhães, sustentada pelo Estado protetor, que intervinha e esvaziava a resistência da emergente classe trabalhadora; enquanto que para a Igreja Católica, veiculava o simbolismo da missa e da eucaristia. Desta forma, concretizava-se a instrumentalidade do simbolismo religioso.<sup>(148)</sup>

O uso do simbolismo católico junto às massas, no sentido de cooptá-las para a nova ordem instaurada, evidencia-se na descrição da procissão fluvial e da comunhão dos homens. Todos os dois eventos são realizados à noite, dando-se ênfase à iluminação com fogos de artifícios, sensibilizando e levando seus participantes a um compromisso de vida e morte em defesa da religião e da pátria. Significativo o juramento feito pelos dezoito mil participantes da comunhão dos homens no sentido de entregarem

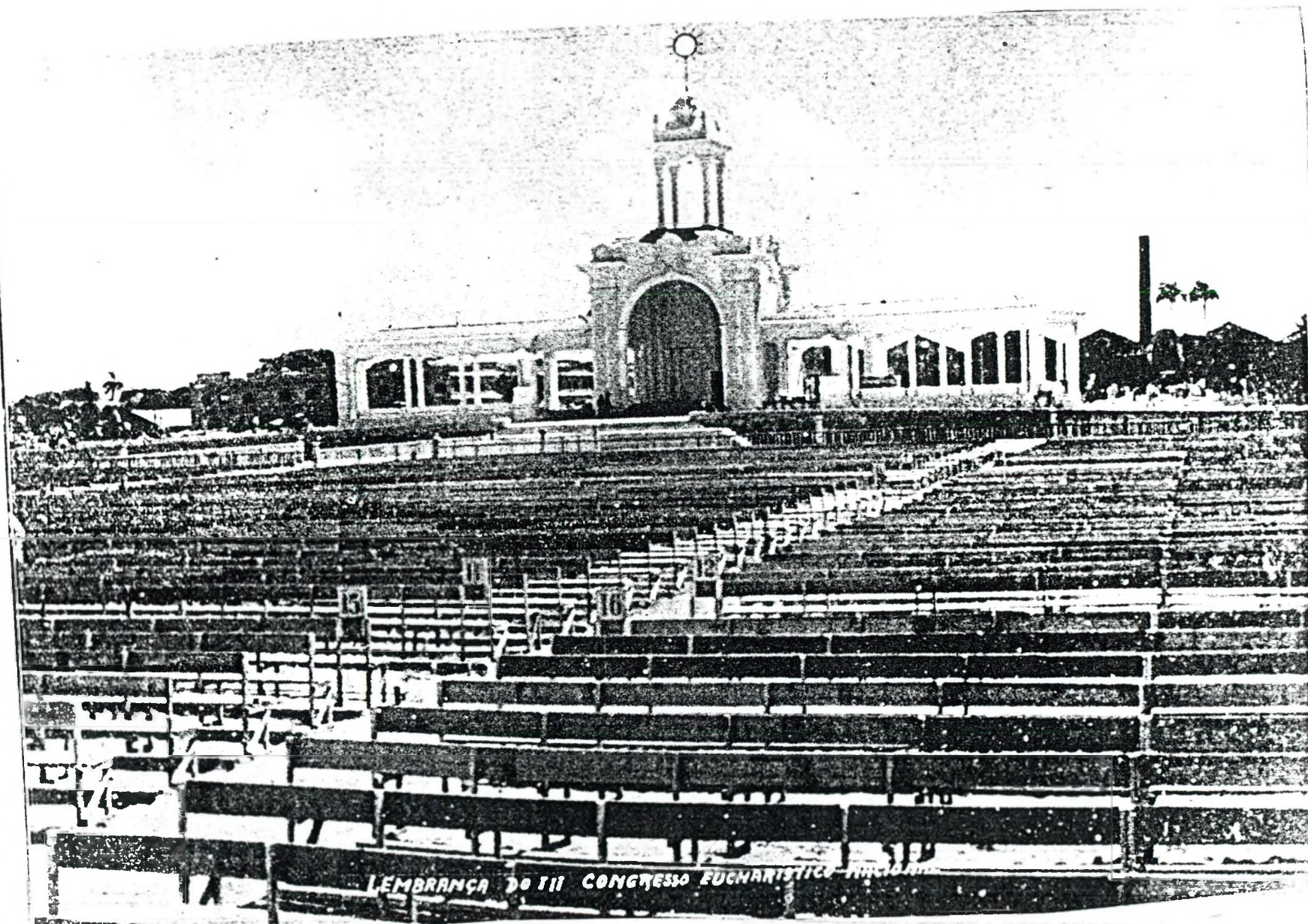


Ilustração 17 - "O pavilhão onde foi armado o grande Altar vendo-se os bancos que deram assento a sessenta mil pessoas no recinto do Congresso", IN *Annais do III Congresso Eucharístico Nacional*, Recife, 1940

suas vidas, derramarem seu sangue, se necessário fosse para defender a terra do estrangeiro de doutrinas exóticas: o comunista. (149)

Retomamos aqui algumas das considerações de Canetti sobre as relações massa/Igreja, quando ele questiona a tão propagada unidade entre os participantes, emergente no sacramento da comunhão. Para Canetti não existe esta unidade entre os fiéis comungantes, uma vez que a forma como se realiza o ritual reveste-se de um individualismo que na verdade vincula o destinatário à Igreja não aos que o rodeiam. Para Canetti, a Igreja reúne a massa fechada, no templo ou nos lugares de encontro, porque aí reside seu controle sobre os fiéis ( Ilustração 17). Todavia, na sua prudência, diante da possibilidade de evocar a massa aberta, a Igreja "*enfraquece e freia*" tudo o que existe de comum, que possa levar os homens a se arremetarem contra os seus cânones. (150)

Nesta linha, a descrição da procissão fluvial é um exemplo da massa que se encontra nas águas, acompanhada pelo olhar daqueles que da terra, observam o espetáculo da barca que ilumina e singra o rio, apontando um caminho para o povo: Igreja e Estado juntos conferiam e davam corpo à unidade entre todos os participantes. Era importante "criar" esta unidade, numa sociedade extremamente dicotomizada como a de Pernambuco, em que a base econômica ainda era o latifúndio e os políticos eram procedentes desta classe. A hierarquia visual apresentada pela procissão evidenciava o pacto político: à frente uma barca transportava uma cruz iluminada, seguida de uma embarcação com o prefeito e os secretários da Interventoria; mais atrás, cem jangadas iluminavam o caminho com fogos de bengala. Do Palácio do Governo, localizado às margens do rio Capibaribe, o Interventor, D. Leme e outros representantes da Igreja, assistiam ao cortejo marítimo sob os aplausos de uma multidão incalculável espalhada pelo cais, pelos sobrados, prédios e pontes. (151)

### *Espanha e México: o laicismo assassino*

Arnóbio Tenório Wanderley, Secretário do Interior e também representante do laicato, ao discursar no Congresso Eucarístico de 1939, fez uma longa incursão pela Espanha e pelo México, procurando avaliar o germen que penetrou em seus sistemas políticos. Acionando signos inerentes ao discurso católico. Tenório Wanderley convocava a população a uma cruzada contra os comunistas que, segundo ele haviam expulsado Deus de todas as atividades importantes das nações. Neste sentido sua convocação se reveste de uma retórica religiosa, associando o laicismo à morte, à destruição:

*"depois de expulsar a Deus da intelligencia da sociedade e das leis, chegará o momento de querer expulsar da vida. Será a hora de os christãos darem o seu testemunho de sangue. O laicismo não é somente estéril, elle é assassino! Martyres do Mexico e da Espanha, neste momento de dor universal nós precisamos de vós! Do vosso exemplo! Do vosso heroismo! Do vosso sangue"! (152)*

O apelo se faz em torno de alguns conceitos típicos do discurso de extrema-direita, que atribuem causas e conseqüências das guerras civis, às atividades e à expansão do comunismo no mundo. Compreensível que Tenório Wanderley empregue a expressão "*dor universal*" para caracterizar a ideologia comunista que penetrava em alguns países, ao mesmo tempo em que elevava à condição de mártir os mortos nas Revoluções Mexicana e Espanhola. Alcir Lenharo, em **A Sacralização da Política**, aborda o uso da imagem do corpo, inserido na doutrina do Corpo Místico no catolicismo. O autor observa que em 1937 a retórica do discurso do Estado convoca os cidadãos a oferecerem suas vidas, derramar seu sangue em expiação pela Pátria.<sup>(153)</sup>

Essa simbiose Igreja/Estado reafirma-se através da fala de D. Sebastião Leme, Primaz da Igreja Católica no Brasil, quando do

encerramento dos trabalhos do III Congresso Eucarístico Nacional, marcado estrategicamente, para o dia da Pátria, 7 de setembro de 1939: pelo discurso perpassam todos os pontos que a Instituição vinha destacando no sentido de concretizar o pacto com o poder público, dentre os quais cabe citar:

- a tese da maioria da população brasileira ser católica, portanto representar o passado e o presente da nação:

*"agora é a vez do povo brasileiro, a voz de todos os quarenta milhões de consciências! Somos quatro séculos de história cristã do Brasil, somos o passado, o presente e o futuro da gente brasileira".<sup>(154)</sup>*

- a tese da "Guerra Santa", das novas "Cruzadas" que se levantariam para salvar o Estado das mãos de invasores infiéis:

*"aliança que nós selaremos se preciso for, com o nosso sangue. Nenhum estrangeiro inimigo do Brasil que aqui viesse tentar romper esta aliança sagrada, teria jamais esperanças de victoria".<sup>(155)</sup>*

Este discurso cruzadista trazia sempre à baila a expulsão dos holandeses de Pernambuco, no século XVII e o papel da Igreja junto à população quando os referidos infiéis foram sendo escoraçados. D. Leme faz uma analogia entre a epopéia frente aos holandeses e a Guerra Civil Espanhola:

*"Se um dia em terras de Pernambuco, o quer Deus não permitirá, alevantar-se a onda sanguinária dos saltadores de templos, como na Espanha de ontem e na Rússia de hoje, se um dia inimigos da fé ousarem tentar contra a nossa igreja, e levantar mãos assassinas contra os nossos sacrários, estou bem certo de que se repetirá, renovada, a epopéia dos séculos passados".<sup>(156)</sup>*

Nestes eventos de caráter nacional, D. Sebastião Leme, trabalhava na direção de interferir na construção de um imaginário coletivo, em que os comunistas se assemelhavam a "*salteadores de templos, mãos assassinas, inimigos da fé*". Interessante observar que as revistas católicas do período reafirmavam tais idéias ao reproduzirem textos, com fotos sobre

destruição dos templos e dos utensílios sagrados pelos comunistas da Espanha e do México, tratados como bárbaros. As fotos veiculadas tinham como propósito disseminar a imagem dos comunistas como indivíduos sem escrúpulos, sacrílegos, satânicos. No imaginário da população católica, construído e alimentado por um simbolismo sagrado segundo o qual o sacerdote e a liturgia se confundem com o transcendental, o comunista passava a ser considerado como o indivíduo que tinha relações com forças malignas, com o demônio.<sup>(157)</sup>

Assim, D. Sebastião Leme, prometia também, arregimentar seus fiéis escudeiros nesta luta contra estes "*inimigos do Brasil*", uma vez que estava sendo firmada uma aliança, entre a Igreja e a Pátria, e ratificada pelas aclamações daquela assembléia, e com a "*força de um decreto inapellavel do povo brasileiro*".

A proposta da Igreja, era portanto de ação, ou seja, sair das sacristias e dos conventos, em busca de poder:

*"aqui estamos não só para cantar hynnos de amor à Divina Eucharistia, mas para também proclamar na praça pública os direitos inalienáveis de nosso Deus e da Santa Madre Igreja Católica Romana".<sup>(158)</sup>*

Na inauguração da estátua/monumento do Cristo Redentor em outubro de 1931 no Rio de Janeiro, D. Leme dirigiu-se a Getúlio Vargas, pressionando o governo a reconhecer a Igreja Católica, caso contrário, esta reconheceria o Estado. Em 1937, já compartilhando do poder político, a Igreja repetia o ultimato: a comunidade católica não estava ali reunida unicamente, para rezar e louvar, mas sim, para tornar públicos os direitos "*inalienáveis*" da Igreja Romana.<sup>(159)</sup>

Nesta campanha cruzadística, Agamenon Magalhães fez da tradição do catolicismo a base do seu discurso. Seu pronunciamento no mesmo dia 7 de setembro, é uma verdadeira réplica ao pronunciamento de D. Sebastião Leme, tanto no que se falam explicitamente, como nas omissões. <sup>(160)</sup> O apelo à tradição católica emerge no culto ao passado

religioso, apresentado como hierarquizado, ordeiro, em detrimento de um presente laico, permeado pela desordem. A riqueza deste pronunciamento encontra-se nos matizes do pacto efetuado entre a Igreja e a Interventoria, que se expressa através da afirmação pelo Estado de que o Brasil não é uma nação sem Deus:

*"se o laicismo predominou, por vèzes, em nossos códigos, não venceu as consciências".(161)*

O exemplo dos holandeses retorna sempre contrapondo a figura do estrangeiro ao do herege invasor: *" destruindo os templos, as alfaias e os vasos sagrados.* Contra este invasor herege, apontado como o que arrebatava a pátria, uniram-se Igreja e Estado para a Guerra Santa. Ficava implícita a idéia de uma luta unida contra as doutrinas exóticas, contra o imigrante estrangeiro, identificado como o imigrante judeu, análogo de comunista. Reafirma-se que

*"os sacerdotes acompanharam os exércitos, confundindo-se com elles nas trincheiras e na morte, extremado-se com igual zêlo na defesa da Igreja e do Brasil. A guerra contra o invasor foi uma Guerra Santa".(162)*

Afirmando que a Igreja Católica não tinha problemas a resolver com o Estado - daí não se fazer necessário cláusula escrita ou concordata para que a jurisdição eclesiástica fosse exercida em sua plenitude- o Interventor dirime qualquer dúvida que pudesse pairar entre os dois poderes. A justificativa para este exercício do direito da Instituição em compartilhar em toda a sua plenitude, é dada como uma lei natural inerente à Igreja Católica no Brasil: *"os nossos homens de governo trazem do berço, a predestinação christã".(163)*

Assim, a predestinação, um fenômeno transcendental, não pode ser questionada, daí a afirmação do Interventor de que *"raizes, pois, tão profundas, nem as tempestades, nem as fúrias da natureza, nem os desvarios dos homens poderiam arrancá-las".* Ali foram firmadas questões

relevantes à configuração da participação da Igreja no espaço político do Estado Novo, sendo:

- a tradição católica apresentada como única regra de fé para Pernambuco e o Brasil;
- reivindicando o passado de luta da Igreja e do Estado na defesa da Pátria;
- firmando um compromisso de atuação nos moldes da *Ação Católica*, cooptando o laicato fiel da Igreja para os cargos políticos;
- estipulando que a área da Educação estaria sob o olhar vigilante da Igreja;
- valorizando o Primado Espiritual em detrimento do Primado Econômico, ou seja, a reificação da Filosofia tomista.

## NOTAS

1- Acerca das correntes filosóficas da Escola Nova e da Escola Tradicional vide: MONARCHA, Carlos. **A Reinvenção da Cidade e da Multidão: dimensões da modernidade brasileira: a escola nova**. São Paulo: Cortez, 1989; CURY, C. R. Jamil. **Ideologia e Educação Brasileira- católicos e liberais**. São Paulo: Cortez, 1986;

**Obras de época sobre a Escola Nova:** JARDIM, Renato. **Escola Nova, Colectivismo e Individualismo**. Rio de Janeiro: Edição da Livraria Globo, 1936; Kilpatrick, W.H. **Educação para uma civilização em Mudança**. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d; AZEVEDO, Nelson Cunha. **A Psicologia da Aprendizagem como Base de Renovação Escolar**. Monografia apresentada para o concurso de livre docente da Cadeira Psicologia Educacional do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: Gráfica Cruzeiro do Sul, 1936; LOURENÇO FILHO, **A Pedagogia de Rui Barbosa**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1956; PINTO, Estevão. **A Escola e a Formação da Mentalidade Popular no Brasil**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1932.

**Obras de época sobre a escola tradicional:** FRANCA, Leonel. **Ensino religioso e ensino leigo**. Rio: Schmidt Editor, 1931; REZENDE, Manoel Marcondes. **Do absolutismo Pedagógico em Face do Estado Moderno**. Separata da Semana da Educação. São Paulo: Edições do Centro D. Vital, 1933; LEONCIO, Carlos Pe. **O Educando e a sua educação**. São Paulo: Livraria Salesiana, 1938; SERRANO, Jonatha. **Escola Nova: uma palavra serena em um debate apaixonado**. Rio de Janeiro: Schmidt editor, 1932; LACOMBE, Laura Jacobina. **Moral Cristã e Educação**. Rio de Janeiro: Editora ABC LTDA, s/d; da mesma autora: **A Escola e a Vida**. São Paulo: Ed. Taubaté, 1942; A revista **A ORDEM** publica durante a década de 30 artigos sobre a filosofia dos reformadores escolanovistas, compondo um rico acervo para os que pesquisam o tema.

2-Vide jornais: **A TRIBUNA, A GAZETA**; revistas **MARIA, PARA O ALTO**

3- A discussão na imprensa perpassa sempre por estes dois aspectos.

4-LEME, D. Sebastião de Cintra. **Carta Pastoral de 1916**. Petrópolis: Vozes, 1937, p 12. Acerca da importância da Carta Pastoral de 1916 de D. Leme, ver os seguintes trabalhos: CURY, C. R. J. **Ideologia e Educação Brasileira: católicos e Liberais**. São Paulo: Cortez, 1981; DELLA CAVA, Ralph. **"Igreja e Estado no Brasil no Século XX. Sete Monografias recentes Sobre o Catolicismo Brasileira"**. IN Estudos CEBRAP, n 12, junho, 1975; TODARO, Margareth Patrice. **Pastors, prophets and politicians; a study brazilian church: 1916-45**. Columbia University. Ph. D. 1971.

5-ROHDEN, Pe. Huberto. **O Decreto do Ensino Religioso: ligeiras reflexões sobre o aspecto histórico, jurídico, social e pedagógico da questão**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1932, p 7 .

6-ALMEIDA, Lacerda de. **A Igreja e o Estado**. Rio de Janeiro: Typografia Revista dos Tribunaes, 1924, p VIII e VII.

7-Idem.

8-ROHDEN, Pe. Huberto. **O Decreto do Ensino Religioso: ligeiras reflexões sobre o aspecto histórico, jurídico, social e pedagógico da questão**. op. cit. p 8/9.

9-LEME, Sebastião de Cintra. Discurso proferido quando do encerramento dos trabalhos do III Congresso Eucarístico Nacional em Recife, 3 a 7 de setembro de 1939. IN **Annaes do III Congresso Eucarístico Nacional**. Recife: Oficinas Graphicas do Jornal do Commercio, 1940, p 351-353

10- Acerca de Jackson de Figueiredo, ver: IGLÉSIA, Francisco. **História e Ideologia**. São Paulo: Perpectiva, 1981; a Revista **A ORDEM**, dedicou todo o número de novembro de 1938 ao décimo aniversário da morte de Jackson de Figueiredo- 1928-1938. p 409 a 545.

11-MENDES, Oscar. "*O Liberalismo no Brasil sob o ponto de vista católico*", IN **A ORDEM**, 1932, p 31/45.

12- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 27.10.1938, p 2

13- **A GAZETA**, Recife, 17.08.1935, p 3; ver também "*O Episcopado Belga e a imprensa*". IN **A TRIBUNA**, 04.12.1938, p 1

14--SERRANO. Jonathas. "*Pensamento e Acção*". IN **A ORDEM**, março, 1931, p 137

15- PEREIRA, Nilo. "*Martha de Bethania*". IN **A TRIBUNA**, Recife, 27.11.1930, p 2; ver também "*Reflexões Sobre o Preconceito de Martha*". IN **A TRIBUNA**, Recife, 02.04.1936; na **Carta Pastoral** de D. Mario Villas-Boas, **Da Ação Católica [1938]**, el se refere também à relevância do trabalho de Marta, em detrimento da contemplação de Maria.

16- MOOG, Vianna. **Bandeirantes e Pioneiros**. São Paulo: Nova Fronteira, 1978.

17-SERRANO, Jonathas. "*Pensamento e acção*". IN **A ORDEM**, março, 1931, p 137

18-ATAIDE, Tristão de. "*Pai e Chefe*". IN **A TRIBUNA**, Recife, 03.09.1936, p 1

19- ROHDEN, e. Huberto. **O Decreto do Ensino Religiosos: ligeiras reflexões sobre o aspecto histórico, jurídico, social e pedagógico da questão**. op. cit. p 8

20- GOÉS, Campos Pe. "*O Ensino Religioso*". IN **A TRIBUNA**, 18.12.1930. p 1.

21- **A TRIBUNA**, Recife, 23.10.1930, p 1.

22- VALVERDE, D. Miguel. **Carta Pastoral endereçada ao Rvmo. Clero Secular e Regular e aos Fiéis da Archidiocese de Olinda e Recife**. Recife, 8 de dezembro de 1930. IN **A TRIBUNA**, 09.10.1930, p 1.

23- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987, p 73-74

24- GOES, Luiz Campos Pe. "*Salvemos o Brasil*". IN **A TRIBUNA**, 09.10.1930, p 1

25- PEDROZA, Cônego Xavier. "*Para a Frente! Vae Brilhar a Hora da Justiça*". IN **A TRIBUNA**, 30.10.1930, p 1

26- **A TRIBUNA**, 09.10.1930. p 4.

27- PEREIRA, Nilo. "*Esthética de uma campanha*". IN **A TRIBUNA**, 02.10.1930, p 2.

- 28- A GAZETA, Recife, 08.03.1936, p 1
- 29-PEREIRA, Nilo. "*Esthetica de uma Campanha*". IN A TRIBUNA, 02.10.1930, p 2
- 30- Após a vitória da bancada católica na Constituinte de 1934, a Igreja torna-se mais agressiva, incidindo suas críticas contra todos os outros credos religiosos, e, encontrando traços bolchevistas em todos eles.
- 31-GOMES, Perilo. "*O Mal Maior*". IN A TRIBUNA. 09.12.1937, p 1
- 32-MENDES, Oscar. "*O Liberalismo no Brasil sob o ponto de vista católica*". IN A ORDEM, 1932, p 31/45. Esta discussão é presente nos jornais diariamente, como doutrinação e persuassão.
- 33- A GAZETA, Recife, 03.01.1938, p 2
- 34- CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. Brasília: UNB; São Paulo: Melhoramentos, 1983, p 173-174
- 35-A TRIBUNA, Recife, 28.04.1934, p 1. *A CRUZADA DE EDUCADORAS CATÓLICAS EM PERNAMBUCO*, tinha sua sede no Colégio Nossa Senhora do Carmo, no bairro da Boa Vista. Realiza encontros semanais com o professorado das escolas públicas e católicas de Pernambuco. Seus retiros eram usados para doutrinação. O jornal da Arquidiocese de Olinda e Recife- A TRIBUNA- representa um rico acervo sobre as atividades da Cruzada.
- 36- A TRIBUNA, Recife, 28.04.1938, p 3
- 37- LEONCIO, Pe. Carlos. **Religião e Pedagogia**. Conferência pronunciada em sessão solene da *Cruzada de Educadoras Católicas* a 10 de julho de 1932. Recife, 1932.
- 38-Diário Oficial. 06.05.1931. Decreto n. 19.941, 30.04.1931
- 39- LEONCIO, Pe. Carlos. **Religião e Pedagogia**. op. cit. p 37
- 40- A TRIBUNA, Recife, 27.01.1934, p 1
- 41- Merece destaque a **Revista MARIA**, de publicação mensal, porta-voz da Congregação Mariana de Pernambuco; ver também: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. "*La Guerra Civil Española Atraves de Las Revistas Ilustradas Brasileñas: imagens y simbolismo*". IN **Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe**, (2),v.2, julio/diciembre de 1991, p 59-50.
- 42-CARVALHO, Jose Murilo. **A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras. 1990 p 10
- 43- "*As Normalistas de Pernambuco Querem a Recristianização das Escolas*", A TRIBUNA, Recife, 21.05.1936, p 1 e 3.
- 44- MARIA, Recife, junho, 1936 p 146/147.
- 45-A TRIBUNA, Recife, 21.05.1936, p 1

- 46- MARIA, Recife, junho, 1936, p 146
- 47- "O Crucifixo- Symbolo da Fé Christã- purificando e espiritualizando as escolas". IN **A GAZETA**, Recife, 08.03.1936, p 1
- 48-CAVALCANTI, Irineu. "*Feliz Idéa de Um Operário*". IN **A TRIBUNA**, 26.03.1939, p 1
- 49- CARVALHO, Jose Murilo. **A Formação das Almas**. op. cit. p 11
- 50-DA FONTE, Antonio. **ANNAES DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE PERNAMBUCO**, Sessão em 07.12.1935; ver também neste mesmo dia, as falas dos Deputados católicos: Arthur Moura, Melanio de Barros, Padre Felix Pimentel, Ruy Belo e Antonio da Fonte; Ver também **ATRIBUNA**,10.12.1935, p. 1
- 51-FÔLHA DA MANHÃ. Recife, matutino, 20.12.37, p 1
- 52- DA FONTE, Antonio. **ANNAES DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE PERNAMBUCO**, sessão em 07.12.1935.
- 53- "*Afirmações Tranquilizadoras*". **A TRIBUNA**, Recife, 12.12.1935, p 1 e 4
- 54- VIANA, Artur Gaspar. "*Os Católicos e a Educação*". IN **A TRIBUNA**, 16.02.1935, p1.
- 55- **A TRIBUNA**, Recife, 16.02.1935, p 1
- 56- VIANA, Artur Gaspar. "*Os Católicos e a Educação*". IN **A TRIBUNA**, 16.02.1935, p1.
- 57- **A TRIBUNA**, Recife, 16.01.1935, p 1
- 58-MENDES, Oscar. "*O Liberalismo no Brasil sob o Ponto de Vista Católico*". IN **A ORDEM**, 1932, p36.
- 59-NOVAES FILHO, Antonio. "*A Vanguarda da Fé Pernambucana*", IN **A TRIBUNA**, 14.07.1934, p 1.
- 60- **A ORDEM**, maio, 1938, P 483
- 61- Arquivo Agamenon Magalhães. **Pasta AMG 38.12.12/2 CPDOC/FGV**
- 62- ALMEIDA, Lacerda. **A Igreja e o Estado no Brasil**. op. cit. p IX.
- 63- **A TRIBUNA**, Recife, 12.12.1938, p 1
- 64-CARANDELL, José Maria. "*Lejos de nosotros la funesta manía de pensar*" IN **FASCISMO E EDUCACION**. op. cit. p 24
- 65- "*A Escola, a Igreja e o Estado*", IN **A TRIBUNA**, Recife, 27.01.1938, p1
- 66-Idem

- 67- Sobre o mito do herói, ver: CARLYLE, Thomas. **Los Héroes**. Barcelona: Editorial Iberia S.A., 1985; CASSIRER, Ernst. **El Mito del Estado**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1992
- 68- "*Medida Incompleta*", IN **A GAZETA**, Recife, 18.10.1937,p1.
- 69- Esta preocupação com as "novas gerações" e ao poder da Igreja, foi uma discussão sempre presente em toda imprensa religiosa do estado. Apontava-se sempre para o México, Espanha e Rússia.
- 70- LENHARO, Alcir. **A Sacralização da Política**. Campinas: UNICAMP, 1986.
- 71- "*Medida Incompleta*", IN **A GAZETA**, Recife,18.10.1937,p1.
- 72-Idem
- 73- Sobre a temática ver: **Cartas Pastorais e Encíclicas do período em estudo**.
- 74- **MARIA**, Recife, agosto/setembro 1936, p 213-214
- 75-Sobre as demandas da Igreja em 1934, ver o trabalho de CURY, C.R.Jamil. **Ideologia e Educação Brasileira - Católicos e Liberais**. op. cit.
- 76-CÂMARA, Alfredo. "*A Aurora de um Brasil Novo*". IN **A TRIBUNA**, 09.10.1930, p1.
- 77-SANTOS, Felisberto Pereira . **ANNAES DO III CONGRESSO EUCHARISTICO NACIONAL**, op. cit, p 194.
- 78-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 21.11.1937, p 3 e 8
- 79- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987
- 80- O uso da liturgia católica na formação da ordem simbólica é muito relevante para se apreender a força simbólica que a Igreja manuseava muito bem para cooptar os segmentos sociais para as suas fileiras. Ver também: SOUZA, JOSE FERREIRA. "*A Eucaristia e a Questão Social*". IN **A ORDEM**, julho, 1938, p 24-26; acerca do ANO LITÚRGICO (1939) , vide artigo de Fábio A. Ribeiro, "*O Ano Litúrgico*", IN **AÇÃO CATÓLICA**, janeiro, 1939, p 16-17
- 81- "*O Comunismo Quer*". IN **A TRIBUNA**, Recife, 29.04.1937, p 1 e **ANNAES do III CONGRESSO EUCHARISTICO NACIONAL**, op. cit. p 186.
- 82-RIBEIRO, Fabio. "*O Ano Litúrgico*", IN **AÇÃO CATÓLICA**, janeiro, 1939, p 16-17
- 83- **ANNAES DO III CONGRESSO EUCHARISTICO NACIONAL**, Recife, op. cit., p 186.
- 84-**A GAZETA**, Recife, 17.08.1935, p 4
- 85- A literatura produzida na época acerca da importância do laicato no soergimento e irradiação da fé católica é exaustiva. As **ENCÍCLICAS** de Pio XI, especialmente a **UBI ARCANO DEI (1922)** e a **QUADRAGÉSIMO ANNO, (1931)** trazem como tema

- 94- Evidencia-se nos artigos da Revista **PARA O ALTO**, quem conduz e quem é conduzido nas fileiras da *Ação Católica*.
- 95-LIMA, Alceu Amoroso. *"Um Pórtico de Universidade"*. IN **A ORDEM**, janeiro, 1938, p 66
- 96-CÂMARA, Pe. Helder. *"Educação Progressiva"*. IN **A ORDEM**, julho, 1933, p 545
- 97-Sobre o tema ver: TODOROV, Tvetan . **Nós e os Outros**. Rio de Janeiro: Zahar,1993; SARTRE, J. Paul. **Reflexões Sobre o Racismo**. São Paulo: Difel, 1978
- 98- LIMA, Alceu Amoroso. *"Num Pórtico de Universidade"*. op. cit. p 69.
- 99-LACOMBE, Laura Jacobina. *"Alfabetização ou Escola do Trabalho"*. IN **A ORDEM**, março, 1932
- 100- Biasseret observa que na França de 1830, inteligência é uma categoria que se refere "a quem consegue ter equidade de alma, que vê o verdadeiro, o justo e a ele se prende". Em contraponto, operário é definido "como aquele que exerce uma profissão mecânica, para a qual a inteligência não é absolutamente necessária". Bisseret conclui que as conotações do termo aptidão "foram se transformando em um dado imutável, permanente, hereditário, que determinava o destino de um indivíduo".BISSERET, Noëlle. *"A Ideologia das Aptidões Naturais"*. IN DURAND, Carlos Jose Garcia (org). **Educação e Hegemonia de Classe: as funções ideológicas da escola**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p 39-40
- 101-PUGÔ, Helena. *"Aproveitamento Racional das Vocações"*. IN **A FÓLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino,18.10.1938, p 3
- 102-TEIXEIRA, Anísio. **A Educação e a Crise Brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, p 65
- 103-AMARAL, Azevedo. **Ensaio Brasileiro**. Rio de Janeiro: Omena & Barreto, 1930, p. 287
- 104-ANDRADE, Geraldo de. **O Dever do Estado Relativamente à Assistência aos Mais Capazes: These Sorteada para concurso de Professor de Sociologia Educacional da Escola Normal Oficial**. Recife, 1932,p 49
- 105-LACOMBE, Americo Jacobina. *"A Mentalidade Religiosa do Império Brasileiro"*. IN **A ORDEM**, setembro,1939, pg. 283
- 106- LACOMBE, Laura Jacobina. *"Alfabetização ou Escola do Trabalho"*. IN **A ORDEM**, março, 1932.
- 107-CAPANEMA, Gustavo. IN Revista **Brasileira de Estudos Pedagógicos**, n.134, abril-junho,1974, p 254, apud. CUNHA, Célio da. **Educação e Autoritarismo no Estado Novo**. São Paulo: Cortez, 1981, p 128
- 108- Sobre este ideário ver: LUBAMBO, Manoel. *"Em Que Consiste a Escola Unica"*. IN **A ORDEM**, agosto,1933,p 212/225; críticas à educação dualista, ver os seguintes autores: SILVA, Marinete dos Santos. **A Educação Brasileira no Estado Novo (1937/1945)**. Niterói: Livraria Panorama Ltda, 1980; CUNHA, Célio da. **Educação e**

**Autoritarismo no Estado Novo.** op. cit; PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos.** São Paulo: Loyola, 1987; DURAND, Jose Carlos Garcia (org). **Educação e Hegemonia de Classe: as funções ideológicas da escola.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

109-LACOMBE, Laura Jacobina. "*Alfabetização ou Escola do Trabalho*". IN **A ORDEM**, março, 1932.

110-VAN ACKER, Leonardo. "*Educação Nacional e Ação Católica*". IN **A ORDEM**, janeiro, 1934, p 22

111- Idem

112- **A GAZETA**, Recife, 25.12.1937, p 5; sobre o conceito de tradição ver: HOBBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (org.) **A Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984

113-**A GAZETA**, Recife, 25.12.1937, p 5

114-MENDES, Oscar. "*O liberalismo no Brasil sob o ponto de vista católico*". IN **A ORDEM**, 19 p 32.

115- **A TRIBUNA**, Recife, 15.12.1937, p 1

116-GOMES, Osmar. "*A Autoridade da Igreja*". IN **A ORDEM**, maio, 1937, p. 492

117-BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas.** op. cit. p 73/74.

118-GOMES, Angela. "*A Construção do Homem Novo: o trabalhador brasileiro*" In OLIVEIRA, Lucia Lippe et all. **Estado Novo- Ideologia e Poder.**Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

119-MENDES, Oscar. "*O liberalismo no Brasil sob o ponto de vista católico*". IN **A ORDEM**, 1932, p 32.

120-CÂMARA, Pe. Helder. "*Educação Progressiva*". IN **A ORDEM**, julho, 1933, p 545.

121-LIMA, Alceu Amoroso. "*Meditações sobre o espírito aristocrático*", IN **A ORDEM**, maio, 1939, p 32

122-Idem.

123-SERRANO, Jonathas. "*Pensamento e Ação*". IN **A ORDEM**, março, 1931.

124- TORREND, Camilo Pe. "*A crise Actual*". IN **A ORDEM**, janeiro, 1932, p 11.

125- **A ORDEM**, junho, 1937, p 595.

126- LIMA, Alceu Amoroso. Discurso proferido em 04.04.1937, na sessão de instalação da Ação Católica masculina, na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro. IN **A ORDEM**, outubro, 1937, p 373

127- "*Igreja e Estado - catholicismo e fascismo*". IN **A ORDEM**, agosto, 1931, p 71

128-Sobre o tema vide notícias sobre outros países na revista **A ORDEM**, secção "Registros", maio, 1931, p 128.

129- "*Igreja e Estado - catholicismo e fascismo*". IN **A ORDEM**, agosto, 1931, p 71

130- "*Educação Religiosa*". IN **A ORDEM**, maio, 1931, p 257/258.

131- Sobre o movimento Regressista, ver: ALMEIDA, M. das Graças A.A. **A Guarda Nacional em Pernambuco - a metamorfose de uma instituição**. monografia de mestrado. Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco, 1986; MERCADANTE, Paulo. **A Consciência Conservadora no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

132- **ANNAES DO III CONGRESSO EUCHARISTICO NACIONAL**, op. cit, p 351-352

133- **A TRIBUNA**, Recife, 30.10.1930, p 1

134- **A TRIBUNA**, Recife, 16.09.1937, p 1

135- **ANNAES DO III CONGRESSO EUCHARISTICO NACIONAL**, op. cit. p 339; A Liga Eleitoral Católica (LEC), foi criada com o objetivo de eleger constituintes que assegurassem os 2/3 de votos necessários às reivindicações da igreja católica na Constituição de 1934. A LEC estava subordinada à Ação Católica, e o objetivo era garantir eleitores católicos e levar ao Poder constituintes comprometidos com os ideais da Igreja. As críticas em torno de que a LEC manipulava as eleições são sempre respondidas com artigos que falam sobre o papel savífico da Igreja na política brasileira. Uma trilogia de artigos de Alceu Amoroso Lima na revista **A ORDEM**, são elucidativos acerca do ideário político da LEC em 1934: "*Primeiras Victorias*", maio, 1934; "*Os Perigos da Victoria*", julho, 1934 e "*O Sentido de Nossa Victoria*", junho, 1934.

136- A revista **MARIA**, porta-voz da **Congregação Mariana em Pernambuco**, representa um excelente acervo da ideologia autoritária e conservadora da congregação, consequentemente, do ideário desenvolvido entre os jovens intelectuais do estado; destacamos o número de novembro de 1936; ver também **IGLÉSIAS**, Francisco. **História e Ideologia**. op. cit.

137- DA FONTE, Antonio. **ANNAES DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE PERNAMBUCO**. Sessão em 07.12.1935

138- **A TRIBUNA**, Recife, 01.08.1934, p 1; interessante ver que jornais católicos veiculavam o modelo da carta compromisso

139- **A TRIBUNA**, Recife, 27.07.1935, p 4

140- Essa analogia era comum, sendo usada como argumento de persuassão no discurso da imprensa católica

141- **A TRIBUNA**, 10.09.1937, p 1

142- O hino do Congresso, de letra nitidamente nacionalista, foi motivo de críticas: **A TRIBUNA**, 06.08.1939, p 5

143-Idem

144-VILLAS-BOAS, D. Mario. discurso proferido no III Congresso Eucarístico nacional, em Recife. IN **ANNAES DO III CONGRESSO EUCARISTICO NACIONAL**, op. cit. p 95

145- **A TRIBUNA**, Recife, 06.08.1939, p 5, ver também **ANNAES DO III CONGRESSO EUCHARISTICO NACIONAL**, op. cit. p 255.

146- Fotos são veiculadas através da imprensa mostrando revolucionários espanhóis carregando objetos sagrados dos templos. O texto junto das fotos associam os revolucionários a judeus.

147-TAUZIN, F. Sebastián. Discurso proferido no III Congresso Eucarístico Nacional, Recife, 1939. IN **ANNAES DO III CONGRESSO EUCHARISTICO NACIONAL**, op. cit. , p 177.

148- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. op. cit. p 177

149- **ANNAES DO III CONGRESSO EUCHARISTICO NACIONAL**, op. cit, p 273

150-CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. op. cit. p 170-174

151-**ANNAES DO III CONGRESSO EUCHARISTICO NACIONAL**. op. cit. p 78-80

152- WANDERLEY, Arnóbio Tenório. Discurso proferido no II Congresso Eucarístico Nacional, Recife, 1939. IN **ANNAES DO III CONGRESSO EUCHARISTICO NACIONAL**, op. cit. p. 347

153- LENHARO, Alcir. **A Sacralização da Política**. op. cit. p 182

154- LEME, D. Sebastião de Cintra. Discurso proferido no III Congresso Eucarístico Nacional. Recife, 1939. IN **ANNAES DO III CONGRESSO EUCARISTICO NACIONAL**, op. cit. p 351-352

155- idem

156- idem, ibidem

157-PARENTI, Michael. **A Cruzada Anti/comunista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970; GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. op. cit.

158-LEME, D. Sebastião de Cintra. Discurso proferido no III Congresso Eucarístico Nacional, Recife, 1939. IN **ANNAES DO III CONGRESSO EUCHARISTICO BRASILEIRO**, op. cit. p 351-352

159- **A TRIBUNA**, 10.12.1930, p 1; ver também: DELLA CAVA, Ralph. *"Igreja e Estado no Brasil no Século XX. Sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro"*. IN Estudos CEBRAP, n.12, São Paulo, junho, 1975, 1975

160-CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia - o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Cortez, 1989.

161- MAGALHÃES, Agamenon. Discurso proferido no III Congresso Eucarístico Nacional. Recife, 1939. IN **ANNAES DO III CONGRESSO EUCHARISTICO NACIONAL**. op. cit. p 377

162- *idem*

163- *idem*, *ibidem*

### III - EM NOME DA MODERNIDADE

Uma das metas da interventoria Agamenon Magalhães consistia em erradicar tudo o que simbolizasse o velho, o obsoleto, ou seja, tudo o que representasse a República velha, o *Anciën Regimen*. Nesta proposta, concentrava-se o ideário regenerador do Estado Novo: criar o novo acionando signos que, no seu conjunto, colaboravam para a construção de um imaginário em que a idéia de progresso se apresentava como o antônimo do provinciano, do atraso, do feio, do repugnante. Em suma, tudo aquilo que estivesse atrofiando o progresso deveria ser eliminado. Assim, equiparar Recife à grande metrópole brasileira da época - Rio de Janeiro - fazia parte do projeto de modernização assumido pelo governo pernambucano.<sup>(1)</sup>

Neste sentido, uma das primeiras medidas da Interventoria foi formular um plano de remodelação da cidade segundo o qual a miséria - em todas as suas nuances - deveria ser extirpada, porque através dela se expressava o retrato da feiúra de Recife.<sup>(2)</sup> A proposta de modernização concentrava-se na idéia de sanear, higienizar e embelezar a cidade. Na discussão desta reforma, emerge o caráter nacionalista que a mesma deveria imprimir. Segundo José Campello, redator chefe da **Folha da Manhã**, estas reformulações deveriam evitar o bolchevismo atribuído à Bule Marx. Assim, até a arquitetura seria saneada das chamadas teorias exóticas.<sup>(3)</sup>

O diário **Folha da Manhã** assumiu este projeto de modernização, divulgando-o sob a forma de crônicas e notícias do cotidiano urbano. Nos primeiros dois anos da Interventoria - novembro de 1937 a dezembro de 1939 - uma série de manchetes dominavam diariamente as primeiras páginas do jornal, colaborando para a construção de um ideário moldado no conceito do nascimento de uma nova cidade. Tais reportagens tinham como parâmetros as remodelações urbanistas e arquitetônicas empreendidas por Hitler na capital do III Reich. Uma dessas matérias, por

exemplo, sugeria a relação entre a arquitetura e a garantia de um futuro promissor:

*"Hitler constroi para as gerações vindouras".<sup>(4)</sup>*

A Interventoria compreendia a importância de construir uma memória para o futuro, segundo a visão nazista da monumentalidade na arquitetura, o que Michael Pollak chama de memória cristalizada na pedra.<sup>(5)</sup> Hitler, abordando a questão das grandes construções, argumentava sobre a necessidade de Berlim possuir grandes monumentos públicos, afirmando que são esses que ficam para a eternidade, e refletem a riqueza da coletividade. Para ele, faltavam às cidades alemãs monumentos que expressassem sua vida coletiva, dada a ausência de uma arquitetura monumental. Ressaltava, com visível preconceito, que as obras mais importantes e as expressões de cultura da Alemanha, restringiam-se aos hotéis e "*armazens de alguns judeus*", fato que não condizia com sua proposta de arianização da sociedade em todos os sentidos.<sup>(6)</sup>

As mensagens desta remodelação da cidade, veiculadas pela **Fôlha da Manhã**, procuravam, na maioria das vezes, opor o bonito ao feio, o progresso ao atraso, com o objetivo de criar um clima de ansiedade, de expectativa junto ao leitor que, envolvido pelo discurso, não resistia às mudanças. Incentiva-se a expectativa de "querer" mudar e, se estávamos mudando para melhor, cabia ao Estado determinar as prioridades, sendo de sua competência determinar o que deveria ser realizado.

A comissão instaurada pela Interventoria para executar o plano de remodelação da cidade, composta por políticos ligados diretamente à Interventoria, suscitou críticas. O Interventor reagia apontando como exemplo a grande reforma da cidade de Paris [1853/1870] proposta pelo Prefeito Eugenio Haussmann, numa alusão clara de que aquele empreendimento só foi possível pela visão política do engenheiro responsável: o próprio Haussmann. Nesta linha o era categórico:

*"Haussmann, que transformou Paris, em 15 anos, era um homem de cultura geral e político". (7)*

O discurso da imprensa, acerca das transformações que a cidade deveria sofrer, perpassava pela inauguração de uma nova e deslumbrante "fase política", expressa na proposta de uma nova vida para Recife. Este novo tempo, caracterizava-se não somente pelas transformações físicas da cidade, mas, essencialmente, pela mudança radical a ser operacionalizada no *modus-vivendis* de seus habitantes. A campanha diária, exercida pela **Fôlha da Manhã**, foi realizada no sentido de exigir dos cidadãos uma "conscientização" de que mudanças radicais deveriam ser implantadas nos hábitos e costumes da cidade. Se seus moradores a queriam moderna, bela, semelhante às metrópoles do "Sul", cabia a eles a tarefa de exercer a fiscalização dessas mudanças, ou seja: denunciar contrastes como parte da campanha assumida pelo periódico. Assim, os aspectos que expressavam os contrastes da vida material, eleitos pela imprensa, representavam na verdade os hábitos de uma economia agrária, moldada no cotidiano dos engenhos de açúcar, que ainda persistiam ao lado do espírito inovador sustentado pela Interventoria. Interferir no cotidiano provincial da cidade do Recife e de seus habitantes, na tentativa de desenvolver novos hábitos que levassem a um cotidiano "moderno e civilizado", foi meta do governo, endossado pela propaganda diária da **Fôlha da Manhã**:

*"Recife é a terceira capital do paiz, com uma população quatro vezes maior que a população de Belo Horizonte. Acresce que a área movimentada da urbs é quasi tão extensa como a de São Paulo e ultrapassa de muito a Porto Alegre, Belo Horizonte e Bahia".(8)*

### **3.1- Recife é Uma Aldeia.....**

Um dos lemas que direcionaram o ideário político de Agamenon Magalhães como Interventor de Pernambuco foi o de transformar Recife em uma grande metrópole. A capital deveria ganhar *status* de um arrojado



O LOCAL ONDE VAE SER CONSTRUIDO O UFA-PALACIO, NO BAIRRO DE SANTO ANTONIO

Ilustração 18- " O local onde vae ser construido o UFA-PALACIO  
no bairro de Santo Antonio", IN Jornal FOLHA DA MANHÃ,  
Recife, vespertino, 03.03.1938, p 8



**PARTE DE UM PREDIO DESMORONADO E UMA APRESSADA E MODESTA MUDANÇA**

Ilustração 19 - "*Parte de um predio desmoronando e uma apressada e modesta mudança*", IN Jornal **FOLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 12.03.1938, p 4

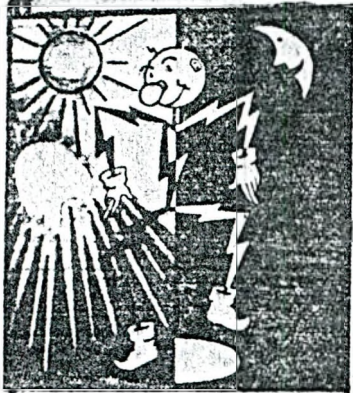
centro urbano, deixando para trás seu perfil de "*pequena aldeia*", aliás, "muito acanhada" para um político articulador do porte de Agamenon Magalhães. Esta idéia assumiu forma de lamento, fazendo-se presente na correspondência corrente do Interventor com seus amigos políticos do Rio de Janeiro.<sup>(9)</sup>

Destruir o velho e construir o novo ( Ilustrações 18-19), transformaram-se em prioridades do governo pernambucano, que, endossando o ideário político sustentado pelo regime estadonovista, viu nas construções populares uma forma de colocar em prática o que, até então, era apenas projeto social. Estas construções apresentam-se em duas vertentes que se completavam: uma que construía habitações populares para erradicação dos mocambos na cidade; e outra, que construía, destruindo a tradição e buscando criar o novo, o moderno, o progresso, sob o artifício do embelezamento. O conjunto destas construções - dentro de uma visão de uma estética fascista, deveria representar no futuro um eloqüente discurso político do Estado Novo. Elias Canetti em ensaio sobre as propostas de Speer, o arquiteto de Hitler para as remodelações de Berlim, analisa este conceito de belo e grandioso presente na arquitetura nazi. <sup>(10)</sup>

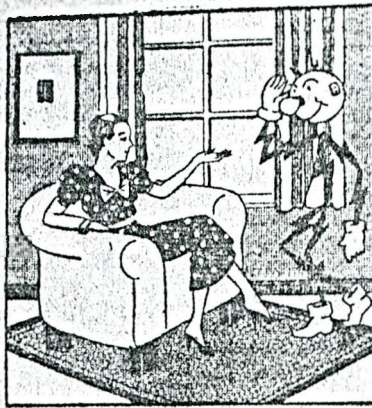
Na medida em que eram construídas as habitações populares, vilas operárias, das lavadeiras, costureiras, a Interventoria estaria limpando e higienizando a cidade, destruindo mocambos e pardieiros.<sup>(11)</sup> A imprensa encarrega-se de veicular a idéia de que o mocambo é elemento fomentador de pobreza, infelicidade e crimes. A miséria é relativizada ao mocambo. Portanto, identifica-se na erradicação do mocambo, a emergência da felicidade, da alegria, da higiene, do trabalho e da ordem.<sup>(12)</sup>

O espetáculo da destruição de uma parte do conjunto arquitetônico do Recife antigo foi executado com a mesma intensidade e o desejo de impor o "moderno" que havia compelido as destruições da parte velha da cidade do Rio de Janeiro e da própria Recife, na primeira década do século. Essa havia sido também a premissa da reforma Haussmann para as demolições dos bairros operários de Paris. Modernizar a cidade implicava em

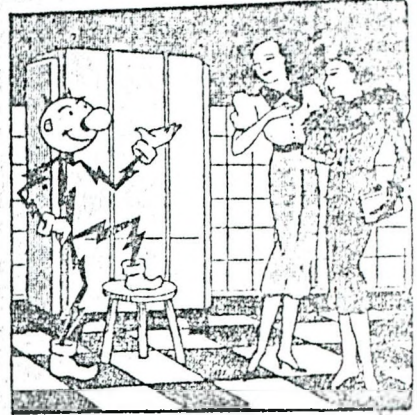
# Quem é que...



SEJA DE NOITE OU DE DIA,  
MAIS DO QUE EU QUEM PORTO?  
QUEM É?



E QUEM É QUE, PRESTIMOSO,  
SERVICAL E PRESSUROSO.



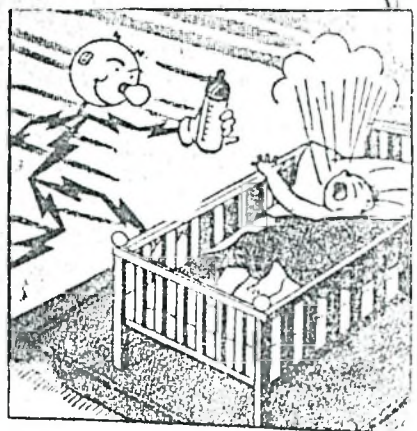
VAE RECEBER AS VISITAS,  
MOÇAS GENTIS E BONITAS.



PREPARANDO O BOM CAFÉ?  
QUEM É?



QUEM PERMITE A CRIATURA  
OS PRAZERES DA LEITURA?



E, FINALMENTE, QUEM É QUE  
CUIDA E TRATA DO BÊBÊ?



SEMPRE SOLICITO E ECLÉCTICO,  
É O SENHOR KILOWATT...  
ESTE SEU CRIADO ELECTRICO!

# Não Vacile!



**"WALLIG"** É o fogão que lhe oferece todas as garantias

Um tipo para cada cosinha — Vendas a prestações

Com prazo de 12 mezes — Queima lenha ou carvão

Mas de 50 tipos á sua escolha — Peçam orçamento para instalações de agua quente



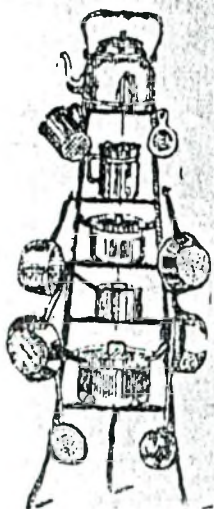
O patrão:—Com a breca!  
Não se comprou trinta feixes  
de lenha a semana passada?

A patrão A culpa não é  
minha, meu caro. Esse mo-  
vel que devia ser um fogão  
é peor que uma garganta  
de locomotiva.



■ Façam economia  
comprando um fogão  
**"WALLIG"**

**SATISFAÇÃO COMPLETA.**  
SÓ COM UM:  
**FOGÃO "WALLIG"**



Fornecemos lenha para os possuidores de fogões  
**"WALLIG"** a \$600 o feixe—Aceitamos contrato para  
fornecimento a hotéis, pensões, colegios, hospitaes etc.

Façam os seus pedidos pelo fone 2366 e será prontamente atendido

Baterias de Alumínio, faqueiros, etc.

Reparo e troca de fogões usados

**AZEREDO MELLO & CIA.**

RUA DA IMPERATRIZ, 110 — RECIFE

Ilustração 21- " Não Vacile! ", IN Jornal FOLHA DA MANHÃ,  
Recife, vespertino, 30.05.1938, p 4

# "Ô QUE BECCO ESTREITO CHEGADO A ESPINHO..."



zes policia e desordei-  
ro brigavam, mesmo na  
proporção de 10 contra  
1. As espadeiradas lam-  
biam o cosiado do pro-  
vocador, cavallos ca-  
hiam feridos, soltos  
pulavam das sellas tin-  
tos de sangue, havia o  
diabo.

Muitas vezes o valen-  
tão ainda ganhava a  
partida conseguindo fu-  
gir e ir, adiante, dois  
dias depois, repetir a  
façanha.

O bêcco do Cirigado  
é estreito, sombrio e su-  
jo. Ainda hoje, depois  
da meia-noite, é perigo-  
so á segurança do cida-  
dão, a sua travessia.  
Não ha almas penadas

Ilustração 22 - " Ô que becco estreito chegado a espinho..." , IN  
Jornal FOLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 29.03.1938, p 8

substituir o patrimônio histórico remanescente por novos arranha-céus, símbolos do "progresso" e da "modernidade". Assim, o arranha-céu desbancava os velhos sobrados considerados como moradia fétida, misteriosa e sombria.

A modernidade representava para a elite recifense o apartamento servido por elevador, o telefone, enfim, estilos de um cotidiano que se afirmava no Rio de Janeiro, uma vez que, naquela cidade, ainda coexistiam como opção de residência um grande número de casas junto com os arranha-céus ( Ilustração 20-21 ). Assim, no novo Recife, as casas deveriam começar a ceder lugar para os novos apartamentos luxuosos que passaram a simbolizar a vida moderna, da mesma forma que as chaminés das fábricas varando o céu eram consideradas uma visão majestosa, avassalante, "inteligente", em contraste flagrante com o Recife antigo, preconizado como se reacendesse a "burrice". Neste sentido, a **Folha da Manhã** traçava um quadro dos contrastes da velha e nova cidade:

*"há cem anos distante, o Recife apresentava curiosos e pitorescos aspectos que a vida moderna, vertiginosa de hoje,, está tornando como materia suja que reclama lenço ao nariz a cada hora. O sobrado alto, silencioso e sombrio, está cedendo seu passo ao arranha-céu luxuoso, cheio de apartamentos luxuosos, com seu elevador que sobe e desce rápido como um foguete. O sobrado era e ainda é em certas ruas misterioso, ainda há vários assim aqui no bairro do Recife e em certos pontos do bairro do São José. Há apartamentos de luxo, catita, com telefone, rádio, banho quente e outras confusas complicações da vida moderna e muita luz, clariando tudo. O Recife moderno é avassalante, tem fábricas, cujas chaminés querem atrevidamente varar o ceu. O Recife antigo cheirava a burrice..."<sup>(13)</sup>*

O projeto modernizador da cidade varria os becos e os sobrados antigos do centro, criando novas ruas e avenidas. Não há mais lugar na geografia da cidade para sobrados e becos ( Ilustração 22). A **Fôlha da Manhã** prognosticava estas mudanças, sem deixar, entretanto, de expressar

um certo saudosismo e lamento, embutidos na expressão "acabou, não há mais becos":

*"outra vitima da cidade vertiginosa é o beco, não há mais becos, Acabou-se. O beco ziguezaguando, espremido numa travessa da rua, fedendo a pano velho, mexeriqueiro, lavando a sua roupa na calçada e discutindo a vida alheia a cada instante, está passando seu lugar à cidade nova".<sup>(14)</sup>*

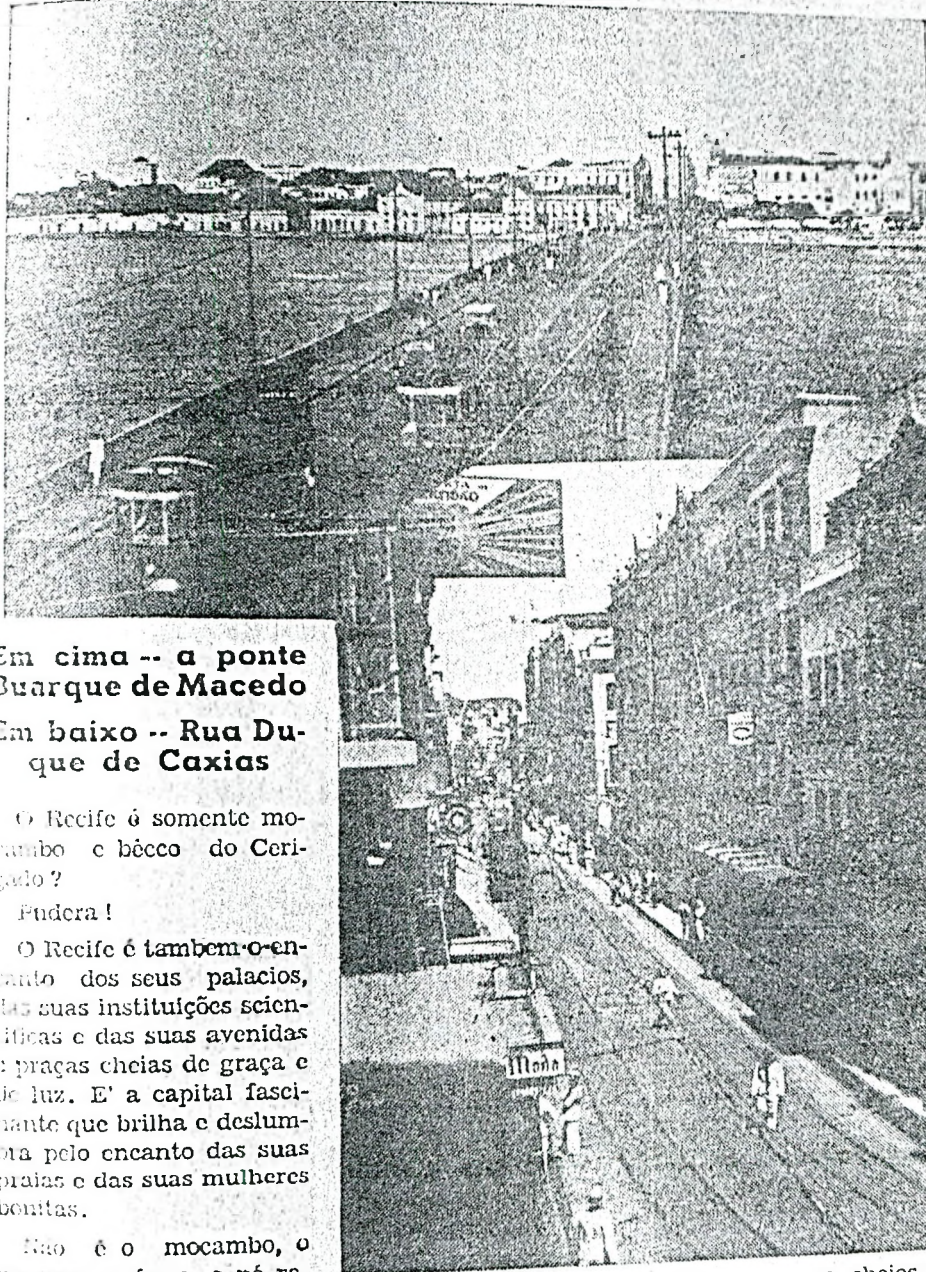
Tudo aquilo que representava a arquitetura e os costumes do Recife Antigo era identificado com o obsoleto, o atraso. O progresso material que a cidade vivia não comportava becos e sobrados antigos. O beco era associado à sujeira, à imundície, aos maus costumes. Neste sentido, o beco era o responsável pela corrupção do caráter; urgia, pois, destruí-lo.<sup>(15)</sup>

A imagem da arquitetura colonial dos velhos sobrados da cidade chegou a ser ligada às histórias de fantasmas que habitavam e vagueavam pelas velhas casas. Ao nível do imaginário, o jornal explorava tais idéias procurando fomentar atitudes e sentimentos de repulsa ao sobrado antigo, utilizando-se de uma retórica que apontava para imagens cinematográficas, fantasiosas, envolventes:

*"foi o sobrado alto e sombrio o criador do fantasma arrastando pesadas correntes pelos corredores na madrugada alta. O fantasma é doido pelo sobrado cheio de andares, ainda com um sotão cavernoso fincado no ultimo lance, sitio destinado também ao mofo, aos ratos e as mesas e cadeiras imprestáveis. O arranha-ceu desbancando o sobrado, desbancou também o fantasma. Hoje Ele não anda solto, nem há correntes pesadas pisando os soalhos".<sup>(16)</sup>*

Assim como os sobrados, as lendas sobre fantasmas tinham e ainda têm tradição em Recife. Estórias de assombrações compõem os arquivos e fazem parte dos noticiários policiais que documentam o cotidiano da cidade. O Jornal **A Província**<sup>(17)</sup> registrou, em diferentes momentos, atos da polícia local contra supostos espíritos desordeiros e denúncias contra ruídos de almas "penadas." Aliás, sempre que necessário, os regimes autoritários apelam para perigos imaginários, com o objetivo de garantir

# A CIDADE CHEIA DE GRAÇA E DE LUZ!



Em cima -- a ponte  
Buarque de Macedo

Em baixo -- Rua Du-  
que de Caxias

O Recife é somente mo-  
cambo e bôcco do Ceri-  
gado?

Pndera!

O Recife é também o en-  
canto dos seus palacios,  
das suas instituições scien-  
tificas e das suas avenidas  
e praças cheias de graça e  
de luz. E' a capital fasci-  
nante que brilha e deslum-  
bra pelo encanto das suas  
praias e das suas mulheres  
bonitas.

Não é o mocambo, o  
mongue, a fome, o pé ra-  
pado e a treva.

Este jornal tem publicado  
vários flagrantes da cida-  
de pittoresca, entre ruas o

de antiga que a cada mo-  
mento se renova.

Passamos uma vista re-  
trospectiva, pelo encanto

antigos, mesmo cheios de  
phantasmas mentirosos e  
dos beccos estreitos que  
tanto deram brilho a Nas-  
cimento Grande quando

Está a Maternidade.  
Está a Faculdade de Di-  
reito.

Está o Palacio da Justiça.  
Está o Grande Hotel.  
Estão os Hospitacs.  
Estão os arranha-céos.

Os aviões, em um dia so,  
ligam o Recife ao Rio.

Os transatlanticos se  
agazalham no porto como  
aves que conhecem bem os  
seus ninhos.

E' a cidade nova, cheia  
de graça e cheia de luz.

— Ascensorista, toca  
para o sexto andar!

O Recife agora é outro,  
gente!

## Auxilios e sub- venções

O Estado dispense an-  
ualmente 157.720\$000 com  
auxilios e subvenções ás  
instituições de caridade,  
afóra 90.660\$000 de sub-  
venções concedidas a es-  
tabelecimentos de ensino  
mantidos por religiosos.

## Baixa o preço do arroz

Em consequencia da  
grande safra, o preço do  
arroz no Rio Grande do  
Sul baixou para dez mil  
réis a sacca.

## O café abys- sinio na Italia

Durante o anno passado a  
Italia importou 83.333 sac-  
cos de café da Abyssinia.

Ilustração 23 - "A Cidade cheia de graça e de luz!", IN Jornal  
FOLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 04.04.1938, p 6

seu *status* de "ordenador da sociedade": comunistas, judeus, vagabundos, orientais, aleijados, negros e mulatos; todos tiveram seu espaço reservado junto ao grupo dos marginalizados, inclusive os fantasmas e os maus espíritos.<sup>(18)</sup>

Transformar as ruas de Recife em "modelos de modernidade" tornou-se preocupação constante do governo pernambucano. Coube à imprensa local a missão de veicular a mensagem à população de que o cotidiano urbano deveria ser ordenado como forma de repúdio ao atraso e como forma de protesto ao provincialismo. Vislumbrava-se um Recife com avenidas amplas e grandes praças, ( Ilustração 23) luxuosas, acariciadas pelas limusines e pelo calor das lâmpadas elétricas a grande estilo. <sup>(19)</sup>

### **3.2- O Olhar do Turista Sobre a Veneza Brasileira**

Na medida em que o Recife se modernizava e se higienizava, tornou-se preocupação constante da prefeitura o controle dos passeios turísticos. Proteger alguns pontos da cidade dos olhos atrevidos do turista era condição imprescindível para a confirmação e a afirmação de que Recife era uma Veneza à brasileira. Direcionar o olhar do estrangeiro foi uma das fórmulas encontradas para esconder o que ainda não havia sido regenerado pelo poder salvífico do Estado Novo. A instrumentalidade encontrada pelo governo foi escrever e editar um guia turístico, através do qual o turista pudesse conhecer a cidade, respeitando os limites impostos pelo poder político.<sup>(20)</sup>

O conteúdo de um destes passeios direcionados encontrava-se permeado de ricos elementos positivos com o objetivo de mostrar ao turista o que deveria ser visto em Recife. Para direcionar os passos e o olhar do turista, o Estado promovia excursões para os que chegam ao porto, oficializando-as com a presença do Interventor e do Prefeito. Numa dessas



Ilustração 24 - "*As indústrias Marca Peixe*", IN *Jornal A GAZETA*, Recife, 11.01.1938, p 3

excursões, a **Fôlha da Manhã** salientava com manchetes de primeira página o roteiro proposto - extremamente atraente - incluindo passeios às várias avenidas e jardins, terminando com um chá no Palácio das Princesas, residência oficial do Interventor.<sup>(21)</sup>

A prefeitura organizou também uma exposição que ficou conhecida como a "*Sala-da-Cidade*", organizada com registros de todos os elementos característicos do Recife <sup>(22)</sup>. Em 1938, em artigo otimista publicado pela **Fôlha da Manhã**, intitulado "*Turismo*", o Interventor justificava a iniciativa do governo de confeccionar esses álbuns e roteiros turísticos, como sendo uma forma de orientação às inteligências dos turistas, para que estes pudessem interpretar o estilo e para que os quadros de nossa vida cotidiana fossem bem compreendidos. Ao apelar para a "inteligência" dos turistas, a interventoria acobertava o verdadeiro motivo daquelas iniciativas: o controle do espaço pelo Estado. Percebe-se aí a relevância que o Estado atribui ao seu grupo de "ordenadores" da sociedade, a elite cooptada, no sentido de conduzir as massas. Daí essa "ironia" com relação à inteligência do turista e também uma certa depreciação da sua capacidade de apreender a realidade.<sup>(23)</sup>

Assim, no espaço permitido pelas autoridades, o turista deveria entrar em contato apenas com o que expressasse o moderno, o avanço tecnológico. As usinas de açúcar, as indústrias têxteis, alimentícias, de óleo e seus derivados representavam uma trilogia cara ao novo regime: a união em torno do trabalho, o poder de iniciativa "inerente" às novas autoridades, e a crença no Estado Novo.

Elaborava-se um turismo de cunho nacionalista e que deveria ser propagado de forma a reforçar o projeto regenerador do Estado Novo, traduzido pelas categorias: trabalho e ordem.

A reificação da categoria trabalho era expressa também na forma de propaganda usada pelas indústrias, em especial pela Peixe, de doces, que levava celebridades do momento para visitas à fábrica, as quais são amplamente documentadas nos jornais ( Ilustração 24). As imagens das

usinas de açúcar eram veiculadas apresentando um ambiente moderno, jamais enfocando a miséria das relações de trabalho da zona da mata em Pernambuco. Neste turismo idílico, apontava-se para a construção de uma ordem que esvaziava quaisquer resquícios de conflitos entre patrões e empregados.<sup>(24)</sup>

Nesta ótica, cabia ao Estado e a uma parcela de cidadãos recifenses, desejosos de transmigrar para o "Norte" o estilo de vida do "Sul", orientar e direcionar as reformas que introduziriam Recife no rol das *urbs* "civilizadas". Esperava-se das autoridades fiscalizar, apoiar e garantir essas mudanças.

### **fotógrafos: os novos tiranos do Recife**

Ao direcionar o olhar do turista, a Interventoria se deparou com um outro olhar que tudo capta e registra: o do fotógrafo. Tornou-se comum a prisão de turistas que ousavam fotografar locais proibidos, tidos como ambientes "feios e sem higiene", registrando o lado da cidade que ainda não fora "regenerado". As máquinas fotográficas eram apreendidas e quebradas na frente do visitante que ainda era advertido sobre a possibilidade de ficar retido, caso persistisse em fotografar esses "*lugares proibidos*". Manuel Lubambo, Secretário da Fazenda de Agamenon Magalhães, reafirmou o papel da polícia, lembrando que a ela cabia ação,

*" proibindo o serviço dos fotografos de rua. O Recife está se tornando a cidade mais feia do mundo nas mãos dos seus novos tiranos".* <sup>(25)</sup>

Estas ingerências policialescas traduziam situações de conflito decorrentes da convivência com dois Recifes: o real e o imaginado. O primeiro deveria ser evitado aos turistas-fotógrafos, enquanto que o oficial deveria emergir reluzente, moderno, perfeito e avassalador. Boris Kossoy, em sua obra **Fotografia e História**, atenta-nos para o papel que a fotografia tem

# O RECIFE DE HOJE

MARIO SETTE

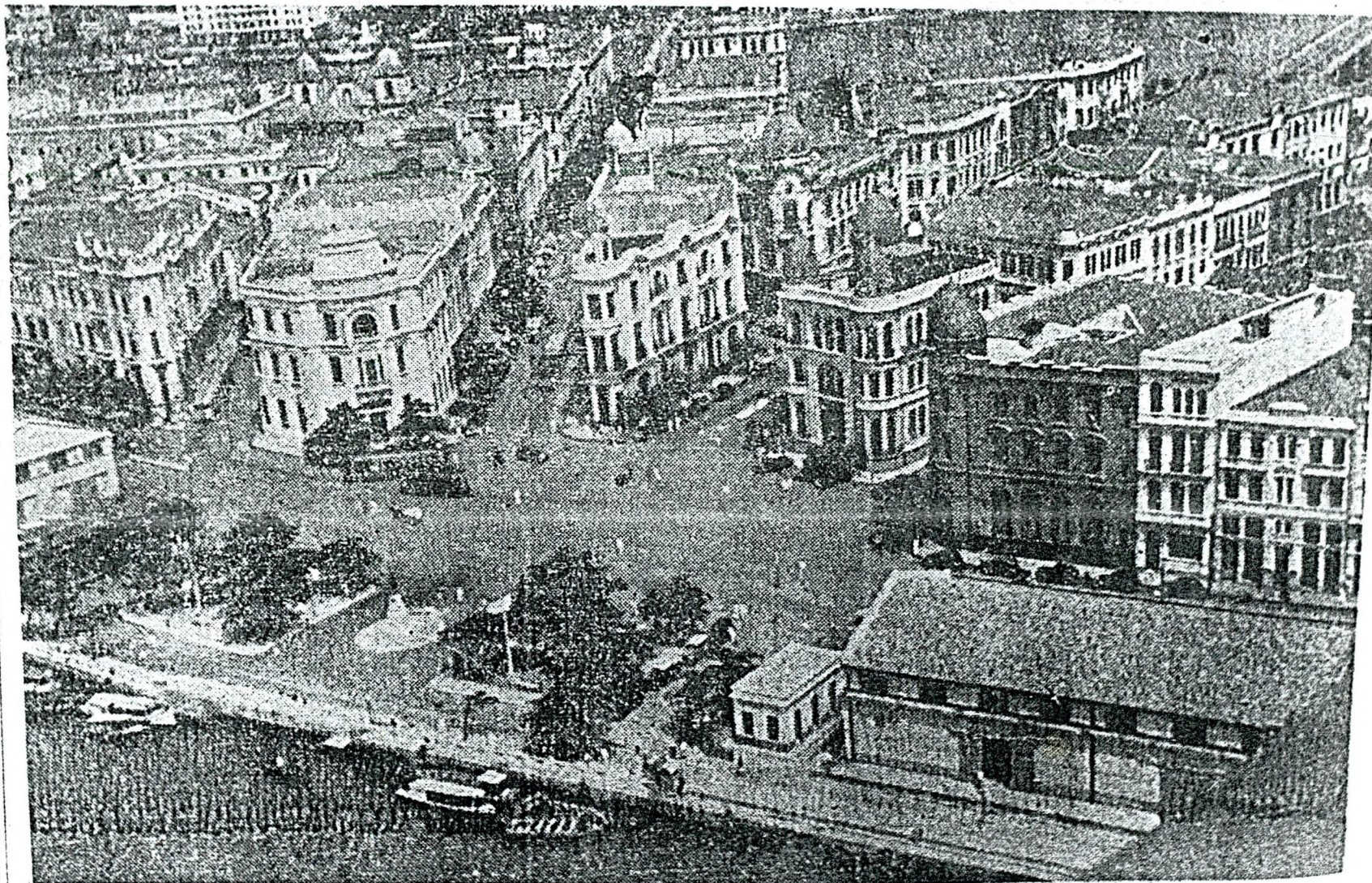


Ilustração 25 - "*O Recife de Hoje*", IN Jornal **FOLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 23.03.1938, p 1

na construção de uma segunda realidade e as possibilidades que esta oferece para a manipulação da imagem.<sup>(26)</sup>

Referindo-se ao papel ideológico dos albuns fotográficos que incluem roteiros turísticos, Kossoy procura demonstrar o quanto estes são interesseiros. Têm, na sua essência, o objetivo de direcionar o olhar reproduzido da imagem do "oficial":

*"Tais imagens que isoladamente dariam margem a uma leitura determinada, passam, uma vez associadas à linguagem escrita da publicação, a transmitir uma mensagem que pode ser verdadeira no seu conteúdo iconográfico mais que dependendo do seu uso pode tornar-se falsa numa perspectiva global".<sup>(27)</sup>*

Assim, os álbuns de roteiros confeccionados pelo governo de Pernambuco (Ilustração 25) não correspondiam ao Recife real, mas fragmentos de um Recife oficial, a ser exibido.<sup>(28)</sup>

Ao deliberar a "caça aos fotógrafos", a **Fôlha da Manhã** estimulava a população a manter uma atitude de alerta e agressão contra os mesmos. São meras sutilezas expressivas da prática do autoritarismo estadonovista em Pernambuco que, como tantos outros, apresentam-se sob as formas mais inusitadas possíveis. Portanto, o uso da polícia como instrumento de terror e violência assegurava, por sua vez, o cumprimento das normas instituídas. O olhar do turista deveria ser "organizado e domesticado" e, para tanto, a presença da polícia se fazia necessária. Separar a cidade "sã" da cidade "contaminada" e mostrar ao Brasil e ao mundo apenas os cenários positivos passou a ser tarefa da polícia.

Em editorial, "*Advertência Perigosa*", foi trazido à baila o caso de um turista estrangeiro, preso por delito grave, pelo fato de estar fotografando lugares proibidos. Manuel Lubambo, jornalista que assina a matéria, ressalta a liberdade que o estrangeiro tem de ir e vir pelo país como sendo um "privilégio" concedido pelo Estado e inerente à hospitalidade do povo brasileiro.<sup>(29)</sup> Torna-se evidente o apelo da imagem do brasileiro como o homem cordial; todavia, lembra-se que esta cordialidade deve ter sua



Vila Nóbrega de Santo Inácio, no Recife

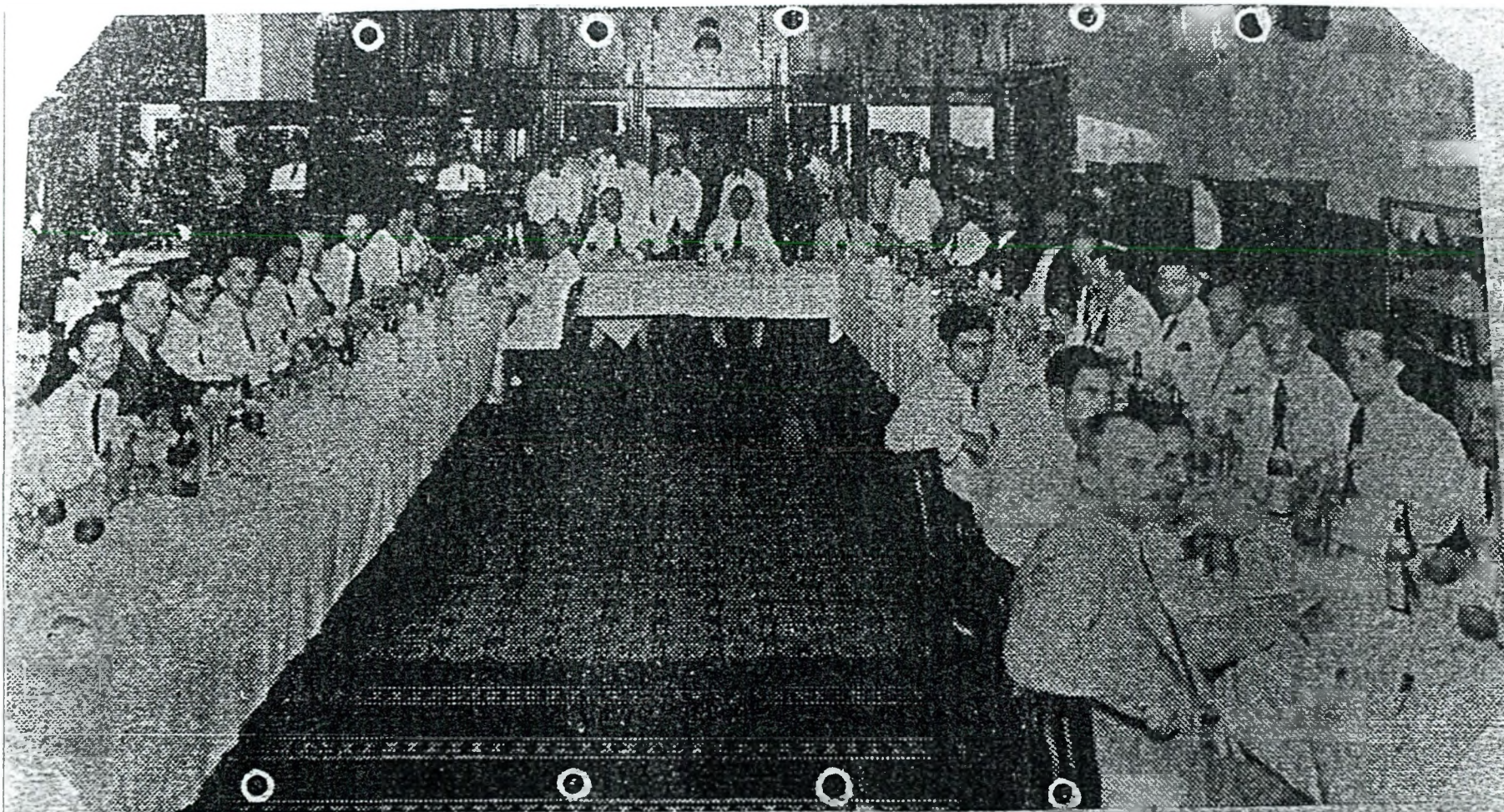
**Ilustração 26 - "Vila Nóbrega, casa de exercícios de Santo Inácio, no Recife", IN Arquivo da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, Recife, v. 1, 1938**

fronteira no "respeito à pátria".<sup>(30)</sup> Daí, as atitudes dos turistas, que estavam divulgando no exterior flagrantes fotográficos em nada recomendáveis, serem apresentadas como verdadeiros insultos ao Brasil: "*comprometiam a nossa civilização, a nossa cultura e o nosso progresso*" e, como tais, deveriam ser rechaçadas pelo próprio povo, que encontraria um meio de acabar com o abuso. E aí estava a incitação para o uso da violência, ressaltava-se que o "*advena*" só não fora castigado fisicamente pelas pessoas que estavam no local devido à intervenção do guarda que havia efetuado a prisão. Assim, concedia-se ao brasileiro cordial o direito de apelar à violência física, caso os insultos à pátria comprometessem as imagens de progresso e civilização a serem veiculadas ao mundo. O editorial concluía com uma expressão de alerta: "*o exemplo vale como advertência proveitosa e oportuna*".<sup>(31)</sup>

### 3.3- O Lazer da Elite

A cidade crescia em direção à zona norte, sendo os bairros tradicionais da Boa Vista, Espinheiro, Casa Amarela, Casa Forte e Derby, os escolhidos para as mansões da elite. As praias ainda são consideradas distantes do centro. Boa Viagem ainda representa um local de difícil acesso, servido por uma linha de bonde que não tinha muita pontualidade, daí as reclamações constantes de seus moradores. É uma área de veraneio, um ambiente propício para casas de retiros espirituais - os jesuítas possuíam ali a **Villa Nobrega**, casa onde eram realizados os retiros da Congregação Mariana ( Ilustração 26).

Os clubes representavam o lazer moderno e civilizado. Esta é a época em que são reformadas as grandes sedes dos clubes Internacional do Recife e Português. Os salões de dança foram remodelados à semelhança dos clubes do Rio de Janeiro. As orquestras de jazz tocam tanto para o carnaval como para as festas juninas, visto que os novos parâmetros de modernização não admitiam músicas regionais. Frevo e quadrilha ficaram em segundo plano, marginalizados pelo império do jazz.<sup>(32)</sup>



**Flagrante do banquete no Restaurante LEITE, oferecido pela firma Herm Stoltz & C'a aos seus auxiliares**

*Ilustração 27 - "Flagrante do banquete no Restaurante LEITE, oferecido pela firma Herm Stoltz & C'a aos seus auxiliares", IN*  
**Jornal A GAZETA, Recife, 02.12.1937, p 8**

# Folha da Manhã

edição das 10 horas

Rua da Madre de Deus, 113

Director: Arthur de Moura

Phone: 9528

ANNO I

RECIFE, 24 DE FEVEREIRO DE 1938

N. 1

8 PAGINAS

100 reis

## Um casino de luxo para o Recife

O QUE O ESPI-  
RITO DYNAMICO  
E SONHADOR  
DO SR. ALBERTO  
BIANCHI IDEA-  
LIZA PARA  
GRANDEZA DA  
NOSSA TERRA



Ilustração 28 - "Um casino de luxo para o Recife", IN Jornal FOLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 24.01.1938, p 1

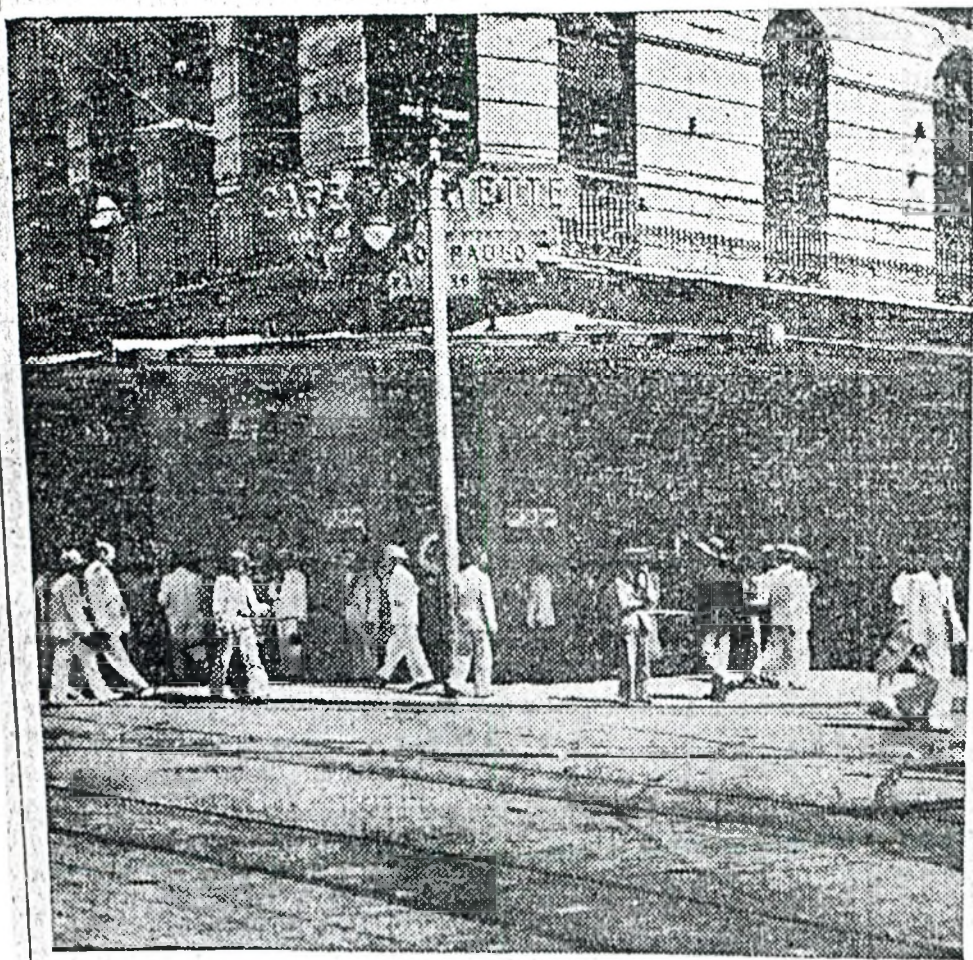
Os restaurantes não representavam ainda opção de lazer para os fins de semana das famílias. Eram espaços de encontros para os homens de negócios e realização dos grandes banquetes festivos. A imprensa chegou a criticar a ausência de bons restaurantes na cidade.<sup>(33)</sup> O Restaurante Manoel Leite -conhecido simplesmente como Restaurante Leite, fundado em 1890- era apontado como o maior e mais confortável salão de refeições do Recife. (Ilustração 27) Fornecia os lanches para a linha aérea Panair do Brasil e para as excursões e piqueniques realizados com frequência pela elite, em passeios às cidades próximas. O Restaurante Leite foi eleito pela Interventoria como o local para a realização de suas comemorações, através de grandes almoços.<sup>(34)</sup>

A inauguração do Grande Hotel, com seu restaurante e bar às margens do rio Capibaribe, tornou-se outra opção de lazer. Foi construído pelo Estado e arrendado ao italiano Alberto Q. Bianchi; sua inauguração, em junho de 1938, foi uma demonstração de pompa e luxo: quatro orquestras, sendo duas provenientes do Rio de Janeiro, além de contar com a presença do cantor Francisco Alves, considerado a voz máxima do Brasil, "*cantor das multidões*".

O hotel possuía também um *Grill Room*, explicitado como "*puramente familiar*", que promovia a vinda de artistas nacionais para *shows* abertos ao público. Ressaltava-se que Recife teria à sua disposição um luxuoso centro de reuniões de apurado gosto e rigorosa moralidade. Portanto, estava explicitado que os *shows* eram "familiares", oferecendo condições de serem frequentados pela clientela feminina ( Ilustração 28).

A ostentação do luxo do hotel era apregoada como tendo um serviço de bar e uma cozinha entre os melhores da América do Sul. A contratação dos empregados, evidenciava este luxo: vindos diretamente do Rio de Janeiro, por não se achar no Recife mão de obra qualificada para tanto e para que seus hóspedes tivessem um serviço à altura.<sup>(35)</sup>

# A' esquina e á sombra do Café Lafayette



Quem pensar que os...

listas são analisados, denunciados e destruídos de uma forma tão convincente que o ouvinte, desacostumado a essas reuniões diárias, chega a pensar, mesmo, que a assembléa tem poderes do diabo.

Hitler, em dois tempos, é arrazado e preso, Mussolini, num minuto é encostado no canto da parede e o general Franco não passa de um inexperiente soldadinho de chumbo. Kai-Shek vòa, e, num instante, joga centenas de bombas sobre as casas de madeira do Japão que, dentro de pouco tempo se transformam

Ilustração 29 - "Á esquina e á sombra do Café Lafayette" IN  
Jornal FOLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 08.04.1938, p 1

A propaganda veiculada pela imprensa é sugestiva desta preocupação do regime em projetar a imagem do progresso e da eficiência identificada com os modelos das cidades do primeiro mundo:

*"Recife cresce e moderniza-se. A inauguração do Grande Hotel assignala uma phase decisiva dessa transformação que se processa com notável rapidez. Recife pode orgulhar-se do seu Grande Hotel, que rivaliza com os de Nova York e Londres. O seu elegante Grill Room com lindas e sóbrias decorações, onde as familias da cidade ouvirão Francisco Alves. O Roof-Garden nas terrasses do edificio, sob o ceu vivamente estrellado, sera o ponto predilecto dos que preferem saborear um drink desfructando de um ar puro, das brisas refrigerantes que sopram do mar e do rio. O Grill-Room é puramente familiar".<sup>(36)</sup>*

### **Café Lafayette: o cenáculo de Recife**

A "esquina da Lafayette", como ficou conhecido o ponto de encontro de intelectuais do Recife, localizava-se no cruzamento das ruas do Imperador com a Primeiro de Março. Ali estava instalado o Bar Continental, com suas mesas espalhadas pela calçada, debaixo dos oitizeiros. Junto a este funcionava uma charutaria e loja de venda de cigarros da Fábrica Lafayette, daí o bar Continental ficar cognominado como "Lafayette" ( Ilustração 29).

O grupo que ali se reunia era composto por jornalistas, professores e intelectuais. Além disto, a "esquina da Lafayette" ficava próxima às sedes dos principais jornais de Recife: Diário de Pernambuco, Jornal do Comércio, Jornal Pequeno, Diário da Manhã, Jornal do Recife. Era o próprio caminho das notícias e dos "boatos". Discutiam-se ali os livros que chegavam da Europa, a política, tendo Otávio Malta ressaltado que as conspirações partiam da "esquina da Lafayette".<sup>(37)</sup>

Em 1937, a "esquina da Lafayette" passou a ser vista como um foco de possibilidades de críticas ao novo regime, apesar de ter entre seus frequentadores figurões políticos ligados à Interventoria, como era o caso de Nilo Pereira, assíduo nas mesas sob os oitizeiros. Neste sentido a **Fôlha da**

# PÉS DE LÃ, PÉS DE FADAS E PÉS DE BRASAS

PISANDO A RUA E O CORAÇÃO DOS APAIXONADOS



Ilustração 30 - "*Pés de Lã, Pés de Fadas e Pés de Brasas*", IN  
Jornal FOLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 08.03.1938, p 1

**Manhã**, investiu contra o "*plantão na esquina*" da Lafayette, eleito como "*local nocivo à saúde pública*". Esclarecia que, apesar de aqueles que ficavam nas esquinas portarem boas roupas, estavam na verdade numa ocupação reles merecendo, portanto, repressão policial. É significativo que, após 1938 a Lafayette deixe de ser um ponto de encontro tão importante. Cremos que isto foi decorrente do controle da Interventoria em coibir encontros que suscitassem discussões políticas que fizessem emergir quaisquer críticas ao regime instaurado.<sup>(38)</sup>

### **pés de lã, pés de fadas e pés de barro**

No processo de embelezamento da cidade, seus moradores também deveriam apresentar-se como um conjunto de cidadãos belos e harmoniosos. Para tanto, a aparência explícita, através do vestuário, tinha um papel preponderante no visual que se queria "apresentar" do recifense. Um artigo da **Fôlha da Manhã**, "*Pés de lã, pés de fadas e pés de barro*", (Ilustração 30) sobre o uso de sapatos pela população é rico em nuances acerca do cotidiano desta população que refletia o modo de vestir rural, demonstrando que as relações com o rural e o urbano ainda se interligavam e se confundiam. A fronteira entre a cidade e o campo não estava definida: pés de barro ainda se confundiam, gerando conflitos e valores com os pés brilhantes dos cavaleiros e madames:

*"os pés das senhoras e cavalheiros têm sapatos limpos e brilhantes. Os pés de barro espalham brasa, sempre retinto é inimigo do calçado. É sempre do cidadão que vende sorvete ou do comerciante de carangueijo. Os dedos se abrem em leques como se quizessem abarcar o mundo".<sup>(39)</sup>*

Apresentar a cidade com vendedores de caranguejos usando sapatos é uma imagem que foge da realidade do que representa este tipo de ocupação em que o vendedor, em geral, é o próprio pescador, que vai ao mangue em busca do seu produto. A incongruência do jornal transparece

# Folha da Manhã

edição das 10 horas

Travessa da Madre de Deus, 113

Director: Arthur de Moura

Phone: 9528

ANNO I

RECIFE, 9 DE MARÇO DE 1938

N. 10

## PESCADORES DE MARISCOS E CAÇADORES DE PEROLAS

O "unha de velho", é cubiçado e sempre difícil, só a muito custo é apanhado

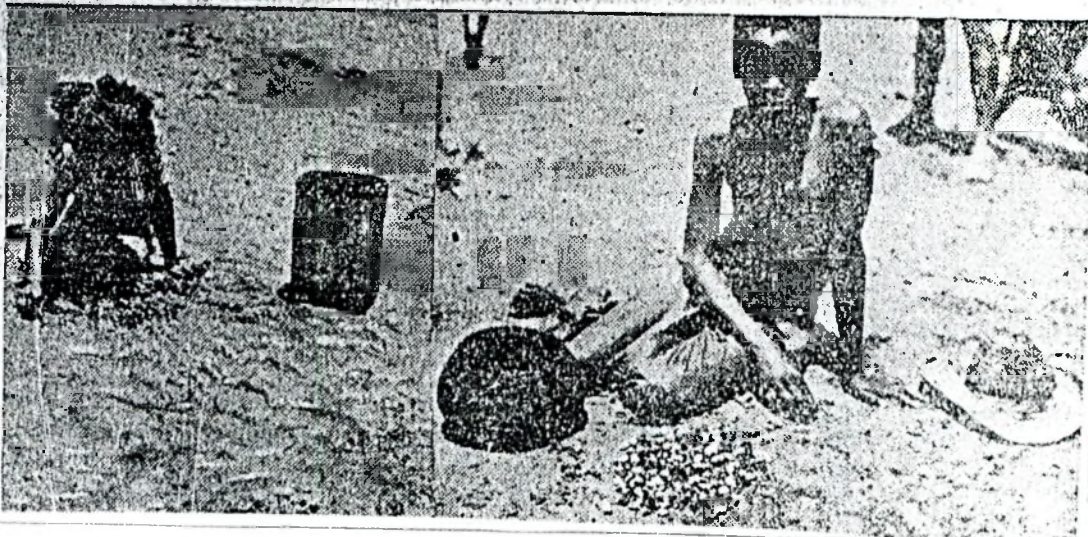


Ilustração 31 - "*Pescadores de Mariscos e Caçadores de Perolas*",  
IN Jornal FOLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 09.03.1938,  
p 1

# Pianos, vendedores de jaca e melancia, mercadores de carangueijos, tudo dentro da rua tumultuosa

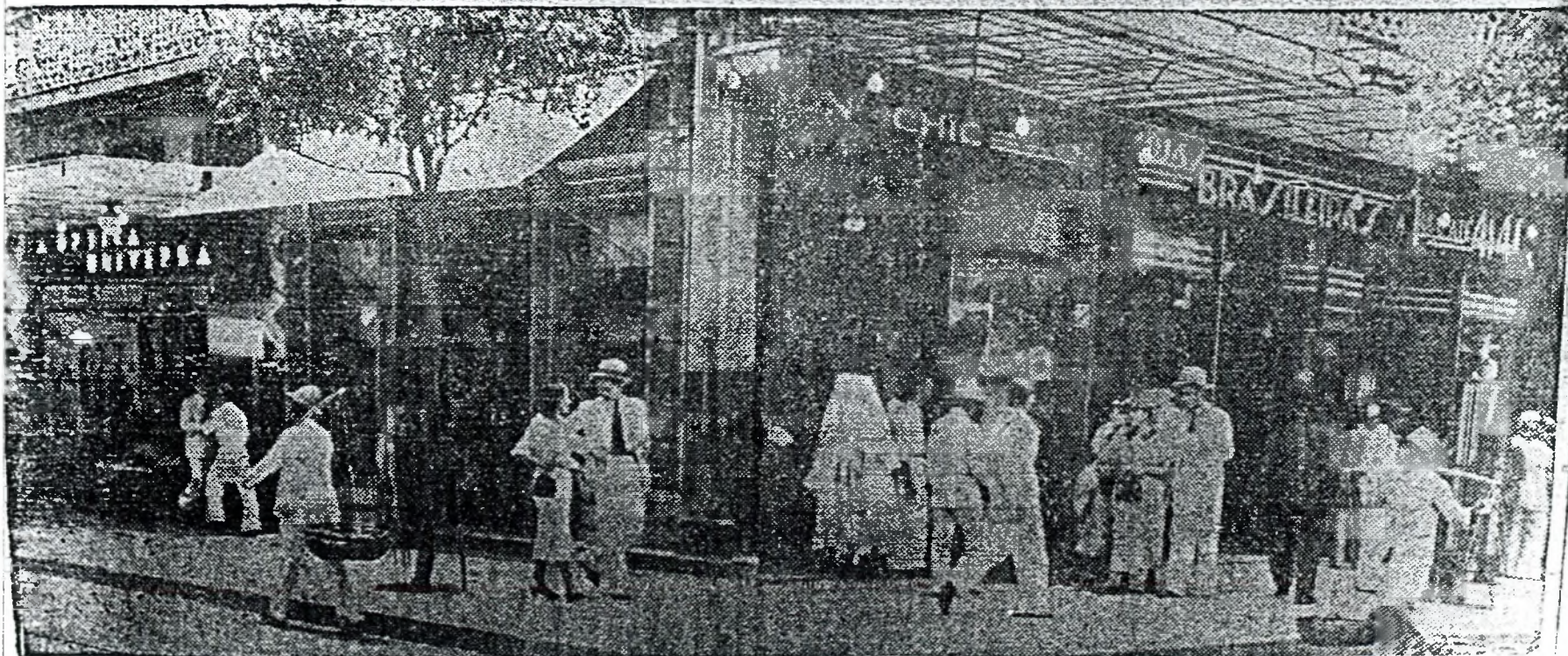


Ilustração 32 - "Pianos, vendedores de jaca e melancia, mercadores de carangueijos, tudo dentro da rua tumultuosa", IN Jornal FOLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 09.03.1938, p 8

numa reportagem sobre esses pescadores de crustáceos e moluscos dos mangues de Recife, ilustrada com fotos (Ilustração 31). Se por um lado estas denigrem intencionalmente a imagem deste cidadão, por outro lado são um testemunho das condições em que vivia e trabalhava essa parcela da população.<sup>(40)</sup>

### 3.4- Ruas do Recife: sítio de exibição de elegância

Modernizar Recife significava transformar o *modus-vivendi* provinciano da população em um *modus-vivendi* metropolitano. As ruas deveriam apresentar-se limpas, higienizadas e modernas. Para tanto, certos hábitos do nordestino - que até hoje persistem - deveriam ser extirpados. Os vendedores de frutas regionais, de comidas típicas, de sucos naturais tinham que desaparecer do cenário das ruas do centro. Fronteiras deveriam ser criadas, com o objetivo de identificar quem deveria ser o transeunte "respeitável", com direito de usar as principais artérias da cidade. A **Folha da Manhã**, ao abordar este conceito de "limpeza", procurou relacioná-lo com a identidade da cidade: nervosa, misturada, ardente, curiosa. Ao sugerir uma ordem para esta cidade "misturada", concentrou seu olhar de periódico atento ao cotidiano nos movimentos das moças que davam um ar de elegância, e luxo às principais ruas comerciais ( Ilustração 32 ). Retocando a maquiagem, andando com graça e elegância contrastando com outros personagens "grosseiros", símbolos da pobreza e do atraso cultural:

*"o Recife é uma cidade de aspecto curioso, misturada, nervosa, ardente, e sobretudo interessante. Vamos à rua João Pessoa, é o eixo da capital às 17 horas de cada dia. Tudo ali arde sob o sol ainda quente e se movimenta na graça das moças que passam e na atividade do comércio em marcha. É a rua chique, é a nossa avenida Rio Branco. Senhorinhas airosoas e ligeiras vão às compras e alegremente vão ao dentista elegantemente se aprontam, fazem sua maquiagem. A nossa João Pessoa por exemplo não é apenas sítio para exibição de elegância, exibição não somente da rapaziada fina, é também da outra sem muita*



Ilustração 33 - "*Cidade Misturada*", IN Jornal FOLHA DA  
MANHÃ, Recife, vespertino, 09.03.1938, p 8

*elegância, sem bons modos a usam. A cidade é curiosa e misturada".*<sup>(41)</sup>

Criar fronteiras entre "*as senhorinhas airosas, a rapaziada fina*" e a "*outra sem muita elegância, sem bons modos*" era necessário, para que a "*capital do Norte*" pudesse ser olhada como símbolo/expressão de modernidade. Se não era possível transformar a rua João Pessoa num *boulevard* francês, *status* conquistado pela Av. Rio Branco no Rio de Janeiro, pelo menos que as "*senhorinhas airosas e a rapaziada fina*" pudessem caminhar entre pessoas elegantes perfumadas. Para tanto, aconselhava-se que a população deveria assumir seus compromissos com a cidade, visto que tinha "*sérios deveres a cumprir em relação à roupa que usa e o perfume que põe no lenço*" ( Ilustração 33).<sup>(42)</sup>

Assim, transformar a nossa avenida principal, que ia da praça Maciel Pinheiro à praça Rio Branco em um grande *boulevard*, eliminando seus aspectos negativos, somente seria possível se houvesse "*polimento nos sapatos e nas unhas, pentes nos cabelos e ferro quente para arrumar a roupa*". A imprensa expressava estas críticas sob a forma de grande lamento, como se estivesse tratando a cidade à imagem de uma encantadora mulher que merecesse cuidados de grande dama...:

*"cidade bonita, cheia de erupção e de encanto, doi-nos vel-a a cada dia despenteada e maltrapilha. E, era fácil vestil-a e aprontal-a bem".*<sup>(43)</sup>

Ao mesmo tempo, aconselhava que os recifenses que almejassem estar à altura das grandes cidades brasileiras, deveriam apresentar as ruas centrais da cidade como ponto de distinção. Aos olhos de todos, a cidade deveria parecer: "*bem vestida e asseada e sem o aspecto feio com que vemos agora*".<sup>(44)</sup>

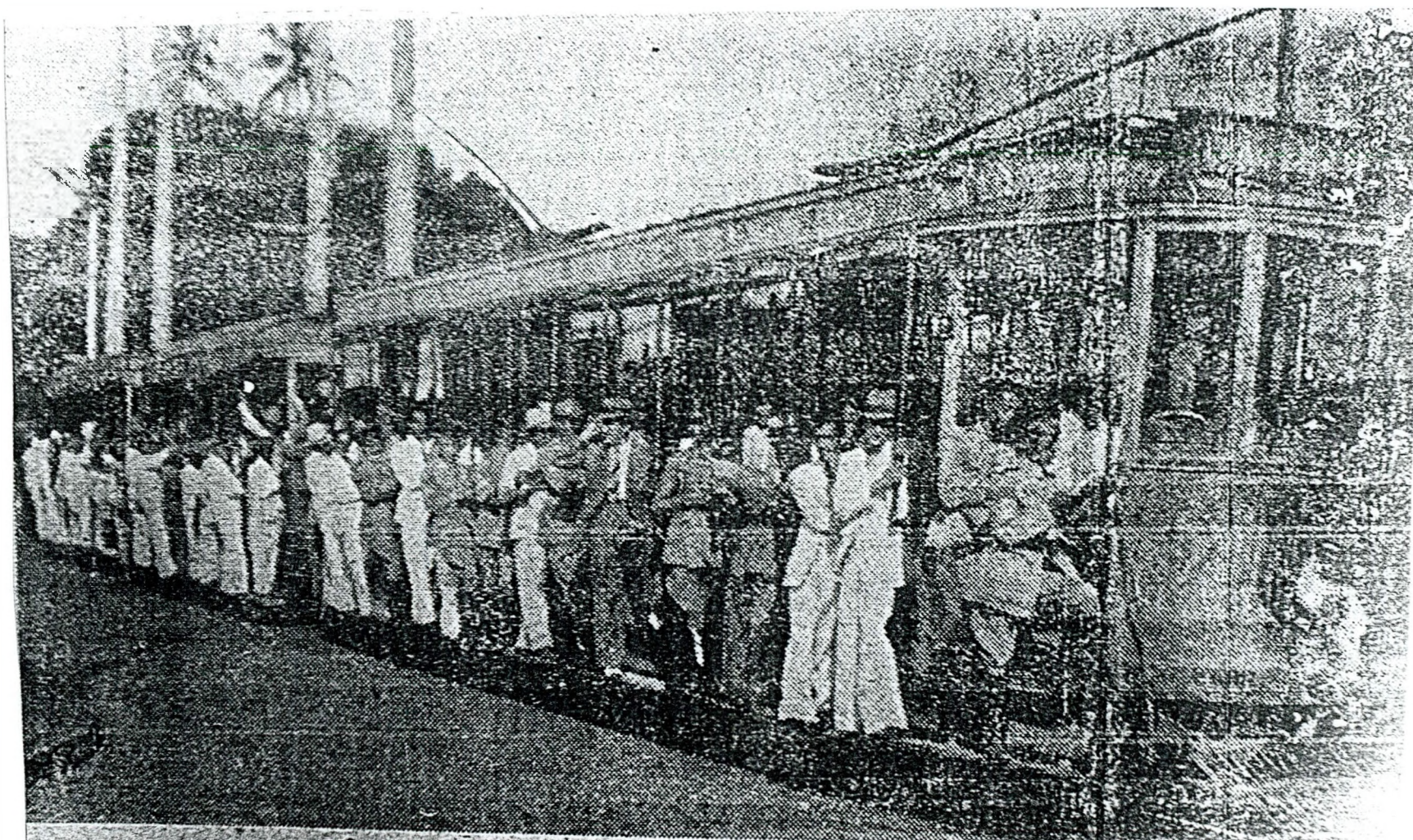
Mas as fronteiras não eram reivindicadas somente para os transeuntes das ruas do centro. Os meios de transportes também eram discriminados, apontados pelos editoriais como expressão de cultura. Gestos

finos, falas contidas, posturas comedidas eram apresentados como o contraponto à tagarelice, a atos bruscos e atrevidos do outro: meras "coisinhas mais", mas que contavam pontos no perfil de cidadão que se pretendia atingir. Assim, havia os "bonds de gente fina" e os "bonds de gente atrevida". Neste sentido, a tabuleta dos bondes apontava o destino de seus passageiros.

*"é curioso como os nossos bonds anunciam ao observador inteligente o destino que marca a sua tabuleta. Basta olhar os passageiros, através da tagarelice de uns e de outros, a forma de cada um ocupar os bancos, e muitas coisinhas mais. Os bonds "Varzea", "Afogados" e "Campo Grande" são barulhentos e atrevidos. "Dois Irmãos", "Casa Amarela", "Olinda", "Espinheiro" e o ressurgido "Boa Viagem", tem feições diferentes. Seus passageiros, não discutem nunca, falam em surdina, não carregam embrulhos. Há sempre casais de senhorinhas, que as 14 horas vão ao dentista elegantemente asseidadas, e voltam para casa às 18 horas no mesmo bond. São os bonds de gente fina que servem a bairros também finos".<sup>(45)</sup>*

Parece que a "distinção e o estilo" da clientela dos *bonds* de gente fina tornavam-se o processo de identificação do destino, prescindindo da tabuleta. A cidade misturada conseguia impor suas fronteiras no transporte urbano, fazia-se necessário que o mesmo ocorresse nas ruas. Ao concluir este editorial sobre os bondes, o jornalista critica um homem que havia subido no bonde de Casa Amarela e "*comia gulosamente uma manga*". Está aí um belo exemplo de passageiro de linha trocada!

O preconceito latente na **Fôlha da Manhã**, e o endossa a convicção de que o mundo da rua deveria ser também dicotomizado como o era o da casa - patrões e empregados - fazia com que o jornal apregoasse a separação das classes sociais nos lugares mais inusitados: no lazer, nos transportes, no uso do espaço urbano. Esta sua postura reafirmava sua condição de porta-voz de um governo que tinha como lema não possuir intermediários, em que qualquer cidadão teria acesso à casa do Interventor para contar seus problemas.



Um bond apinhado de pingente — coisa commum no Recife, ás 5 horas da tarde

Ilustração 34 - "*Um bond apinhado de pingente - coisa commum no Recife, ás 5 horas da tarde*", IN Jornal **FOLHA DA MANHÃ**, Recife. vespertino. 30.11.1937. p 8

O bonde também sofreu sérias restrições como meio de transporte, por ser considerado obsoleto e atrasado. A **Fôlha da Manhã** empenhou-se em promover uma campanha contra a *Pernambuco Tramways*, companhia que possuía o monopólio sobre os bondes. Criticava-se a morosidade dos mesmos ao se comentar o fato de alguma linha ter seu funcionamento suspenso por algum tempo, como foi o caso da linha do bairro de Boa Viagem, na época, local considerado distante e usado para veraneio, e os acidentes que os mesmos provocavam.<sup>(46)</sup> Na verdade, por trás desta campanha desacreditando os *bonds*, existia o objetivo de substituí-los por ônibus, considerados como meio de transporte moderno e ousado. A prefeitura se empenhava na tarefa de calçar as ruas, na expectativa de que logo elas "*seriam acariciadas*" pelos ônibus modernos ( Ilustração 34). Explicitava que este calçamento estava sendo feito de forma moderna, com paralelepípedos sobre concretos e reajustados a cimento, o que tornava as ruas aptas para receberem um serviço regular de ônibus. Ruas que estariam à altura das ruas de São Paulo, apresentada, ao lado do Rio de Janeiro, como modelo a ser imitado:

*"para o [futuro] serviço de ônibus, a Prefeitura continua nos trabalhos da nova pavimentação de numerosas ruas da cidade [...] podemos afirmar que o Recife ficará com u uma área calçada igual a de São Paulo".<sup>(47)</sup>*

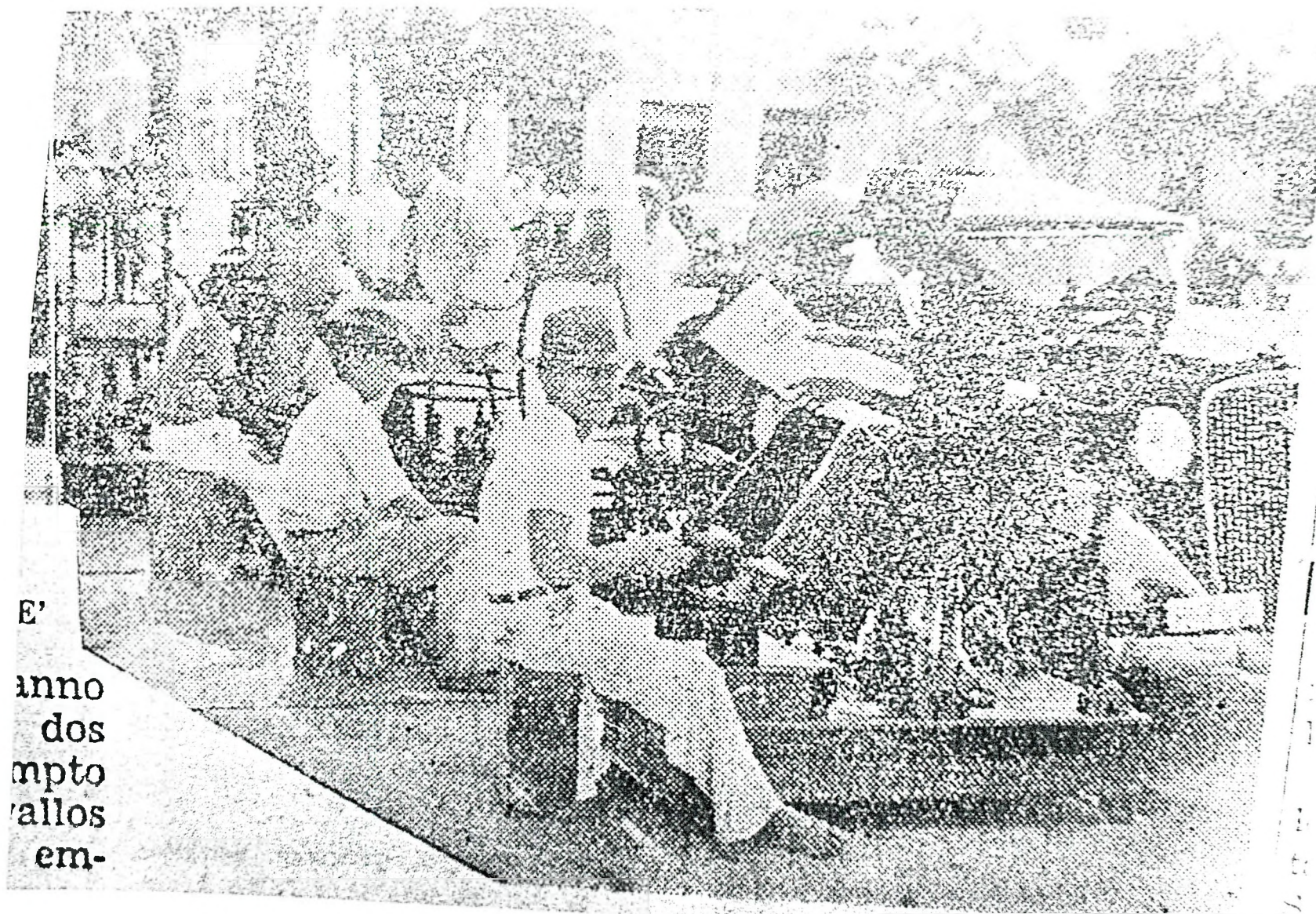
O que era mais grave nesta opção pelo novo residia na excludência do que se considerava obsoleto. No início da década de sessenta, quando o serviço de bondes no Rio de Janeiro ainda era regular em vários bairros como Tijuca, Estácio e Alto da Boa Vista, coexistindo com o de ônibus, em Recife, já se havia extinguido por completo o serviço de bondes.<sup>(48)</sup> Não havia espaço para meio termo: tudo que lembrasse o antigo devia ser extirpado.

### 3.5- O Espetáculo da Miséria: engraxates do Recife

Modernizar Recife implicava organizar as atividades econômicas realizadas nas ruas do centro. Estas deveriam ser compatíveis com a proposta oficial de estética urbana. Normas e condutas eram impostas aos seus transeuntes, extrapolando as críticas do vestuário. Estas atividades eram realizadas em grande parte por uma população negra, oriunda do êxodo rural, que já representava mais um problema a ser solucionado, haja vista as instruções dadas por Agamenon Magalhães aos prefeitos, quando iniciava sua gestão. Aconselhava-os a tentarem fixar o homem na terra, para evitar o êxodo do campo para a capital. Deveriam também "*colaborar*" com os latifundiários da região, para que não houvesse mais evasão de camponeses.<sup>(49)</sup> Na tentativa de incentivar essa atitude, o Interventor criou um programa oficial especialmente voltado para as atividades agrícolas e rurais.<sup>(50)</sup>

Esta população, emigrada das zonas rurais em decadência, sobrevivia na cidade com base em uma economia informal, vendendo frutas, crustáceos e moluscos (caranguejos, camarão, siri, sururu), comidas típicas (tapioca e cuscuz), executando pequenos fretes (carregadores de piano) e engraxando sapatos. Desejar que esta população emigrada da zona da mata açucareira se vestisse "elegantemente" para o trabalho diário transformou-se em algo grotesco e exdrúxulo, se analisado sob os parâmetros de hoje.

Na tarefa de tornar a cidade bem apresentada, expulsavam-se do centro do Recife os vendedores de víveres e os carregadores de piano. Além desses, uma outra classe de trabalhadores -os engraxates - tinham nas ruas centrais sua clientela predileta: "os cavaleiros calçados". A **Fôlha da Manhã**, numa campanha violenta, investiu contra os mesmos, sendo a polícia mais uma vez apresentada como solução para acabar com a miséria exposta na rua, miséria esta identificada através da figura do engraxate, que



E'  
anno  
dos  
mpto  
allos  
em-

Ilustração 35 - "*Engraxates de Recife: o espetáculo da miséria*",  
IN Jornal **FOLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 04.03.1938,  
p 8

tomava conta das calçadas principais da cidade de Recife. A ação dos engraxates, no corredor central da cidade, foi apresentada como um espetáculo vergonhoso, indigno de uma capital moderna. Mas o que tornava esta situação mais escandalosa residia no fato de que um dos locais escolhidos pelos engraxates ficava à frente do ponto principal da cidade: a "Confeitaria Cristal", eleita como local de encontros de políticos e madames, à semelhança da Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro. Assim, a elite se revoltou diante do espetáculo oferecido pelos engraxates que

*"falam muito, brigam, andam sujos e rotos e muito peor que isso, trabalham descalços, imitando os gatos e cachorros, expondo uma indignência fria e espetacular como se a cidade houvesse fugido recentemente à qualquer seca sinistra e ardente. Fora a sujeira exposta, o que enerva é a falta de inteligência dessa gente, que apavora; O desuso do sapato é apenas uma propaganda viva e petulante onde cada um ganha bem ou mau a sua vida. Todos os engraxates limpam ou dão polimento aos sapatos, expondo a freguesia a seus dois mimosos pés, sujos, trabalhando logicamente contra o seu próprio negócio".<sup>(51)</sup>*

Sentar-se na Confeitaria Cristal, tomar sorvetes, chás, suspirando pela Confeitaria Colombo já era difícil; mas ver a pobreza da cidade descortinada à sua frente, aí era demais! ( Ilustração 35) Assim observava-se que

*"os engraxates na esquina da Confeitaria Cristal estão reclamando tudo, inclusive sabão e um asilo que os tire da indignência. Um profissional que use mal a sua profissão é um contra senso de pura repressão policia".<sup>(52)</sup>*

As categorias de modernidade, progresso e beleza eram incompatíveis com a pobreza e a miséria que emergiam das ruas centrais do Recife.<sup>(53)</sup> "Higienizem-se" e "limpem-se" as ruas e a beleza, a ordem e o progresso emergirá: este era o lema. Reduzir estes trabalhadores à semelhança de animais (gatos e cachorros), à incapacidade mental (sem inteligência), à imundície (rotos e sujos) simbolizava transvestir a realidade, criando um imaginário em que a "*indignência fria e espetacular*" poderia ser

solucionada com asilo mental e emprego da atuação da polícia. A falta do uso do sapato, adorno dispendioso naquele contexto não somente no Recife, mas no Brasil, era símbolo de petulância.

Diante deste projeto de modernidade, a **Fôlha da Manhã** sintetizava em seu discurso popular os elementos expressivos de um ideário autoritário: excluir com o objetivo de prevenir e proibir, em nome da segurança nacional, da civilização e do progresso:

*"em relação aos engraxates que também foram assunto de reportagem nossa, a medida que o proprio facto sugere é a proibição dos mesmos em pontos centrais da capital. Não será uma medida violenta, mas acauteladora dos forum de civilização e progresso da nossa cidade".<sup>(54)</sup>*

### **3.6 - Mascateadores do Recife: a praga do Egito**

Os vendedores ambulantes ou camelôs, como eram conhecidos, foram considerados como a praga do Egito no coração da cidade. Em linguagem virulenta e mordaz, o jornal os resumia ao fruto da geração espontânea.<sup>(55)</sup>

Tirar os engraxates do centro da cidade consistia numa tarefa complexa, uma vez que estes eram tidos como "cancros de imundície", apesar de serem figuras tradicionais nas ruas dos centros urbanos. Eram vendedores ambulantes de toda e qualquer mercadoria: miudezas, frutas, peixes e comidas prontas. A eles somavam-se os carregadores de piano, pela dificuldade do próprio trabalho, eram necessárias de seis a oito homens para transportá-lo, sendo motivo de chacotas na imprensa, que os ridicularizava, deixando aflorar seus preconceitos para com estes trabalhadores, considerados como despossuídos de inteligência, acusados de promoverem um verdadeiro "transtorno" à outra clientela de transeuntes: "a população educada e fina".

A campanha contra esta clientela maltrapilha e provinciana era feita de forma persuasiva e diária, contribuindo para criar ao nível imaginário uma aversão àquele segmento social. Uma das metas da **Fôlha da Manhã** era induzir a população a associar essas atividades com a situação de atraso e provincialismo, tarefa a ser cumprida em nome da ordem! Cultura popular, em sua expressão plena, virou caso de polícia! <sup>(56)</sup> Neste sentido, caber com o *"footing diário do vendedor de carangueijo, do mercador de melancia e do peixeiro exibindo a sua cavala e o seu cesto de cioba"* era tarefa a que o periódico se empenhava.

Evocar o papel repressor da polícia contra esses representantes do Recife "real" significava fazer uso da violência e da exclusão, na construção do Recife "oficial" regenerado pelo Estado Novo:

*"uma ordem severa da policia, prohibiria que se usassem o balaio de frutas como motivo ornamental da nossa elegância. O vendedor de carangueijos e o carregador de piano, mesmo que se aborreçam com isto..."*<sup>(57)</sup>

O cidadão recifense deveria controlar seus hábitos desvencilhando-se de tudo o que fosse provinciano e que dissesse respeito à "pequena aldeia". Modernizar Recife implicava também modernizar o cidadão recifense. Não era nobre a um "homem de bem" da cidade, descer de sua limusine e comprar uma corda de caranguejos. O jornal criticava este tipo de comportamento, caracterizando-o como um hábito primitivo. Carro de luxo com caranguejo pingando lama não combinava com o cotidiano de uma cidade progressista:

*"Recife ainda é uma cidade confusa, provinciana, cheia de hábitos primitivos. O carangueijo ainda hoje atravessa as ruas da cidade, mesmo no corredor central, que tem seu eixo à rua Nova, amarrado as duzias em cordas de cipó, pingando lama. Vimos há dias às 12 horas, conhecido cavalheiro descer da sua limosine à rua do Imperador e adquirir duas pesadas cordas. Ajustou preço e pagou, e os modestos crustáceos ganharam o seu último dia de vida varando a cidade em carro de luxo."*<sup>(58)</sup>

# FLAGRANTES DO RECIFE, ÀS 6 DA MANHÃ

## A rua a varejo



Ilustração 36 - "*Flagrantes do Recife, às 6 da manhã*", IN Jornal FOLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 10.03.1938, p 2

# UM CURIOSO REI DE RUA

COMMERCIO AMBULANTE,  
Á PORTA DAS FAMILIAS  
E Á BEIRA DAS CALÇADAS

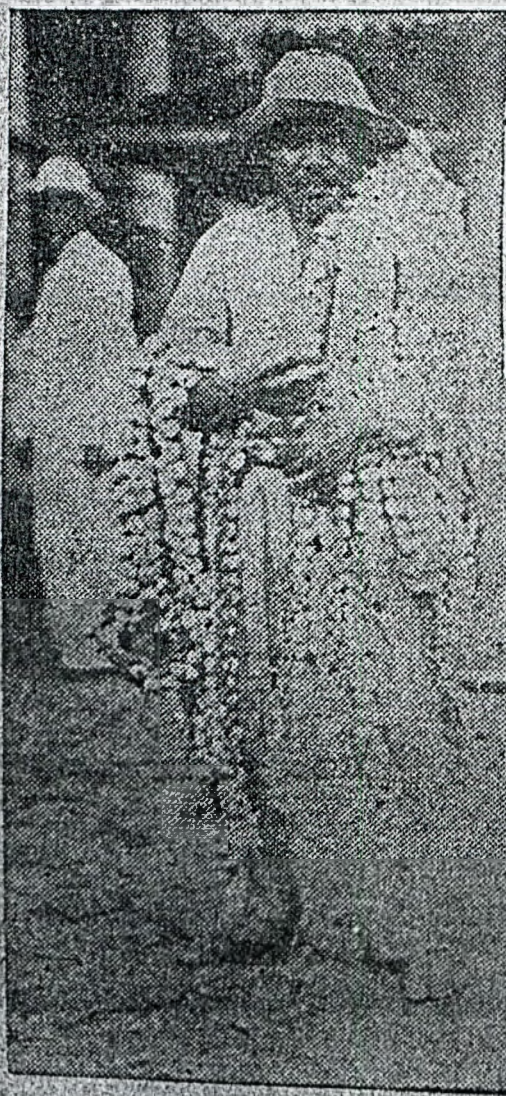


Ilustração 37 - "*Um curioso rei de rua*", IN Jornal FOLHA DA  
MANHÃ, Recife, vespertino, 08.03.1938, p 1

# FRÊVO!



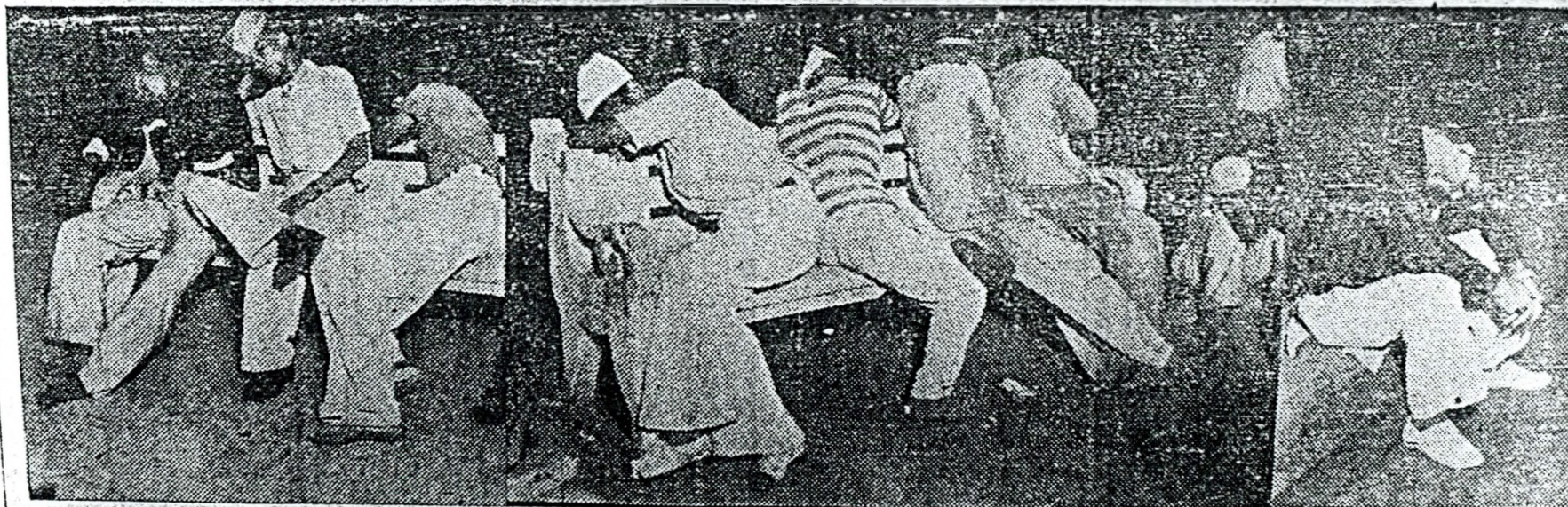
Ilustração 38- "*FRÊVO*", IN Jornal **FOLHA DA MANHÃ**,  
Recife, vespertino, 28.01.1938, p 1



Ilustração 39 - "FRÊVO", IN Jornal **FOLHA DA MANHÃ**,  
Recife, vespertino, 24.02.1938, p 6

# ULTIMOS FOLIÕES SOBRE A TERRA.

(NOTAS COLHIDAS A' PRESSA)



Flagrantes apanhados ás 5 horas de hontem, na praça da Republica, pelo  
nosso photographo

Ilustração 40 - "*Ultimos foliões sobre a terra*", IN Jornal FOLHA  
DA MANHÃ, Recife, vespertino, 03.03.1938, p 8

Ordenar Recife, erradicar seus "hábitos primitivos", direcionar o *footing* dos caranguejos e das pessoas, ( Ilustração 36-37) transformaram-se em metas do Estado para tornar a qualquer custo a cidade moderna e avassaladora; para tanto observava-se:

*"que muitas pessoas de bom gosto estão a reclamar o "footing" dos carangueijos na rua João Pessoa. O carangueijo é de justiça procurar um sitio mais afastado da cidade". (59)*

### **3.7- O Mundo do Frevo e o Mundo do Jazz**

A tentativa de reorganizar o carnaval do Recife em 1938 reflete o desejo do Estado e da elite de encontrar uma saída para o carnaval provinciano, que deveria "civilizar-se". Neste contexto, o jazz foi eleito em detrimento do frevo, indicado como o ritmo adequado aos clubes sofisticados da cidade. O frevo passou a ser considerado como a alma mestiça do povo, razão pela qual a descendência branca, européia deveria "brincar" o carnaval sob um ritmo nobre, moderno e civilizado. Uma descrição (Ilustrações 38-39) do que representava o frevo traz à tona preconceitos contra a cultura popular, apontada como inerente a uma classe que deveria ser distinguida da elite, por se constituir:

*" a gente da rua que é pobre e ousada, sempre irrequieta e diabólica, varando a cidade de canto a canto até ficar rôta e faminta, doida que o carnaval não acabe, mesmo em troca do céu".....(60)*

A dicotomia entre os dois mundos do carnaval - o da rua e o dos clubes - expressa o preconceito latente entre os "homens de bem". Carnaval de rua representava a "gentalha" endoidecida a brincar ( Ilustração 40), tendo como contraponto uma elite que se trajava a rigor, com vestidos de baile de noite, que dançava "civilizadamente", rodopiando ao som das

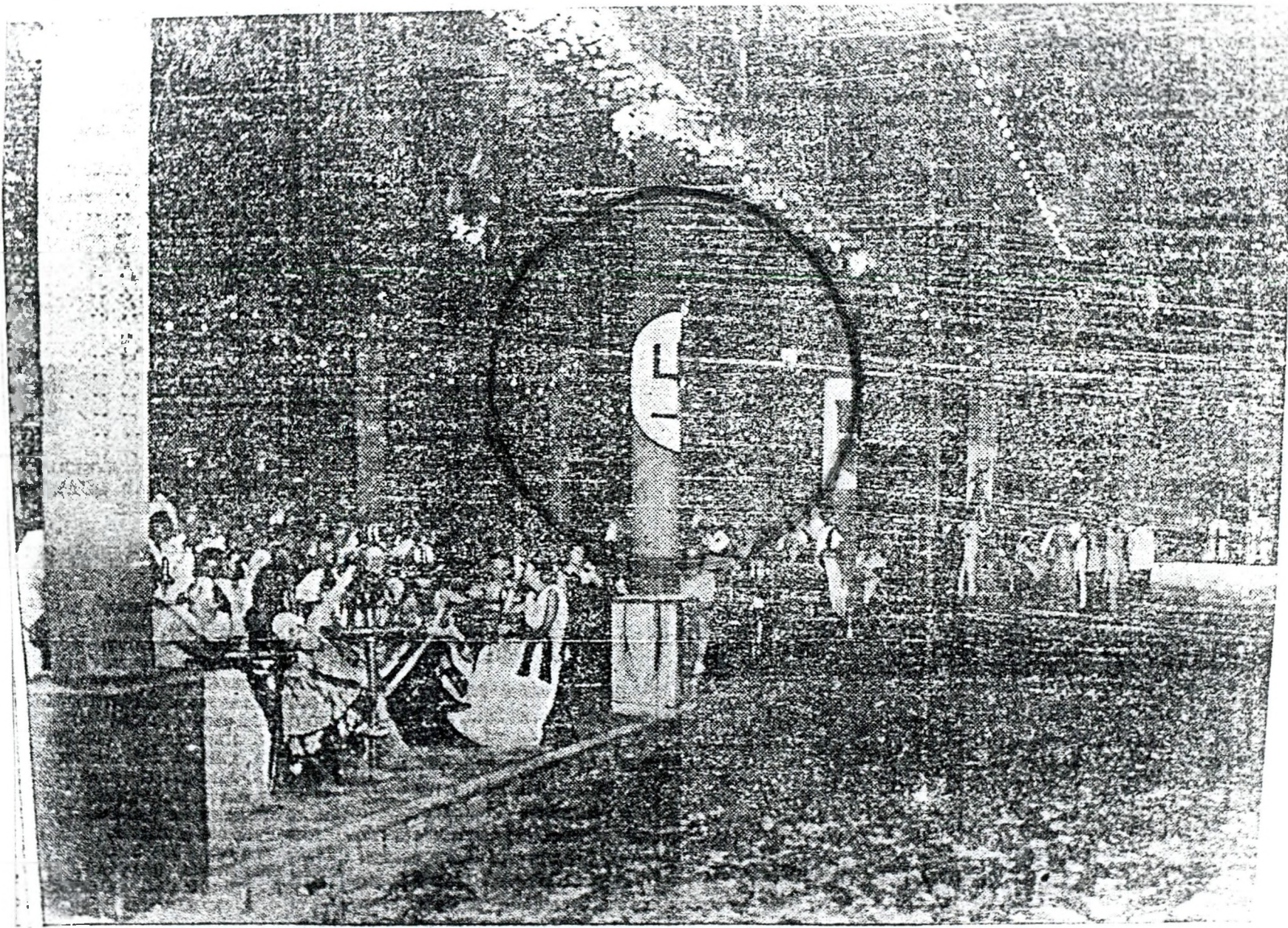


Ilustração 41 - "*O baile do Clube Internacional do Recife*", IN  
Jornal **FOLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 28.02.1938, p 1  
Observação: ver o destaque da decoração com suástica

orquestras de jazz. A partir destes parâmetros, um dos bailes do carnaval no Clube Internacional do Recife foi ovacionado pela imprensa, uma vez que desde a decoração em nada carnavalesca, tinha como temática os símbolos de países europeus, entre os quais a suástica alemã ( Ilustração 41) e "brincadeiras" que em nada se reportavam às festas de momo. Todavia, esta iniciativa conquistou um verdadeiro triunfo, sendo visto como uma verdadeira "festa de fidalguia":

*"a orquestra P.R.A.8 e Bando Acadêmico ofereceram um caprichoso programa de música carnavalesca, mantendo o dancing até às 6 horas de ontem em perfeita vibração. Cerca de 400 pessoas rodopiaram sem cessar ao som das composições nas últimas horas da madrugada. Uma surpresa surgiu aos olhos do folião em delírio: abriu-se a boca de uma grande máscara presa ao teto do dancing, cahindo sobre suas cabeças imensa quantidade de moedas de ouro régio. Infelizmente fora apenas um sonho que em momento apenas abalara um olhar curioso das colombinas galantes, pierrots alegres. Aquelas moedas de ouro eram bolas de borracha vermelha. Festa de distinção, de alegria, festa de fidalguia, de encantamento, festa pernambucana."<sup>(61)</sup>*

A forma elitizada, moderna, de brincar o carnaval, contrastava com a festa de rua, que era descrita como da alegria e do povo,

*"gritando, dansando na maior ordem, que se possa imaginar, ao som dos frevos de maior sucesso. A massa em derredor fazia o passo, centenas de pessoas rodopiavam muito rôtas e gotejando a suor, sem fadiga e sem zanga. No delírio da música endiabrada, dizia-se que um misterioso convite os chamava à loucura, e rodavam, e rodavam, perdidos, rasgando os pedaços em cada praça e virando bagaço em cada esquina".<sup>(62)</sup>*

O frevo é "endiabrado", as pessoas são "rôtas", "suadas", "bagaços" e "endoidecidas". Todavia, um aspecto marca toda esta "loucura da gentalha": a ordem, expressão de controle do regime sobre os momentos "loucos" da massa.

Da descrição dos dias da folia de Momo, emergem formas eleitas como "anti-civilizadas" ou "modernas" do pernambucano brincar o

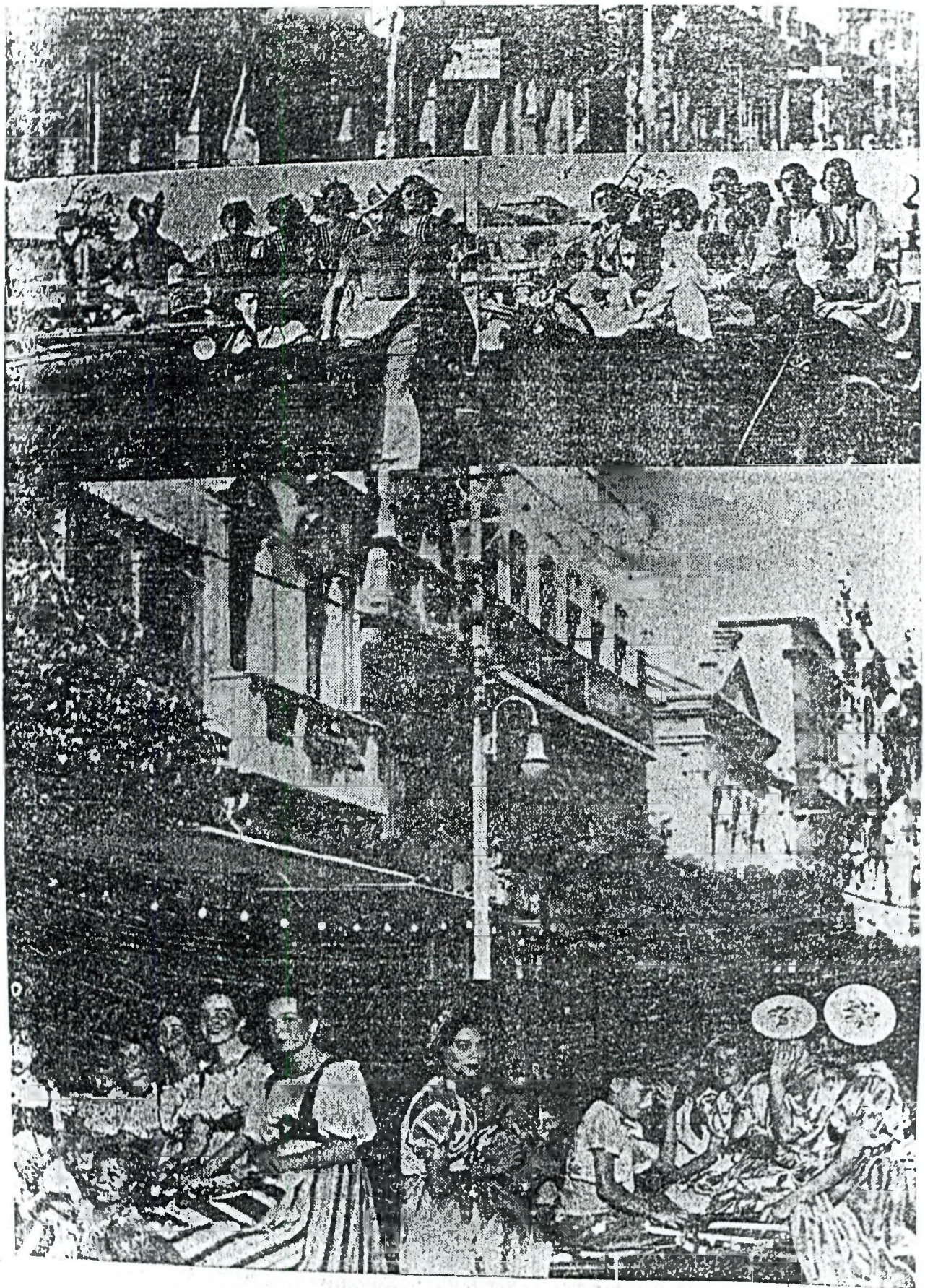


Ilustração 42 - "*O Córso pelas ruas do Recife*", IN Jornal **FOLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 28.02.1938, p 1

carnaval. No clube, as pessoas "rodopiam no salão", enquanto representantes da elite pernambucana são pierrôs e colombinas fidalgos e distintos. Esta festa é "civilizada" e "moderna", símbolo do carnaval pernambucano.

Entretanto, uma parcela da elite participava do carnaval de rua, mas de forma exclusiva: surgia o corso ( Ilustração 42). Este ocupava uma parte "protegida" da rua, inserindo-se no mundo dos cidadãos "perigosos"; mas os automóveis funcionavam como escudos de proteção contra a "população perigosa".<sup>(63)</sup> Daí, numa reportagem sobre o corso, a alusão de que alguns rapazes atrevidos subiam nos estribos dos carros, mas eram logo afastados. A **Fôlha da Manhã** descrevendo o corso:

*"o corso á tarde e a noite de hontem. Nas senhorinhas predominou o gosto das saias largas, que faziam o encanto e a vaidade das damas antigas. Vimos cenas de guapas moças sentadas nas capotas em grupo de quatro(...) A dona de casa previdente, encheram um balaio de comestível, fatias de leitão e peru que oferecem a gula do grupo em folia. Pão, queijo e fruta. Dispensa ambulante correndo a cidade(...) A moça pernambucana gosta da música, do passo mesmo sentada na capota, dansa e pula."<sup>(64)</sup>*

O mundo do lar de uma dona de casa era transportado para a rua, sob a forma de uma "dispensa ambulante", enquanto que o brincar ficava restrito ao "cordão de isolamento" que a capota do carro representava. Assim, as fronteiras entre os recifenses eram mantidas até no carnaval de rua.<sup>(65)</sup> O corso foi também uma forma de expressão do poder econômico através dos desfiles de carros. Passear de automóveis pelas ruas da cidade nos fins de semana tornou-se hábito que persistiu até a década de 50. O automóvel constituía-se, naquele contexto, mais um instrumento de lazer do que utilitário. Todavia, a imprensa estava sempre noticiando o grande número de acidentes com pedestres, de conseqüências fatais, o cotidiano conflituoso de uma cidade onde os bondes, automóveis, carregadores de piano e vendedores de frutas disputavam o espaço das ruas...

## Carnaval com ordem

O Estado, ao ampliar seu controle sobre o lazer, passou a conduzir o "novo carnaval" em Pernambuco, que também foi inserido no contexto de ordem, higiene e moral, valores defendidos pelo ideário estadonovista. Desde janeiro de 1935, o Estado já exercia o controle sobre o carnaval, através da Federação Carnavalesca Pernambucana. Com a advento do Estado Novo, esta associação foi "revigorada" sob os auspícios da Secretaria de Segurança, com golila de ferro e uma série de "recomendações" ordenando a folia. Os decretos emitidos pelo Secretário, Etelvino Lins, são justificados à população como medidas profiláticas visando a um carnaval de acordo com os preceitos da "*Higiene Phisica e Moral*". Estas normas garantiam ao Estado controlar e manter a ordem, "*sem estragar a festa*" carnavalesca. Interessante observar o medo da subversão à ordem, possibilitado pelo carnaval, quando as proibições impingidas por Etelvino Lins, recaíam sobre os motivos de fantasias, uso de máscaras e letra das músicas: nada que pudesse ofender ao Estado. Percebe-se nestas tentativas de controle sobre as festas de Momo de 1938, o medo de que a subversão à ordem, possibilitada pelo carnaval, utilizado pela oposição ao regime fosse revertido contra a nova ordem. <sup>(66)</sup>

Da música de carnaval emergem dramatizações de valores da sociedade brasileira.<sup>(67)</sup> Neste sentido, as letras compostas para as músicas do carnaval de 1938 deveriam refletir o momento "libertador" auferido pelo Estado Novo. Esta era a recomendação transmitida pela **Fôlha da Manhã** e aos carnavalescos compositores. Esta forma de controle, manifestada de forma radical a partir de 1938, tolhia a espontaneidade do povo, uma vez que o carnaval representava e ainda representa uma das manifestações à inversão dos valores.

No carnaval de 1937 a célebre música "**Mamãe eu Quero**" traduz a ambigüidade da expressão "mamar", que leva à sua derivada "mamata". Esta expressão nos conduz à visão de malandragem, da dissociação entre emprego e trabalho. Roberto Da Mata, ao analisar a expressão simbólica do ato de "mamar", cantada em forma de marchinha, procurou comentá-la partindo de considerações políticas:

*"mamar então pode ser visto como metáfora de um sonho nacional, ambíguo, vergonhoso e onipresente na cultura brasileira. Quem pode-se perguntar não gostaria de uma "mamada", de uma posição no governo, na qual pudesse sossegadamente "mamar".*<sup>(68)</sup>

Assim, a música do carnaval de fevereiro de 1937, "cantada e brincada" pela sociedade, enaltecia a malandragem, o ócio, especialmente a "mamata" do serviço público. Na criação da nova ordem e do novo homem, esses valores deveriam ser extirpados, evitando-se intermediários entre o governo e o povo; nem padrinhos e nem "mamata". Esta mensagem dominava as primeiras páginas da **Fôlha da manhã**, que passou a veicular este tema como uma forma de doutrinação.

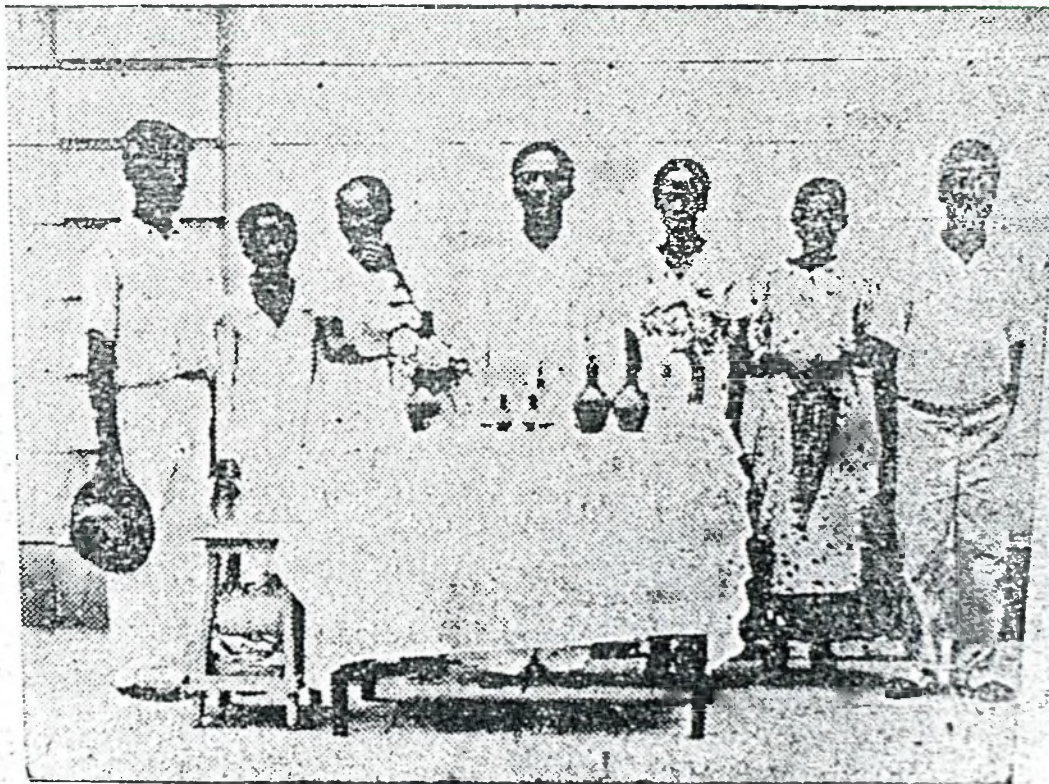
O extenso controle sobre a produção musical no Estado Novo e a relação que se estabelece entre Getúlio Vargas e os compositores, cantores e músicos em geral, sob os auspícios do DIP, refletem o papel preponderante e ameaçador que a música - ouvida e cantada - poderia exercer sobre uma sociedade onde a literatura já era reservada à uma elite (69).

O carnaval de 1938 - três meses após a instauração do autoritarismo estadonovista - demandava do Estado um grande empenho, no sentido de "organizar e ordenar" a festa máxima do recifense, sob a égide da ordem. Após os dias de folia, a **Fôlha da Manhã** exaltava o sucesso do carnaval pernambucano de 1938, criticando os pessimistas que boatavam no "Café da Lafayette" que o povo não iria às ruas. Previa-se uma festa "feia, sem vibração e desanimada," em função de um provável descontentamento coletivo. No entanto, o sucesso dos três dias de folia asseguraram à

# Um espirito ruim no corpo do catimbozeiro Pereira

Inesperada  
"manifestação" deante da propria policia

A policia continúa na sua faina diaria, agindo contra os exploradores da ingenuidade do povo. Catimbozeiros, cartomantes, directores de centros espiritas, todos estão sendo chamados a prestar contas na Delegacia de Investigações e



Um grupo de catimbozeiros que o delegado João Roma, metheu no xadrez, a semana finda.

Ilustração 43 - "Um espirito ruim no corpo do catimbozeiro Pereira", IN Jornal FOLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 21.03.1938, p 1

Interventoria uma outra interpretação: a alegria do povo para com o Estado Novo. O suposto descontentamento coletivo foi explicado como uma fantasia dos "*derrotistas*". (70)

### 3.8- Loucos: quem são eles?

No processo de higiene e limpeza do centro da cidade, de ordenamento do mundo da rua, de limites e fronteiras impostos aos que possuíam o "direito" de serem transeuntes dos mesmos, enfim na construção da nova cidade, do novo cidadão recifense, o Estado investe na formação de um imaginário social voltado para o moderno, em detrimento de qualquer resquício de "atraso". Assim, o Secretário de Segurança Pública, Etelvino Lins, expede uma Portaria em 25 de janeiro de 1938 proibindo o funcionamento dos centros espíritas, baseando-se na Constituição de 1937, que permitia "*liberdade de expressão a todos os brasileiros*", mas que "*cohibia as práticas viciosas que corrompem e degradam as pessoas*". Justificava que era dever das autoridades combater estas práticas, exercendo assim a defesa do Estado e da sociedade. (71)

Neste contexto, os terreiros afro-brasileiros passaram a sofrer perseguições policiais, sendo fechados. Seus utensílios deveriam ir, por ordem da polícia, para o Museu da Directoria de Hygiene Mental e Serviço de Assistencia a Psycopatas. Seus adeptos ocuparam as primeiras páginas dos jornais da cidade, ( Ilustração 43) sendo humilhados é ridicularizados frente à sociedade pernambucana. Uma dessas reportagens referia-se à prisão de um pai-de-santo, eleito pelo jornal como representante tipológico do malandro: "*physico mal arranjado e olhos vivos*". (72)

O fisico é desta vez apontado como determinante do caráter: "*um typo perfeito de malandro*". Valores preconceituosos serviam de parâmetros de alteridade, segundo os quais o negro era considerado como o "outro", e sua imagem é edificada como um modelo exemplar de vagabundo. Esta

interpretação era adequada a um regime que reificava o trabalho e em que o próprio representante do governo, Agamenon Magalhães, usava como epígrafe dos seus discursos o lema: "*quem quizer trabalhar que me acompanhe*".<sup>(73)</sup>

A análise de uma tese para concurso público à vaga de médico da *Assistência a Psicopatas de Pernambuco*, em 1934, **Contribuição ao Estudo do Estado Mental dos Mediuns**, apresentada por Pedro Cavalcanti, revela-se uma literatura esclarecedora para se compreender o que permeava o imaginário da classe médica psiquiátrica acerca dos umbandistas. O capítulo "*Mediunidade e Loucura*" merece destaque pelas conclusões apresentadas, ou seja, pela associação dos médiuns com a loucura, ao afirmar que em sua maioria são compostos de débeis mentais, pela conotação de malignidade associada à manifestação da religiosidade espírita e pela "cientificidade" das afirmações:

*"pensamos tendo em vista o que ficou dito até aqui, poder aproximar a maioria dos mediuns observados à debilidade mental e ao automatismo mental. É indispensável repisar os malefícios do espiritismo. A cultura desregrada do subconsciente, nele estimulada, leva, como é sabido, o paciente ao automatismo mental(...) Vemos em nossas observações que a maioria dos mediuns é constituída por debeis mentais. Verificamos também alguns apresentando sintomas de ordem histérica".*

Cavalcanti conclui sua tese sugerindo uma intervenção oficial fundamentada num "*grande trabalho de profilaxia mental*".<sup>(74)</sup> Os umbandistas tornam-se, portanto, entre os anos 30 e 40, casos de polícia, para os homens do poder, e de loucura, para a sociedade médica. Vários estudos foram realizados e publicados na década de 30 em Recife, através de *Assistência a Psicopatas em Pernambuco*, dentre os quais cabe citar: de Graça Araujo, **Os Delírios Episódicos no Hospital de Alienados e Investigações Sobre as religiões no Recife: o "espiritismo"**, de Borges Cavalcanti e Dinice Lima.<sup>(75)</sup>

A Secretaria de Segurança Pública, no ano de 1934, encaminhou para a *Assistência a Psicopatas de Pernambuco* os presidentes dos centros

espíritas que iam requerer licença para o funcionamento do terreiro. Ali, exigia-se a presença dos "*mediuns*", os quais eram submetidos a um exame clínico, com o objetivo de se determinar o quociente intelectual e o perfil psicológico. O processo de obtenção desses resultados é digno de referência:

*"sempre que possível procura-se fazer os mediuns se manifestarem" e taquígrafam-se as suas palavras". (76)*

Afirmava-se que, a partir das "*manifestações*" ocorridas com os componentes dos centros espíritas, seria preparado material para ações posteriores, seguras. Seguras, para quem? Para a comunidade espírita ou para a polícia de Etelvino Lins? A cientificidade destes processos determinava as perseguições sobre aquela comunidade por parte do regime excludente do Estado Novo. Interessante observar a portaria que exigia a regulamentação do funcionamento dos centros espíritas. Uma de suas cláusulas que determinava a obrigatoriedade de os presidentes de centros espíritas facilitarem aos auxiliares do *Serviço de Assistência a Psicopatas* as visitas e fiscalizações que os mesmos quisessem efetuar. (77)

Tais atitudes são compreensíveis, se considerarmos que, com o objetivo de legitimar-se, o Estado Novo recriou o ideal do homem brasileiro: um homem perfeito, de corpo e mente sãos. (78) Qualquer referência às origens do homem brasileiro, era sempre apontada para os brancos portugueses:

*"somos latinos; somos portugueses da America. Essa é a nossa formação étnica; essa é a nossa história; essa deve ser a diretriz da nossa conducta". (79)*

Aniquilar a memória coletiva dos grupos negros, exteriorizada através de manifestações religiosas, significava poder construir uma nova memória, uma memória oficial, em que os ideais de modernidade e do progresso penetravam no domínio do mágico. Aceitamos a posição de Maurice Halbwachs acerca da memória coletiva, que atua através da

rememorização de cada encontro. Neste sentido, os terreiros de umbanda fazem esta rememorização das raízes africanas. Portanto, nesta ótica, estas rememorizações devem ser aniquiladas, porque impedem o processo de formação deste novo homem.<sup>(80)</sup>

Renato Ortiz chama a atenção para o surgimento da umbanda, nos anos 30, apresentando-a como uma ruptura do candomblé. Para Ortiz, as transformações de ordem social e econômica por que passava o Brasil eram palco para a emergência desta nova religião.<sup>(81)</sup>

Paulo Cavalcanti, militante perseguido pela polícia política de Agamenon Magalhães, acredita que esta investida contra os centros espíritas de Pernambuco durante o Estado Novo tinha suas origens no fato de a polícia do Interventor ser composta de Congregados Marianos, apelidados ironicamente de "capangas de Deus":

*"eram os tempos dos 'capangas de Deus', no histerismo de suas exorcisações, Igreja e polícia confundindo-se num abraço de terríficas ameaças".<sup>(82)</sup>*

Creemos que esta perseguição religiosa foi muito além das fronteiras do conflito religioso. A repressão aos cultos umbandistas tinha, provavelmente, relação com os valores racistas evidenciados pela interventoria Agamenon Magalhães. A **Fôlha da Manhã**, veiculando o ideário do Estado, refere-se aos umbandistas com expressões preconceituosas, como "*negralhões beócios, embusteiros*".<sup>(83)</sup>

Um artigo, assinado por José Campello em 1938, corrobora esta posição, ao enaltecer a portaria de Etelvino Lins proibindo o funcionamento das seitas africanas. Argumentava que as sociedades deveriam sair de suas formas primitivas de expressão, classificando o espiritismo de formas bárbaras. Argumentava que uma coisa seria o "*pitoresco*", outra seria a "*selvageria, a falta de limpeza*". Para Campello, a multiplicação dos terreiros de umbanda era consequência do Congresso Afro-Brasileiro ocorrido em Recife, em 1934; aconselhava aos sociólogos e historiadores que tivessem

cautela para não permitir a "*ressurreição dessas manifestações bárbaras*", que atentavam contra todas as formas de higiene do corpo e da mente. Lamentava, inclusive, que

*"o Congresso Afro-brasileiro e seus inspiradores, alguns de excepcional intelligencia estragaram muita gente boa, mas de poucas letras e menos fortaleza de caracter".<sup>(84)</sup>*

O Congresso Afro-Brasileiro foi organizado por Gilberto Freyre em 1934, focalizando a questão racial. Médicos, psicólogos, antropólogos, sociólogos, educadores, escritores, artistas e representantes da Frente Negra Brasileira participaram do evento, apresentando teses sobre vários temas. Deu-se relevância para o folclore e às formas de expressão da cultura africana, fato que levou as autoridades a elaborar interpretações de conformidade com o imaginário político daquele período.<sup>(85)</sup>

Todo esse movimento alimentou posturas contrárias às manifestações culturais africanas apresentadas como bárbaras, num contexto em que o modelo ideal de homem era europeu e ariano. Estas incompatibilidades favoreceram interpretações errôneas de uma sociedade que buscava a configuração de sua identidade cultural e étnica. Sendo assim, associou-se o Congresso às artimanhas do Komintern no sentido de procurar o ódio de classes entre negros e brancos. O Congresso passou a ser apontado como "covil de judeus e comunistas, que almejavam destruir a sólida cultura cristã".<sup>(86)</sup>

Além do mais, responsabilizam-se também as autoridades governamentais da gestão anterior de terem sido complacentes com as "*seitas bárbaras, bancando o sociológico, o avançado e o moderno*". Nesta linha de acusação, o antigo governador, Carlos de Lima Cavalcanti, era apontado como "*o Pai-de Santo mais hábil [de Recife] de praticar nos terreiros aos som de batuques*".<sup>(87)</sup>

## Maracatu: cheiro de suor e terreiro

O preconceito contra o negro evidenciava-se em tudo o que dizia respeito à cultura africana. O maracatu era ridicularizado como sendo manifestação de uma arte inferior e que estaria proliferando os "compositores" de música, uma vez que, no bonde, na mesa, no jantar, no escritório

*"e até na cama, saía letra e música de um maractu cheirando a suor e a terreiro, aterrorizando o espírito do Departamento de Saúde Pública". (88)*

Numa crítica a Carlos de Lima Cavalcanti, a **Fôlha da Manhã** expressou sua postura preconceituosa com relação à cultura africana:

*"os testes iam provavelmente integral-o na capacidade mental dos reis e das rainhas de maracatús. Mas de um maracatú cem por cento africano, e cuja anomatopéia ainda não serviria à estylizações musicaes do gentio fracassado de Capiba". (89)*

Nesta guerra contra os "hábitos primitivos" da cultura, o atraso e o provincialismo, apresentava-se também o repúdio ao comércio de ervas medicinais, comum ainda hoje nas ruas do centro de Recife, tratado como negócio de polícia e de reeducação popular:

*"combatemos os falsos medicos, os curandeiros eos negociantes de hervas. Mas cuidemos também de educar os que nelles acreditam por ignorância e defeitos ancestraes, que a educação ainda pode efficazmente corrigir". (90)*

Educar o novo homem brasileiro e criar uma nova tradição, segundo a qual o progresso e a modernidade, a reificação do trabalho e a ordem representavam as categorias presentes na nova memória nacional, era meta da Interventoria em Pernambuco.<sup>(91)</sup> Isto era possível, na medida em que a Interventoria Agamenon Magalhães veiculava esta memória, via uma campanha diária, sustentada pela **Fôlha da Manhã**, que exaltava os valores a

serem edificados e depreciava o que julgava obsoleto, atrasado e inculto, ou seja, tudo aquilo que representasse o oposto aos ideais vigentes de modernidade. Nicolau Sevcenko, analisando o ideário presente nas transformações ocorridas no Rio de Janeiro no início deste século, observa que também naquela cidade

*"assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais, e não havia quem lhes pudesse opor[.] princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose[.] A condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute das camadas aburguesadas".<sup>(92)</sup>*

Neste sentido, os paradigmas do "*forum de civilização e progresso*" eleitos em Pernambuco tinham seus cânones na "beleza", na "modernidade", no *modus-vivendi* das grandes metrópoles. Para tanto, o direito de cidadania transformou-se em concessão, ou seja, em um direito a ser usufruído somente por alguns. Aos "outros", o asilo ou a polícia.<sup>(93)</sup>

Portanto, a modernização de Recife insere-se na perspectiva de desarraigá-lo deste espaço os recifenses que ainda não se haviam tornado "civilizados". Assim, a emergência desta sociedade moderna não poderia, segundo valores "oficializados", co-habitar com uma categoria social que se vestia mal e falava alto, trazendo a público o "espetáculo do atraso".

## NOTAS

1- **FÔLHA DA MANHÃ**, 28.11.1937, matutino, p 3

2- "*Plano de Remodelação da Cidade*", **Idem**, vespertino, 14.12.1938, p 1; ver também o trabalho de Cátia Lubambo Wanderley sobre a reforma do Recife na primeira década do século. **Bairro do Recife. Entre o Corpo Santo e o Marco Zero**. Recife: CEPE/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991

3- **Idem**, matutino, 28.11.1937, p 3

4- **Ibidem**, p 1

5- POLLAK, Michael. "*Memória, Esquecimento, Silêncio*". IN **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Edições Vértice, v.2, n.3, 1989, p 3-15; ver também CANETTI, Elias. "*Hitler, por Speer*" IN CANETTI, Elias. **A Consciência das Palavras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

6- HITLER, Adolp. **Minha Luta**. São Paulo: Moraes, 1983, p 173

7- **FÔLHA DA MANHÃ**. Recife, matutino, 11.12.1937, p 3; ver também sobre o mesmo tema : **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 04.03.1938, p1

8- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 04.03.1938, p 1

9- Carta de Geraldo Rocha, proprietário do jornal **A Nota**, do Rio de Janeiro, para Agamenom Magalhães, Interventor de Pernambuco. Rio de Janeiro, 11.8.1938. IN **Pasta AGM 38.08.11**. CPDOC/FGV

10- **FÔLHA DA MANHÃ**. 28.11.37, matutino, p 1; ver também CANETTI, Elias. op. cit.; RICHARD, L. **Le Nazisme & La Culture**. Paris: François Maspero, 1978

11- LEITÃO, Maria do Rosário A. **Caracterização e Contribuição para Interpretação da Política e Habitação Popular -Recife- Estado Novo (1937-1945)**. Recife, 1987 Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal de Pernambuco

12- **FÔLHA DA MANHÃ**, 04.03.1938, vespertino, p 1; o conceito de ordem está presente em todo o discurso do Interventor. Na **FÔLHA DA MANHÃ** é veiculado o doutrinamento diário acerca da necessidade de ser implantada a ordem e a autoridade no Estado.

13- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 04.03.1938, p 1

14- **Idem**, vespertino, 11.03.1938, p 1.

15- **Idem**, vespertino, 04.03.1938, p 1; ver também BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no Século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: 1992; STOFFELS, Marie-Ghislaine. **Os Mendigos na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra., 1977

16- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 04.03.1938, p 8

- 17- Apud, FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987, p13 e 14
- 18-SCHMITT, Jean-Claude. "*A História dos Marginais*". IN LE GOFF, J. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990
- 19-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 11.03.1938, p 1
- 20- **Idem**, 23.07.1938, p 8
- 21-Idem, 22.07.1938 vespertino, p 8; e 23.07.1938 vespertino, p 8
- 22-BARROS, Souza. **A década de 20 em Pernambuco**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985, p 16
- 23-MAGALHÃES, Agamenom. "*Turismo*". IN FÔLHA DA MANHÃ, 23.07.1938, vespertino, p3; sobre a temática do uso e controle do espaço, ver: ANDRADE, Manuel Correia de. **Poder Político e Produção do Espaço**. Recife: FUNDARJ, 1984; DOLFFUS, Olivier. **O Espaço Geográfico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S/A, 1991.
- 24- Esta temática do discurso da Interventoria Agamenon Magalhães *versus* o discurso do operariado é o objeto da tese de doutorado da professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Maria do Rosário A. Leitão, que vem sendo desenvolvida na Universidade Complutense de Madri, Espanha.
- 25-LUBAMBO, Manuel. "*A Tirania dos Fotógrafos*". IN FÔLHA DA MANHÃ, 10.05.1938, vespertino, p 3.
- 26-KOSSOY. Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.
- 27-**Idem**, p 24
- 28-**Ibidem**, p 24
- 29-LUBAMBO, Manuel. "*Advertência Perigosa*". IN FÔLHA DA MANHÃ, 19.05.1938, vespertino, p 3.
- 30- HOLLANDA, Sergio Buarque de. **Raizes do Brasil**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1973.
- 31-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 07.06.1938, p3; sobre as categorias de *modernidade e progresso*, ver o trabalho de R. Ortiz, analisando a presença destas categorias nas transformações de Paris no século XIX. IN ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991; NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; ver também BRESCIANI, Stella (org) **Imagens da cidade. Séculos XIX e XX**. São Paulo: Marco Zero/ANPUH/FAFESP, 1994
- 32-Sobre as festas juninas ver: FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 2.6.1938, p 5; acerca do frevo: matutino, 28.02.1938, p 3; acerca da reforma do Clube Português: A GAZETA, Recife, 20.6.1938, p 6.
- 33- FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 12.3.1938, p 3

- 34- **A GAZETA**, Recife, 14.2.1938, p 4
- 35- "*A Inauguração do Grande Hotel*". IN **A GAZETA**, Recife, 20.6.1938, p 6; ver o trabalho de ARAÚJO, M. Rosa Barbosa. **A Vocação do Prazer - a cidade e a família no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993
- 36- **A GAZETA**, Recife, 27.6.1938, p 1
- 37- **Apud**, Souza Barros, **A década de 20 em Pernambuco**. op. cit. p 236
- 38- Sobre as críticas ao "plantão" da Lafayette, ver: **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 7.3.1938, p 3; "*A Volta dos Boateiros*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 9.6.1938, p 3
- 39-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 08.03.1938, p 3; acerca das fronteiras entre cidade e campo, ver ANDRADE, Manuel Correia. **Cidade e Campo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- 40-**FÔLHA DA MANHÃ**, 08.03.1938, p 1.
- 41- **Idem**,09.03.1938, vespertino, p 8.
- 42- **Idem**
- 43- **Idem**, 15.12.1937, matutino, p 1.
- 44- **Idem**, 06.02.38, matutino, p 3.
- 45- **Idem**
- 46- **Idem**, vespertino, 10.9.1938, p 3
- 47- **Idem**, 18.6.1938, p 3
- 48-**Idem**, 10.9.1938, p 3
- 49-Diário Oficial do Estado de Pernambuco, n. 269, p 32
- 50-Ver **Pasta AGM 39/45.00.00/2 CPDOC/FGV**; ver também **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 04.03.1938, p 3
- 51-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 04.3.1938 p 8
- 52- **Idem**
- 53- Sobre o conceito de progresso *versus* atraso na história oficial, ver os trabalhos de: BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no Século XIX: o espetáculo da pobreza**. op. cit.; ECO, Umberto. "*Retórica e Ideologia em OS MISTERIOS DE PARIS de Eugène Sue*". IN ECO, Humberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1990
- 54-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 06.03.1938, p3
- 55-**Idem**, 10.04.1938.

- 56-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 03.03.1938, p 8
- 57-**Idem**, 03.03.1938, vespertino, p 6 e 8.
- 58-**Idem**.
- 59-**Idem**.
- 60-**Idem**, 28.2.1938, p 1
- 61-**Idem**, 26.02.1938, p 1 e 3
- 62- **Idem**, p 8.
- 63- Sobre o tema vide:GRAHAM, Sandra Laudelale. **Proteção e Obediência: criada e seus patrões no Rio de Janeiro- 1860/1910**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; GUIMARÃES, Alberto Passos. **As Classes Perigosas**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.
- 64- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 28.02.1938, p 8
- 65-DA MATTA, Roberto. **Carnaval, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990
- 66- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 20.2.1938, p 8; a **FÔLHA DA MANHÃ** diariamente, na semana que antecede o carnaval, "aconselha" a população acerca do "novo" carnaval pernambucano, "orientando" acerca das músicas, das fantasias e proibindo o uso de máscaras.
- 67- DA MATTA, Roberto. **A Conta do Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p 61
- 68-**Idem**, p 85
- 69-Sobre o tema vide: DA MATTA, Roberto. **A Conta do Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira**. op. cit.; WISNIK, Jose Miguel. *"Algumas Questões de Música e Política no Brasil"*. IN BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira**. São Paulo: Atica, 1992; SEVERIANO, Jairo. **Getúlio Vargas e a Musica Popular**. FGV-Instituto de Documentação, 1983
- 70- *"Fracasso dos derrotistas"*, IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 3.3.1938, p 3
- 71- *"Saneando a Cidade das Práticas Bárbaras Africanas"*, IN **A GAZETA**, Recife, 31.1.1938, p 2
- 72- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 21.3.1938, p 1
- 73-Sobre a temática ver: GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada**. op. cit.;SARTRE, Paul. **Reflexões sobre o Racismo**. São Paulo: Difel, 1968; TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993; a **FÔLHA DA MANHÃ**, trazia na primeira página, esta expressão usada por Agamenon

Magalhães no seu discurso de posse na Interventoria, evidenciando a reificação da categoria trabalho.

74-CAVALCANTI, Pedro. "*Mediunidade e Loucura*". IN **Contribuição ao Estudo do Estado Mental dos Mediuns**. tese de concurso para o cargo de médico da Assistência a Psicopatas de Pernambuco. Recife: Gráfica Gazeta de Limoeiro, 1934, p10

75- ARAUJO, M. Graça. **Os Delírios Episódicos no Hospital de Alienados**. IN Arquivo da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, ano II, n. 1, abril, 1932; BORGES e LIMA, Cavalcanti e Dinice. **Investigações Sobre as Religiões no Recife: o "espiritismo"**. IN Arquivo da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife, n. I ano II, abril, 1932

76-CAVALCANTI, Pedro. **Contribuição ao Estado Mental dos Mediuns**. op. cit. p 103

77- **Idem**, p 102

78- GOMES, Angela de Castro. "*A Construção do Homem Novo: o Trabalhador brasileiro*". op. cit.

79-CAMPELLO, Barreto. **Pelo Catholicismo e Pela Unidade Política do Brasil**. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio, 1934, p 8

80-HALBAWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990

81- ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**. Petrópolis: Vozes, 1978 p182

82-CAVALCANTI, Paulo. **A Luta Clandestina (O caso eu conto como o caso foi)**. Recife: Guararapes, v 4, 1985, p 20-21

83-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 5.4.1938, p 2

84- **Idem**, matutino, 27.1.1938, p 3

85- LEVINE, Robert. **A Velha Usina - Pernambuco na Federação Brasileira (1889-1937)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p 114

86-**Idem**, p 115

87- FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 27.1.1938, p3

88- **Idem**, vespertino, 28.2.1938, p 3

89- **Idem**, 04.03.1938, p 3

90-**Idem**, matutino, 20.02.1938, p 3

91- Acerca da construção da memória nacional, ver a análise de Renato Ortiz sobre a construção desta memória na França do século XIX. IN ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade**. op. cit.

92- SEVCENCO, Nicolau. **Literatura Como Missão - Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p 30

93- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982

## **IV- Fôlha da Manhã: a reprodução da infâmia**

O papel da imprensa como formadora de opinião pública é extremamente elucidativo para se compreender a disseminação e propagação de fantasias e mitos acerca de indivíduos ou grupos étnicos que, no decorrer da história da humanidade, têm sofrido a infâmia de serem vítimas do preconceito por parte de grupos e nações.

O seu amplo alcance junto às massas redundava em um veículo relevante para a propaganda dos regimes políticos que necessitam buscar legitimidade junto aos vários segmentos sociais, haja vista sua instrumentalidade, no sentido de que um corpo de idéias possa ser acatado e aceito pela sociedade civil.

Assim, utilizando-se de persuasão e doutrinamentos diários calcados sobre a repetição sistemática, a imprensa pode ser um veículo das mensagens e valores que compõem a ideologia dominante, colaborando para a construção do imaginário coletivo, acionando imagens e signos que passam a ser compartilhados pela massa.<sup>(1)</sup>

### **4.1- O Jornal: um agitador de rua**

Essa função específica da imprensa foi muito bem apreendida pelo regime nazista. Hitler inferia à imprensa o papel de educadora, considerando como dever do Estado impedir que o povo caísse nas mãos de educadores mal intencionados. Referia-se não à instituição escolar, mas à relevância da imprensa. Sintetizava a preeminência que a mesma poderia exercer sobre as massas, através do seu papel primordial: a propaganda política. E defendia também o controle que deveria ser exercido pelo Estado sobre a imprensa, numa ação intensa e contínua:

*"fiscalizando a atuação da imprensa em particular, pois a sua influência sobre o espírito público é mais forte e a mais penetrante de todas, desde que a sua ação não é transitória mas continua. Sua imensa importância está no fato da uniforme e persistente repetição da sua propaganda". (2)*

Com esta visão da propaganda como motriz do processo de reprodução ideológica, Hitler criou, em 1933, o Ministério da Propaganda, elegendo Joseph Goebbels para seu Ministro. Este foi um dos lados mais importantes para a edificação do III Reich, uma vez que foi através da propaganda sistemática e repetitiva, assim como dos "efeitos especiais" criados por Goebbels que se conseguiu edificar a aura sacralizadora da pessoa do Fueher e do regime, cooptando-se trabalhadores, jovens, crianças e mulheres. Sacralizado como mito, Hitler passou a ser temido e esperado como um messias. (3)

A preocupação em construir esta imagem messiânica de Hitler fica patente nos quatro filmes documentários encomendados pelo regime à cineasta Leni Riefenthal, *O Triunfo da Verdade* (1935), *Olympia* (1936), *O Dia da Liberdade* (1935) e *Vitória da Fé* (1933). O tema de *O Triunfo da Verdade* é o Congresso Nacional do Partido em 1934, tendo o próprio Hitler como protagonista. Neste filme, a história protagoniza, e a missão mística redentora de Hitler é consagrada. Nas primeiras cenas da película, dá-se a chegada triunfal de Hitler descendo das nuvens num bimotor.(4) O imaginário que estava sendo construído apontava para a redenção completa da Alemanha que se alienava à mercê do seu líder, expressa nas palavras da própria L. Riefenthal: *"o sol desapareceu atrás das nuvens. Mas quando o Führer chega, os raios de sol cortam o céu, o céu hitleriano".(5)*

Susan Sontag, em ensaio sobre o cinema nazista, observa que é ingênuo querer encontrar nos filmes de Riefenthal um documentário, porque o que é mostrado, na verdade, é a propaganda viva da imagem que se quer construir do regime. Assim, em *O Triunfo da Vontade*, a imagem/documento perde o seu papel de simples registro da realidade, tornando-se a *"razão para a qual a realidade foi construída".(6)* Neste sentido, a leitura da propaganda

fascista só pode ser entendida a partir da compreensão dos significantes (signos) eleitos pelo regime e do significado atribuído àqueles.<sup>(7)</sup>

Goebells orientava os construtores da opinião pública [jornalistas] no sentido de que a massa não deveria elaborar uma opinião acerca dos fatos, mas ser conduzida a uma direção ideológica pré-determinada. Na Alemanha nazista o objetivo da imprensa residia em informar transmitindo os fatos, mas sim "*incitar, estimular, mover as massas*".<sup>(8)</sup> Neste sentido, H. Arendt observa que nos regimes totalitários a propaganda é imprescindível para a conquista das massas.<sup>(9)</sup> É nesta linha que, para Goebells, cognominado pela **Fôlha da Manhã** o "*mestre da propaganda*", o jornal era um verdadeiro "*agitador de rua*".<sup>(10)</sup>

Esta, entretanto, não foi uma iniciativa adotada apenas pelo III Reich. A maioria dos governos autoritários dos anos 30 e 40, caracterizados por um regime forte, lançaram mão dos periódicos de grande circulação para fazer veicular suas idéias. Assim o fizeram Perón, Franco, Mussolini, Cárdenas, Salazar e Getúlio Vargas, seguidos de seus colaboradores. Agamenon Magalhães, quando interventor em Pernambuco, em sua correspondência com Getúlio Vargas e seus correligionários políticos, ressaltava o seu empenho em utilizar o rádio e o jornal como poderosos motores da opinião. Para ele a imprensa tinha o poder de manipular a opinião pública, "*esclarecendo e modificando o seu julgamento sobre determinado facto, com a velocidade da luz*".<sup>(11)</sup>

Neste contexto, Agamenon Magalhães colocou em circulação em Recife a **Fôlha da Manhã**, duas semanas antes de sua posse como Interventor do Estado, com o objetivo claro de transformá-la em veículo de doutrinação política e legítimo porta-voz do regime. Doutrinar e formar a opinião pública, na "*idéa nacionalista e nos princípios da democracia autoritária*", tornou-se meta do novo periódico.<sup>(12)</sup>

Esta visão da relevância do jornal como persuasor diário e formador da opinião pública evidencia-se nas palavras de Agamenon Magalhães em carta a Luiz Vergara, secretário de Getúlio Vargas, quando



Ilustração 44 - "A começar a 1º de Maio", IN Jornal FOLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 29.04.1938, p 8

# FUNÇÃO SOCIAL DA IMPRENSA



Ilustração 45 - "*Função Social da Imprensa*", IN Jornal **FOLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 23.04.1938, p 1

pertencentes à empresa de Chateaubriand. Tais cartas eram sempre de igual teor, ou seja, no sentido de que se tal acordo fosse realizado não traria politicamente nenhuma vantagem. (16)

Independentemente da pressão sofrida por parte dos **Diários Associados**, Agamenon Magalhães solicita a intervenção tanto do Catete, como de seus correligionários políticos, no sentido de que seus artigos doutrinários sejam divulgados. Algumas cartas chegam a conter teor de ameaças, como a enviada a João Duarte Filho, da *Agência Nacional*, na qual Agamenon Magalhães se ressentia de a *Hora do Brasil* não veicular notícias de Pernambuco. Manda recado também a Lourival Fontes, diretor do *Departamento Nacional de Propaganda* e responsável pela edição do programa radiofônico: "*estou notando o desdém dele pelas cousas de Pernambuco e pretendo escrever ao Presidente sobre isto*". (17)

Em sua correspondência particular, o Interventor orientava sempre acerca da "sedução" da palavra escrita e falada, afirmando que não bastava o governo ser forte, era necessário passar para a sociedade a impressão permanente de ação. (18) Na opinião de seus amigos, tais palavras eram "*sentidas como se boiassem no ar do Brasil*". (19) ( Ilustração 44)

O sucesso no desempenho da **Fôlha da Manhã** em veicular à população um corpo de doutrinas ficou evidenciado quando, após três meses de circulação, o periódico passou a ter duas edições diárias -vespertina e matutina. A tiragem, que era de doze mil exemplares nos primeiros meses, subiu em seguida, com as "*remessas de papel da Europa*", para quinze mil. A crise de papel, que naquele momento justificava a negação por parte do governo Vargas para alguns pedidos de abertura de jornais, não se constituiria em problema para aquela imprensa política. (20)

Preocupada em doutrinar as massas, a edição vespertina da **Fôlha da Manhã** era destinada a um público especial: os proletários e desafortunados (Ilustração 45). Para Agamenon Magalhães, tal edição vespertina representava, não só uma iniciativa ousada e nacionalista, como também acessível pelo preço:

*"Edição de 100 Réis, formato leve, expedida em informações e notas vivas de Doutrina, será acessível a todas as classes, principalmente às proletárias e desafortunadas. Áquellas cujos salários não lhes permittam o luxo de um jornal matutino, com 16 páginas, carregadas de chronicas, romances e notícias estrangeiras".(21)*

Assim, evidenciam-se os objetivos e o público da **Fôlha da Manhã**: doutrinar todas as classes sociais. O periódico polariza-se para atender à elite e à massa. O doutrinamento atingia a todos, com a diferença centrada na forma do veiculamento: a edição matutina, com dezesseis páginas, atendendo às exigências de uma clientela elitizada. Consciente dos resultados, Agamenon Magalhães considerava o periódico como exemplo de publicidade máxima: *"caiu no gôto do povo".(22)*

Numa campanha sistemática de propaganda governamental, a **Fôlha da Manhã** divulgava todas as realizações de Getúlio Vargas. Em março de 1938, quando da elaboração do *"Plano de obras contra as secas"*, o Interventor solicitou a Luiz Vergara detalhes do Plano, com o objetivo de noticiá-lo com *"muito ruído"*. Explicava que era necessário manter a *"opinião pública em estado de receptividade em torno de melhoramentos e de obras".(23)* Era importante mostrar um Brasil que estava sendo reconstruído, restaurado -onde tudo e todas as coisas- eram possíveis de ser realizados. O Estado Novo, personificado em Getúlio Vargas, conseguia, enfim, através de uma atuação conjunta de todos os Estados brasileiros, e Pernambuco teve aqui seu tributo, realizar os "sonhos e as aspirações" do povo, concluindo o trabalho iniciado em 30.(24)

Agamenon Magalhães atribuía ao movimento diário de publicidade e às orientações dadas pelo "Chefe", a partir das suas entrevistas, o sucesso do doutrinamento de todas as camadas sociais. Daí o resultado apontado: confiança, trabalho e ordem. (25)

Essa relevância da instrumentalidade da imprensa como veículo de propaganda política levou o Interventor de Pernambuco a tecer críticas severas aos órgãos de propaganda oficial. Em 29 de janeiro 1938,

comentou junto a Heitor Muniz, do *Departamento Nacional de Propaganda* (DNP), que a *Agência Nacional* era uma organização fracassada, carente de um serviço de informação especializado: "*os telegramas dela não chegam e quando chegam é com um atraso dos trens de carga*". Conclui com um lamento: "*tenho pena de vê-la assim, nós que a fundámos com tanto entusiasmo*".<sup>(26)</sup>

A *Agência Nacional* tinha como função distribuir informações aos jornais brasileiros e estrangeiros; veicular a propaganda do Brasil no exterior; editar folhetos e publicações para o país, especialmente nas datas cívicas, ressaltando os feitos históricos. Estava vinculada ao *Departamento de Propaganda e Difusão Cultural* (DPDC) até 1938, quando aquele órgão se transformou no *Departamento Nacional de Propaganda* (DNP), continuando, todavia, sob os auspícios do mesmo diretor, Lourival Fontes. Cabia a este promover a propaganda do Estado Novo e, essencialmente, fornecer material aos jornais, no sentido de formar e doutrinar a opinião pública no novo regime.<sup>(27)</sup> Todavia, até setembro de 1938, a correspondência de Agamenon Magalhães com políticos do Rio de Janeiro mantém seu teor de críticas pela falta de operacionalidade destes órgãos oficiais, afirmando que suas publicações são modelos de anti-propaganda:

*"a Agência Nacional, como o próprio Departamento de Propaganda, são duas expressões de completa e total ineficiência. Ali nada se faz, nem nada se leva a sério. Como deve ter visto, a "propaganda" oficial é coisa que não existe. A única que aparece -essa pouca- deve-se exclusivamente ao esforço e boa vontade do Felinto, através do Serviço de Divulgação da Polícia, hostilizado e guerreiado pelo Lourival. A hora do Brasil pelo rádio é uma lástima".* <sup>(28)</sup>

O elogio à dedicação de Felinto Müller, então Secretário da Polícia Política do Rio de Janeiro, diz respeito às idéias em comum dos dois políticos, não somente com relação ao ideário estadonovista, mas principalmente com relação à propaganda doutrinária. Felinto Müller desenvolvia um trabalho de propaganda anti-comunista, através do Serviço

de Divulgação da polícia do Distrito Federal. Esse material era enviado regularmente para todo o Brasil, sendo publicado em Pernambuco pelos jornais **Fôlha da Manhã** e **A Gazeta**, semanário católico da Matriz da Boa Vista. Tais artigos versavam sobre as técnicas de "infiltração" do comunismo e do "terrível" cotidiano da Rússia, com o objetivo de infundir o medo e a repulsa á ideologia bolchevista. Felinto Müller concluía um desses artigos, explicando a importância da população tomar conhecimento dos processos adotados pelos comunistas, para que, então, pudesse reagir àquelas investidas.<sup>(29)</sup>

Assim como o Interventor de Pernambuco, Felinto Müller teceu severas críticas à ineficácia de serviços especializados em propaganda política, sendo sua grande preocupação a ausência de um trabalho "preventivo". Afirmava que a luta contra o agente subversivo deve ser sobretudo "preventiva", pela forma insinuada como os bolchevistas trabalhavam na preparação do ambiente propício, na tentativa de perturbação da ordem. Instava no sentido de que a advertência ao público poderia impedir e neutralizar a atividade dos bolchevistas. Assim, afirmava:

*"nós atuamos com eficiência no setor repressivo, na parte preventiva, ainda não conseguimos irradiação".<sup>(30)</sup>*

Tecia grandes elogios à propaganda anti-bolchevista realizada pela Alemanha nazista que, ressaltando que por ser aquele país de regime oposto ao comunismo, havia desenvolvido uma super-organização -com funções repressiva e preventiva- somente ocupada em combater aquela ideologia.

Criticava a atitude do Brasil, que ainda não havia desenvolvido um trabalho centralizado que pudesse irradiar para os outros estados da federação uma reação anti-comunista. Acrescentava que o trabalho feito limitava-se a combater as doutrinas "dissolventes" com empreendimentos isolados realizados pelos departamentos de polícia dos estados. Ressaltava o fato de que somente combateríamos o adversário quando o "perigo" se

apresentasse, concluindo com a idéia de que se fazia necessário um trabalho de "irradiação" e não apenas de "repressão".

O primeiro semestre do ano de 1938 apresenta-se ainda como um período de instabilidade política, no que diz respeito à legitimação do novo regime. As manchetes bombásticas e otimistas divulgadas pela **Fôlha da Manhã** acerca do novo regime davam a impressão de que nenhuma nuvem de dúvidas pairava sob o céu político do Brasil. No entanto, a correspondência do Interventor com o Distrito Federal, centro político irradiador, era sempre marcada por preocupações, medos de golpes e intrigas que pudessem separar "os caciques" do espaço do poder. Essencialmente, a instabilidade do regime centrava-se na relevância dada à necessidade de se legitimar o Estado Novo através do doutrinamento e da propaganda política. Fazia-se necessário construir um imaginário político que confluísse para o acatamento da nova ordem. Assim, o objeto simbólico utilizado para a construção deste imaginário vai ser a idéia do novo, da ordem e da hierarquia, presente também no simbolismo sagrado. Daí a importância que Castoriadis atribui à escolha do simbolismo por uma sociedade.<sup>(31)</sup>

Em abril de 1938, temia-se por uma possível convocação de uma Constituinte e promulgação de Ato Adicional. Neste clima de instabilidade, Heitor Muniz informou a Agamenon Magalhães que muita gente tinha chegado a "ver" este Ato Adicional. Esclarecia também que o

*"partido dos saudosistas, desejosos do restabelecimento da antiga ordem de cousas destruída pelo 10 de novembro, vinha se tornando não só um partido forte, como agressivo."*<sup>(32)</sup>

Esta expressão, "*partido dos saudosistas*", foi usada com muita freqüência pela **Fôlha**, referindo-se a pseudo-organizações de *trusts* judaicas que "monopolizavam" a política antes do golpe do Estado Novo. Esses perigos imaginários, de que os liberais progressistas estariam sempre tramando contra as novas instituições brasileiras, foram explorados e

veiculados pela imprensa, numa clara tática de semear um ambiente propício ao medo e uma conseqüente adesão à "segurança" apontada pelo Estado.

Diante deste clima de insegurança, o governo central sugeria que se aproveitassem as oportunidades, uma vez que os inimigos se encontravam por toda parte. A orientação era de que as massas precisavam ser orientadas através de uma intensiva propaganda.<sup>(33)</sup> Este não era o caso de Pernambuco que, segundo o Interventor, cumpria com seu papel doutrinário:

*"doutrino todos os dias pela imprensa e pelo rádio, na propaganda do Estado Novo e das questões que interessam à economia do Estado".* <sup>(34)</sup>

A cristalização deste papel da imprensa e da censura a serviço do Estado concretizou-se em dezembro de 1939, quando o *Departamento Nacional de Propaganda* cedeu seu lugar ao *Departamento de Imprensa e Propaganda* (DIP).<sup>(35)</sup> Com o DIP, processou-se a reificação da instrumentalidade da imprensa no novo regime, sintetizada de forma brilhante pelo Interventor de Pernambuco: "*o bem e o mal estão dest'arte polarizados*" através da imprensa e, por conseguinte, esclarecia que a propaganda política deveria ser função do Estado, porque, sem ela, não haveria orientação.<sup>(36)</sup>

Assim, a imprensa passou a ser vista como recurso imprescindível para fins públicos. Cabia ao Estado exercer censura sobre os órgãos de imprensa, garantindo um teor uníssono no discurso do Poder. Em Pernambuco, o Interventor exerceu esta censura até as últimas conseqüências. A perseguição sobre Carlos de Lima Cavalcanti, dono dos jornais **Diário da Manhã** e **Diário da Tarde**, antecessor de Agamenon Magalhães no governo do Estado [1930-1937], tinha sempre a justificativa de que o mesmo não deveria voltar a dirigir seus jornais, porque de alguma forma "tentaria" fazer oposição ao governo. Em carta ao Palácio de Catete, negando os pedidos para que Lima Cavalcanti retornasse a Recife, o Interventor esclarece que o mesmo poderia voltar, desde que se restringisse

a cuidar dos negócios referentes à usina Santa Tereza, de sua propriedade, uma vez que isto era "*atividade útil e pacífica. Para este trabalho, todas as portas estarão abertas e todas as garantias lhe serão asseguradas*". Quanto a labutar na imprensa, Agamenon mantinha uma posição inflexível e enfática: negava qualquer possibilidade, observando sempre ser inexplicável e até certo ponto suspeita a circulação de jornais que pertencessem a indivíduos contrários à ideologia do governo. Como sempre, usando uma linguagem metafórica, o interventor era axiomático: "*não vim para o Estado pescar carangueijos nas águas baixas dos meus adversários. Vim para orientar*". (37)

Qualquer forma de resistência era sufocada, daí as reclamações contra a censura exercida pelo Interventor sobre a imprensa de Pernambuco serem constantes, e algumas dirigidas diretamente a Getúlio Vargas.(38) A estas, Agamenon respondia no sentido de que se o Estado Novo admitisse a hipótese de ser complacente com os adversários políticos, permitindo que estes usassem a imprensa para tecer críticas ao governo, estaria "*repetindo o episódio de Císifo, levando a pedra ao alto da montanha para deixa-la rolar sobre a sua cabeça*".(39)

#### **4.2- AIP: uma instituição a serviço do anti-semitismo**

Este controle sobre o que era veiculado pelos jornais configurou-se de forma mais incisiva após 7 de março de 1938, quando foi eleito o novo presidente da *Associação de Imprensa de Pernambuco*. A forma como se processou esta eleição é ambígua: a gestão que estava no poder teria, ainda, mais um ano de mandato; todavia, renunciou sem apresentar motivos. Em Assembléia Geral Extraordinária, com a presença de apenas dezesseis sócios, foi eleita a nova diretoria, tendo como presidente o jornalista José Campello, redator chefe da **Fôlha da Manhã**. Os

# A solennidade da posse do novo presidente da Associação da Imprensa de Pernambuco

O acto teve lugar no salão nobre do Gabinete Portuguez de Leitura e revestiu-se de desusado brilhantismo

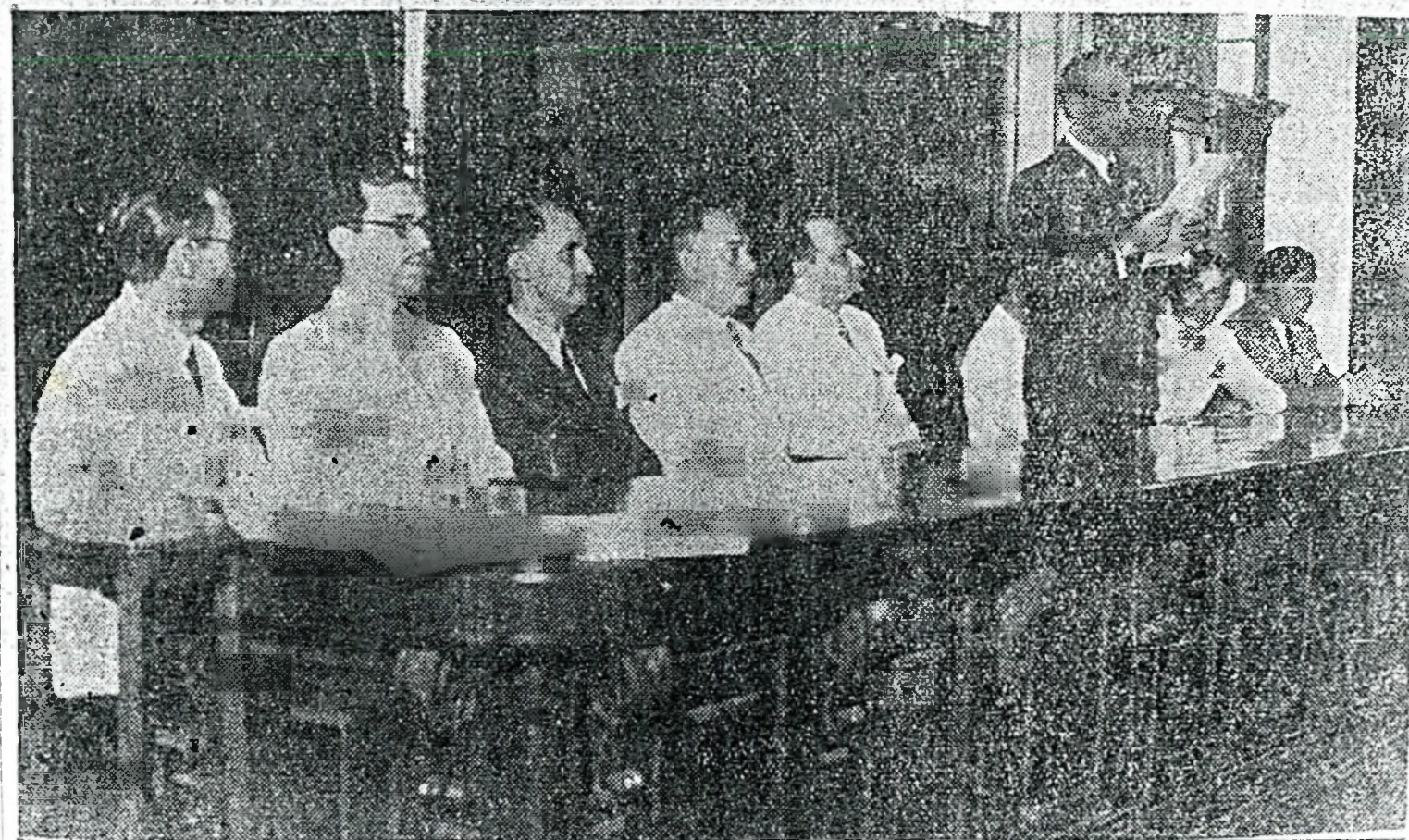


Ilustração 46 - "A solennidade da posse do novo presidente da Associação de Imprensa de Pernambuco", IN Jornal A GAZETA, Recife, 07.03.1938, p 1

escrutinadores, Nelson Firmo e Vicente do Rego Monteiro, eram colaboradores do Interventor. Monteiro havia retornado recentemente de Paris, onde mantinha também residência, por estar casado com uma francesa. Participava de uma exposição de arte, quando foi solicitada sua volta para assumir a direção da conservadora **Revista Fronteiras**, em conjunto com Manuel Lubambo, então Secretário da Fazenda de Pernambuco. Monteiro era pintor e ovacionado por não aderir às escolas de arte "degenerada", como Di Cavalcanti, entre outros. Interessante observar a cooptação por parte do interventor de nomes ligados à imprensa nacionalista, conservadora e católica, para compor as fileiras do seu primeiro escalão de cooperadores.<sup>(40)</sup> Seu secretariado era formado, segundo expressão sua, de jovens católicos, uma elite não "contaminada" pelo modernismo liberal e laicista.<sup>(41)</sup>

A posse da nova direção da AIP recebeu tratamento de pompa solene, marcada pela presença de Agamenon Magalhães e todo o seu secretariado, além de setenta e três sócios ( Ilustração 46). O discurso de José Campello expressa a instrumentalidade do órgão que, a serviço do regime, propunha-se colaborar com a renovação da imprensa nacional, assumindo uma função missionária.

A imprensa agora deveria sofrer uma renovação, como tudo que estava sob o Estado Novo. A conclamação tem sentido religioso: "*a mystica da missão*" - mais uma instituição que deve empreender sua "cruzada" salvífica. Os jornalistas da "bôa imprensa" devem ter a fé dos apóstolos para lutar contra as hostes da imprensa dissoluta, a "má imprensa", a imprensa dominada pelos interesses da chamada finança internacional:

*"urge, pois, na renovação da imprensa nacional, dentro dos roteiros do Estado Novo é crearmos a mystica da nossa missão em relação à Pátria, exactamente numa hora em que ela impõe a todos nós a exaltação dos paladinos e a fé intangível dos apóstolos."*<sup>(42)</sup>

Seu discurso também enfatiza que o papel desta nova imprensa é muito mais relevante do que veicular informações ao público leitor.

Ressalta o fato de o Interventor ter fundado a **Fôlha da Manhã**, não para divulgar notícias, mas para conscientizar o povo acerca do ideário proposto pelo regime, ou seja, como parte de um programa nacionalmente organizado sob a forma de doutrinação:

*"levar à inteligência e à consciência da colectividade um corpo inteiro de doutrinas e as idéas completas de um programa".<sup>(43)</sup>*

José Campello era também redator chefe do jornal católico **A Gazeta**, e seu discurso é uma verdadeira reprodução da retórica fascista. Seus artigos diários na coluna *O Dia*, da **Fôlha da Manhã**, expressam um anti-semitismo virulento, que superava o preconceito racista de todos os outros jornalistas. Só encontramos semelhança com relação à truculência de seu discurso anti-semita na pessoa de Geraldo Rocha, que assinava editorial diário para o periódico. Este contexto dá subsídios para perceber-se o que representou, para os intelectuais/jornalistas anti-semitas do estado, ter este homem na liderança máxima dos órgãos de imprensa de Pernambuco: a reprodução de um dos cânones mais caros ao paradigma nazista - o discurso anti-semita que aponta o judeu como o responsável pelos males que atingem a nação.

Nesta campanha de procurar responsabilidades, a reação contra a produção do pão misto [ com farinha de mandioca anexada ao trigo] em Pernambuco era atribuída às manobras de "*trusts judaicos*", que monopolizavam as indústrias de beneficiamento do trigo. O boicote ao uso da farinha de mandioca pelas padarias seria uma "*artimanha judaica*".<sup>(44)</sup> Este mesmo argumento foi explorado no Rio de Janeiro por Geraldo Rocha, no jornal **A Nota**, em janeiro de 1937, no artigo "*A Rede Judaica do Trigo*". Acionando um tipo de alimento básico do brasileiro, o jornal instigava a população a buscar seus algozes nos fornecedores de trigo que estariam retendo a produção, forçando assim a subida de preço do produto. Assim, Geraldo Rocha ressaltava a necessidade de o povo tomar conhecimento de que estava sendo roubado e de quem eram esses larápios.<sup>(45)</sup> Adaptava-se a

mesma retórica - os judeus como dominadores e manipuladores da economia- para um problema regional, com base num produto típico da região [farinha de mandioca], como forma de atingir o povo que se ressentia da falta de alimentos de primeira necessidade. Assim, da dominação sobre a indústria [têxtil, couros], à fabricação do pão diário: "*tudo é obra dos judeus*".<sup>(46)</sup>

Recuperando a trajetória da argumentação anti-semita da Idade Média à Alemanha nazista, os títulos dos artigos assinados por José Campello são por demais elucidativos acerca do seu teor:

- "*Fácil Interpretação dos Caracteres*"

- "*Os polvos*"

- "*Os Indesejáveis*"

- "*Negócio de Judeu*"

- "*Industria Clandestina*"<sup>(47)</sup>

Artigos trazendo um anti-semitismo antigo, que apontam os judeus como representantes de satã na terra, envenenadores de poços, portadores de caracteres físicos especiais que os destoam da raça humana, seres animalizados, deicidas, perseguidores eternos dos cristãos, sobrepõem-se a artigos baseados nos **Protocolos dos Sábios de Sião**, que apontam para o inimigo judeu político, componente de uma organização poderosíssima, que estendia seus "tentáculos" pelos quatro cantos da terra, dominando a economia, a política, as artes, a cultura, a imprensa, as nações, enfim.<sup>(48)</sup> Uma análise do uso da argumentação anti-semita voltada para a "eterna" disputa entre a sinagoga e o cristianismo é realizada por Jules Isaac em sua obra **Las Raíces Cristianas del Antisemitismo**. Para o autor, a catequese cristã como um ensino do desprezo para com os judeus, tem sido utilizada como uma "*arma mais nociva e mais terrível do que qualquer outra*".<sup>(49)</sup> Uma pesquisa feita por R.P. Démann mostra a atualidade destas acusações, quando, até 1950, vários manuais franceses de ensino católico utilizavam-se da mesma retórica, apontando os judeus como "*povo incrédulo e deicida*".<sup>(50)</sup>

A coluna *O Dia*, da **Fôlha da Manhã**, assinada por Campello, através do processo de envilecimento da imagem do judeu, tornou-se o pão cotidiano anti-semita <sup>(51)</sup> de cerca de quinze mil leitores de Pernambuco. Refletindo sobre o alcance representado por esta imprensa panfletária, percebemos a importância de recuperarmos a história subterrânea, tão fortemente preservada, por uma sociedade que se tornou a guardiã dos seus mitos, construídos através da história oficial. Esta se encontra publicada nos jornais e tem "aprovação" oficial. A grande questão para nosso estudo diz respeito à omissão da historiografia contemporânea regional, que não tem sequer "percebido" o tema. <sup>(52)</sup>

Em junho de 1940, José Campello faz juz ao seu ideário nazi-fasci, ao ser agraciado pelo governo italiano com o título de "Conselheiro da Corôa" daquele país. A cerimônia de condecoração, realizada no Grande Hotel, contou com a presença dos principais representantes políticos do Estado que compartilharam do evento, registrado com um fausto almoço. O jornalista recebeu a medalha e o diploma das mãos de Ettore Minitti, Cônsul italiano em Pernambuco. <sup>(53)</sup>

José Campello se manterá na presidência da AIP, a serviço da imprensa política estadonovista, até 4 de outubro de 1948, quando será deposto por uma junta governativa eleita em assembléia da Instituição. É nesta linha weberiana, do uso do cargo como prebenda e em troca fidelidade e honra ao chefe, que Agamenon Magalhães exige o nome de Tenório Wanderley, então Secretário do Interior do estado, para diretor da sucursal da **Agência Nacional** em Pernambuco. Além de oferecer as dependências do escritório da **Fôlha da Manhã**, localizado na rua do Imperador, no Recife, para a instalação da **Agência Nacional**, deixou livre também a escolha dos outros empregados, todavia, a direção competia a ele determinar, uma vez que os cargos decisórios deveriam ser ocupados por funcionários leais à sua pessoa. Não importava a operacionalidade dos cargos, mas sim o cumprimento das obrigações de fidelidade sem questionamentos, em troca, as benesses do Estado. <sup>(54)</sup>

Essa vigilância e esse controle sobre a imprensa em Pernambuco garantiam ao Estado a propaganda e o doutrinamento político e, por outro lado, impediam a manifestação de uma imprensa de oposição. Isto se evidenciava de forma clara no "recado" mandado por Vargas a Agamenon Magalhães, através de seu secretário, Luis Vergara:

*"você possui a censura, e com ela pode reduzir suavemente a nocividade de qualquer ação jornalística que tentar contrapor-se ao interesse público."*<sup>(55)</sup>

Assim, utilizando-se da persuasão e do doutrinamento diário, a **Fôlha da Manhã** veiculava, através de suas mensagens, valores que compunham a ideologia estadonovista, colaborando para a construção do imaginário político. Elementos calcados no nacionalismo, no xenofobismo, no anti-comunismo e no anti-semitismo conviveram lado a lado, compartilhados pela massa manipulada pelo Poder. Esta situação de rígido controle, entretanto, não impediu que grupos ativistas [comunistas, integralistas, nazistas, fascistas], cada qual em diferentes momentos, se organizassem tentando romper o círculo do poder instaurado pela ditadura Varguista. Haja vista o grande número de prontuários arquivados pela Polícia Política, DOPS, e que merecem, no futuro, estudos historiográficos.<sup>(56)</sup>

#### **4.3- Imprensa: o quarto poder**

O corpo de jornalistas que compõem a **Fôlha da Manhã** eram em sua maioria, colaboradores diretos na administração pública da Interventoria: Manuel Lubambo, secretaria da fazenda; Arthur Moura, secretaria do Interior e diretor do periódico; Nilo Pereira, diretor do Departamento de Educação. Este último afirmava que o jornal sob múltiplas formas, era a "*arma do povo, o quarto poder*"; razão pela qual julgava necessário combater o desvirtuamento da imprensa, convertida segundo ele

quase sempre, numa "arma judaica de dissolução". Assim, Nilo Pereira distorce a função real do jornal: arma do poder para manipular o povo.<sup>(57)</sup>

Esta visão de uma imprensa judaica, estrangeira e inimiga, desvirtuada do seu "verdadeiro" papel, responsável pela dissolução, é apontada tanto pela **Fôlha da Manhã** como pelos jornais **A Gazeta**, **A Tribuna** e **Revista Maria**, expressão da imprensa religiosa. Todos fazem referência à disseminação do comunismo e do liberalismo como sendo os responsáveis pela destruição das tradições de um povo. Lembraríamos aqui que Hitler também atribuía à imprensa a missão de concluir a educação das pessoas até a fase adulta. Em **Mein Kampf**, o chanceler do Reich chegou inclusive a fazer esta relação entre a atuação política dos judeus junto à imprensa, alertando para o perigo desta interferência, afirmando que o domínio e o uso da mesma, são um privilégio do Estado:

*"um dia virá em que o judeu gritará bem alto nos seus jornais, quando sentirem que uma mão forte está disposta a pôr fim a esse vergonhoso uso da imprensa, pondo este instrumento de educação à serviço do Estado, retirando-o das mãos de estrangeiros e inimigos da nação".* <sup>(58)</sup>

A relevância da imprensa na sua missão de doutrinação evidencia-se quando Arthur Moura pede exoneração do cargo político-administrativo, para poder continuar à frente da direção da **Fôlha da Manhã**.<sup>(59)</sup> Ao aceitar a renúncia de Arthur Moura, Agamenon Magalhães foi extremamente claro e objetivo quanto à sua posição, ao atribuir importância ao papel da imprensa enquanto instrumento político. Arthur Moura foi apontado não só como "soldado de linha de frente", mas também como amigo, sem, entretanto, deixar de ser submisso. Cabia a ele, enquanto diretor do periódico, defender e propagar a ideologia do regime:

*"amigo de todas as horas, identificado com os meus compromissos e a minha orientação (..) já estando você assoberbado com a direção da Fôlha, que fundamos para a propaganda do Estado Novo. Soldado da linha de frente, prefere você ficar, no sector da imprensa, ao meu lado, como sempre, defendendo o regime para cuja fundação carregou tanta pedra".* <sup>(60)</sup>

Assim, os jornalistas eram identificados como se fossem soldados na linha de frente da batalha. Não se tratava de usar a imprensa como coadjuvante junto ao campo político, mas, de uma total reificação do uso da mesma como instrumento de reprodução e propaganda política. De acordo com a estratégia política do Interventor, Arthur Moura, tornava-se mais eficiente, "*defendendo o regime*" através da sua atuação como diretor da **Fôlha da Manhã**. Assim, o Estado coopta e arma o seu arsenal de intelectuais que, através da imprensa política, elabora e veicula as "visões de mundo" da elite dominante.<sup>(61)</sup>

Na análise das mensagens diárias da **Fôlha da Manhã**, percebemos que, de forma explícita e implícita, emerge uma postura preconceituosa e racista que reflete o ideário anti-semita desses homens de imprensa. Assim, tornou-se prioritário identificar, através da análise deste discurso, a matriz deste ideário anti-semita, sustentado e assumido por grande parte dos jornalistas que compõem os editoriais e reportagens, em que emerge uma retórica agressiva e detratória na construção da imagem do judeu. O discurso apresentado por tais profissionais circula como "verdade", correspondendo à sua função de "informantes". Eles efetuam a decodificação das idéias propostas pela nova ordem vigente sobre a sociedade civil: são os construtores da opinião pública.

Investigar as influências exercidas sobre estes homens da imprensa, nos levou-nos a buscar suas trajetórias de vida. Neste sentido, tornou-se relevante considerar a passagem dos mesmos pela **Congregação Mariana** de Pernambuco e a influência marcante de extrema direita que norteava aquela Instituição. Sob a direção dos jesuítas, faziam apologia aos fascismos europeus, através de uma série de periódicos, dentre os quais cabe citar a Revista **Maria**, porta-voz da Congregação no estado, e, a nível nacional, a Revista **Estrêla do Mar**, espaço da elite intelectual e política de Pernambuco, cujos famosos retiros espirituais eram uma das formas de doutrinação junto aos jovens, segundo os dogmas do catolicismo. A

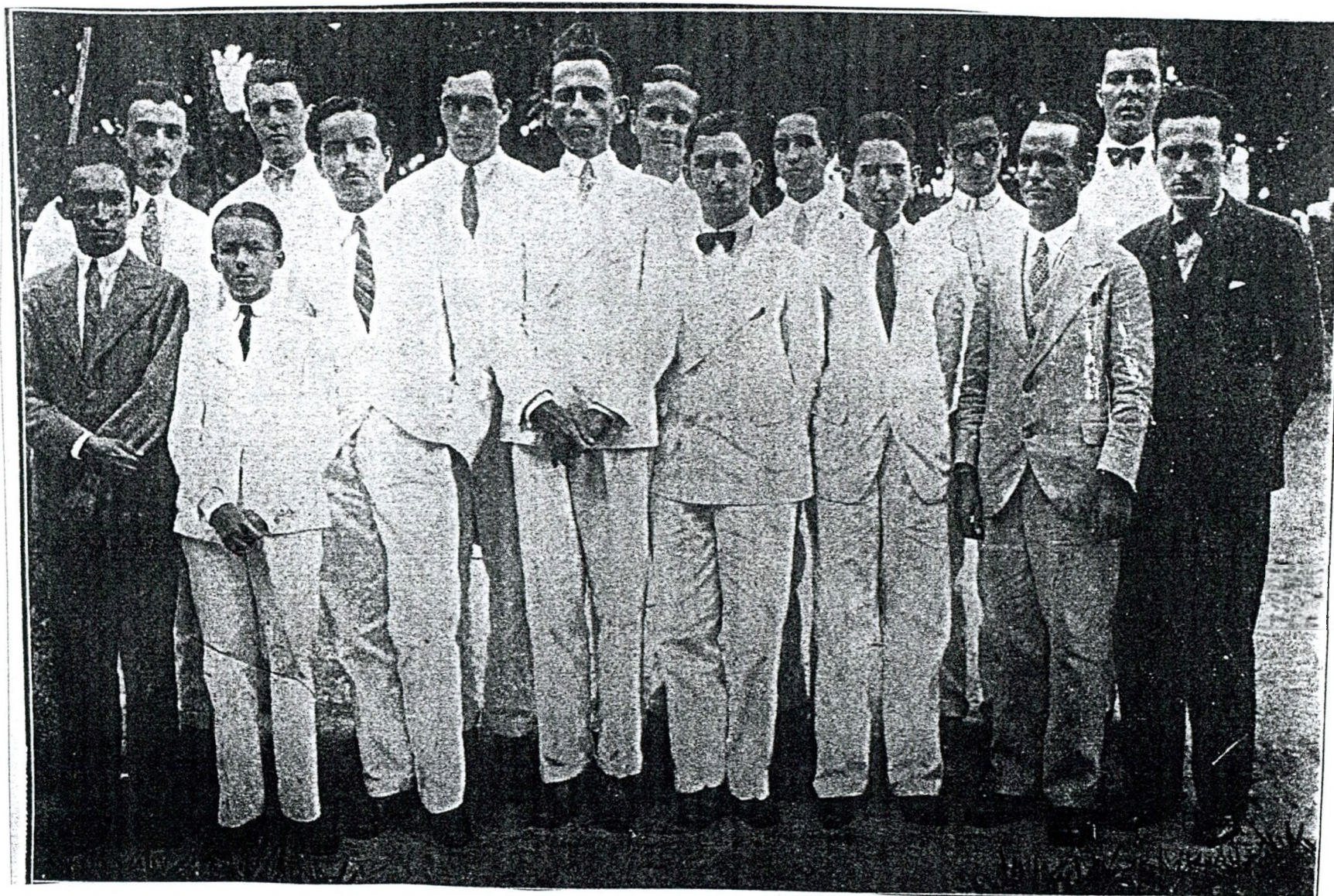
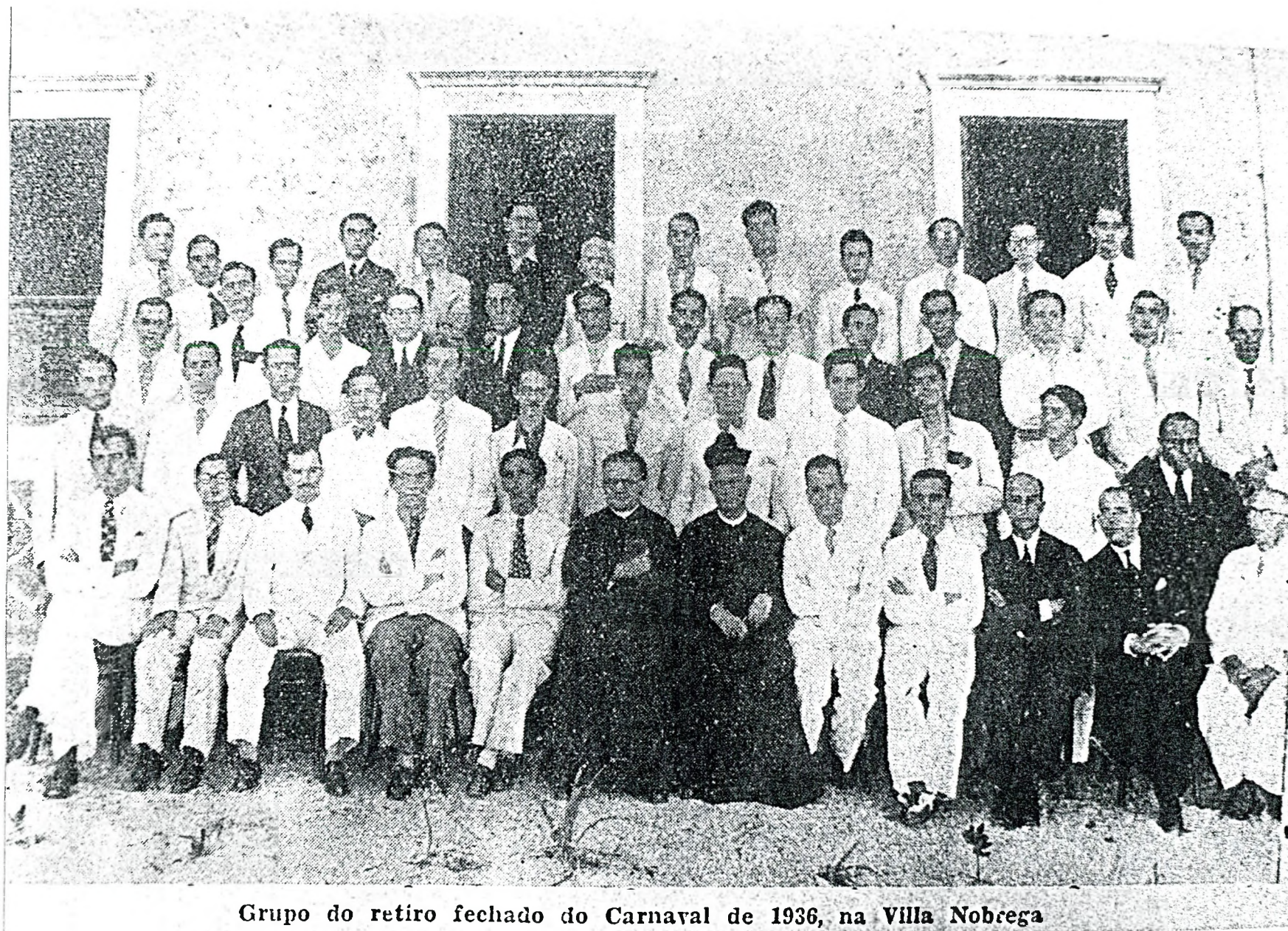


Ilustração 47 - "*Os bravos rapazes do incidente da Loja Maçônica Conciliação*", IN **Arquivo da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, Recife, v. 2, 1939**



Parte do Salão da Biblioteca e das reuniões da C. M. M. A.

Ilustração 48 - "*Parte do salão da biblioteca e das reuniões da C.M.M.A.*", IN **Arquivo da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica**, Recife, v. 2, 1939



**Grupo do retiro fechado do Carnaval de 1936, na Villa Nobrega**

*Ilustração 49 - "Grupo do retiro fechado do Carnaval de 1936, na Villa Nobrega", IN Arquivo da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, Recife, v. 2, 1939*

imprensa católica afirmava que às Congregações Marianas masculinas, estava reservado um primacial papel na regeneração dos nossos costumes. Esperava-se destes "novos cruzados" a restauração dos valores católicos, a reconstrução do que havia sido "*destruído pelos 40 anos de laicismo*", enfim, a vivificação da sociedade ( Ilustrações 47-49 ). Esta atuação cruzadista dos congregados marianos começou a ser evidenciada em Recife, já em 1931, quando um grupo deles, representado pelas famílias ilustres do estado, provocaram uma arruaça na loja Maçônica "Conciliação" justificada pelo fato dos maçons estarem fazendo comícios no sentido de impedir o ensino religioso nas escolas. Nilo Pereira, então secretário da Congregação, no seu relatório referente ao ano de 1931, transforma o acontecimento numa epopéia de cristãos *versus* hereges, concluindo que

*"mais uma vez a maçonaria, a instituição diabólica que preparou tantos crimes e tantas vilanias, que receberam a formal condenação da história imparcial e serena, via-se totalmente desmascarada perante o gesto altivo e nobre, sobranceiro e calmo dos congregados marianos".*<sup>(62)</sup>

A preocupação com as leituras dos congregados marianos era tarefa do jesuíta Antônio Fernandes, diretor e guia espiritual da Congregação; daí a grande polêmica sustentada [através da Revista **Fronteiras**] contra Jacques Maritain, quando o mesmo tece críticas à posição dos jesuítas face à Guerra Civil espanhola. O padre Fernandes faz uma análise das obras de Maritain, empreendendo verdadeira exegese, no sentido de "esclarecer" a seus congregados o que deve ser lido e o que deve ser relegado ao *Index* da Igreja.<sup>(63)</sup>

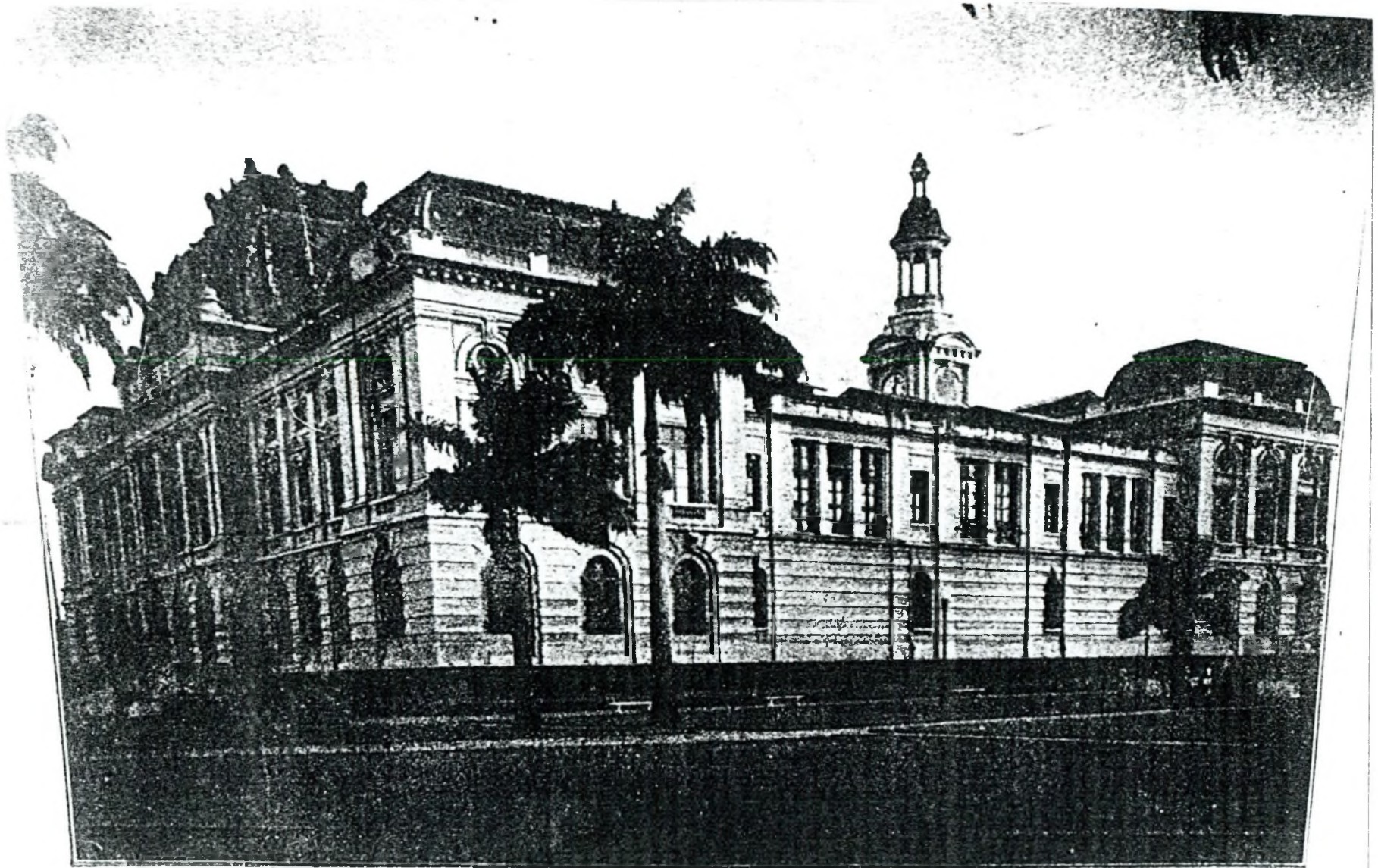
Na relação das "boas leituras" indicadas para seus congregados, através de listas e resenhas nos jornais católicos locais e de sua biblioteca, emergem obras de parte da intelectualidade brasileira dos anos 20 e 30 deste século, que acatavam as teorias racistas vigentes na Europa naquele momento.<sup>(64)</sup> Nesta ótica, Wilson Martins atenta para a repercussão dos livros **O Judeu Internacional**, de Henry Ford, e **Os Protocolos dos Sábios de Sião**, junto à intelectualidade brasileira:

*"unidas pela comum aspiração a uma doutrina fascista, as direitas estavam igualmente solidárias no anti-semitismo, abertamente proconizado desde 1933, com o aparecimento dos Protocolos dos Sábios de Sião e do o livro de Henry Ford, O Judeu Internacional". (65)*

A partir de uma incursão nos livros consultadas e citadas por tais jornalistas, deparamo-nos com as clássicas obras de Gustavo Barroso, Oliveira Vianna, Osório Lopes, Miguel Reale, Padre Cabral, Leonel Franca, Plínio Salgado, entre outros.<sup>(66)</sup>

Cabe, neste sentido, considerar que a mentalidade desses homens de imprensa, fez-se moldada, em grande parte, por estas obras, sendo muitas de cunho racista. Tais idéias, divulgadas diariamente junto à população, colaboraram, certamente, para a construção de uma imagem negativa do judeu, projetada no inconsciente coletivo, onde se configuram, segundo Jung, os arquétipos alimentados por signos e mitos.<sup>(67)</sup> Tais imagens projetadas como "verdadeiras" faziam um contraponto, junto à opinião pública, à imagem idealizada do novo homem brasileiro, <sup>(68)</sup> que deveria ser: patriótico, honesto, bondoso, saudável, limpo, trabalhador, nacionalista e, essencialmente, católico. Neste processo, codificaram-se padrões de alteridade que serviram para edificar a imagem do outro: a antítese do homem ideal, representada pela figura do parasita, do explorador, do judeu.  
(69)

O emprego destes símbolos colaborava para criar, ao nível do mental coletivo, uma idéia animalizada e repulsiva do judeu, identificado como "bacilos", "micróbios da humanidade", "inescrupulosos", "usurários", "ladrões", "apátridas", "sórdidos", "inassimiláveis", "enkistadores", apontava não só para um tipo de imigrante que deve ser escorraçado do Brasil, como também para uma comunidade inteira que deveria ser expulsa do país.<sup>(70)</sup> Estas idéias, infelizmente, não ficaram apenas ao nível da retórica evasiva, sendo colocadas em prática, com drásticas conseqüências. Após 1935, dezenas de estrangeiros - tanto homens como



*Fachada e ala esquerda da Faculdade de Direito do Recife, onde estudam varios dos nossos Congregados Marianos, outros já se formaram bachareis, um é diretor e mais dois professores. (V. pag. 215)*

**Ilustração 50 - "Faculdade de Direito de Recife", IN Arquivo da  
Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, Recife, v. 3,  
1940**

mulheres- foram deportados para seu país de origem, conforme decreto do Supremo Tribunal de Segurança Nacional, sob a alegação de serem indesejáveis, comunistas e judeus.

Assim, o imaginário social acerca do judeu em Pernambuco, fez-se em parte calcado no ideário dos homens de imprensa, que reproduziam no dia-a-dia as idéias dos homens ditos "das ciências" e da "religião". (71) (Ilustração 50). Ressaltando o papel dos intelectuais na construção das idéias de um país, Pascoal Ory e Jean-François Sirinelli, em seu estudo sobre o nacionalismo francês nas décadas de 20, 30 e 40 deste século, reconstroem a trajetória da intelectualidade, desde o caso Dreyfus até os nossos dias. O que torna tal trabalho pertinente ao nosso caso é o enfoque dado pelos autores à influência que o clero e, especialmente, Charles Maurras, através da Revista **Action Française**, exerceram sobre uma parcela da intelectualidade francesa. Essa influência transpõe fronteiras e tem papel de destaque no processo de recatolização do Brasil, empreendido por Jackson de Figueiredo, através do Centro Dom Vital e da Revista **A Ordem**.<sup>(72)</sup> **Action Française** era ovacionada pela **Fôlha da Manhã**, que chegou a reproduzir vários de seus artigos. De ideário nacionalista e anti-semita, **Action Française** fazia forte campanha contra o governo de Leon Blum, no Front Popular, repetindo em 1938, o slogan: "*antes Hitler que Blum*".<sup>(73)</sup>

#### 4.4- Pernambuco: uma vasta synagoga

Empregando típicas expressões do anti-semitismo moderno, a **Folha da Manhã** usava, exaustivamente, a idéia da existência de um "*complô judaico no Brasil*". Esta mesma retórica, a conspiração mundial judaica, foi segundo H. Arendt, a mais eficiente fantasia da propaganda nazista.<sup>(74)</sup> No paradigma do complô, o cerne da argumentação estava

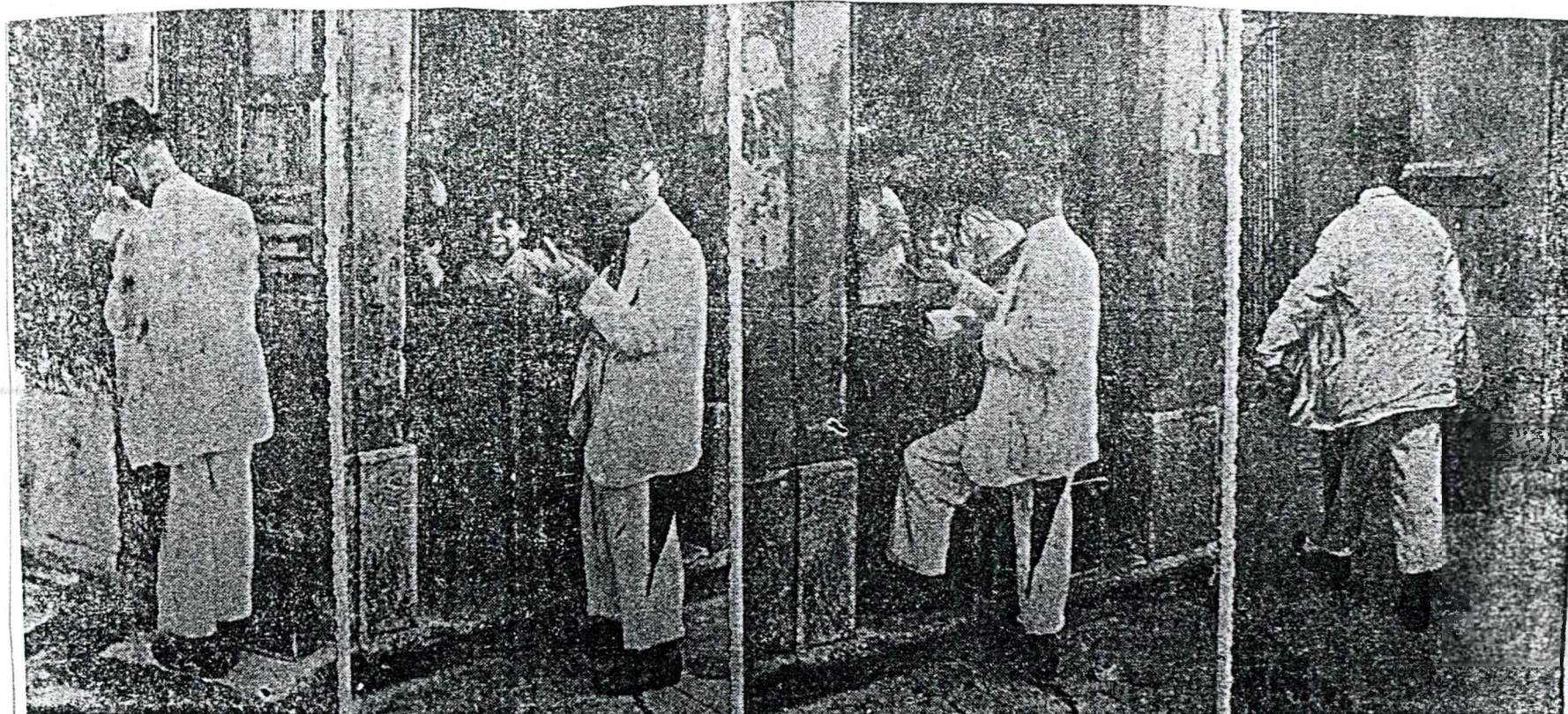
intrinsecamente relacionado com todos os fatos que a rodeiavam, tornando-a aceitável e inquestionável. Assim, apontar a preeminência judaica sobre o Brasil como parte do plano de uma pseudo-organização secreta respondia às instabilidades por que passava a nação naquela conjuntura. Desta forma, "*o desconhecido infinitamente temível das questões sem respostas, cede diante de um sistema organizado de evidências novas*".<sup>(75)</sup> O mito do complô secreto emergia apoiado na idéia de que esta organização oculta estaria com seus "*olhos sôbre o Brasil*".<sup>(76)</sup> Ao mesmo tempo, apontava para a figura salvadora de Getúlio Vargas, que estaria livrando o Brasil da judiaria internacional.<sup>(77)</sup>

Constatou-se, quando da análise dos editoriais e reportagens da **Fôlha da Manhã**, que os elementos característicos do anti-semitismo tradicional emergem sobrepondo-se a outros típicos do anti-semitismo moderno,<sup>(78)</sup> inspirado na teoria dos **Protocolos dos Sábios de Sião**.<sup>(79)</sup>

José Campello, em suas crônicas diárias na **Fôlha da Manhã**, trazia à baila a velha acusação católica de que os judeus eram um povo deicida: os matadores de Cristo. Como tais, deveriam sofrer a expiação pelo terrível pecado, uma vez

*"que a própria piedade divina não evitou o castigo do Iscariotes, nem permitiu que até hoje os judeus errantes descançassem no seio de uma pátria"*.<sup>(80)</sup>

Um outro argumento empregado pelo jornalista era bastante mencionado por escritores da época, como Osório Lopes, os sofrimentos dos judeus naquela conjuntura histórica européia eram justificados como castigo divino por se haverem revoltado contra Deus, desde o Velho Testamento. Nesta linha, citando textos bíblicos [deuteronômio, Jeremias, Amós, Isaías e Neemias], Osório Lopes constrói em sua obra, **O problema Judaico**,<sup>(81)</sup> e em vários artigos da Revista **A Ordem** uma retrospectiva das atitudes de anti-semitismo sofridas pelos judeus, "esclarecendo" sempre que Israel, tendo que escolher entre a benção e maldição, optou pela última. Define este comportamento, como sendo um pequeno, porém significativo traço



quatro phases do ataque à freguezia: 1.º — Batendo á porta e anotando. 2.º — Passando o cartão emqu anto vem o cobre. 3.º — Bicando o milho. 4.º — O fóra, contente e lepido.

Ilustração 51 - "*O gringo da prestação*", IN Jornal **FOLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 26.03.1938, p 1

psicológico, que por sua vez ressaltava a insubmissão como inerente ao judeu, onde a revolta e a luta estavam sempre presentes naquele povo. Assim, para Osório Lopes, a "desobediência e a murmuração" de Israel, definia e marcava, o seu longo itinerário. Neste raciocínio, os "pogroms" da Rússia, a inquisição, seriam conseqüências desta atitude de "povo amaldiçoado", uma vez que para ele o judeu seria antes de tudo um oprimido que deveria se compenetrar que é escravo por fatalidade histórica, expatriado em qualquer terra.<sup>(82)</sup> A abordagem do autor sobre a matança de crianças judias no Egito antigo, quando do nascimento de Moisés, é explicada como uma conseqüência "natural" de os egípcios se defenderem contra um pseudo-complô judaico de aumentar a natalidade para sobrepor-se em número aos egípcios.<sup>(83)</sup>

O selo desta maldição teria sido dado por Deus, como castigo pelo assassinato de Cristo por judeus. Osório Lopes baseia sua acusação de povo deícida, apresentando o evangelho de Mateus, segundo o qual Pilatos lava as mãos, inocentando-se, e os judeus assumem a culpa. Interessante observar como o anti-semita encontrava na própria bíblia inspiração para acusar os judeus de "povo maldito por Deus". Utilizando-se de vários textos em que Deus repreende o povo judeu, o discurso anti-semita era construído de forma casuística, sem apresentar o outro lado dos textos complementares àqueles e que revelam uma linguagem de amor e promessas de restauração de Jeová para com o povo judeu.<sup>(84)</sup>

Persistindo na argumentação do anti-semitismo moderno, ou seja, do complô político de dominação dos judeus, José Campello infundia o medo na população, argumentando que os judeus estariam monopolizando os empréstimos a juros na cidade e o comércio à prestação, para depois vir a dominação total sobre a economia ( Ilustração 51). Parodiando o personagem Harpagon de Molière, em **O Avarento**, exprimia-se num lamento contra

*"os harpagões judeus deste pobre Recife que vem se transformando numa vasta synagoga".<sup>(85)</sup>*

Nesta linha de análise - do domínio judaico internacional sobre o Brasil - a **Fôlha da Manhã** construiu seu discurso calcado em algumas obras clássicas de Gustavo Barroso - **História Secreta do Brasil, Sinagoga Paulista e Brasil: Colônia de Banqueiros**.<sup>(86)</sup> Este teórico integralista defendia em seus estudos a idéia de uma trajetória da proeminência judaica no Brasil, cujas raízes encontravam-se na época das descobertas, com *"Fernão de Noronha e a judiaria de sua raça"*, perpassando pelo Brasil-Colônia, quando a revolta de Beckman no Maranhão teria sido *"concertada nas synagogas de Amesterdã"*. Sequer perdoou a invasão holandesa que, ao seu ver, teria sido realizada com o apoio dos judeus batavos.<sup>(87)</sup>

Seguindo a linha de Barroso, a **Fôlha da Manhã** trabalhava a idéia de que os judeus se achavam infiltrados entre todas as nações do mundo, sendo os mesmos responsáveis pela Revolução Francesa, Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa, enfim, por todas as comoções sociais, políticas e econômicas que haviam vitimado as nações.

Para Gustavo Barroso, a grande crise do café, em 1929, representava obediência aos planos dos **Protocolos**: *"produzimos situações críticas na vida econômica, retirando o dinheiro da circulação"*. Sob esta ótica, o sucesso da revolução de 1930 estaria sendo comprometido pelas forças ocultas dos judeus: *"a Sinagoga engarrafou o espirito revolucionário"*. Da mesma forma que a revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo teria sido obra de judeus.<sup>(88)</sup>

Todavia, o Estado Novo trazia em seu bojo a era da libertação, uma vez que o liberalismo deposto e os problemas políticos-financeiros atribuídos ao manejo maquiavélico da judiaria internacional foram *"destruídos pela mão poderosa de Getúlio Vargas"*.<sup>(89)</sup> Na mesma tônica, outro artigo ressalta, em janeiro de 1938, que a *"judiaria não anda satisfeita com a nova situação do paiz, na qual tem sido dificil certa liberalidade..."*

<sup>(90)</sup> Os destinos do Brasil se identificam com o destino de Vargas, emergia sempre do discurso da **Fôlha Manhã** a figura de Getúlio Vargas, limpa,

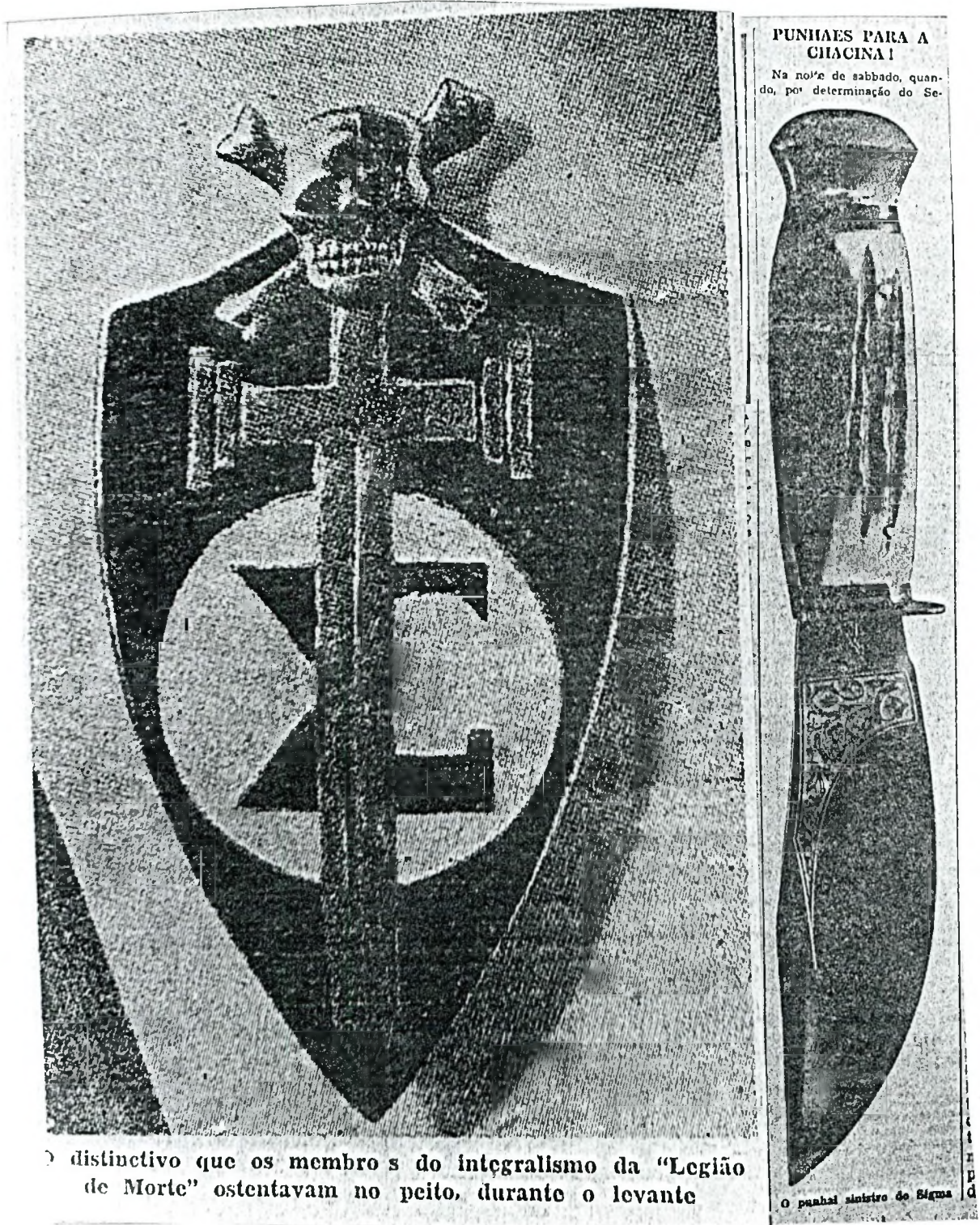
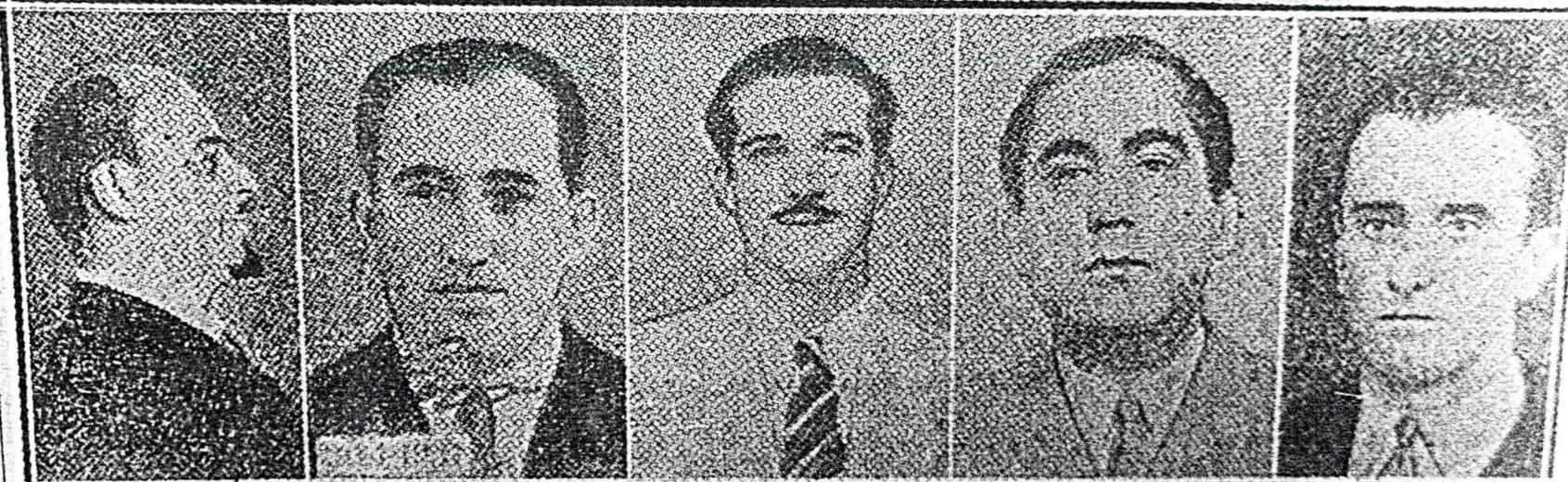


Ilustração 52 - "O fracassado levante Integralista", IN Jornal FOLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 11.05.1938, p 1



Ilustração 53 - "*Missa dos Integralistas: em memória dos que morreram em defesa do regimen*" IN Jornal **FOLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 28.11.1937, p 7

# Inimigos da pátria e do regimen



Pacheco de Andrade, Hermes Lins de Albuquerque, Severo Furnler, Francisco Carneiro Gomes e Lauro Barreira, figuras destacadas da revolução Integralista, e que se acham foragidas.

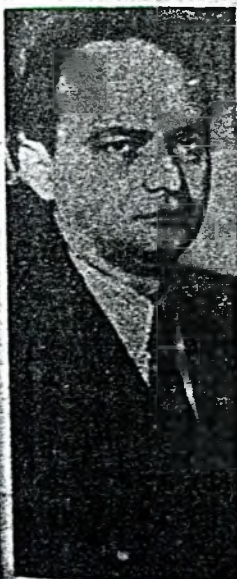
Ilustração 54 - " *Inimigos da pátria e do regimen*", IN Jornal FOLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 18.05.1938, p 1

# A NAÇÃO VICTORIOSA !

## Reina paz e confiança em todo o Paiz

### Uma proclamação do interventor Agamemnon Magalhães dirigida ao povo pernambucano

PERNAMBUCANOS:



INTERVENTOR AGAMEMNON MAGALHÃES

Na madrugada de hoje, grupos de integralistas assaltaram a residencia do Presidente Getulio Vargas, no Palacio Guanabara.

Vencidos pelo Estado Novo, estruturado dentro dos quadros nacionaes e da nossa tradição christã, vencidos pelo regimen de autoridade que, em 10 de novembro, abateu as ideologias importadas de climas bem diferentes das condições moraes da nossa formação, os integralistas depois da comedia dos punhaes, recorrem agora á emboscada e ao attentado pessoal.

A technica terrorista, ora adoptada é a mesma do communismo.

O communismo, em novembro de 35 assassinava triamente officiaes do Exercito que dormiam.

O integralismo recorre ao mesmo processo, á mesma crueldade, á mesma covardia. Sabia o integralismo que o chefe do Governo Nacional não tem medo, nem se cerca como os tyrannos de guardas pretorianas.

O Presidente Getulio Vargas não se escora na coragem alheia. Confia em si mesmo e no povo brasileiro, bravo e nobre. A um homem assim não poderia o integralismo atacar, sinão de surpresa.

Pretendeu, por isto, mata-lo quando dormia, mas o encontraram de revolver em punho defendendo a tranquillidade de seu lar e a paz da Nação brasileira.

Pernambucanos:

O protesto da nossa consciencia e das forças moraes da nossa historia, que não conheceu, em nenhum transe, a degradação do crime como forma de conquista do poder e do Estado.



PRÉSIDENTE VARGAS

AGAMEMNON MAGALHÃES.

transparente, luzidia, incansável, de homem atento às organizações secretas e oculta.<sup>(91)</sup>

A repercussão do ataque integralista de 10 de maio de 1938 foi utilizada pela **Fôlha da Manhã** como instrumento colaborador da construção da imagem daqueles que representavam os inimigos da pátria brasileira: o comunista, o integralista e o judeu. Num editorial "*A Seducção dos Punhaes*", o jornal fazia associações entre as duas ideologias, comunista e integralista: "*onde não há diferença*".<sup>(92)</sup> Veiculando fotos com emblemas do movimento, manipulando imagens estereotipadas, onde o texto associava os judeus aos integralistas. O integralista que em 1937 era o símbolo da ordem no estado, agora é o inimigo da pátria. ( Ilustração 52-53).

Numa alusão à Intentona comunista, de 1935 em Pernambuco, o jornal também colaborou para construir ao nível do imaginário coletivo a imagem negativa do comunista apresentado como "sangrador" dos adversários, sob a forma de manchete do dia: "*OS INTEGRALISTAS DO RECIFE TAMBÉM SANGRAM OS INIMIGOS A PUNHAL*".<sup>(93)</sup>

Em mensagem dirigida ao povo pernambucano, em 11 de maio de 1938, sob o título "*A Nação Vitoriosa*", por ocasião do golpe Integralista, o Interventor empregava os mesmos estereótipos negativos -"*terroristas*", "*cruéis*", "*covardes*"- e que apontavam para a imagem do integralista *versus* comunista, como o inimigo da pátria ( Ilustração 54-55). A argumentação recebe a mesma estrutura:

*"a técnica terrorista, ora adoptada é a mesma do comunismo. O comunismo, em novembro de 35 assassinava friamente os oficiais do Exército que dormiam. O Integralismo recorre ao mesmo processo, à mesma crueldade, á mesma covardia*".<sup>(94)</sup>

Como antítese a este quadro emerge a figura de Getúlio Vargas representada simbolicamente pela imagem de um homem "forte", estadista, vigilante. Era ele que "*na calada da noite*", enquanto o inimigo atacava, velava pelo destino da nação.

## O presidente Vargas, sereno e confiante

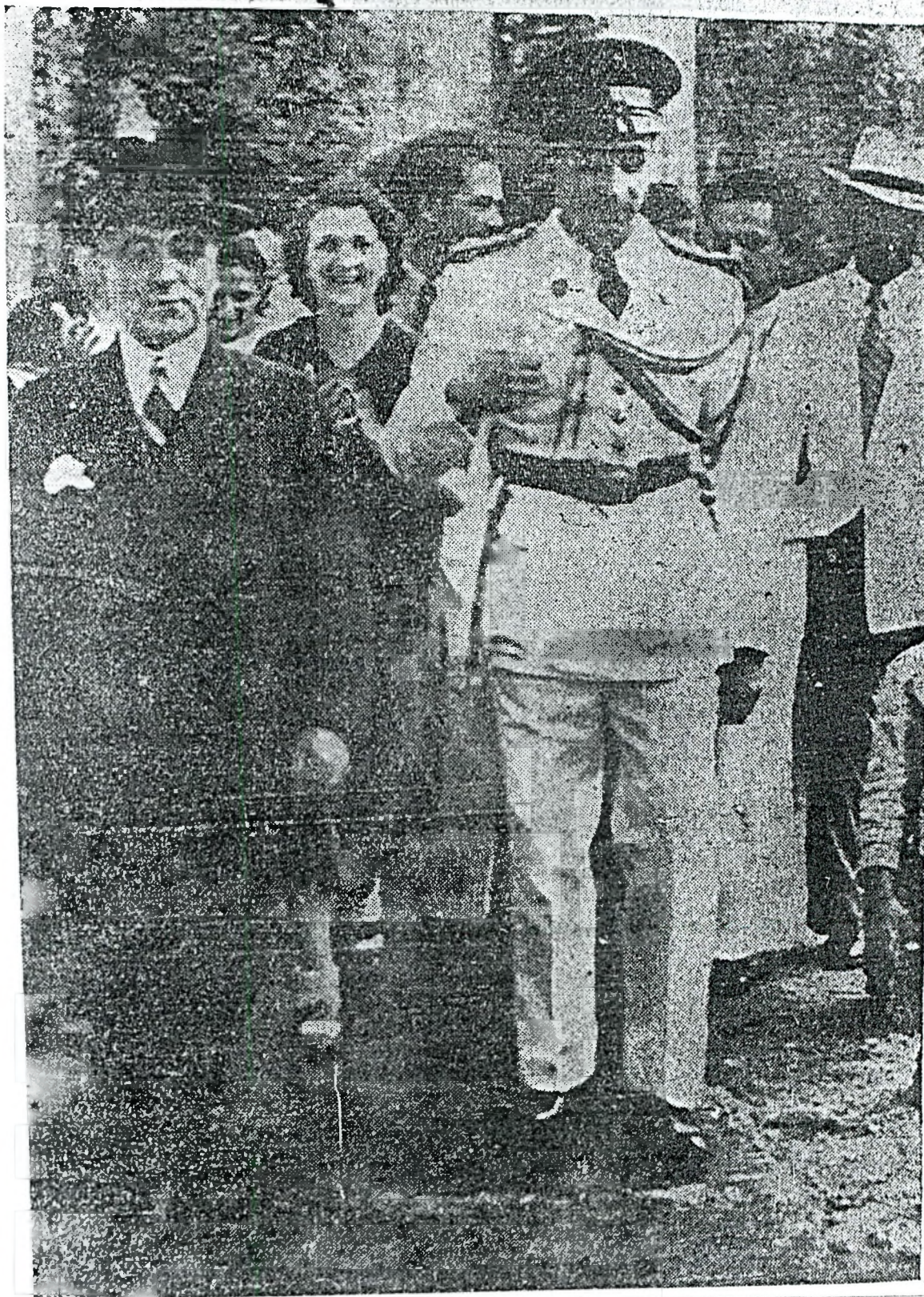


Ilustração 56 - "*O Presidente Vargas, sereno e confiante*", IN **Jornal FOLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 14.05.1938, p 1

As fotos veiculadas pelos jornais, no dia seguinte ao ataque integralista, apresentavam um homem tranqüilo, caminhando pelo centro do Rio de Janeiro e que nada parecia temer ( Ilustração 56). Um homem que inspirava confiança; em quem o povo poderia confiar, alienar sua sorte.<sup>(95)</sup>

Entretanto, fazia-se necessário apontar o responsável pela "inoculação" das ideologias ditas "dissolventes", ou seja, alguém que pudesse desviar a atenção do povo da idéia de insatisfação que o novo regime pudesse estar trazendo. Interessante como o discurso acusatório molda-se de acordo com os interesses dos homens do Poder. Assim, o integralista, o ordeiro de ontem, representante dos cânones centrais do paradigma estadonovista -Deus, Pátria e Família- metamorfoseia-se no anarquista e comunista. O discurso do Estado Novo perpassava sempre pela formação católica e ordeira do povo brasileiro. A imagem projetada deste inimigo da pátria, "inoculador" de germens de dissolução, tinha que apontar para alguma coisa imposta de fora para dentro. Essa figura exógena foi configurada no editorial assinado por Agamenon Magalhães, que viu na figura do imigrante indesejável o protótipo do inimigo-objetivo.

*"quem armou a emboscada, e de quem é esta technica e essa crueldade? De onde sopram ventos tão malignos? Da terra brasileira? Não! Porque dentro da nossa Pátria não pode haver interesses contra a nação.(..) o inimigo que nos ameaça é um caixeiro viajante, um agente de commercio. Às vezes um simples turista! O fato é que ele entra e fica".<sup>(96)</sup>*

A idéia de um uso de máscaras por parte do judeu, que estaria vindo para o Brasil transvestido de "caixeiro viajante", "agente do Commercio", colaborava para a construção de um imaginário social em que permeava a rejeição por estes tipos de trabalhadores. Associavam-se essas pessoas a veiculadores da "ideologia mystica e dissolvente". Interessante observar a conclusão do discurso: o perigo residia no fato de esses elementos entrarem e ficarem no país. Construía-se um ambiente de desconfiança e receios para com esta parcela estrangeira da população.

# Destruindo as inverdades da campanha comunista judaica, a Italia e a Allemanha reafirmam, em declarações publicas, a sua união e mostram ao mundo confiado na sua força em face das manobras odiosas dos Sovietes

PARIS, janeiro (Correspondencia do serviço telegraphico da A. B. 15 - Especialmente para A GAZETA)



Mussolini

O publico brasileiro deve estar a par da campanha que, ultimamente, concluiu com a remessa de novos mercenários russos e copiosos material bellico para os communistas hespanhoes surgiu na im-

prensa europeia a proposito da attitude da Italia no conflicto hespanhol. Diz-se, nos jornaes judeus da Europa (e esses jornaes são em grande numero) que Mussolini

recuaría da sua attitude contra a implantação de uma republica Sovietica na península, deixando a Allemanha a braços com o problema, sem sua allada. Decia-se a detalhes de toda ordem e as agencias telegraphicas não tinham mãos a medir nos seus annals.

Evidentemente, para os espiritos observadores a par das attitudes firmes do actual governo italiano e da sua inquebrantavel energia, resultava patente o fim da campanha insidiosa os seus propósitos de dirigir, tal como esse bluff da armentação militar do Marroco Hespanhol pelos nazistas.

Para destruir de vez essas invenciveis e propaganda dissolvente e deshonrara do communismo russo o general Hermann Goering, braço forte de Hitler e ministro do Ar da Allemanha, viajou para Roma a 12 do corrente para no Palazzo Venezia no dia 14 da mesma occasião de um imponente banquete que lhe foi offerecido pelo ar. Benito Mussolini, fez sensacionais declarações, pelas quaes se constata a chocante inverdade das noticias tendenciosas e a inteira solidariedade entre as duas grandes potencias fascistas da Europa em face dos problemas criados pela interna tarefa de corrupção e barbaria do governo russo, que se tenta infiltrar pelo modo de



General Herman Goering

## Christianismo

A GAZETA

Ilustração 57 - "Destruindo as inverdades da campanha comunista judaica, a Italia e a Allemanha reafirmam em declarações publicas a sua união e mostram ao mundo confiado na sua força em face das manobras odiosas dos Sovietes", IN Jornal A GAZETA, Recife, 18.01.1937, p 1

O público leitor de Recife foi alertado em maio de 1938 para a procedência deste imigrante indesejável pelo artigo "*Onde Não Há Diferença*". Neste, emergem as figuras do judeu, do integralista e do comunista, como os "*inoculadores*" dos bacilos que levam à desintegração dos regimes políticos.<sup>(97)</sup> Retomando sempre a existência do complô, reafirma-se o perigo da imigração judaica, uma vez que "*Israel jamais deixa de apunhalar pelas costas o país que o acolhe*".<sup>(98)</sup>

A tônica era a mesma nos artigos que noticiavam os atos nazistas impetrados contra a comunidade judaica na Europa. Os fatos reais eram minimizados, acusavam-se os judeus de manipularem as agências telegráficas e a imprensa, exacerbando aquelas manifestações de anti-semitismo ( Ilustração 57).

Assim, de inseto a animal presta-se a representação simbólica do judeu que ora é serpente, ora lobo, ora verme ou cupim. O apelo às metáforas, facilmente assimiladas pela população, tornou-se uma constante. Em dezembro de 1937, o jornal apregoava que a Alemanha estaria tentando livrar-se dos "*cupins devoradores*". O argumento era sempre o mesmo: os países expulsavam os judeus por representarem uma raça "*impura*", por "*corromperem*" os povos das nações onde viviam, por tentarem por meios "*escusos e ocultos*" destruírem as nações, tanto no plano econômico, como no plano moral.<sup>(99)</sup>

Reproduzindo a infâmia nazista, a **Fôlha da Manhã** criticava qualquer intervenção a favor da entrada de imigrantes judeus no Brasil. As reportagens sempre terminavam com a advertência: "*o que não serve para os outros...*"<sup>(100)</sup>

Em Pernambuco, este trabalho de envilecimento da imagem do imigrante judeu frente à sociedade era apoiado pela imprensa católica que, recriminando a intervenção dos Estados Unidos para que o Brasil abrisse suas fronteiras à entrada de imigrantes judaicos, alegava que aquele país queria concorrer para a nossa desgraça, pedindo-nos para receber e agasalhar "*os detrictos raciaes*" expulsos da Alemanha pelo nacional-

socialismo. A argumentação recai sobre a problemática de judaísmo *versus* comunismo, sob a alegação de que aquele país havia proibido a imigração de judeus, com o intuito de "*sanear o país e evitar agitações sociais perigosas*". O artigo é concluído de forma irônica:

*"o que não serve para eles, serve para nós. Excellentes amigos..."<sup>(101)</sup>*

Este tom irônico não foi apenas dado pelo jornal recifense. A crítica à política imigratória adotada contra os judeus foi, em diferentes momentos, tema de capa da Revista **Careta** que, através da caricatura política, trabalhava os temas do momento. Analisando as caricaturas desta revista, Maria Luiza Tucci Carneiro apresenta uma bastante significativa para esta discussão: um grupo de imigrantes judeus estão debaixo de um grande guarda-chuva, representado pelo chapéu do "tio Sam". O diálogo entre Jacob e Jeca é sugestivo: Jacob "*Você não imagina como Tio Sam é camarada. Jeca - Sim, sim, mas o guarda-chuva não é dele*". <sup>(102)</sup>

As caricaturas apresentadas pela Revista **Careta** tiveram seu papel de alcance também em Pernambuco. Encontramos na correspondência particular de Agamenon Magalhães alusão ao trabalho "*patriótico*" encetado por aquela revista, que estaria realizando um "*alarme diário*", no sentido de conscientizar o leitor sobre os perigos iminentes da imigração. Interessante observar a descrição que é feita por S. Cavalcanti sobre sua reação frente à caricatura "*A casa de mãe Joana*" [um grupo de imigrantes de vários países tentam passar pela fronteira, liderados pela figura do judeu Jacob, enquanto o "Jeca" olha para o outro lado]:

*"o sorriso veiu-me promptamente aos lábios, mas, logo, o pensamento circunvagou pelos arcanos do cerebro, despertando a immensidão das idéas"*.

Nesta "viagem" do pensamento de Cavalcanti, é construída a imagem de nossas "*fronteiras e praias, vastissimas e desertas*", emergindo

daí o seu medo frente à "facilidade" com que os imigrantes poderiam penetrar no Brasil.<sup>(103)</sup>

Sob a ótica da teoria do complô judaico, as perseguições feitas aos judeus na Romênia eram conseqüência da "judaização" em todos os órgãos daquele país. A **Fôlha da Manhã** chegou a publicar uma lista da proeminência judaica sobre a sociedade romena: *"é de todo espantosa a judaização das cidades rumenas. Dos 2.554 livros editados, 1.708 eram editores judeus"*.<sup>(104)</sup> Esse mito da "judaização", pelo qual os judeus se apossariam dos cargos importantes da economia e, conseqüentemente, da política, é o cerne do mito dos **Protocolos**. Nesta linha, o jornal afirmava com machetes: *"OS JUDEUS INFLUIRAM NA DEMISSÃO DO CHANCELER GOGA"*.<sup>(105)</sup>

Este tipo de argumentação, baseada num pretense poder político dos judeus, repetia-se nos editoriais e reportagens, colaborando para a construção da imagem de uma organização que se infiltrava rastejante, destruindo a nação e se apossando dela. A repetição sistemática, através da linguagem escrita, tornava-se tão persuasiva, que prescindia da imagem iconográfica do animal viscoso que vai armando seus fios, tecendo lentamente um emaranhado, estendendo seus tentáculos que, em forma de cobra, serpente, aranha ou polvo, apontavam para a figura do imigrante judeu.<sup>(106)</sup>

Daí que, quando os EUA declaram a não-intervenção na questão judaica da Romênia, a **Fôlha da Manhã** dedicou ao assunto toda a sua primeira página, em detrimento da visita de Getúlio Vargas a Porto Alegre. Era importante mostrar à população que os EUA não iriam intervir nos problemas políticos internos daquele da Romênia, em defesa dos judeus.<sup>(107)</sup> O jornal fazia analogia do problema romeno com o Brasil: *"mude-se por exemplo essa expressão, monopólio das empresas romenas para monopólio das empresas brasileiras"*. A construção do discurso traz a mesma circularidade: é o "trust" judeu que domina a economia, infiltra-se na sociedade e, como animal devorador, destrói o organismo que o acolhe.<sup>(108)</sup>

Nesta linha de argumentação, a **Fôlha da Manhã** é axiomática: todos os males da América do Norte são originários do judeu. A finança, o cinema, o comércio seriam presas de Israel. Evidencia-se na argumentação a influência de clássicas obras de anti-semitismo moderno, dentre as quais **O Judeu Internacional**, de Henry Ford.<sup>(109)</sup>

A expulsão dos judeus do Equador foi noticiada em 04 de janeiro de 1938 em manchetes chamativas e elogiosas ao governo daquele país, por ter expulso estrangeiros que chegam sem dinheiro ao Equador, fazem grandes fortunas e mandam valiosas quantias de ouro nacional a seus familiares estabelecidos em outros países. Retorna-se sempre à imagem do judeu identificado como apátrida, estrangeiro inescrupuloso que penetra no ambiente nacional e instala-se, para depois destruí-lo, emergindo daí o "*império de Judá*". Cabia ao Brasil segundo o jornal, proteger-se destes devoradores da humanidade. <sup>(110)</sup>

Nesta linha, a onda nacionalista que assolava a França desde os fins do século passado, que se expressa na experiência nazista de Vichy, manifestada nas medidas legais de humilhação e perseguição para com a comunidade judaica francesa, seguidas de deportação de grande parte desta comunidade para os campos de extermínio da Alemanha, era ovacionada pela **Fôlha da Manhã**, como prova do "*instinto de conservação*" dos franceses.<sup>(111)</sup>

François de Fontete, em trabalho sobre o anti-semitismo francês, apresenta dados por demais elucidantes do nível da perseguição aos judeus na França, sob a égide do ideário nazista:

*"no fim de 1944, cerca de 76 mil judeus haviam sido deportados da França; apenas 2.500 sobreviveram. Auschwitz foi o destino de 70 mil; ali os judeus franceses representaram um terço, e os judeus estrangeiros os dois terços restantes".* <sup>(112)</sup>

Esta era a nação que servia de "exemplo", expulsando "os indesejáveis". A **Fôlha da Manhã** ressaltava que, apesar do tumultuoso momento por que passava aquela nação -referindo-se ao governo "impuro"

de Leon Blum- ao efetuar o expurgo daqueles indesejáveis, demonstrava que fazia parte do grupo das nações "*previdentes e fortes*".<sup>(113)</sup>

Para que o Brasil ficasse no mesmo nível destas nações "*previdentes e fortes*", o jornal incitava a população a ir ao cais do porto de Recife para esperar os navios vindos da Europa e impedir o desembarque de imigrantes judeus no estado. Evoluía-se do nível das idéias para a práxis do ideário racista.<sup>(114)</sup>

Situação semelhante ocorreu na Argentina, quando o jornal de linha nacionalista **La Fronda**, em setembro de 1938, usando da mesma retórica da **Fôlha da Manhã**, "alertava" para o fato de o vapor *Oceanía* trazer imigrantes judeus para os portos argentinos, quando outras nações como o Brasil e o Uruguai já haviam tomado "*boas medidas*", no sentido de impedir esta "invasão". De forma enfática, o periódico afirmava que a Argentina precisava tomar medidas radicais no sentido de barrar o crescimento "*deste gueto internacional*".<sup>(115)</sup>

A **Fôlha da Manhã** justificava esta excludência em relação ao imigrante judeu num discurso ambivalente, em que estas atitudes eram explicadas como se não representassem nenhuma renúncia aos sentimentos de solidariedade humana, mas sim, como atitudes de "*defesa lógica e natural*". Fazia-se necessário manter a imagem do brasileiro como homem cordial, hospitaleiro e ordeiro.<sup>(116)</sup>

Manchetes retumbantes trabalhavam, manipulando a trajetória desta imigração, levando a crer que uma multidão humana invadia o Brasil, arruinando nossas instituições. Nossa pesquisa junto ao jornal **A Nota**, no Rio de Janeiro, mostra o mesmo contexto, também presente em outros jornais cariocas e de São Paulo, conforme constatou M. L. Tucci Carneiro em seu estudo sobre o anti-semitismo na era Vargas.<sup>(117)</sup> Situação idêntica ocorreu nos jornais argentinos, conforme pesquisa elaborada por Leonardo Senkman, que apresenta alguns periódicos nacionalistas, como **Bandera Argentina**, **Crisol** e **El Pueblo**, numa campanha acirrada sobre esta pretensa

"*invasão semita*". (118) No Brasil procurava-se veicular que uma avalanche humana desembarcava no Brasil:

-*"CONTINUAM A DESEMBARCAR NOS PORTOS BRASILEIROS  
MILHÕES DE JUDEUS EXPULSOS DA EUROPA"*

-*"A PRAGA DOS INDESEJÁVEIS"*

- *"DEFENDENDO O PAÍS DOS MAÓS ELEMENTOS DE IMIGRAÇÃO "*

- *"O SONHO NAZISTA ESTÁ SENDO CUMPRIDO"*(119)

Ao nível do imaginário social manipulava-se a idéia de que cerca de trezentos mil judeus ter-se-iam se "*infiltrado*" no Brasil nos últimos tempos. Pregava-se a necessidade urgente de frear os "*efeitos nefastos da raça destruidora da humanidade*" que, segundo o jornal, já se fazia sentir entre os pernambucanos. Instigava-se a população para agir contra a comunidade judaica em Pernambuco: "*preparemo-nos, assim, para a defesa, porque o inimigo já penetrou nos muros das nossas fortificações*". Pernambuco estaria tornando-se uma "*vasta synagoga*", além de ser comparado a uma praça de guerra fortificada. (120)

As notícias sobre expulsão de estrangeiros eram veiculadas com grande alarde, não deixando de ser utilizadas para trazer à tona o caráter de falsário, subversivo, traficantes e anti-nacionalista do judeu:

*"2.000 FALSOS TURISTAS SERÃO EXPULSOS DO BRASIL.  
BURLANDO NOSSAS LEIS, VÊM ELLES COMO TURISTAS "*. (121)

Não se levava em consideração que, nestes casos, não se tratava de questões de caráter, e sim de sobrevivência, visto que a maioria daqueles que tentavam emigrar para o Brasil buscavam refugiar-se das perseguições nazi-fascistas. Em uma destas notícias, a **Fôlha da Manhã**, em editorial intitulado "*Os Indesejáveis*", argumenta que Dulcídio Gonçalves, da polícia do Distrito Federal, em entrevista na cidade de São Paulo, assegurava que desses 2.000 estrangeiros expulsos,

*"na quasi sua totalidade são judeus emigrados da Alemanha, que em sua maioria são criminosos comuns - traficantes de mulheres brancas, negociantes de tóxicos, devoradores das últimas preciosidades do escasso patrimônio artístico da nação".*

Acionando um vocabulário insultoso e detratador, o jornalista conclui de forma preconceituosa afirmando que a escória da Europa estaria vindo para o Brasil.<sup>(122)</sup>

Esta associação da figura do judeu como traficante de escravas brancas e explorador de mulheres foi largamente utilizada por Hitler, que via tais personagens pelas ruas de Viena durante sua mocidade. Para ele, as ligações dos judeus com a prostituição e o tráfico branco poderiam ser melhor estudadas em Viena do que em qualquer outro lugar da Europa. Hitler investia neste tema, uma vez que ele se apresentava como um argumento instigante, haja vista que a um povo que se "especializava" neste tipo de ocupação seria fácil impor-lhe a pecha de corruptores, "indesejáveis". Assim, o Führer colocou um marco para a sua decisão de não mais "evitar" que se discutisse *"o espetáculo das ruas de Viena"*, ao apontar para o caráter do povo judaico. Revolta e repulsa compõem, sob a forma de tristes lembranças, a imagem que ele guardou das mulheres judias prostitutas:

*"quando pela primeira vez, vi o judeu envolvido, como dirigente frio, inteligente e sem escrúpulos, nessa escandalosa exploração dos vícios do rebotalho da grande cidade, passou-me um calafrio pelo corpo, logo seguido de um sentimento de profunda revolta".* <sup>(123)</sup>

Entretanto, com isto, não pretendemos afirmar que esta "forma de pensar" de Adolph Hitler tivesse contribuído para lapidar a mentalidade dos jornalistas que atuaram nos anos 30 e 40 junto à grande imprensa pernambucana. Mas gostaríamos de ressaltar que tal opinião tornou-se comum, propagandeada por toda a Europa e América, por onde o anti-semitismo encontrou espaço para aflorar. Margareth Rago, em estudo sobre a prostituição em São Paulo na República Velha, analisa a instituição *Zwi Migdal*, de origem polonesa, composta de caftens judeus, com sede em

Buenos Aires desde 1904, que dominava o tráfico de moças judias européias para bordéis e prostíbulos na América do Sul. A autora destaca a rejeição da comunidade judaica paulista contra este grupo, e a não-aceitação de convivência, nem mesmo a permissão para que usasse o cemitério da comunidade. (124)

No Rio de Janeiro, o advogado Samuel Malamud, em seu estudo **Recordando a Praça Onze**, analisa também o papel de judeus ligados à *Zwi Migdal* e a prostituição de imigrantes judias, oriundas da Europa Central, sob a égide daquele grupo. S. Malamud retrata a indignação e rechaço por parte da comunidade judaica contra esses indivíduos, não permitindo inclusive que frequentasse show de artistas nacionais, no palco do Cinema Centenário, e das celebridades internacionais, nos Teatros Phoenix e República. A resistência contra os "impuros", como eram designados pela comunidade, chegava ao ponto de ser mantida uma constante vigilância na área ao redor dos teatros, no sentido de impedir a entrada de caftens e cafetinas nos espetáculos. Essa marginalidade fez com que os "impuros" possuíssem no Rio de Janeiro sua própria sinagoga, assim como também seu cemitério. (125)

Essa jovens judias eram conhecidas no Rio de Janeiro como "polacas", sinônimo de prostitutas. Esta temática tem sido objeto também da literatura ficcionista, como o romance de Esther Largman, *Jovens Polacas*, editado em 1993 e baseado em fatos reais ocorridos no Rio de Janeiro nas duas primeiras décadas deste século, e a novela de Moacyr Scliar, *O Ciclo das Águas*, escrita em 1976, narrando a vida de uma antiga paciente sua, polonesa trazida nos anos 30 para os bordéis do sul do Brasil. (126)

O paradoxo do discurso virulento do anti-semita reflete-se na incoerência com que eram dadas algumas informações. Ao mesmo tempo em que os imigrantes judeus eram tachados de "escória da Europa", traficantes de mulheres e de tóxicos, enquistadores, "ladrões e aluvião de parasitas"; eram percebidos como grupo profissional liberal de primeira classe: médicos,

advogados, farmacêuticos, engenheiros, etc., opunham-se a "*criminosos comuns, aluvião de parasitas desabitutados a produzir*".<sup>(127)</sup>

Não se perdia entretanto, a oportunidade de denegri-los perante o país que os recebia: apesar de serem profissionais especializados carregavam sempre o estigma de serem agiotas, exploradores, parasitas. Interessante ressaltar que, em nenhum momento, a imprensa chamou atenção do público leitor para a questão de estes indivíduos estarem fugindo das perseguições nazistas, dos campos de concentração. O lado humanitário e da solidariedade era o que menos contava no contexto autoritário brasileiro:

*"levas de judeus chegam em todos os vapores procurando guarida no território nacional: médicos, advogados, farmacêuticos, agiotas, enfim um aluvião de parasitas, desabitutados a produzir"*.<sup>(128)</sup>

Michel Wieviorka sintetiza esta contradição do discurso anti-semita que aciona mitos e estereótipos, reafirmando conceitos opostos numa única representação. Wieviorka chama a atenção para o fato de que a verdadeira fôrça destes conceitos, reside na "*capacidade que tem o racismo de interpretar a realidade dentro de suas próprias categorias*", independentemente de que os fatos sejam verdadeiros ou falsos.<sup>(129)</sup>

Entrar no Brasil com o visto de turista era uma das opções possíveis aos judeus, sendo que as "*cartas de chamadas*" tornavam-se cada vez mais difíceis. Os artigos sobre as "*cartas de chamadas*" atribuíam um "vergonhoso" uso por parte destes imigrantes que as falsificavam. O periódico **Fôlha da Manhã** constantemente chamava a atenção para as "*fraudes subtis*" realizadas pelos judeus que, como turistas, representavam uma "*permanente ameaça á tranquilidade pública. Essa gente tem mil maneiras de fugir á fôrça da lei se á argúcia da polícia!*"<sup>(130)</sup>

Um dos mitos sustentados pela **Fôlha** foi a possível criação pelos judeus imigrados da Europa de um Estado de Israel no Brasil. Assim, inferia-se na população o medo de uma perda da soberania brasileira para os "filhos de Israel". Alegava-se freqüentemente que "*quistos raciaes*",

formados de judeus alemães, estariam tentando apossar-se do Estado do Paraná. Argumentava-se inclusive que a cidade de Londrina era dominada pela "judiaria de Londres", alegando-se a semelhança no nome.<sup>(131)</sup> Objetivando corroborar essas idéias, o jornal traz uma declaração do Senador Jonnes Stanley, democrata pelo estado de Connecticut, EUA, que "previne" os países da América do Sul acerca do perigo político que representava a configuração de uma comunidade judaica defensora de ideais sionistas:

*"com a effervescencia das aspirações nacionalistas, o futuro das minorias e particularmente da minoria judaica, offerece os maiores e mais graves perigos. E já agora começamos a sentir a lamentável repercussão, na Sul-América, da localização, ali, de milhares de judeus obrigados a fugir da Europa, porque esses refugiados não perdem a esperança de formarem um dia, entre os países onde se abrigam o Estado Judeu. A medida que os judeus de todo o mundo vão apoiando essa idéa, é cada vez maior o perigo que offerece a localização das minorias judaicas".<sup>(132)</sup>*

A **Fôlha** trabalhava esta pseudo-invasão judia, levando a população a tomar uma posição contra esses "*patronos de tão monstruoso attentado á Pátria*". Lembrava a falácia das tradições liberais, apresentando os grandes estadistas brasileiros que, alheios ao liberalismo, haviam-nos dado um país coeso e unificado.<sup>(133)</sup>

#### **4.5- O mito do caráter hereditário na construção da imagem do judeu**

Os signos imagéticos, manipulados, compõem - ao lado do discurso escrito- o processo de estereotipação da figura do judeu, apontado como se fosse portador de poderes sobrenaturais e metamorfoseados em figuras animais. No universo simbólico, ele emerge como uma anomalia física e social. É comparado a uma "*ave de rapina*" cujas "*phalanges*

*tomaram o jeito especial de pinças que atrahem as moedas cuidadosamente occultas no fundo dos bolsos".*<sup>(134)</sup>

José Campello, Presidente da *Associação de Imprensa de Pernambuco*, publicou em 21 de novembro de 1937 o artigo "*Fácil Interpretação dos Caracteres*", que muito bem ilustra esta forma de se expressar por meio de metáforas, em que a idéia de uma metamorfose física segue atrelada ao caráter de homem ganancioso e explorador:

*"o judeu, a força de explorar, há milênios, as misérias da humanidade, a economia e as finanças das nações, tomou a feição de uma ave de rapina, tão vivamente marcada, que a gente fica em dúvida si elle pode ser considerado como racional ou si é um exemplar à parte na classificação da espécie."*<sup>(135)</sup>

Neste seu artigo, José Campello recupera a visão estereotipada do judeu, atribuindo-lhe poderes "extraordinários". Lembraríamos que reflexões deste tipo estão presentes nas clássicas obras anti-semitas, que circularam pela Europa, como **A França Judaica**, de L. Dumont, que, no fim do século passado, colaborou para espalhar na cidade das Luzes um racismo virulento. Em um dos trechos, o autor aponta os aspectos físicos e hereditários como parâmetros para reconhecer-se um judeu:

*"esse famoso nariz recurvado, olhos que piscam sem parar, dentes acavalados, orelhas salientes, unhas quadradas, em vez de serem arredondadas em forma de amêndoa, torso excessivamente longo, pé chato, joelhos redondos, tornozelos extraordinariamente para fora, mão mole e derretida de hipócrita e traidor. Frequentemente tem um braço mais curto que o outro"*<sup>(136)</sup>

Este perfil estereotipado foi amplamente empregado pelos jornalistas da **Fôlha da Manhã**, contribuindo para alimentar a idéia de perigo "inerente" à comunidade judaica: os judeus eram apontados como figuras sinistras, que se infiltravam em todos os setores da sociedade pernambucana. Um artigo sobre a mesma questão apelou para o fantástico, acusando os judeus de estarem "cooptando" trabalhadores das fábricas têxteis de Recife para São Paulo. Neste, eles emergem sob a forma de "*sereias masculinizadas*

*de Israel*". A alusão mitológica das sereias era feita no sentido de mostrar como os técnicos eram "encantados" pelos judeus, que não tinham outro objetivo senão deslocá-los de Pernambuco, para então arruinar a indústria do estado. O jornal informava que, ao chegarem a São Paulo, após terem sido expulsos de Pernambuco, estes trabalhadores eram jogados na rua, numa analogia aos homens que haviam sido enganados e destruídos pelo canto das sereias.<sup>(137)</sup>

Através da propaganda persuasiva e diária, da repetição sistemática, constrói-se a imagem figurativa de um indivíduo que pode ser identificado pelo físico, pela cor dos cabelos e, extraordinariamente, por um atributo que seria peculiar e distinto: o caráter hereditário.<sup>(138)</sup>

Nesta linha, analisando a recusa de uma firma comercial na ajuda de uma agremiação carnavalesca, o jornal explica que

*"o fato estranhabilíssimo [ dada a importância do carnaval para a cidade] perde quasi todo o caracter de imprevisto quando se sabe que a firma em questão é composta de judeus. De judeus que além de mercenários, são agressivos e insolentes".* <sup>(139)</sup>

Sob esta ótica, o jornal é axiomático na sua conceituação do caráter do judeu: *"quem diz judeu, diz monopólio, usura, ganância insaciável, isolamento, trapos, e ninguém quer trapos, nem mesmo no sentido humano"*.<sup>(140)</sup> Assim, o caráter *"infectado"* do judeu através da hereditariedade fazia parte da construção deste discurso anti-semita da **Fôlha da Manhã**, o qual justificava o alijamento do imigrante judeu em qualquer sociedade. Na mesma época, em 1937, na Alemanha nazista, durante a realização do Congresso de Nuremberg, Joseph Goebbels discursava no mesmo tom:

*"o judeu....eis o inimigo universal, o destruidor das civilizações, o parasita dos povos, o filho do caos, a encarnação do mal, o fermento da decomposição, o demônio que causa a degenerescência da humanidade"*.<sup>(141)</sup>

Dentre os mitos ressuscitados pela **Fôlha da Manhã** e apoiados pela imprensa católica de Pernambuco e pelo jornal **A Nota**, no Rio de Janeiro, emerge o da pureza de sangue, apresentado como solucionador para os problemas morais e pré-requisito para um bom político. Nesta linha, a **Fôlha da Manhã** critica a Inglaterra, por ter dado o cargo de Ministro da Guerra a Ore Belisha, um judeu. Alega que a judiaria "*audaz e cosmopolita*" estaria dominando as duas grandes potências européias - Inglaterra e França - e os conservadores ingleses estariam vendo a "*debacle*" da velha aristocracia britânica, pelo "*apanágio*" da infiltração dos elementos judeus, audazes. Observa o periódico que um filho de Nathan Rotschild foi por três vezes eleito para o Parlamento britânico e "*depurado*", por ser de religião judaica, apesar de possuir seus brasões de títulos de nobreza concedidos pelos Hapsburgs, e seus ascendentes já haverem prestado reais serviços à Inglaterra. Concluía, prognosticando: que aquele país, tendo seus destinos confiados a um judeu, não sabia as séries de complicações por que iria passar.<sup>(142)</sup>

Geraldo Rocha, racista e anti-semita assumido e que assina este artigo do periódico pernambucano, elogia os trabalhos de Victor Konder, que, após realizar longa pesquisa na Torre do Tombo sobre as genealogias de famílias brasileiras, podia trazer "*suspeitas da relação de algumas dessas famílias com cristãos novos*".<sup>(143)</sup> O jornalista, preocupado com sua liderança política nacional, justifica-se: "*sou nacionalista e racista por amor à minha terra e à minha gente*". Conclama os órgãos públicos "*a que se imite a Alemanha, exercendo-se uma vigorosa devassa na vida dos homens que aspiram cargos electivos, ou a conduzir a opinião de seus semelhantes*". Sob o tom de exaltação à Alemanha nazista, afirma que, naquela nação,

*"o Estado leva o escrúpulo ao ponto de exigir pesquisa genealógica que determine origens arianas com mais de um século de pureza de linhagem"*.<sup>(144)</sup>

Assim, os cargos públicos e o trabalho na imprensa, não deveriam ser ocupados por indivíduos que tivessem descendência judia ou

dos quais ouvessem "*suspeitas*" de possuírem cristãos novos na família. Voltamos ao período colonial, quando então, persistia entre nós - herdado dos países ibéricos, o mito da pureza de sangue ou o mito da raça infecta.<sup>(145)</sup> Nesta linha de pensamento, o jornalista descreve um deputado de Santa Catarina cujo "*physico indica que o sangue judaico não foi estranho aquella formação*".<sup>(146)</sup>

A propaganda doutrinária da **Fôlha da Manhã**, com base no conceito de pureza de sangue, é sempre elucidada com reportagens sobre nações que estariam sendo governadas por "*membros da raça impura*". O governo do *Front Popular* na França, sob a égide de Leon Blum, era atacado sistematicamente como um governo amoral, fomentador da guerra, do comunismo e do laicismo. O imaginário era ainda alimentado por charges políticas e fotografias em que Blum se apresenta como um estadista fraco, à mercê das "doutrinas exóticas" daqueles que estariam se "infiltrando" entre os operários grupos políticos. O jornal afirmava pesaroso:

*"pode-se avaliar o efeito moral causado nas populações (..) quando se apercebem que são governados por membros da raça impura"*.<sup>(147)</sup>

Nesta mesma ótica, a imprensa católica em Pernambuco alertava para a revelação descoberta por Gustavo Barroso, em **História Secreta do Brasil**: nas veias de muitos brasileiros, corre sangue judeu. Assim,

*"judeu, o Caramuru, judeu muitos de nossos primeiros senhores de engenho, judeus os que vieram em busca do ouro dos nossos sertões, judeus os que guiaram a conquista francesa e holandesa no Brasil, judeus os emboabas do Sul, judeus os Pintos, os Silvas, os Costas, os Buenos, os Mesquitas, os Nunes, os Viannas, os Vargas, os Noronha, os Pires, os Almeidas.."*.<sup>(148)</sup>

Diante dessa preeminência judaica na trajetória da história do Brasil, a igreja indaga: "*quem nos salvará da invasão judaica em que se afoga a raça brasileira?*" A resposta é axiomática: a união entre a

igreja e Estado. No "*baptismo cristão*", a base teológica para a salvação dos propósitos sinistros inerentes á raça maldita; no Estado, a salvação e a preservação material do país, através do homem escolhido: Getúlio Vargas. (149)

Através de um doutrinamento diário, a **Fôlha da Manhã**, colaborou para edificar a imagem de uma comunidade que, por ser judia, deveria ser escorraçada da sociedade, dado o seu caráter "*animalesco e diabólico*" e ligações com uma organização secreta internacional, cujo objetivo era a dominação mundial, e que estava naquele momento com os "*olhos sôbre o Brasil*". E, se não bastassem todas essas acusações, essa comunidade representava os interesses soviéticos no Brasil, era identificada como "*representante do Kominther*".(150)

#### **4.6- Judeus: agentes do kominther em Pernambuco**

Nesta campanha contra o judeu, a **Fôlha da Manhã** responsabiliza-o também pela infiltração comunista no estado. A ressentida Intentona Comunista de 1935, era manipulada de forma maniqueísta pela Interventoria. Reconstruir Pernambuco significava extirpar um pseudo-adversário que "rondava" todas as Instituições do estado: os comunistas. Fantosias células comunistas foram desbaratadas e apresentadas pela polícia à imprensa, criando um clima de verdadeira caça às bruxas a quem interessava encontrar ou identificar um "bode expiatório". Objetivava-se matar o mal "diabólico" pela raiz. É quando emerge a figura do judeu comunista, inimigo a ser extirpado do meio social. Esta forma de apontá-lo como "bode expiatório" de uma conjuntura política vem de encontro à análise feita por Yves Chevalier, em **L'Antisémitisme - Le Juif Comme Bouc Émissaire**, em que o autor analisa a figura do judeu como "bode expiatório", numa abordagem sócio-antropológica. Esta análise nos remete à conjuntura

de Pernambuco, em 1937, nas situações de crise.<sup>(151)</sup> Desta maneira legitimava-se a autonomia excludente da política estadonovista com a perseguição a estes

*"malsinados, preguiçosos, inimigos da pátria, detractores estrangeiros, devoradores de nações, indivíduos que sugam até suas últimas resistências econômicas com a força imprescindível de polvos tentaculares".* <sup>(152)</sup>

O argumento utilizado pela **Fôlha da Manhã** para justificar esta acusação baseava-se na relação entre os países que haviam passado ou estavam vivendo uma revolução comunista liderada por judeus. Assim responsabilizava-se o México, a Espanha e a Rússia de terem a liderança nas mãos de revolucionários judeus. Esta teoria repete-se nos **Protocolos**, que acusavam os judeus de se infiltrarem na economia, para, em seguida, criarem as revoluções e conseqüentemente o comunismo. Gustavo Barroso era o esteio deste discurso, ao argumentar que bastava um olhar para a economia brasileira para perceber-se como é revelador *"o jogo combinado das manobras financeiro-econômicas com as manobras revolucionárias"*, para aniquilar a economia brasileira, *"enchendo os bolsos do argentarismo judaico, dividindo, empobrecendo e anarquizando o país no sentido de entrega-lo ao comunismo"*. <sup>(153)</sup> Este seria o processo final para a: *"definitiva escravização judaica"*, uma vez que após a vitória comunista, os judeus então tornando-se os empresários do comunismo mundial, tornariam a *"III Internacional um inofensivo club de sonhadores"*.<sup>(154)</sup>

Esta argumentação -judaísmo *versus* comunismo- pode também ser identificada no discurso propagandeado pela Alemanha nazista, em que Hitler trabalha exaustivamente esta pretensa analogia, afirmando que somente quando seus olhos se abriam para aqueles *"dois perigos"* [judeu/comunista] ele pôde compreender a sua *"horriovel significação para a existência do povo germânico"*.<sup>(155)</sup> Em **Mein Kampf**, as interrelações entre a doutrina marxista e os judeus são estabelecidas: através do conhecimento dos judeus poder-se-ia entender os propósitos da social-democracia. Hitler

monta o tripé que seria utilizado também pelas outras nações, como argumento justificativo para a exclusão de um povo: judeu, comunista e diabólico. Daí sua posição messiânica, imitada por outros tantos estadistas autoritários:

*"por isso, acredito agora que ajo de acordo com as prescrições do Criador Onipotente. Lutando contra o judaísmo, estou realizando a obra de Deus". (156)*

O objetivo na reprodução deste discurso estava em coibir a imigração de judeus para o Brasil. Na medida em que esses imigrantes eram identificados com o perigo comunista, eles também se apresentavam como antítese da ideologia estadonovista. Essa acusação por si só bastava para criar a imagem do imigrante indesejável. Neste sentido, um editorial da **Fôlha da Manhã** explora as declarações de Spaak, Ministro do Exterior da Bélgica, que, no seu discurso proferido em abril de 1938, alegava que os comunistas haviam solicitado a vários países que dessem asilo aos judeus refugiados das perseguições nazi-fasci na Europa. O jornal vai além da notícia, ao fazer uma advertência "oportuna": *"os comunistas não intercederiam jamais em favor de quem não estivesse integrado nos seus planos diabólicos"*. (157)

A nível do imaginário coletivo, constrói-se a imagem diabolizada do imigrante judeu comunista, numa sociedade em que o catolicismo permeava todas as instituições sociais, confluindo as fronteiras entre o sagrado e o político. O discurso da Igreja investia nesta trilogia: judaísmo, comunismo e diabolização, afirmando que *os principais agentes do comunismo não são os proletários propriamente ditos, os trabalhadores manuais incultos e facilmente domináveis*". Mas sim o trabalho dos conspiradores da *"plutocracia judaica"*, em sua estratégia subterrânea de solapar a civilização cristã. (158) León Poliakov retoma de forma brilhante a análise do mito conspiratório da grande organização judaica e sua relação com o comunismo, em sua obra **La Causalité Diabolique**. (159)

Este discurso, veiculado também pela imprensa religiosa, algumas vezes se apresenta de forma explícita, sem rodeios, utilizando trechos dos **Protocolos** para corroborar o que é dito; em outros momentos, eles estão implícitos, de forma ambígua. Ao afirmar que um cristão não pode ser anti-semita, porque não pode odiar a raça a que pertenceram Jesus e a Virgem Maria, porque seria até "*blasphemia*", ressaltava todavia que a influência judaica constituía para o Brasil o verdadeiro perigo comunista. Esta ambivalência presente no discurso anti-semita representou um dos pontos comuns, tanto na retórica empregada pela imprensa religiosa, como na imprensa laica oficial. (160)

Nesta analogia maquiavélica entre comunismo e judaísmo, a **Fôlha da Manhã** afirmava:

*"não existe mais na Europa ocidental quem separe, hoje em dia, judaísmo de comunismo". (161)*

Hitler emerge sempre como exemplo a ser imitado:

*"o que acontece no Brasil na actualidade justifica a sabedoria de hitler e seus colaboradores. A República brasileira muito se assemelha à República de Weimar". (162)*

A perseguição aos judeus tornava-se um imperativo de salvação pública, centrado na denúncia de que a única preocupação destes imigrantes parece ser a de devorar a humanidade até o mais íntimo da medula. (163) Este discurso anti-semita é veiculado por Geraldo Rocha também no Rio de Janeiro, no jornal **A NOTA**, instigando a população contra a figura do judeu, levando-a a temer este imigrante, identificado como judeu e comunista:

*"são elles os fomentadores do comunismo que lançará no mundo a desordem, para então vir o domínio dos israelenses sôbre todos os povos. E elles estão conseguindo pela corrupção que infeccionam e pela desordem que implantam por toda a parte". (164)*

O público leitor é sempre convocado a se posicionar contra tais representantes das "*doutrinas exóticas*". Numa atitude de insuflamento da população, alega-se que é tempo de os brasileiros darem um paradeiro a esta invasão, e, para tanto, aponta-se, como sempre, o aparelho repressivo estadonovista:

*"urje que a polícia não permita a ligeireza de vinda de judeus para o Brasil". (165)*

Assim, a figura do judeu sustentado por esse discurso é a do elemento que fomenta a desordem e a corrupção, criador e orientador do comunismo. A analogia entre judaísmo e comunismo torna-se um axioma.

A reificação do trabalho foi uma característica marcante da Interventoria Agamenon Magalhães, refletindo o ideário do governo Vargas que elegia o trabalho como atividade unificadora do Estado com a Massa.<sup>(166)</sup> Quem não trabalha é parasita, e este termo torna-se inerente aos componentes do antigo regime e dos judeus. Daí o apelo lançado pelo Interventor, através da **Fôlha da Manhã**: "*pernambucanos: quem quizer trabalhar que me acompanhe*".<sup>(167)</sup>

O jornal trazia em primeira página a propaganda do trabalho realizado por Getúlio Vargas em vários feriados nacionais. Repetia por vários dias a notícia de que o Presidente não iria a Poços de Caldas - estância de águas freqüentada pela elite brasileira dos anos 30 e 40, onde ele costumava descansar, mas ficaria trabalhando em prol de resolver os problemas da nação. Da mesma forma, este tipo de propaganda alcançava seus ministros e interventores. Em Pernambuco, a **Fôlha** se encarregava de veicular à sociedade o trabalho exautivo realizado, em dias que deveriam ser de lazer, pelo Interventor e seu secretariado. Assim, o judeu era amoldado a um discurso peculiar e destruidor, uma vez que representava uma dupla oposição na propaganda governamental: comunista e preguiçoso.<sup>(168)</sup>

Além de sofrer estas acusações todas, o judeu era identificado também como o elemento de suspeito, que estaria trabalhando, não no

sentido de reerguer Pernambuco, na criação de fábricas onde os produtos eram "*suspeitos*", de má qualidade, para destruir a concorrência. A acusação centrava-se no fato de que esses imigrantes estariam vendendo produtos com valores 20% ou 25% mais baratos do que os produtos "*das fábricas honestas, que pagam impostos e são fiscalizadas*". Acusava-se os judeus de estarem colocando cobertores a preços baixos, ameaçando fechar em pouco tempo este tipo de indústria existente no Estado.<sup>(169)</sup>

Acusações idênticas eram feitas às fábricas de couro, quando o jornal denunciava firmas compostas de "*elementos estrangeiros da mesma e duvidosa procedência*", que tinham firmes propósitos "*de arruinar e fechar os cortumes pernambucanos*".<sup>(170)</sup>

É a mesma argumentação de Gustavo Barroso, em **Sinagoga Paulista**. Nesta obra, a temática de Barroso gira em torno da destruição que estaria sendo impetrada por famílias judias importantes de São Paulo sobre a indústria local. Tal qual os judeus paulistas, os artigos da **Fôlha da Manhã**, apresentam industriais judeus em Pernambuco que, a exemplo dos paulistas, teriam propósitos de arruinar a economia pernambucana. Os métodos seriam sempre os mesmos: "*aquela mão invisível que se infiltra na política, cínica e audaciosamente, e destrói a economia*". Aqui, a imagem é a de um judeu que executa os planos do complô internacional, aliada à imagem de um ser repulsivo, cínico, destruidor e audacioso.<sup>(171)</sup>

Assim, os judeus estariam fabricando produtos "*suspeitos*" para desacreditarem a indústria pernambucana; depois, o mercado seria invadido com os produtos paulistas. Neste sentido a economia de Pernambuco, a que enfrentava dificuldades várias, estaria sendo "*presa fácil dos indesejáveis, tornando-se [Pernambuco] uma vasta synagoga*". A solução apresentada pela Fôlha residia no emprego da força policial, "*escorraçando estes trusts malsinados, verdadeiros e encarniçados inimigos*".<sup>(172)</sup>

Nesta conjuntura, o inimigo eleito -o judeu- que não deve desembarcar em Pernambuco, é um veículo de Moscou, "*caixeiro viajante*" [termo depreciativo, estereotipado] da ideologia política e da chamada

# As atrocidades da guerra na Hespanha

## O bombardeio de cidades abertas e outras crueldades praticadas pelos vermelhos



A menina Mercedes Fernandez, residente em Tineo, Asturias, está recolhida ao Hospital de Luesca, com uma perna amputada em consequência de um tiro que lhe foi desfechado por um miliciano vermelho.

etoria de todos os excessos e crueldades de só os marxistas são capazes. Tal é por exemplo, o caso dos bombardeios de cidades abertas

Os nacionaes jámais atiraram bombas que não fosse visando objectivos militares. Do contrario seria gastar munições que a principio não tinham com abundancia. Por outro lado, certos do triumpho de suas armas, não lhes interessava espalhar o terror sobre as populações, porque não esperam a victoria pela rendição, mas pelo arrazamento. Todavia, aos vermelhos, cujas forças, apesar de estarem no poder gozando todas as vantagens, haviam sido vencidas pelos nacionaes, lhes interessava crear o terror para ver se assim podiam ainda reaver o prestigio perdido.

A principio, os nacionaes não dispuzeram de aviação, porque não se pode considerar como tal uma dezena de aparelhos que tão pouco eram de guerra. Muito da aviação era vermelha e com os vermelhos se foram os aparelhos. Até principio de outubro do anno passado, não poudo o general Franco adquirir novos aviões para os pilotos o mechardnos que ficaram ás suas ordens.

Foi então quando os marxistas aproveitando-se de sua superioridade nos ares começaram a bombardear cidades abertas para implantar o terror, principalmente no periodo de 19 de julho a 25 de setembro de 1936. Tanto assim foi que o general Queipo de Llano, em sua saudação pelo radio em 4 de agosto pediu aos marxistas que não bombardeassem cidades como Granada e Cordoba que

mística social absorvente. (173) A **Fôlha da Manhã** concitava a população a reagir contra este imigrante indesejável, "*falso turista*", que não deveriam entrar no Brasil, nem por terra, nem pelos nossos portos.(174)

Nesta campanha aberta contra o imigrante judeu, a imprensa cooptava seus interlocutores jovens, usando uma linguagem conclamativa, forte, sedutora e convocativa, apelando para a idéia de tragédia coletiva:

*"Mocidade de minha terra, neste momento somos expectadosres de uma grande tragédia, talvez das más cruentas que tenha desabado sobre o universo. O judeu no ódio milenar contra tudo que não pertença á sua raça engendrou uma doutrina de ódio e egoísmo(...) Mocidade correi ás pedradas taes traidores, assoldados ao ouro estrangeiro para destruir as nossas crenças e nossa civilização. Mocidade Latina, meditae sobre os exemplos da Hespanha "! (175)*

Este judeu que a juventude deve lapidar, é apresentado como um mercenário, avesso às tradições exógenas à sua cultura, inassimiláveis, e agente que fomentou o maior inimigo do Estado Novo: o comunismo. Neste discurso instigador, aponta-se para o perigo iminente: "*Mocidade Latina, meditae sôbre os exemplos de Hespanha!*"

A guerra civil espanhola era explorada ao máximo pelas manchetes periodísticas, ( Ilustração 58) apresentada como o terror implantado pelos "*judeus vermelhos à serviço de Moscou*".(176)

De forma contundente e sistemática, a figura de Trotsky em seu exílio traz à baila o mito conspirativo do judeu errante, de Eugene Sue, escrito em folhetins às vésperas da Revolução de 1848, em Paris:

*"a actual revolução Russa reincarnou o judeu errante, espiando os seus crimes perante o Universo por elle fragellado. Caminha judeu errante! Sobre a tua cabeça chovem as maldições de mais de dez milhões de seres humanos victimados pelas idéas perversas que espalhaste. Que possas sobreviver, por muitos annos, mergulhado na onda de sangue que fizeste derramar, e sem te afogares, para que bem possas espiar os teus crimes e cumprir o teu triste fadario."(177)*

#### 4.7 - A reprodução da infâmia: nazismo e fascismo

A política autoritária e personalista do Estado Novo se expressa em Pernambuco na pessoa do interventor Agamenon Magalhães. A temática de que os intermediários entre governo e povo foram eliminados com o golpe de 10 de novembro é repetida de forma sistemática pela **Fôlha da Manhã**, sempre na primeira página, em manchetes bombásticas, com todo destaque, construindo, no ideário coletivo, o que Claude Lefort chama de visão una entre massa e chefe, numa simbiose de corpo único, em que a cabeça representa a autoridade.<sup>(178)</sup>

Esse discurso unificador não tinha só o papel de cooptar as massas trabalhadoras, esvaziando a luta de suas associações classistas, mas também, de transformar o Interventor em equacionador de todas as demandas sociais. Emanavam de sua pessoa o querer e o realizar; nele, somente nele, estaria a solução para cada problema do seu povo:

*"onde houver um oprimido, seja qual for o poder, as portas do palácio estarão abertas para ouvir todas as mágoas e socorrer todos os sofrimentos do povo de minha terra".<sup>(179)</sup>*

As audiências para o público no Palácio das Princesas, residência do Interventor, representavam uma forma de criar um aura sobre os encontros entre a massa e o seu líder. A **Fôlha** desenvolvia a propaganda acerca dos mesmos, apresentando fotos de aglomerações nos jardins do palácio, afirmando que o Interventor "*escutava pessoalmente*" cerca de seiscentas pessoas nos dias de audiência.

H. Arendt, estudando o fenômeno do líder e das massas, analisa esta interligação entre os dois, quando este discurso expressa um vínculo que, destruindo a distância entre o líder e a massa, faz emergir uma relação em que o Poder ou quem o utiliza não representa uma situação

hierárquica.<sup>(180)</sup> Assim, constrói-se uma vinculação simbiótica entre o líder e as massas, expressa de forma clara na linguagem usada por Hitler em suas falas ao povo alemão:

*"tudo o que vocês são o são através de mim; tudo o que eu sou, sou somente através de vocês".* <sup>(181)</sup>

Nesta linha de cooptação, a **Fôlha da Manhã** apregoava que havia acabado os partidos e a permuta de favores.<sup>(182)</sup> Esse era o tom do discurso oficial. Na análise da correspondência particular da Interventoria com os políticos daquele momento, emerge uma teia de relações que se apresentam com intermediários em várias hierarquias, em que os pedidos de benesses são concedidos sempre em troca de fidelidade e favores futuros. Os empregos e cargos públicos são explorados como mercadorias, numa típica relação patrimonial.<sup>(183)</sup>

Ao veicular, através de editoriais e reportagens, que não havia mais intermediários entre o Estado e o povo, a **Fôlha** concitava a massa a estar sempre mobilizada contra os inimigos da nova ordem, representados pelos maçons, judeus e comunistas. O Estado, até então acéfalo e sem rumo, tinha o seu timoneiro, o salvador, na expressão da imprensa: o homem-enigma, Getúlio Vargas; e, em Pernambuco, seu representante: Agamenon Magalhães.

A autoridade pessoal representava um cânone do paradigma nazi-fasci muito caro ao Estado Novo, uma vez que justificava a concentração de poder e a excludência da sociedade no palco das decisões políticas. Em carta amplamente divulgada pela **Fôlha da Manhã**, Jacques Ditte, paladino intelectual do movimento nacionalista na França, elogia o governo Vargas, que *"soube compreender, o que o seu país não compreendeu, que só um homem com sua autoridade responsável faz"* valer as leis que podem transformar uma nação. Afirmava que a lei não poderia nunca substituir a *"autoridade de um homem esclarecido"*. Ao

ênfatizar a importância da autoridade, apela para a presença perigosa do judeu internacional:

*"poderia acabar com o reinado anônimo e mentiroso da grande finança internacional especuladora, em sua maioria judaica, conjugada ao domínio da imprensa, explorando a opinião pública, dividindo os povos, uns contra os outros. Todo esse sistema desumano, sem coração e sem responsabilidade, debanda agora por toda a parte deante da idéia salutar e da justiça da autoridade pessoal". (184)*

A construção do discurso perpassa pelos componentes principais do paradigma nazi-fasci que envolvia em trevas a Europa. As acusações anti-semitas são as mesmas, repetitivas, tendo seu cerne no complô judaico para dominar o mundo. Neste ideário, os judeus especulam e dominam a economia, apropriam-se dos órgãos de imprensa, manipulam as informações, fazem-se de vítimas para esconder seus verdadeiros intentos: *"algozes, desumanos, frios, calculistas, destruidores"*. Todavia, e este é o ponto-chave na construção do discurso anti-semita: este reinado de Israel teria seus dias contados, porque, homens-enigmas, com autoridade, determinação e justiça estariam acabando com a *"raça maldita"* e impondo a ordem. Nesta ótica, o paradigma político alemão, o nacional-socialismo, é apontado com o *"exemplo vivo da maneira pela qual um país se liberta dos múltiplos entraves financeiros e econômicos que entorpecem o seu evoluir"*. (185)

Nesta linha, a **Fôlha da Manhã** reproduzia frases-chavões do discurso nazi-fascista, arquitetando um regime político ideal que perpassava por um governo forte, inquestionável, personalizado, marcado por um anti-liberalismo e um nacionalismo exacerbado. Entretanto, a vigência deste dependia de um controle sobre as massas, uma verdadeira cruzada contra qualquer um que defendesse os ideais marxistas. Representando o antigo, o velho sem se tornar obsoleto, somente a tradição católica, ela sim, deveria ser reificada. E por fim, somada a tudo isto, uma visão racista em que o judeu e o

negro eram apontados como os responsáveis por tudo de negativo que até então teria passado a nação.

Creemos que a doutrinação sistemática, persuasiva, sedutora contra a figura do judeu em Pernambuco, presente no discurso da **Fôlha da Manhã**, foi utilizada como forma de desviar a atenção das massas populares da real situação do estado, que vivia um momento específico da realidade nacional, expresso pelas mostras de instabilidade política e demandas sociais locais. Eleger o judeu como inimigo objetivo, responsabilizá-lo pela crise da incipiente indústria pernambucana [quando a grande preocupação econômica ainda era com o latifúndio, haja vista a liderança política ser composta de nomes ligados à grande propriedade] era imputar-lhe não somente uma responsabilidade que não lhe cabia, como também encontrar um responsável pela "inoculação" das idéias comunistas.<sup>(186)</sup>

Parece-nos que o uso deste discurso de forma tão veemente pela imprensa católica de Pernambuco representava a possibilidade da Igreja alijar do poder político qualquer concorrência à sua esfera de influência. Eleger as raízes históricas do estado como ligadas ao catolicismo implicava refutar qualquer outra ascendência. O estribilho do Hino do III Congresso Eucarístico Nacional, em Pernambuco, em 1939, excludente em sua linguagem, evidencia o medo latente desta Igreja de perder o seu lugar junto à esfera do Poder Político:

*"Eis, sus, ó Leão, Leão do Norte!  
Ruge ao mar o teu grito de fé!  
Creio em Ti, Hóstia Santa, até a morte,  
Quem não crê, brasileiro não é! "* <sup>(187)</sup>

Este espaço conquistado pela Igreja é sempre lembrado através do crucifixo colocado junto ao retrato do Interventor, presença simbólica tanto de um quanto do outro: a onipresença do Chefe - idéia do sagrado- é associada ao seu retrato. Este panorama vem de encontro às afirmações de Castoriadis sobre a relevância do simbólico: "*o simbolismo supõe a*

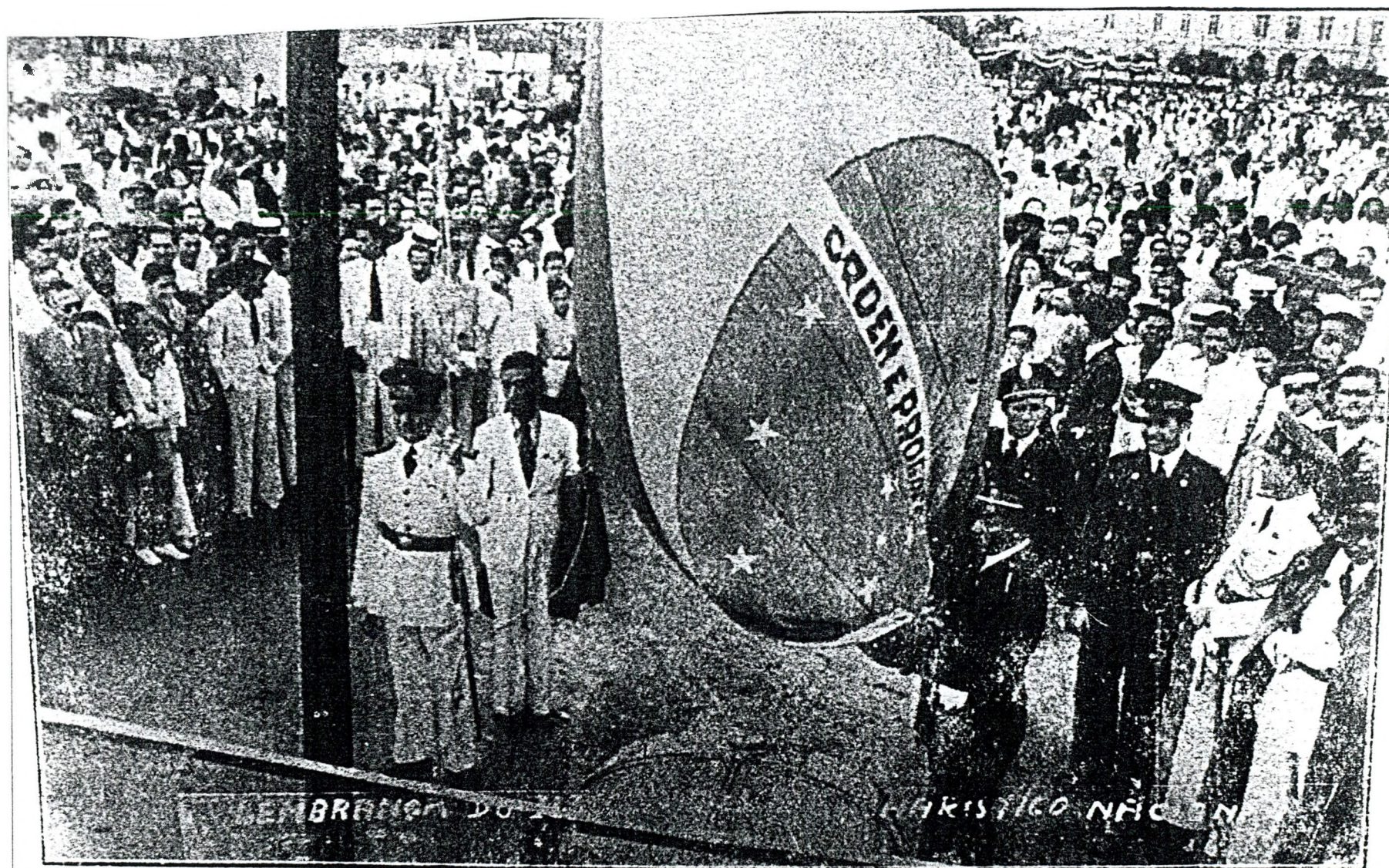


Ilustração 59 - "Dia da Pátria e encerramento do III Congresso Eucarístico Nacional em Recife", IN Álbum Revista do III Congresso Eucarístico, Recife, 1939

*capacidade de estabelecer entre dois termos um vínculo permanente, de modo que cada um deles represente o outro".*(188)

Manifestações são realizadas para fixação daqueles quadros - crucifixo e retrato do interventor- nas Instituições e nos Centros Operários. Esse paralelismo entre o sacro e o político apontava para uma exaltação sagrada à pessoa do chefe político. O grande pacto entre a Igreja Católica e o Estado em Pernambuco ( Ilustração 59) poderia ser identificado através destes elementos simbólicos e do processo que Claude Lefort chama da sacralização das instituições pelo discurso,(189) emergindo então o que Lenharo intitula: "*a sacralização da política*".(190)

### **Alemanha: guapa, viva e gloriosa**

A **Fôlha da Manhã**, de forma sistemática, com mensagens diárias de primeira página, exalta o nazismo como mola propulsora do reerguimento da Alemanha e exemplo a ser imitado.

*" O EXEMPLO ALLEMÃO! "*

*" O NACIONAL-SOCIALISMO ALLEMÃO DESEJA QUE CADA POVO VIVA A SUA VIDA NACIONAL! "*

*"A ALLEMANHA SOLIDÁRIA COM A ITÁLIA."*

*"A ALLEMANHA SE TRANSFORMA SOB A ACÇÃO DE UM GOVERNO FORTE! "*

*"A ALLEMANHA QUER LIQUIDAR A VIDA ECONÔMICA DOS JUDEUS! "*

*"HITLER É RECEBIDO ENTHUSIASTICAMENTE EM BERLIM! "*

*"FAÇAMOS COMO ESTÁ FAZENDO A ALLEMANHA: GUAPA, VIVA E GLORIOSA!"*(191)

Hitler é o modelo do salvador. Chamava-se atenção para o fato de que os grandes povos "*crearam a mystica dos chefes*". Ressaltava-se que a Alemanha, a Itália e Portugal tinham elevado seus líderes - Hitler, Mussoline e Salazar - a objeto de culto. (192) Conclamava-se a população a "*confiar cegamente*" os destinos do Brasil ao nosso super-homem, Getúlio

# Club Allemão e sua Directoria

## Festas commemorativas do 10.º anniversario

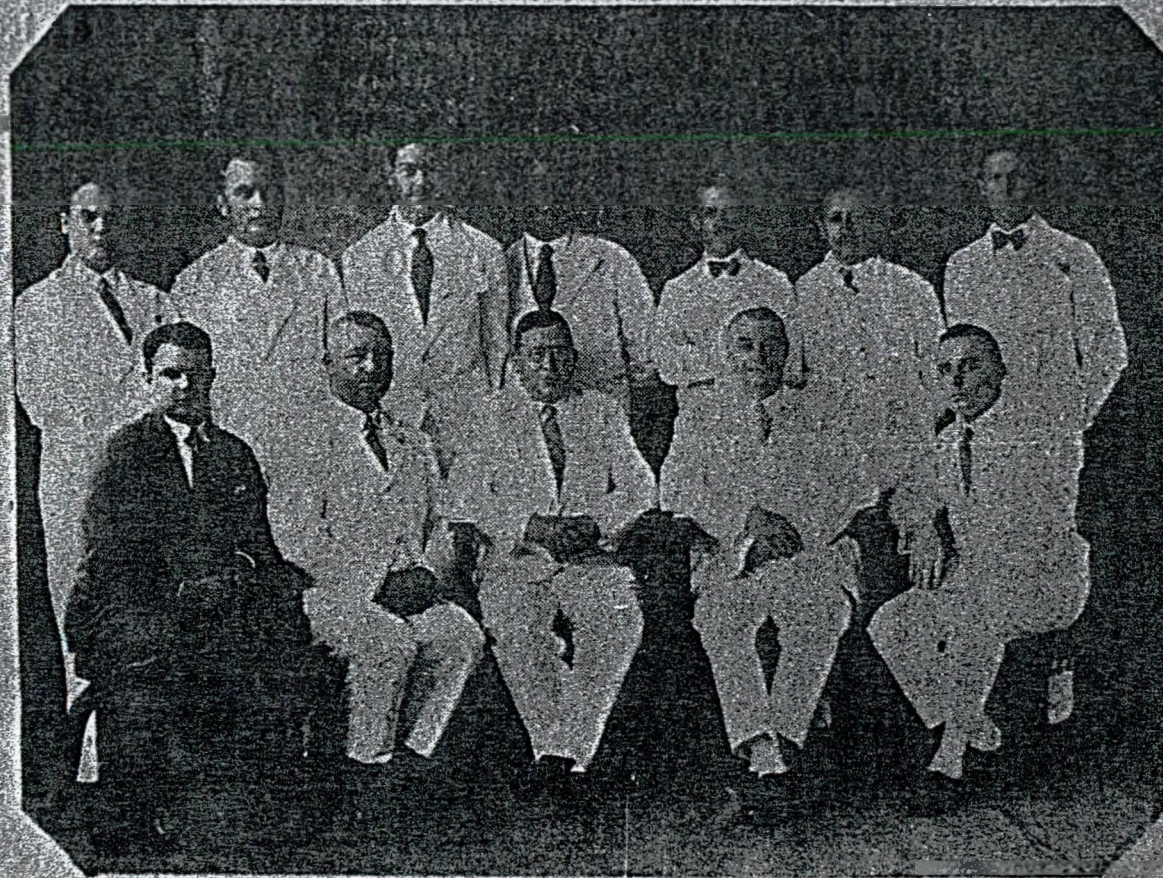
o Club Allemão que é uma  
e composta dos elementos  
a destaque da colonia  
foi fundado entre nós no  
de Setembro de 1920 e  
na sede em prédio alu-  
na Conde da Itajaí n.  
nindo vastos salões para  
musica, tendo além des-  
a bibliotheca e esplendi-

registro social accusa o  
numero de 200 socios,  
e entre estes 50 socios

o Club Allemão organisa sem-  
pre jogos por occasião  
da vinda da vasa de guerra  
salientando-se entre as  
a que teve lugar quan-  
to chegou o Zeppelin.

As festas que são muito  
das ajuda sempre o com-  
ento dos socios brasileiros  
a excus. famílias, em  
a Directoria com mudo  
a os maiores esfor-  
te se estabelecer e  
em cada vez mais as rela-  
cionistas entre brasileiros

des.  
ocasião da passagem do  
anniversario do Club, está



Em pé da esquerda para direita: Patzwaldt, Kadletz, Hinrichsen, Groschke, Barza, Uellendahl, Trau. Sentados da esquerda para direita: Ramm, von den Steinen, Luedemann, Embs (Pacha), Settmacher.

Vargas, como faziam aquelas nações. A linguagem era clara: "*nós também temos o nosso homem enigma*", enquanto que a resposta vinha do próprio Vargas que prometia instituir a ordem desde que lhe fosse conferido autoridade plena.<sup>(193)</sup>

Os cinco anos do governo hitleriano, foram noticiados pela **Fôlha**, em 1938, com alarde e propaganda do sucesso daquele regime, afirmando que o "*bem-estar geral é incontestável, as massas populares parecem felizes e tratam muito bem o estrangeiro*".<sup>(194)</sup> Alardeia-se, em fevereiro de 1938, que a Alemanha foi vencida na Primeira Guerra Mundial, não pela superioridade de seus adversários, mas pela carência de matéria-prima. Assim, aquele país era apontado como exemplar e digno de admiração, porque estaria conseguindo vencer as sanções impostas pelas outras nações, expressas através de bloqueio à sua economia: barreiras alfandegárias e fechamento daquelas fronteiras aos produtos alemães. Estendia-se à colônia alemã radicada em Pernambuco estes sentimentos de admiração, enaltecendo suas instituições (Ilustração 60). Findas as apologias, o apelo final de sempre:

*"imitemos a Alemanha. A natureza foi pródiga acumulando-nos de recursos de toda ordem. Sejamos disciplinados, unidos em torno do Chefe e faremos surgir neste continente uma civilização à altura dos gloriosos antepassados que nos descobriram".* <sup>(195)</sup>

Uma secção diária -"*Cartas da Alemanha*"- mantém o leitor informado sobre as conquistas técnicas daquele país, numa forma apologética de demonstrar o que estava sendo realizado pelo governo nazista. Os assuntos abordados perpassavam pelos mais variados temas: transportes, aeroportos e estradas de ferro; aproveitamento dos minérios; forma racional do uso da energia elétrica; questões ligadas à engorda de animais no campo e também doutrinação do paradigma nazista, através de textos do Departamento de Imprensa do Reich.<sup>(196)</sup>

O cotidiano do operariado alemão foi demonstrado por longas reportagens mostrando suas conquistas: problemas de habitação

solucionados, salários nos feriados, paz e harmonia com a extinção das greves.<sup>(197)</sup> Esse cotidiano idílico apontava para um governo forte, que "*arma muralhas*", impedindo a "infiltração" de idéias exóticas na sociedade, almejado pelos políticos brasileiros, que viam no mesmo a imunidade às investidas bolchevistas. Esse ideário esteve bem evidenciado no discurso de Waldemar Falcão, quando Ministro do Trabalho, e que a **Fôlha da Manhã** veiculou, em fevereiro de 1938:

*"olhando o mundo contemporâneo, nesses que as idéias bolchevistas como que estancavam antes ás muralhas que se lhe erguem da aparte daqueles Estados Fortes, que se organizam - numa sólida defesa contra a invasão dessas idéias dissolventes. Países que adoptaram o regime totalitário, países que vivem hoje, em sistema vizinho de dictaduras, a esses não ameaça a marcha bolchevista".*  
(198)

A "consulta" realizada pela Alemanha, através de um plebiscito a bordo do navio porta-avião "*Frieseland*" [aportado em Pernambuco], para saber se deveria ou não anexar a Áustria ao território alemão, foi motivo de grande repercussão e elogios àquele país, que segundo o jornal congregava seus "*suditos de além mar*", para decidirem sobre o que era resolvido na Alemanha. O discurso perpassa sempre pela construção da imagem de um bloco sólido, monolítico, entre o povo alemão e o seu Fûeher. Com imagens do navio e da comunidade do Reich residente em Pernambuco, 249 alemães e 11 austríacos, o jornal concita a população: "*o Brasil deve ocupar a terra, o mar e também o céu toda vez que tenhamos de pedir ao povo o seu apoio*". A reportagem ocupa a página inteira do jornal, analisando a presença da colônia alemã no estado. A tônica das reportagens gira sempre em torno do enaltecimento do povo alemão, de sua fidelidade ao Fûeher e da autoridade emanada do mesmo sobre o seu povo. A **Fôlha da Manhã** conclui, de maneira a não deixar dúvidas acerca de sua proposta: "*façamos como está fazendo a Allemanha, guapa, viva e gloriosa*".<sup>(199)</sup>

É portanto neste clima de germanização, em que se apontava a experiência alemã como marco do fim das absoletas doutrinas econômicas, numa clara alusão à Inglaterra e aos Estados Unidos, que o jornal enceta sua campanha diária de envilecimento da pessoa do imigrante judeu, assim como também expõe os escritos de Hitler sobre a política e a sociedade alemã. Assim, Hitler, "*um humilde pintor, fizera desaparecer as castas e ruir os mithos*" na Alemanha. Personificava o libertador do povo "*mais culto do mundo*". (200)

Revestia-se de importância apontar os países que não apoiavam o fascismo como democracias pseudo-liberais, que veriam seus regimes desembocarem no comunismo, face à introspecção sorrateira da "*Finança Internacional*". Criticavam-se Churchill e Roosevelt como colaboradores do judaísmo internacional. A imagem de estadista de Roosevelt era o daquele que caracterizava seu governo pela extensão de suas destruições. A **Fôlha da Manhã** trabalhava a antítese dos governos fascistas e liberais, destacando que, enquanto Hitler fazia "florescer" a economia da Alemanha, Roosevelt com uma grande prodigalidade comprometia o futuro financeiro dos EUA.(201) Das reportagens detratórias acerca do destino da sociedade americana sob o governo de Roosevelt, percebemos nuances das idéias de Gustavo Barroso, configuradas em um artigo intitulado "*Roosevelt, es Judio*", publicado na Argentina em 1938.(202)

A *Liga dos Direitos do Homem*, sediada na França, era tida como uma instituição perigosa, do ponto de vista das relações internacionais, e provocativa para com a Alemanha, visto que defendia os refugiados de vários países europeus. Assim, a **Fôlha da Manhã** via na atitude dos que compunham e apoiavam a *Liga* o desespero e o ódio daqueles que não viviam sob o regime de povos disciplinados, com ordem e elevado nível social de vida. O artigo terminava com uma verdadeira apologia à vida na Alemanha, ressaltando que, naquele país, a classe média estava vivendo melhor que em Paris, freqüentando bons restaurantes; havia

*"uma cega confiança no governo do Fuher. Que diferença dos países que vivem a nível dos Direitos dos Homens....."*<sup>(203)</sup>

## **Mussolini: o *Leader* da atualidade**

À **Fôlha da Manhã** associa-se a imprensa católica no discurso de engrandecimento do fascismo. Anti-semitismo e Anti-marxismo são usados de forma maniqueísta, representavam a destruição e o diabo, em contraponto à ideologia autoritária que se impunha como a "vontade de Deus".

A imagem de Musolini era construída fazendo-se analogia com o interventor Agamenon Magalhães. Neste sentido, o Duce havia utilizado a imprensa como fonte inicial do fascismo e hoje estaria fazendo do jornal a arma de expansão de sua política internacional e de sua transformação social da civilização mediterrânea; da mesma forma acontecia com Agamenon Magalhães:

*"nesta terra de Pernambuco, não é outra a idéia do Chefe do governo, Professor Agamenom Magalhães, que se fez nosso confrade e fundou um jornal dos mais brilhantes e efficientes do Brasil, para melhor realizar a sua imensa tarefa de reconstrução e engrandecimento do Estado".*<sup>(204)</sup>

Com manchetes do tipo "*A Obra do Nacional-Socialismo na Itália*", Mussolini era apresentado como o melhor estadista do mundo. A **Fôlha da Manhã** afirmava que aquele estadista, representante do "*gênio do reclame, da techica e propaganda*" estaria trazendo bens imensuráveis benefícios à Itália.<sup>(205)</sup> Fotos do Duce eram publicadas todos os dias, em primeira página, numa demonstração da força da nova Itália e suas conquistas. O dia-a-dia de líderes políticos, como Salazar, Mussolini e Franco era veiculado pela **Fôlha**, numa propaganda sistemática sobre os costumes ascéticos e cristãos defendidos por aqueles homens-símbolos. O

jornal investia na propaganda das "vantagens" inerentes à relação povo *versus* Estado, presente nos paradigmas políticos autoritários europeus. Para tanto, afirmava haver mais

*"profundidade democrática no fascismo, mais participação das massas, do que os regimens de oligarquia parlamentar dos países do occidente."*(206)

### **Gobineau às avessas**

No discurso da **Fôlha da Manhã**, emergia também uma preocupação sistemática em determinar quais eram as raças que tinham afinidades com a raça brasileira. Assim, fazia-se necessário a afirmação de que o Brasil estava unido por laços de amizade e afinidades raciais com alguns países europeus, como Espanha, Portugal e Itália.(207)

A análise da conferência proferida no Rio de Janeiro, por Nilo Pereira, Diretor do Departamento de Educação de Pernambuco, nas comemorações do Dia da Raça, em 1938, é por demais elucidativa da relevância que assumia, na construção do discurso, a relação entre os conceitos de Ordem, Autoridade, Disciplina e Raça. Nilo Pereira atribuía à política de Salazar o "*espetáculo da renovação portuguesa*", afirmando que a experiência do Estado Novo português

*"matou o liberalismo, criou a autoridade, a hierarquia e a disciplina. Criou a nação e fortaleceu a raça."*

Salazar teria concretizado em sua obra as vozes da ordem, os merecimentos do passado e a espiritualidade da raça. O seu grande mérito teria sido o de compreender a necessidade de "*restauração do seu povo contaminado*" por noções de falsa liberdade. Evoca-se a necessidade de restaurar este organismo social, sendo esta a tarefa redentora de alguém escolhido por Deus. Nilo Pereira conclui de forma objetiva ressaltando o princípio da autoridade como sendo dada ao indivíduo por uma dádiva de Deus.(208) Corroborando esta retórica, a Revista **Maria** apontava a



# O perigo

## DO SYSTEMA ANTIGO

A condição de equilibrio da creatura humana é viver dentro do seu seculo. Nas questões alimentares o progresso da sciencia foi enorme.

Comemos hoje scientificamente: menor quantidade e melhor qualidade. É um perigo queremos alimentar uma criança da mesma maneira que foram alimentados nossos avós. A Companhia Nestlé, que foi a pioneira da alimentação infantil, tem actualmente os productos mais adequados para a alimentação dos bêbês. Lactogeno, Nestogeno e Molico constituem uma série completa de leites em pó na qual cada um tem a sua indicação precisa, conforme a necessidade de determinada criança.



PARA A ALIMENTAÇÃO INFANTIL

Ilustração 61- "O Perigo do Systema Antigo", IN jornal FOLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 30.04.1938, p 8



A FARINHA LACTEA NESTLE  
reune as propriedades das la-  
rinhas de trigo-maltadas e as  
qualidades de um leite op-  
timo e de absoluta pureza.

## Bebé já tem um anno...

Si é uma criança normal, loco-  
move-se livremente. Tem seu  
palavriado especial, que aos  
poucos vae aperfeicoando e  
sua alimentação é mais com-  
plexa, pois já mastiga. Mas  
deve continuar a ter no seu  
cardápio a Farinha Lactea  
Nestlé, em fórmula de mingãos  
mais espessos.

FARINHA LACTEA  
**NESTLÉ**



12. 14

Ilustração 62 - "Bebé já tem um anno..." IN Jornal FOLHA DA  
MANHÃ, Recife, vespertino, 29.04.1938, p 5

"predestinação" de Salazar: "*o dedo de Deus o destinara como salvador de Portugal*".<sup>(209)</sup> Assim, o discurso associa a "restauração" do povo português à raça branca, de tradição católica. Este é o paradigma racial eleito e apontado como análogo ao povo brasileiro.

Tornava-se importante determinar que não éramos um país de população "*afro-brasileira*", expressão presente na linguagem do jornal, mas um país de brasileiros, descendentes de portugueses. Garantir esta descendência era primordial e necessário para salvaguardar a imagem do Brasil como um país de brancos e que, na arena das discussões racistas, representava a ordem do dia na conjuntura de uma Europa em transformação e às vésperas de um conflito mundial.

O sucesso da seleção brasileira em vários jogos da Copa do Mundo de 1938, o Brasil ficou com o segundo lugar, trouxe à tona uma série de polêmicas sustentadas pelo jornal acerca da superioridade dos nossos jogadores, "*afro-brasileiros*". A **Fôlha da Manhã**, num artigo intitulado "*Gobineau às Avessas*", criticava estas colocações, que estariam utilizando o triunfo dos jogadores brasileiros sobre os jogadores europeus, para criar uma divergência racial que nunca existiu na comunidade brasileira. Afirmava-se que estas opiniões acerca de uma raça "*afro-brasileira*" eram de mau gosto. O periódico trabalhava em cima de uma argumentação que perpassava principalmente pela afirmação de que nunca existiu no Brasil preconceitos e divergências raciais. (Ilustração 61-62). Assim, a grande preocupação do jornal em afirmar a preeminência branca na composição do time, evidencia-se na "explicação" que é dada acerca das características étnicas dos jogadores:

*"esses quadros são todos de Brasileiros e nada mais que Brasileiros, apesar de pequenas diferenças do colorido da epiderme. A maioria é até composta de gente clara....."*<sup>(210)</sup>

A ambivalência do discurso preconceituoso e racista emerge na afirmação de que a maioria dos jogadores "*é até composta de gente clara*".

Afirmava-se que se tratava unicamente de brasileiros, independentemente da tonalidade da pele, mas, a grande ressalva, meio oculta, lacônica, apontava para o elemento branco como o empreendedor do sucesso.

Estas discussões sobre superioridade/inferioridade das raças "mestiças", trazem à tona citações de Gustavo Le Bon, de Agassin e Gobineau, numa clara elucidação da influência daqueles "homens de ciências" sobre os intelectuais/jornalistas de Pernambuco.<sup>(211)</sup> Agamenon Magalhães, em seu editorial "*Raças*", publicado pela **Fôlha da Manhã** em junho de 1938, deixa emergir seus valores racistas, ao tentar explicar que o campeonato mundial de futebol não era só um acontecimento desportivo, mas sim "*uma demonstração de resistência étnica, uma prova de raça*". Afirmava que as teorias de degenerescência genética estavam sendo superadas por "*novas teorias raciaes*", que provavam que a hereditariedade é fato, mas que a seleção e a adaptação, transformavam e aperfeiçoavam as raças. Daí o povo brasileiro: "*somos uma raça histórica* [leia-se branca, descendência do português, excluindo o negro e o índio], *uma nacionalidade, um destino*".<sup>(212)</sup>

Padre J. Cabral, colaborador assíduo da **Fôlha da Manhã**, colocava em seu livro **Conceitos e Fatos**, publicado em 1930, no capítulo "*Ethnographia Brasilica*", uma discussão sobre povos europeus que atuaram na colonização e formação do povo brasileiro, através das suas ocupações econômicas. Entre os espanhóis, italianos, eslavos e portugueses estavam os judeus que, na literatura de Cabral, eram sempre identificados como comerciantes e especuladores bancários. Aos portugueses cabiam nossas qualidades: generosos impulsos, belas tradições e virtudes cívicas. Nesta linha concluía que poderíamos afirmar sem temor e dúvida, que o cruzamento das três raças estava definitivamente realizado: o índio já estaria "*virtualmente extinto*", do nosso meio, e o negro, já teria ultrapassado o estágio de "*bronco africano*", desapareceria em um tempo não muito remoto. Assim, afirmava a preeminência branca, vencedora na formação da



...constancia em que empata-  
ram, ante-hontem, e dada a es-  
colha do novo juiz, sr. Cap de  
Ville, cuja actuação nos cam-  
pos europeus tem merecido o  
mais franco elogio.

BORDEOS, 14 -- (A. B.) --  
Precisamente ás 18 e 06, (hora  
local) teve inicio a partida en-  
tre tchecos e brasileiros com  
os quadros já annunciados. Du-  
rante a primeira phase da pe-  
leja os brasileiros tiveram o seu  
arco vasado uma vez com um  
tiro violento de Kreal que ba-  
teu na parte inferior da trave  
horizontal, do lado esquerdo de  
Walter indo aninhar-se nas rê-  
des. Soprava fortissimo vento

entre o Brasil e a Tchecoslo-  
vaquia constituiu uma prova  
phenomenal de foot-ball. Os  
brasileiros perdendo pela dif-  
ferença de um ponto, entraram  
como gigantes, engarrafando  
completamente os tchecos du-  
rante os primeiros quinze mi-  
nutos de jogo. Dada a sahida  
Leonidas escapa, dá a Tim, es-  
to a Luizinho que entrando na  
area perigosa é estupidamente  
trancado por Doacik. A assis-  
tencia vaia o juiz, pela sua de-  
cisão parcial. De outra feita  
Brandão corta e dá a Roberto  
que investe passando a Leoni-  
das, que mesmo derrubado pas-  
sa a Tim que desviando-se de  
um contrario, passa a Patecko  
que atria violentamente e Ber-

ao Brasil. Nova investida  
esquerda. Patecko entra, corta  
Burger e dá a Leonidas que  
impedido por Doacik finta-o e  
dá em excellentes condições a  
Luizinho que aninha a pelota  
nas redes tchecos. O juiz, en-  
tretanto, enxergou um off-side  
lunatico e não consignou o  
ponto.

Os brasileiros senhores abso-  
luto do terreno, insistem no ata-  
que. Tim escapa mas ao passar  
por Bucek perde a bola. Este  
ao tiral-a perde para Leonidas  
que sem perder tempo dá a Ro-  
berto que optimamente colloca-  
do, arrematou com vontade,  
conquistando aos 18 minutos de  
jogo o segundo e ultimo pon-  
(Continúa na 2.ª pagina)

# VENCEU OS TCHECOS

Ilustração 63 - "Venceu os Tchecos", IN FOLHA DA MANHÃ,  
Recife, vespertino, 08.06.1938 p 8

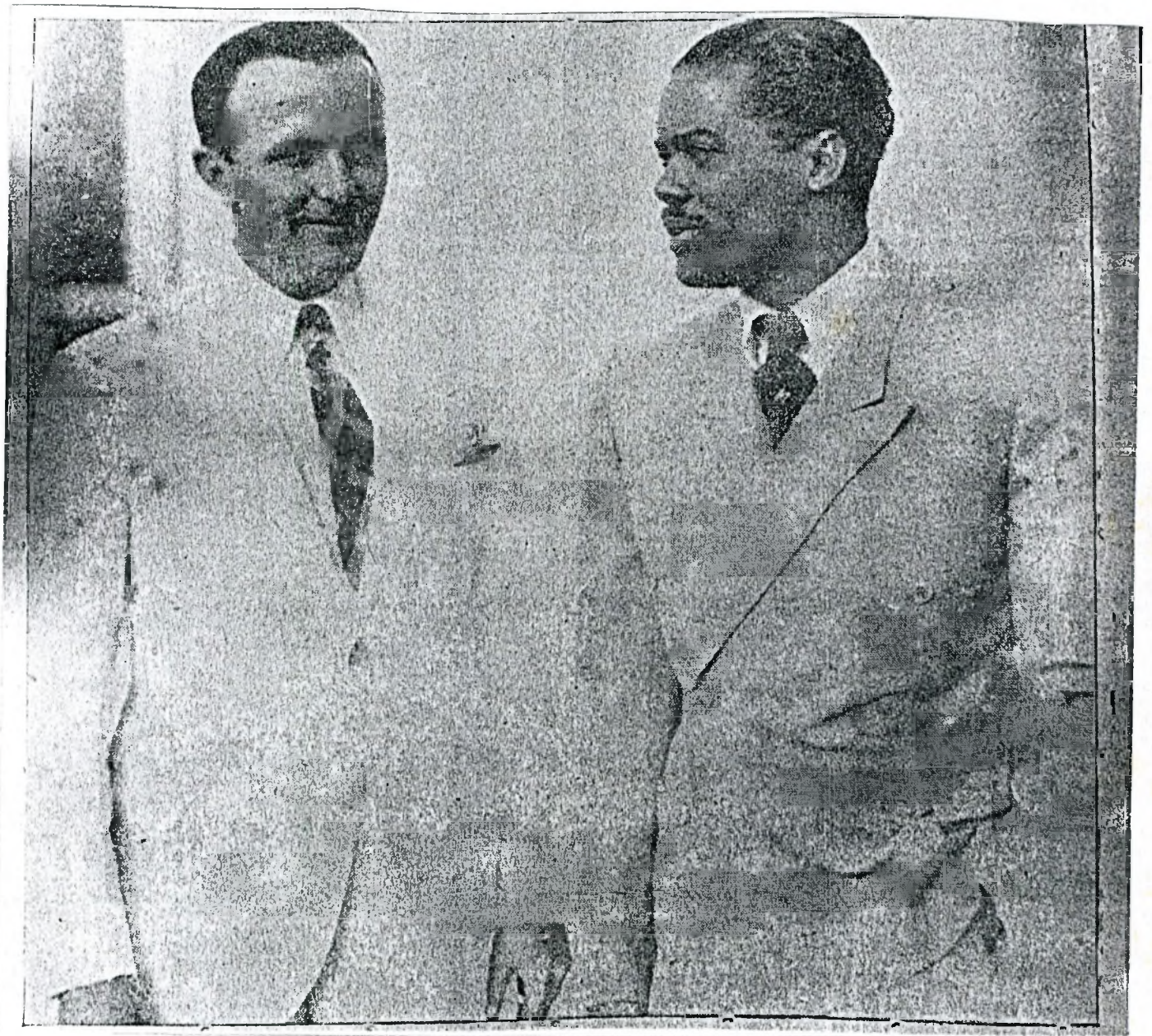


Ilustração 64 - "*á direita Leônidas, principal jogador da Seleção Brasileira de 1938*", IN jornal **A GAZETA**, Recife, 11.07.1938, p 11

"raça histórica [portuguesa] brasileira, onde o elemento luso constituiria o elo que nos ligaria à raça latina e à cultura helenica.<sup>(213)</sup>

A análise que Cabral faz da posição dos negros [africanos] na formação do povo brasileiro, é a da imagem propagada pela *Fôlha*, através de artigos, ilustrados com fotos dos negros urbanos: bons, caridosos, restritos aos trabalhos manuais e inferiores. Para Cabral, a influência negra no brasileiro, estaria restrita a questões de "*factor material*". Referindo-se ao trabalho do negro na agricultura latifundiária:

*"quando não degradados pela syphilis e pelo alcool, é de rara resistência physica e apto para as grandes empreitadas, em que se pondera o vigor muscular".* <sup>(214)</sup>

Nesta idéia, do vigor e da resistência muscular, é que residia o argumento do jornal em desmistificar a influência "*afro*" sobre os jogadores da seleção brasileira de 1938. Daí a conclusão final, mesmo que as fotos das matérias negassem o discurso escrito ( Ilustrações 63-64) de que a maioria dos jogadores era representada por brancos. <sup>(215)</sup>

Retomavam-se às teorias de branqueamento expostas por João Batista de Lacerda, diretor do Museu Nacional que em 1911, durante o "*I Congresso Universal de Raças*", profetizava-se o fim dos "*métis*" na população brasileira dentro de um século, asseverando-se que, após a terceira geração de cruzamento entre "*métis*", já se veriam os caracteres da raça branca.<sup>(216)</sup>

Nos meados da década de 20, uma nova palavra é reificada no léxico dos discursos nas faculdades de Medicina e Direito do país: eugenia. A eugenia, sinônimo de aperfeiçoamento da raça, foi meta dos paradigmas fascistas que viam na raça dos mais "capazes" o futuro da pátria. Em 1929, foi realizado no Brasil o "*I Congresso Brasileiro de Eugenia*", em que o médico Miguel Couto, então presidente da *Academia Nacional de Medicina*, advogava a possibilidade de um impedimento legal para a excludência de imigrantes não-europeus para o Brasil. A *Comissão Central Brasileira de Eugenia* havia sido moldada em cima dos postulados da *Sociedade Alemã*

*Pela Higiene da Raça*, segundo declaração de Renato Kehl, fundador do *Boletim de Eugenia*.<sup>(217)</sup> Em 1933, sai o primeiro número do *Boletim*, onde a grande preocupação dos textos reside na proliferação de nascimentos entre os indivíduos considerados inferiores em detrimento dos representantes das "*classes intellectuaes*" que estariam apresentando um baixo índice de natalidade. Em resumo, consternavam-se estes eugenistas, com o fato de que para o nascimento de dois a quatro filhos entre médicos, advogados e engenheiros, subia para oito entre os trabalhadores manuais. A solução apresentada para este "*enfraquecimento da espécie*", residia em um trabalho de conscientização eugênica entre os considerados superiores e uma limitação da prole nas classes inferiores.<sup>(218)</sup> Discutia-se e propunha-se soluções racistas para o futuro da população brasileira, de forma clara e concisa. Importava-se as idéias pseudo-científicas de superioridade racial, e veiculava-se através dos grandes centros intelectuais da nação, que não abria espaço para a contestação, dada a "cientificidade" explicativa. Lembramos aqui o trabalho de Maria Luiza Tucci Carneiro **O Anti-Semitismo na Era Vargas**, acerca da construção desta mentalidade racista entre os intelectuais brasileiros nas décadas de 20 e 30. A autora trabalha tanto a produção historiográfica e o ideário racista daqueles intelectuais, como perpassa pelo pensamento europeu, que foi a gênese destas teorias.<sup>(219)</sup>

O discurso da Igreja frente a estes postulados eugenistas é ambivalente, no sentido de que, ao mesmo tempo em que rejeita e critica as afirmações da *Comissão Central Brasileira de Eugenia*, acrescenta que "*nada é mais nobre nem mais digno do que o aperfeiçoamento do homem integral*". Assim, o problema não estava na teoria eugênica, mas sim nos cânones desta teoria, que iam de encontro a pontos-chaves, inquestionáveis da Igreja Romana: aborto e limitação de filhos. Some-se a isto a ênfase que deveria ser dada ao aperfeiçoamento deste homem integral, tendo como centro e epíteto de vida o catolicismo. O grande medo da Igreja no Brasil, naquele momento, era o retorno às teorias laicas, que não vislumbravam este homem integral e que estavam sendo exorcizadas com a "*benedicta*

*revolução de 30"*. Desta forma, não só emergia do seu discurso o medo das teorias racistas, como também do próprio fascismo. Vai ser necessário que acordos entre líderes fascistas e Igreja se concretizem, para que aquele paradigma político possa ser exaltado e acatado por ela, assim como também apontado como fomentador da paz e da ordem.<sup>(220)</sup>

Da mesma forma, a ambigüidade que emerge do discurso da **Fôlha da Manhã** sobre a copa de 1938 reside na insistência de se reafirmar que o Brasil não conhece preconceitos de raça, e que a Igreja Católica, na sua sabedoria, também os condena. Ao mesmo tempo, explicava a evolução racial do povo brasileiro, que teria ficado provada pelo fato de sob clima diversos, ambiente grosseiro e hostilidades, vencerem os povos mais fortes do velho continente.

A **Fôlha da Manhã** não somente analisa a questão de raças superiores *versus* raças inferiores na questão da Copa do Mundo de 1938 disputada pelo Brasil, como também se esmera em encontrar um responsável pelo fracasso final do time. A *Federação Internacional de Futebol* [FIFA], responsável pelo evento, foi acusada de proteger os times europeus em detrimento dos latino-americanos, uma vez que estes atos de "*escroqueria*" eram comuns no "*bestunto dos judeus que integram aquela organização*". Emerge então a velha estratégia da **Fôlha da Manhã** de encontrar a grande organização judaica infiltrada por todos os povos. O estigma do judeu presta-se à figura clássica, reativada na ocasião necessária. A punição pedida para a *FIFA* é a mesma veiculada pelo jornal em outras ocasiões: "*a polícia para meter na cadeia os gatunos encasacados que furtam no peso e nas medidas*".<sup>(221)</sup>

Assim, de dominadores da indústria, manipuladores do comércio a varejo, "*inoculadores*" das idéias exóticas que levaram à revolta comunista de 1935, responsáveis pelo encarecimento do pão e, extraordinariamente, pela perda do título mundial de futebol pelo Brasil em 1938, os judeus são responsabilizados por todos os males presentes e passados de Pernambuco. Assim, apontam-se situações que sensibilizam o

povo, como futebol, carestia do pão, usando uma expressão tão cara ao discurso da **Fôlha**: "*coisa de judeu...*"

O trabalho de construção da imagem do judeu pela **Fôlha da Manhã** fez emergir mitos anti-semitas da idade média à Alemanha nazista. Neste trabalho, o jornal codificou padrões de alteridade, em que estereótipos anti-semitas, reativados e "identificados" como "inerentes" ao povo judeu, apontavam para a imagem do "*outro*", que deveria ser escorraçado do Brasil.

Neste sentido, acreditamos que a **Fôlha da Manhã**, alcançando uma média de 15 mil leitores diários, realizou o seu trabalho de agente de propaganda e doutrinação anti-semita junto à população, apesar de não termos acesso a nenhuma outra fonte que testemunhe as conseqüências. Entretanto, vale lembrar que, camufladamente, ao nível da cultura popular através dos "ditos", da literatura de cordel, das piadas e das tradições, persiste uma mentalidade preconceituosa contra os judeus. Lembraríamos aqui a afirmação de Nelson J. Garcia, em sua obra **Sadismo, Sedução e Silêncio**:

*"a partir do momento em que determinadas idéias são disseminadas e impregnam a consciência dos membros de uma sociedade, estes passam a reproduzi-las automaticamente, sem o intento exclusivo de persuadir".*  
(222)

## NOTAS

1- Vide: GARCIA, Nelson J. **Estado Novo: Ideologia e Propaganda Política. A Legitimação do Estado Autoritário Perante as Classes Subalternas.** São Paulo: Loyola, 1982; CANETTI, Elias. **A Consciência das Palavras.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990; MARCONDES FILHO, Ciro. **A Linguagem da Sedução.** São Paulo: Perspectiva, 1988; SEMAMA, P. **Linguagem e Poder,** Brasília: EUB, 1981; 223

MATTELART, Armand. **La comunicación masiva en el proceso de liberación.** op. cit.; DARNTON, Robert. **Edição e Sedição.** op. cit.; MORAES, Dênis. **O Imaginário Vigiado. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53).** op. cit.

2-HITLER, Adolf. **Minha Luta.** São Paulo, 1983, p.159

3-O uso da propaganda associada ao simbólico pelo nacional-socialismo alemão tem uma análise completa realizada por PÉLASSY, D. **Le Signe Nazi: l'Univers Symbolique d'une Dictature.** Paris: Fayard, 1983

4- SONTAG, Susan. **"Fascinante Fascismo".** IN SONTAG, Susan. **Sob o Signo de Saturno.** São Paulo: L&PM Editores, 1986, p 66.

5- LENHARO, Alcir. **Nazismo-"O Triunfo da Vontade".** São Paulo: Ática, 1990, p 60.

6- SONTAG, Susan. **"Fascinante Fascismo".** op. cit. p 67.

7-CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

8-GOEBBELS, Joseph. **"A Luta e seus meios",** Apud. Marcondes Filho, Ciro. **A Linguagem da Sedução.** São Paulo: Perspectiva, 1988, p 20.

9- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p 390

10- GOEBBELS, Joseph. **"A Luta e seus meios",** op. cit., p 20

11-Carta de Agamenom Magalhães, interventor em Pernambuco, para Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas, Recife, 04.07.1938 IN **Pasta AGM, 38.07.04.3 CPDOC/FGV.**

12-Idem

13-Ibidem

14- Carta de Heitor Muniz, Agência Nacional, para Agamenon Magalhães, Interventor de Pernambuco. Rio de Janeiro, 15.09.1938, IN **Pasta AGM, 38.09.15, CPDOC/FGV.**

15- Carta de Lincoln Nery, Representante da Rede dos Diários Associados, para Agamenon Magalhães, interventor de Pernambuco, Rio de Janeiro, 27.04.1938, IN **Pasta AGM, 30.04.27 CPDOC/FGV;** Telegrama de Assis Chateaubriand, Presidente da Rede de

Diários Associados, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 17.04.1938, IN **Pasta AGM**, 38.04.17, CPDOC/FGV.

16- Carta de Heitor Muniz, Agência Nacional, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 22.04.1938, IN **Pasta AGM** 38.04.22/1, CPDOC/FGV.

17- Carta de Agamenon Magalhães, interventor de Pernambuco, para Duarte Filho, Agência Nacional. Recife, 11.04.1938, IN **Pasta AGM** 38.04.11 CPDOC/FGV.

18-Carta de Pedro Rache, Diretor do Banco do Brasil, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 27.05.1938, IN **Pasta AGM**, 38.05.27/3 CPDOC/FGV.

19-Carta de Raymundo Moraes, para Agamenon Magalhães, interventor de Pernambuco. Belém, 10.04.1938, IN **Pasta AGM**, 38.04.10/1 CPDOC/FGV.

20-Carta de Agamenon Magalhães, Interventor de Pernambuco, para Duarte Filho, Agência Nacional. Recife, 11.04.1938, IN **Pasta AGM**, 38.04.11, CPDOC/FGV.

21- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 24.02.1938, p 1

22-Carta de Agamenon Magalhães, Interventor de Pernambuco, para Duarte Filho, Agência Nacional. Recife, 11.04.1938, IN **Pasta AGM** 38.04.11 CPDOC/FGV.

23- Carta de Agamenom Magalhães, Interventor de Pernambuco, para Luis Vergara, Secretário de Getúlio Vargas. Recife, 04.03.1938, IN **Pasta AGM** 38.03.04 p.3 CPDOC/FGV.

24-GOMES, Angela M. de Castro. *"O Redescobrimento do Brasil"* In OLIVEIRA, L.Lippi et. alli. **Estado Novo- Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p 109-143

25- Carta de Agamenon Magalhães, interventor de Pernambuco, para Luiz Vergara, Secretário de Getúlio Vargas. Recife, 04.03.1938, IN **Pasta AGM** 38.03.04 p.2 CPDOC/FGV.

26- Carta de Agamenon Magalhães, interventor de Pernambuco, para Heitor Muniz, Agência Nacional. Recife, 29.01.1938, IN **Pasta AGM** 38.01.29/2 CPDOC/FGV.

27- GOULART, Silvana. **Sob a Verdade Oficial: Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

28- Carta de Agamenon Magalhães, interventor de Pernambuco, para Heitor Muniz, Agência Nacional, Recife, 22.04.1938, IN **Pasta AGM** 38.04.22/1 CPDOC/FGV.

29-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 18.01.1938, p 1

30- Idem, p 8. Sobre a relevância do papel da censura preventiva, ver: REVAH, I. S. **La Censure Inquisitoriale Portugaise Au XVI SIÈCLE**. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1960

31- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. op. cit.

32-Carta de Heitor Muniz, Agência Nacional, para Agamenon Magalhães, interventor de Pernambuco. Rio de Janeiro, 22.04.1938, IN **Pasta AGM 38.04.22/1** CPDOC/FGV.

33-Carta de Dioclecio Duarte, para Agamenon Magalhães, Interventor de Pernambuco, Rio de Janeiro, 22.04.1938, IN **Pasta AGM 38.04.22/2**, CPDOC/FGV.

34- Carta de Agamenon Magalhães, Interventor de Pernambuco, para Getúlio Vargas, Presidente da República. Recife, 20.04.1938, IN **Pasta AGM 38.04.20/4** CPDOC/FGV.

35- Sobre o papel da censura no Estado Novo, e especialmente acerca das funções do DIP, ver: GOULART, Silvana, **Sob a Verdade Oficial: Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. op. cit.; GARCIA, Nelson J. **Estado Novo, Ideologia e Propaganda Política- a legitimação do Estado Autoritário perante as classes subalternas**. op. cit.

36-Carta de Agamenon Magalhães, Interventor de Pernambuco, para Luis Vergara, Secretário de Getúlio Vargas, Recife, 04.07.1938, IN **Pasta AGM 38.07.04/3** CPDOC/FGV.

37- Carta de Agamenon Magalhães, Interventor de Pernambuco, para Luis Vergara, Secretário de Getúlio Vargas, Recife, 16.05.1938, IN **Pasta AGM 38.05.09/4** CPDOC/FGV.

38- Ver: **Pasta AGM 38.02.22** CPDOC/FGV; **Pasta AGM 38.03.30** CPDOC/FGV; **Pasta AGM 39.03.01/2**; **Pasta AGM 38.01.19/1** CPDOC/FGV; **Pasta AGM 38.01.21/1** CPDOC/FGV

39-Carta de Agamenon Magalhães, Interventor de Pernambuco, para Luis Vergara, Secretário de Getúlio Vargas, Recife, 16.05.1938, IN **Pasta AGM 38.05.09/4** CPDOC/FGV.

40- MAIA, Carlos Leite. **50 anos da AIP- Associação da Imprensa de Pernambuco**. Recife: Massagana, 1982, p 193- 204

41-Carta de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde. Recife, 05.04.1939. IN **Pasta AGM 39.04.05** CPDOC/FGV.

42- **A GAZETA**, Recife, 21.03.1938, p 2

43-Idem,

44-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 22.01.1938, p 1

45- ROCHA, Geraldo. *"A Rede Judaica do Trigo"*. IN **A NOTA**, Rio de Janeiro, 08.01.1937, p 1, ver também nesta mesma edição e página do jornal, um outro artigo de igual teor: *"O Encarecimento do pão é manobra de judeu"*.

46-CAMPELLO, Jose. *"A Industria Clandestina"*. IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, 06.03.1938, p 3

47-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife: 05.12.1937, p 3, matutino; 29.12,1937, p 3 matutino; 17.06.1938, p 8, vespertino; 22.03.1938, p.3, matutino.

48- Sobre as diversas argumentações que compõem o universo das acusações anti-semitas, ver: POLIAKOV, Leon. **De Maomé aos Marranos**. São Paulo: Perspectiva, 1984; **De Cristo aos Judeus da Corte**. São Paulo: Perspectiva, 1979; **De Voltaire a Wagner**. São Paulo: Perspectiva, 1985; **A Europa Suicida**. São Paulo: Perspectiva, 1984; **La Causalité Diabolique**. Paris: Calmann-Levi, 1980, esta obra do prof. Poliakov, é fundamental para o nosso trabalho, uma vez que analisa a questão do mito da organização judaica objetivando o domínio mundial; **Histoire de L'Antisémitisme - 1945/1993**. Paris: Editions du Seuil, 1994; FONTETE, François. **O Racismo**. Lisboa: Bertrand, 1976; **História do Anti-Semitismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989; CHEVALIER, Yves. **L'Anti-sémitisme- Le Juif comme bouc émissaire**. Paris: Les Éditions Du Cerf, 1988, o autor analisa a temática do judeu como "*bode expiatório*", construindo uma trajetória que se inicia no mundo antigo, perpassando pelo surgimento do cristianismo, até a Alemanha nazista.

49- ISAAC, Jules. **Las Raíces Cristianas del Antisemitismo: la Enseñanza del Desprecio**. Buenos Aires: Paidós, 1966, p 25; ver também MITRE, Emilio. **Judaísmo y Cristianismo - Raíces de un gran conflicto histórico**. Madri: Istmo, 1980

50-Apud ISAAC, Jules. op. cit. p 98

51- Esta expressão: *o ódio aos judeus torna-se para alguns o pão cotidiano*, é utilizada por F. Fontete, ao se reportar à imprensa francesa anti-semita [ L'Action Française, Candide e Gringoire] em 1937. IN FONTETE, François. **História do Anti-Semitismo**. op. cit. p 79

52- FERRO, Marc. **A História Viglada**. op. cit.

53- Revista **FRONTEIRAS**, Recife, junho/1940, p 4

54- Carta de Agamenon Magalhães, Interventor de Pernambuco, para Duarte Filho, Agência Nacional, Recife, 11.04.1938, IN **Pasta AGM 38.04.11 CPDOC/FGV**. Sobre o aporte werberiano: WEBER, Max. **Economia y Sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica, v. I e II, 1974; **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979; FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro: Forense, 1980; HIRANO, Sedi. **Castas, Estamentos e Classes Sociais**. São Paulo: Alfa-Omega, 1974; KUPER, Gina Zabludovsky. **La dominación patrimonial en la obra de Max Weber**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989

55-Carta de Luis Vergara, Secretário de Getúlio Vargas, para Agamenon Magalhães, Interventor de Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 09.12.1938, IN **Pasta AGM 38.12.09/2, CPDOC/FGV**.

56-Sobre a relevância da documentação do DOPS referente à era Vargas, ver o trabalho de CARNEIRO, M. Luiza Tucci. *"Trilogia dos Estigma"*. São Paulo: Instituto Goethe, 1995 (no prelo)

57- **A TRIBUNA**, Recife, 04.12.1938, p 1270

58-HITLER. Adolp. **Minha Luta**. op. cit. p 162

59-Carta de Arthur Moura, Secretário do Interior de Pernambuco, para Agamenom Magalhães, Interventor em Pernambuco, Recife, 09.08.1938, IN **Pasta AGM 38.08.09 CPDOC/FGV**.

60-Carta de Agamenom Magalhães, Interventor de Pernambuco, para Arthur Moura, Secretário do Interior de Pernambuco. Recife, 10.08.1938. IN **Pasta AGM 38.08.10/1 CPDOC/FGV**.

61- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979

62- **A TRIBUNA**, Recife 07.01.1934, p 1. Acerca das revistas **ESTRÊLA DO MAR** [Rio de Janeiro] e **MARIA** [Recife], elas representam um rico acervo sobre o ideário da Igreja nos anos 20 e 30 deste século. A revista **MARIA**, fundada em 1923, como porta voz da **Congregação Mariana Acadêmica de Pernambuco**, veiculava um ideário ultraconservador e anti-semita, fazendo apologia aos regimes fortes da Europa, principalmente aos governos de Mussolini, Salazar e Franco.

63- Revista **FRONTEIRAS**, Recife, junho/1938 p .9

64- Esta secção orientando os jovens católicos intelectuais de Pernambuco, era apresentada nos jornais e revistas católicas do estado, com apresentação de resenhas críticas. Sobre a trajetória da mentalidade racista presente na intelectualidade brasileira do século XIX até a década de 40 deste século, ver a análise feita por Maria Luiza Tucci Carneiro, em sua obra. **O Anti-Semitismo na Era Vargas - fantasmas de uma geração - 1930/1945**. op. cit. p 83-154

65- MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1977, v. VII, p 93

66- BARROSO, G. **A Sinagoga Paulista**. Rio de Janeiro: ABC, s/d; **Do Nacionalismo na Hora Presente**. Rio de Janeiro: Livraria Católica, s/d; **A história Secreta do Brasil**. São Paulo:Nacional, 1937; **Integralismo e Catolicismo**. Rio de Janeiro: ABC, 1937; **Brasil, Colônia de Banqueiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935; **O que o Integralismo Deve Saber**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935; **O Integralismo em Marcha**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933; **Comunismo, Cristianismo e Corporativismo**. Rio de Janeiro: ABC, 1938; **O Quarto Império**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1935. VIANNA, Oliveira. **Raça e Assimilação**. São Paulo: Nacional, 1932; LOPES, Osório. **O Problema Judaico**. Petrópolis: Vozes,1942; FRANCA, Leonel. **Ensino Religioso e Ensino Leigo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931; CABRAL, J., **A Questão Judaica**. Porto Alegre: Globo, 1937; SALGADO, Plínio. **O Que o Integralista Deve Saber**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1935; **Espírito da Burguesia**. Rio de Janeiro: Liv. Clássica Brasileira, 1951; **O Que é o Integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. REALE, Miguel. **O Estado Moderno: Liberalismo, Fascismo, Integralismo**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1934; **ABC do Integralismo**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1936; **Formação da Política Burguesa**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1934;

67-JUNG, C.G. **Civilização em Transição**. Petrópolis: Vozes, 1993. Sobre estereótipos vide: BUEZAS, T. Calvo. **"Prejuicios, Estereotipos y Racismo: Perspectiva Teórica"**, IN BUEZAS, T. Calvo. **España Racista? Voces Payas Sobre Los Gitanos**. Barcelona: Anthropos Editorial Del Hombre, 1990; HEINTZ, Peter. **Los Prejuicios Sociales- um problema de la personalidad, de la cultura y de la sociedad**. Madri: Editorial Tecnos, 1968; DELACAMPAGNE, Christian. **Racismo y Occidente**. Madri: Editorial Argos Vergara. 1993

68-Sobre esta visão do Novo Homem, presente na doutrina estadonovista, ver o trabalho de GOMES, Angela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

69-VIEIRA, Nelson. **Construindo a Imagem do Judeu: algumas abordagens teóricas.** Rio de Janeiro: Imago, 1994; vide também TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1993

70- Sobre a manipulação do imaginário coletivo, vide: COLOMBO, Eduardo. **El Imaginario Social.** Montevideo: Ed. Altamira, 1993; GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas.** São Paulo: Cia. das Letras, 1987; PELASSY, D. **Le Signe Nazi: l'univers symbolique d'une dictature.** op. cit.; BACZKO, Bronislaw. **Les Imaginaires Sociaux. Mémoire et espoirs collectifs.** Paris: Payot, 1984; CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade.** op. cit.

71- Este tipo de argumentação era feito por vários desses intelectuais, responsabilizando o judeu por todas as mazelas do país. Gustavo Barroso, entre o elenco inesgotável de acusações contra os judeus, chegava ao absurdo de responsabilizá-los pelo problema da fome no Nordeste.

72- ORY e SIRINELLI, Pascoal e Jean-François. **Les Intellectuels en France.** Paris: Armand Colin Editeur, 1992

73-Apud FONTETE, François, **História do Anti-Semitismo.** op. cit. p 79

74- ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo.** op. cit. p 403

75-GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas.** op. cit. p 55

76- Esta expressão é veiculada constantemente pela **FÔLHA DA MANHÃ**, criando a expectativa do mito da grande organização secreta. Sobre o tema vide: GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas.** op. cit.; POLIAKOV, Léon. **La Causalité Diabolique.** op. cit.

77- Sobre o mito do salvador, do super-homem, vide: CASSIRER, Ernst. **El Mito Del Estado.** México: Fondo de Cultura, 1992; GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Política.** op. cit.; CARLYLE, Thomas. **Los Héroes.** Barcelona: Editorial Iberia, 1985; a **FÔLHA DA MANHÃ** num artigo "*Nosso Super-Homem*", faz uma analogia a Getúlio Vargas e Hitler: nós também temos o nosso super-homem [referindo-se a Getúlio Vargas], 08.02.1938, matutino, p 3

78-CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Preconceito Racial em Portugal e Brasil-Colônia.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988

79-**Os protocolos dos Sábios de Sião.** Texto prefaciado e comentado por Gustavo Barroso, 2. ed. Porto Alegre: Revisão, 1990; CARNEIRO, M. Luiza Tucci. "*O Mito da Conspiração Judaica no Brasil*". IN AMÉRICA 92. São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: Expansão e Cultura ( no prelo) TAGUIEFF, Pierre-André (org) **Les Protocoles des Sages de Sion.** Paris: Berg International Editeurs, v. I e II, 1992; ROSENFELD, Anatol. **Mistificações Literárias: Os Protocolos dos Sábios de Sião**". São Paulo: Perspectiva, 1976; J.S.Charles Pierre, **Los Protocolos de Los Sábios de Sion- Uma Supercheria Anti-Semita.** Buenos Aires, Ediciones D.A.I.A. 1954; COHN, Norman. **El Mito de la Conspiracion Judia Mundial.** Madrid: Alianza Editorial, 1969.

80- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 05.06.1938, p 3

81-LOPES, Osório. **O problema Judaico.** op. cit,

82- LOPES, Osório. "*A Physionomia de Um Povo*". IN Revista **A ORDEM**, julho/1931, p 50-51

83- Idem. Sobre este tipo de argumentação ver: ISAAC, Jules. **Las Raices del Antisemitismo- la enseñanza del desprecio**. op. cit.

84- LOPES, Osório. **O Problema Judaico**. op. cit., p 9 a 14. Seleccionamos alguns textos bíblicos utilizados no discurso anti-semita de forma casuística: relacionando-se com a acusação de deicidas: Mateus 27: 24 e 25 - onde Pilatos lava as mãos pela morte de Jesus Cristo. Com relação às dispersões que passou o povo judeu, vide textos referentes ao Velho Testamento: Livro de **Isaías**: capítulos 1 e 2; **Deuterônimo** é um livro rico em promessas e advertências; os profetas menores: **Neemias, Esdras, Amós, Habacuque** também trazem as duas falas de Deus para com o povo- punição, se errarem, e benção como consequência do arrependimento.

85-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 22.03.1938, p 3

86-BARROSO, Gustavo. **História Secreta do Brasil**. op. cit.; **Sinagoga Paulista**. op. cit.; **Brasil: Colônia de Banqueiros**. op. cit.

87- ROCHA, Geraldo. "*Brasileiros a Postos*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**. Recife, matutino, 23.11.1937, p 3

88-BARROSO, Gustavo. **Sinagoga Paulista**. op. cit. p 25 e 55

89- **FÔLHA DA MANHÃ**. Recife, matutino, 22.01.1938, p 3

90-**FOLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 07.12.1938, p 1

91- GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. op. cit. p 63-64

92-MAGALHÃES, Agamenon. "*A Sedução dos Punhaes*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 11.05.1938, p 3

93- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 11.05.1938, p.1

94-MAGALHÃES, Agamenon. "*A Nação Vitoriosa*". IN **Pasta AGM 38.05.11/3**, CPDOC/FGV.

95- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 14.05.1938, p 1

96- MAGALHÃES, Agamenon. "*A Nação Vitoriosa*". Recife, vespertino, 16.05.1938, p 3

97-MAGALHÃES, Agamenon. "*Onde Não Há Diferença*". IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 17.05.1938, p 3

98-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 16.05.1938, p 3

99-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 27.11.1937, p 3; este artigo do jornal assemelha-se às colocações de Hitler sobre o que ele chamava "a sujeira" dos judeus: *podria haver uma sujidade, uma impudência de qualquer natureza na vida cultural da nação em que pelo menos um judeu, não estivesse envolvido? Quem, cautelosamente,*

*abrisse o tumor haveria de encontrar, protegido contra as surpresas da luz, algum judeuzinho.* IN HITLER, Adolf. **Minha Luta**. op. cit. p 47; este mesmo enfoque foi dado no filme nazista *O Eterno Judeu*, de Hippler, quando ratos e moscas aparecem na tela simbolizando os judeus. O filme foi feito com o objetivo de ser um documentário educacional sobre o judaísmo internacional. IN LENHARO, Alcir. **Nazismo - "O triunfo da vontade"**. op. cit. p 58

100- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 14.05.1938, p 1

101- **A GAZETA**, Recife, 04.04.1938 p 1

102- CARNEIRO, M. Luiza Tucci. **O Anti-Semitismo Na Era Vargas - fantasmas de uma geração ( 1930-1945)** op. cit. p 445

103- Carta de E. S. Cavalcanti, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Recife, 21.04.1938. IN **Pasta AGM 38.04.21/2 CPDOC/FGV**

104- *"Os Judeus na Rumênia"*, IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 28.03.1938, p 5; ver também 28.04.1938, vespertino, p 5; acusações eram feitas na ótica de que os judeus estavam usurpando todos os cargos importantes da Romênia.

105- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 12.02.1938, p 1

106-GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. op. cit. p 44

107-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 08.01.1938, p 1

108-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 23.01.1938, p3

109-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 05.12.1937, p 3

110- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 04.01.1938, p 3

111- *"Exemplo da França"*. IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 04.05.1938, p 3

112-FONTETE, François. **História do Anti-Semitismo**. op. cit. , p 104.

113-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 04.05.1938, p 3.

114-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 05.12.1937, p 3

115- SENKMAN, Leonardo. **Argentina, La Segunda Guerra Mundial y Los Refugiados Indeseables- 1933-1945**. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano S.R.L. 1991, p 128-129

116-*"Exemplo da França"*. IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 04.05.1938, p 3.

117- CARNEIRO, M. Luiza Tucci. **Anti-Semitismo Na Era Vargas - Fantasmas de uma geração (1930-1945)**. op. cit.

118- SENKMAN, Leonardo. **Argentina, La Segunda Guerra Mundial y Los Refugiados Indeseables- 1933-1945**. op. cit. p. 126/127

- 119-FÔLHA DA MANHÃ, Recife: 19.03.1938, vespertino p 3; 18.02.1938, matutino, p1; 22.02.1938, vespertino, p 1.
- 120-FÔLHA DA MANHÃ, vespertino, 22.03.1938, p3 e matutino 05.12.1937.
- 121-FÔLHA DA MANHÃ, matutino, 27.11.1937, p 1
- 122- "*Os Indesejáveis*", IN FÔLHA DA MANHÃ, matutino, 27.11.1938, p 3.
- 123-HITLER, Adolf. **Minha Luta**. op. cit. p 49
- 124- RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite - prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 1991, p 249/309.
- 125- MALAMUD, Samuel. **Recordando a Praça Onze**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1988, p 81/84
- 126- LARGMAN, Esther. **Jovens Polacas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1993; SCLIAR, Moacyr. **O Ciclo das Águas**. Porto Alegre: Globo, 1976
- 127- "*Para Sanear o País*", IN FÔLHA DA AMANHÃ, Recife, vespertino, 06.05.1938, p 8
- 128- Idem
- 129-WIEVIORKA, Michel. **El Espacio del racismo**. Buenos Aires: Paidós, 1992, p 89
- 130- "*Para Sanear o País*", IN FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 06.05.1938, p 8; sobre **Cartas de Chamada** ver: CARVALHO, Péricles Mello. **Manual do Estrangeiro -Legislação Brasileira Sobre Estrangeiros**. Rio de Janeiro: S.A. A Noite, 1938
- 131- A NOTA, Rio de Janeiro, 20.01.1938. p 3
- 132-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 03.06.1938, p 3
- 133-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino. 19.04.1938, p 8.
- 134- FÔLHA DA MANHÃ. Recife, matutino, 21.11.1937, p 3.
- 135-CAMPELLO, José. "*Fácil Interpretação dos Caracteres*", IN FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 21.11.1937, p 3
- 136-Apud FONTETE, F. **História do Anti-Semitismo**. op. cit. , p 75
- 137-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 21.11.1937, p 3
- 138- Acerca do mito racista da hereditariedade do caráter, vide: **Raça e Ciência II**. São Paulo: Perspectiva, 1960; SARTRE, Paul. **Reflexões Sobre o Racismo**. São Paulo: Difel, 1978; SAN ROMÁN, Teresa (org.) **Entre la Marginación y el racismo: reflexiones sobre los gitanos**. Madrid: Alianza Universidad, 1986
- 139-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 15.02.1938, p 3.

- 140- Idem
- 141-Apud FONTETE, F. **História do Anti-Semitismo**, op. cit. p 84
- 142-ROCHA, Geraldo. "*Belisha*", IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 28.11.1937, p 3
- 143-A **NOTA**, Rio de Janeiro, 04.10.1936, p 3
- 144-Idem, 04.03.1937, p 3
- 145-CARNEIRO, M. Luiza Tucci. **Preconceito Racial- Portugal e Brasil Colônia**. op. cit.
- 146-A **NOTA**. Rio de Janeiro. 28.10.1936 p 3.
- 147- **FÔLHA DA AMANHÃ**, Recife, vespertino, 18.06.1938, p 6
- 148-Revista **MARIA**, março/abril de 1937. p 33
- 149-Idem.
- 150- Esta expressão era usada constantemente nos jornais, construindo no imaginário popular o medo contra o imigrante judeu.
- 151- CHEVALIER, Yves. **L'Antisémitisme - Le Juif comme Bouc Émissaire**. Paris: Les Éditions du Cerf, 1988
- 152- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, matutino, 07.12.1937, p 3
- 153-BARROSO, Gustavo. **Sinagoga Paulista**. op. cit. p 115
- 154- CORREA, P. "*O Verdadeiro Perigo Comunista*". IN Revista **A ORDEM**, janeiro/1933, p 555
- 155-HITLER, Adof. **Minha Luta**. op. cit. p 26.
- 156-Idem, p 52
- 157-**FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino, 08.04.1938, p 3
- 158-CORREA, P. "*O Verdadeiro Perigo Comunista*". op. cit. , p 556.
- 159- POLIAKOV, Leon. **La Causalité Diabolique**. op. cit.
- 160- CORREA, P. "*O Verdadeiro Perigo Comunista*". op. cit. p 557
- 161- **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, vespertino 03.06.1938, p3.
- 162- Idem.
- 163-Idem, 23.01.1938, p 3

- 164- A NOTA, Rio de Janeiro, 02.01.1937, p 3
- 165-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 04.12.1937, p 1
- 166-GOMES, Angela. **A Invenção do Trabalhismo**. op. cit.
- 167-Esta expressão foi utilizada por Agamenon Magalhães, em seu discurso de posse na Interventoria de Pernambuco. IN **FÔLHA DA MANHÃ**, Recife, Matutino, 04.12.1937, p 1
- 168-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 06.01.1938, p3
- 169-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 04.12.1937, p 1
- 170- Idem
- 171-BARROSO, Gustavo. **Sinagoga Paulista**. op. cit. p 27
- 172-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 22.03.1938.
- 173-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino. 28.05.1938, p 3
- 174-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 23.01.1938, p 3
- 175- A NOTA, Rio de Janeiro, 03.10.1936, p 3
- 176- expressão usada frequentemente, inculcando na população a aversão "*aos vermelhos*" para designar os comunistas.
- 177-A NOTA, Rio de Janeiro, 16.10.1936, p 3
- 178-Sobre esta abordagem do conceito de Autoridade como corpo único entre a massa e o chefe, ver o trabalho de Claude Lefort, "*A Imagem do Corpo e o Totalitarismo*", IN LEFORT, Claude. **A Invenção Democrática**. São Paulo: Brasiliense, 1987
- 179-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino. 04.12.1937, p 1.
- 180-ARENDDT, Hannah. **Origem do Totalitarismo**. op. cit. ,p 375
- 181- Idem
- 182-FÔLHA DA AMANHÃ, Recife, vespertino, 25.02.1938, p 1
- 183- Sobre a visão patrimonial da sociedade brasileira vide: FAORO. **Os Donos do Poder**. Porto Alegre: Globo, 1976; CARVALHO, Jose Murilo. **A Construção da Ordem**. Brasília: UNB, 1981; SCHWARTZMAN, Simon. **São Paulo e o Estado Nacional**. São Paulo: Difel, 1975; **Bases do Autoritarismo Brasileiro**. Brasília: UNB, 1982; ALMEIDA, M. das Graças A. Ataíde. **Guarda Nacional em Pernambuco: a metamorfose de uma instituição**. Recife: 1986. Dissertação ( mestrado em História) Departamento de História. Universidade Federal de Pernambuco
- 184- FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 04.02.1938, p 1
- 185-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 08.12.1937, p3

186- Sobre a temática ver: LEVINE, Robert M. **A Velha Usina- Pernambuco na Federação Brasileira (1889-1937)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; PANDOLFI, Dulce. *"A Trajetória do Norte: uma tentativa de ascenso político"*. IN GOMES, Angela M. de Castro (org). **Regionalismo e Centralização Política**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980; EISENBERG, Peter. **Modernização sem Mudança- a indústria açucareira em Pernambuco (1840-1910)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977; PERRUCCI, Gadiel. **A República das Usinas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978; BRAYNER, Sandra M. Correia. **Açúcar e Poder**. Recife: CONDEPE, 1977

187-ANNAIS DO III CONGRESSO EUCARISTICO NACIONAL. Recife: Imprensa Oficial, 1940, p 35-37

188- CASTORIADIS, Cornelius. **"La institución imaginaria de la sociedad"**. IN COLOMBO, Eduardo. **El Imaginario Social**. Montevideo: Editorial Altamira, 1993, p 43

189- LEFORT, Claude. **A Invenção Democrática- os limites do totalitarismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p 119

190-LENHARO, Alcir. **A Sacralização da Política**. Campinas: Papyrus, 1986

191- FÔLHA DA MANHÃ, Recife: 08.12.1937, matutino, p 3; 18.12.1937, matutino, p 1; 14.12.1937, matutino; 06.03.1938, vespertino, p 8; 18.01.1938, matutino, p 2; 17.03.1938, vespertino, p 1; 09.04.1938, vespertino, p 3.

192-ROCHA, Geraldo. *"O Brasil Novo"*. IN FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 10.12.1937, p 3; ver também artigo do mesmo autor: *"Nosso Super-Homem"*, 08.02.1938, p 3. Sobre o tema vide a abordagem feita por E. Cassirer, *"El Mito del Siglo XX"*. IN CASSIRER, E. **El Mito Del Estado**. op. cit. ; CARLYLE, Thomas. **Los Héroes**. op. cit.

193-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 11.05.1938, p 1

194-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 02.02.1938, p 1

195-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 08.12.1937, p 3

196- FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 02.12.1938, p 2; 13.02.1939, p 2; 15.12.1938, p 2; 16.02.1938, p 2; 17.02.1938 p 2.

197- FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 16.02.1938, p 8.

198- FÔLHA DA MANHÃ , Recife, matutino, 17.02.1938, p 1.

199-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 09.04.1938 p.3 e 8; 06.04.1938, p 8; 11.04.1938, p 8.

200-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 27.11.1937, p 3

201-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 05.12.1937, p 3

202- BARROSO, Gustavo. **Roosevelt, es Judío**. Buenos Aires: La Mazorca, 1938 (Cuadernos Anti-Judíos)

- 203-FÔLHA DA MANHÃ, Recife,matutino, 03.02.1938, p 3
- 204-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 17.06.1938, p 2
- 205- FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 02.02.1938, p 2
- 206- FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 27.09.1938, p 3
- 207-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, matutino, 17.02.1938, p 1
- 208- FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 16.06.1938, p 5
- 209-Revista MARIA, Recife, dezembro/1937, p 254
- 210-"Gobineau ás Avessas". IN FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 20.06.1938, p 3; ver também sobre o mesmo tema: vespertino, 21.06.1938, p 3.
- 211- Sobre estas teorias racistas européias, vide: CARNEIRO, M. Luiza Tucci. **Anti-Semitismo na Era Vargas- Fantasmas de Uma Geração (1930-1945)**. op. cit.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças- Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930)** . op. cit.; SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco - Raça e Nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; POLIAKOW, León. **O Mito Ariano**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- 212- MAGALHÃES, Agamenon. "*Raças*", IN FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 17.06.1938, p 3.
- 213- CABRAL, Padre J. "*Ethnographia Brasilica*", IN CABRAL, Padre J. **Conceitos e Factos**. Petrópolis: Vozes, 1930, p 23-29
- 214- Idem, p 25.
- 215-"Gobineau ás Avessas". IN FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 20.06.1938, p 3.
- 216- Apud SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco- Raça e Nacionalidade no pensamento brasileiro**. op. cit. p 82
- 217- LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a Questão Judaica - imigração, diplomacia e preconceito**. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p 100/101
- 218- NOGUEIRA, Hamilton. "*Educação Eugénica*". IN **A ORDEM**, 1933, p 408-411; ver também TÓTH, Tihamér Mons. **Eugenésia e Catolicismo**. São Paulo: S.C.J. 1945
- 219-CARNEIRO, M. Luiza Tucci. **O Anti-Semitismo Na Era Vargas- Fantasmas de Uma Geração (1930-1945)**. op. cit. p 83/154
- 220- "*Igreja e Estado- catholicismo e fascismo*". IN **A ORDEM**, agosto, 1931, p 65-71
- 221-FÔLHA DA MANHÃ, Recife, vespertino, 20.06.938, p 3; ver também 19.06.1938, p 6.

222-GARCIA, Nelson Jahr. **Sadismo, Sedução e Silêncio: propaganda e controle ideológico no Brasil (1964-1980)**. São Paulo: Loyola, 1990. p 12

## CONCLUSÃO

O governo de Agamenon Magalhães em Pernambuco -1937 a 1945- foi considerado um modelo de interventoria para o resto do país, por estar em sintonia com o ideário estadonovista: a reificação da imprensa como veículo de doutrinação político; o uso da educação como reprodutor ideológico; a transformação do espaço público seguindo parâmetros autoritários e excludentes, apontando para uma eleição dos marginalizados e indesejáveis na cidade do Recife, naquele contexto histórico.

Uma das formas de legitimação daquele governo deu-se através de um pacto entre a Igreja Católica e o Estado, configurado através do uso da educação como inculcador ideológico, construindo um saber que representava a erradicação das ideologias "dissolventes". A relevância deste pacto só pode ser medida através da compreensão do processo de simbiose entre o sagrado e o político, presente na retórica do discurso do Poder, na sacralização das instituições e, no uso do cargo público por intelectuais católicos, como forma de a Igreja inserir seu laicato fiel a serviço dos seus propósitos. Constituíam-se, de fato, o processo pelo qual a ordem simbólica assegura a ordem política, imprescindível ao Estado em momentos de crise ou de perda de hegemonia.

A imprensa, eleita pela Interventoria como veículo qualificado para o doutrinação da sociedade, reificou o papel do jornalista que, naquele contexto, extrapolou a função profissional, metamorfoseado na trilogia político/intelectual/jornalista. Nesta ótica, o grupo de colaboradores do jornal, a **Fôlha da Manhã**, porta-voz da Interventoria, representou em sua maioria, o laicato católico, os intelectuais de Pernambuco e o *staff* político do Estado. O que ressaltamos aqui é o fato desses jornalistas/católicos, intelectuais egressos da Faculdade de Direito de Recife, ao serem cooptados para os cargos políticos do Estado, terem assumido com lealdade e fidelidade as atividades de veiculadores das "visões de mundo" de um governo que

elegeu, como via para garantir seu "exemplo de interventoria", o autoritarismo, a excludência e o racismo: cânones presentes nos modelos nazi-fasci europeus.

Foi possível entender como a Igreja conseguiu tal preeminência em Pernambuco somente a partir da compreensão do processo de reificação da instrumentalidade do papel da elite católica que, cooptada pela Interventoria, pôde ser utilizada para equacionar os medos e os perigos eleitos pelo Estado autoritário como nocivos à sociedade. Neste sentido, este grupo de intelectuais assimilou o ideário autoritário daquela conjuntura, elegendo a cidade do Recife como espaço a ser higienizado e transformado, em que o autoritarismo impunha um controle sobre a população em seus aspectos mais inusitados. Modernidade e progresso foram categorias apontadas como imprescindíveis para a transformação do espaço e do cotidiano urbano de seus moradores.

Buscava-se, através das reportagens e fotografias veiculadas pela imprensa oficial, dar uma identidade cultural à cidade. A fotografia presta-se a isso, pois favorece a manipulação da realidade: omite-se, elimina-se o que não se quer mostrar; daí a imagem oficial. Neste sentido, a verdade autoritária foi construída onde os conceitos de bem e mal se polarizavam, elegendo os sãos e perseguindo os inoculados pelas idéias exóticas importadas.

Foi neste contexto que o imigrante judeu emergiu como o indesejável, impuro, avesso às atividades "sadias", elemento "gangrenado" pelo germen do comunismo. A analogia entre judaísmo e comunismo tornou-se um axioma para a Igreja e o Estado. Assim, ao mesmo tempo em que a Igreja construía o cerne de seu discurso na comunhão e na paz entre os homens presentes à mesa eucarística e considerava blasfêmia o cristão ser anti-semita, elegia o judeu como sinônimo do verdadeiro perigo comunista. Como sempre, usando de um discurso permeado de metáforas, exigia que estes membros "gangrenados" fossem extirpados do corpo são, sem anestésicos nem contemporizações. Esta ambigüidade presente no discurso

anti-semita representou um dos pontos comuns, tanto na retórica empregada pela imprensa religiosa, como pela imprensa laica.

Do discurso jornalístico propagado pela **Fôlha da Manhã** emergiu uma retórica influenciada por temas exaltados pelos regimes fascistas europeus, em que o nacionalismo e o anti-semitismo aparecem explicitamente nas mensagens veiculadas. As idéias importadas dos "modernos" países europeus desempenharam um importante papel na configuração de uma mentalidade autoritária que persistiu durante décadas no Brasil e que, nos momentos de crise econômica e instabilidade política, apontava soluções para o desenvolvimento e o equacionamento dos problemas nacionais.

A **Fôlha da Manhã**, assim como tantos outros periódicos que compõem a imprensa brasileira da Era Vargas, transformou-se em instrumento da reprodução da infâmia sustentada pelo ideário racista, vigente em alguns países europeus. É difícil equacionar ao certo o poder de alcance das matérias que circularam pela imprensa de Pernambuco. Lembramos que, no entanto, a **Fôlha** era lida por, no mínimo quinze mil leitores diários, disseminando a crença de que a exclusão do imigrante judeu livraria o país dos "maus elementos". Esta retórica permitiu que um anti-semitismo virulento apontasse o judeu como o "outro maléfico", diabolizado, alimentando e permeando o imaginário social em Pernambuco.

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

### **1. FONTES**

#### **1.1 - Fontes oficiais - não impressas**

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea- CPDOC- Fundação Getúlio Vargas- Rio de Janeiro. Arquivo Agamenom Magalhães

#### **1.2 - Correspondência particular**

**( Arquivo do CPDOC)**

##### **- CARTAS**

-----de Antenor Novaes, diretor do jornal "A Pátria", para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 21.01.1938, IN **Pasta AGM 38.01.21/1.** CPDOC/FGV.

-----de Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 22.02.1938, IN **Pasta AGM 38.02.22.** CPDOC/FGV.

-----de Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 9.12.1938, IN **Pasta AGM 38.12.09/2.** CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Barbosa Lima Sobrinho, presidente do I.A.A. Recife, 04.03.1939, IN **Pasta AGM 39.03.01/2.** CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Felinto Müller, Secretário de Segurança do Distrito Federal. Recife, 19.01.1938, IN **Pasta AGM 38.01.19/1.** CPDOC/FGV

-----de Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 02.12.1938, IN **Pasta AGM 38.12.02** CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas. Recife, 04.07.1938, IN **Pasta AGM 38.07.04/3.** CPDOC/FGV.

-----de Dioclésio Duarte, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 22.04.1938, IN **Pasta AGM 38.04.22/2.** CPDOC/FGV.

-----de Lourival Fontes, diretor do DIP, para Getúlio Vargas, Presidente do Brasil. México, 06.04.1945, IN **Pasta AGM 45.04.06.** CPDOC/FGV.

-----de Cônego Olympio de Mello, Tribunal de Contas do Distrito Federal, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 07.12.1938, IN **Pasta AGM 38.12.07**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas. Recife, 16.05.1938, IN **Pasta AGM 38.05.09/4**. CPDOC/FGV.

-----de Cônego Olympio de Mello, Tribunal de Contas do Distrito Federal, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 28.01.1938, IN **Pasta AGM 38.01.28/1**. CPDOC/FGV.

-----de Ovídio Gouveia da Cunha, professor do Instituto Catholico de Estudos Superiores (ICES) para Agamenon Magalhães, interventor de Pernambuco. Rio de Janeiro, 19.03.1938, IN **Pasta AGM 38.03.19/4**. CPDOC/FGV.

-----de Heitor Muniz, da Agência Nacional para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 16.04.1938, IN **Pasta AGM 38.04.16/1**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Barbosa Lima Sobrinho, presidente do I.A.A. Recife, 12.12.1938, IN **Pasta AGM 38.12.12/2**. CPDOC/FGV.

-----de Raymundo Moraes, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Belém, 10.04.1938, IN **Pasta AGM 38.04.10/1**. CPDOC/FGV.

-----de Barbosa Lima Sobrinho, presidente do I.A.A., para Agamenon Magalhães, interventor sem Pernambuco. Rio de Janeiro, 30.03.1938, IN **Pasta AGM 38.03.30**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas. Recife, 04.03.1938, IN **Pasta AGM 38.03.04**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Getúlio Vargas, Presidente do Brasil. Recife, 20.04.1938, IN **Pasta AGM 38.04.20/4**. CPDOC/FGV.

-----de Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 15.12.1939, IN **Pasta AGM 39.12.15/2**. CPDOC/FGV.

-----de Oscar Berardo, para Osmar Loureiro, interventor em Alagoas. Rio de Janeiro, 24.06.1938, IN **Pasta AGM 38.06.24**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde. Recife, 14.01.1938, IN **Pasta AGM 38.01.14/3**. CPDOC/FGV.

-----de Nilo Pereira, para Agamenon Magalhães, Ministro da Justiça. Recife, 30.05.1946, IN **Pasta AGM 46.05.30**. CPDOC/FGV.

-----de João Duarte, Agência Nacional, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 16.06.1938, IN **Pasta AGM 38.06.16/2**. CPDOC/FGV.

-----de Carlos Rios, redator chefe do Diário da Manhã, para Carlos de Lima Cavalcanti, proprietário do Diário da Manhã. Recife, 27.06.1938, IN **Pasta AGM 38.06.27/1**. CPDOC/FGV.

-----de Thomaz de Aquino & Cia. LTDA, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Goiana, 14.09.1938, IN **Pasta AGM 38.09.14**. CPDOC/FGV.

-----de França Filho, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 23.02.1938, IN **Pasta AGM 38.02.03**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra. Recife, 09.03.1938, IN **Pasta AGM, 38.03.09/1**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para França Filho. Recife, 29.01.1938, IN **Pasta AGM 38.01.29/1**. CPDOC/FGV.

-----de Arlindo Rodrigues de Souza, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Recife, 21.04.1938, IN **Pasta AGM 38.04.21/1**. CPDOC/FGV.

-----de Antenor Novaes, diretor do jornal **A Pátria**, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 26.05.1938, IN **Pasta AGM 38.05.26/2**. CPDOC/FGV.

-----de Antenor Novaes, diretor do jornal **A Pátria**, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 26.05.1938, IN **Pasta AGM 38.05.26/1**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Arthur de Moura, Secretário do Interior de Pernambuco. Recife, 10.08.1938, IN **Pasta AGM 38.08.10/1**. CPDOC/FGV.

-----de Arthur de Moura, Secretário do Interior de Pernambuco, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Recife, 09.09.1938, IN **Pasta AGM 38.08.09**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Antenor Novaes, diretor do jornal **A Pátria**. Recife, 14.01.1938, IN **Pasta AGM 38.01.14/1**. CPDOC/FGV.

-----de Geraldo Rocha, proprietário do jornal **A Nota**, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, s/d, IN **Pasta AGM 38.00.00/16**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Cordeiro de Farias, interventor do Rio Grande do Sul. Recife, 15.07.1938, IN **Pasta AGM 38.07.15**. CPDOC/FGV.

-----de Assis Chateaubriand, Presidente dos Diários Associados, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 19.07.1938, IN **Pasta AGM 38.07.19**. CPDOC/FGV.

-----de Oscar Berardo, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 18.07.1938, IN **Pasta AGM 38.07.18**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Oscar Berardo. Recife, 13.07.1938, IN **Pasta AGM 38.07.13**. CPDOC/FGV.

-----de Heitor Muniz, Agência Nacional, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 22.04.1938, IN **Pasata AGM 38.04.22/1**. CPDOC/FGV.

-----de Sebastião Vila Nova, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 21.02.1938, IN **Pasta AGM 38.02.211/2**. CPDOC/FGV.

-----de João Duarte, Agência Nacional, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 08.11.1938, IN **Pasta AGM 38.11.08/2**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Heitor Muniz, Agência Nacional. Recife, 29.01.1938, IN **Pasta AGM 38.01.19/2**. CPDOC/FGV.

-----de Olavo, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Fortaleza, 21.05.1938, IN **Pasta AGM 38.05.21**. CPDOC/FGV.

-----de Cônego João Olympio, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Recife, 12.07.1938, IN **Pasta AGM 38.07.12/2**. CPDOC/FGV.

-----de Osório Lopes, diretor do jornal **A União**, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 17.04.1944, IN **Pasta AGM 44.04.17**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Felinto Müller, secretário de Segurança do Distrito Federal. Recife, 14.01.1938, IN **Pasta AGM 38.01.14/2**. CPDOC/FGV.

-----de Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 09.05.1938, IN **Pasta AGM 38.05.09/6**. CPDOC/FGV.

-----de Pedro Rache, diretor do Banco do Brasil, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 27.05.1938, IN **Pasta AGM 38.05.27/3**. CPDOC/FGV.

-----de Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 27.01.1938, IN **Pasta AGM 38.01.27/1**. CPDOC/FGV.

-----de Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Petrópolis, 09.03.1938, IN **Pasta AGM 38.03.19/2**. CPDOC/FGV.

-----de Olegário Mariano, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 19.03.1938, IN **Pasta AGM 38.03.19/3**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas. Recife, 23.03.1938, IN **Pasta AGM 38.03.23**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas. Recife, 09.06.1938, IN **Pasta AGM 38.06.09.** CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Duarte Filho, Agência Nacional. Recife, 11.04.1938, IN **Pasta AGM 38.04.11.** CPDOC/FGV.

-----de Agripino Nazareth, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 10.11.1938, IN **Pasta AGM 38.11.10.** CPDOC/FGV.

-----de Apolônio Sales, Secretário de Agricultura de Pernambuco, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 08.07.1938, IN **Pasta AGM 38.07.08/1.** CPDOC/FGV.

-----de Costa Neto, do Tribunal de Segurança Nacional, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro 10.01.1938, IN **Pasta AGM 38.01.10/2.** CPDOC/FGV.

-----de Geraldo Rocha, proprietário do jornal **A Nota**, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, Rio de Janeiro, 08.01.1938, IN **Pasta AGM 38.01.04/1.** CPDOC/FGV.

-----de Barbosa Lima Sobrinho, Presidente do I.A.A. para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. São Paulo, 06.01.1938, IN **Pasta AGM 38.01.06/2.** CPDOC/FGV.

-----de Antenor Novaes, diretor do jornal **A Pátria**, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 17.06.1938, IN **Pasta AGM 38.06.17.** CPDOC/FGV.

-----de Magalhães Barata, Tenente-Coronel em João Pessoa-Paraíba, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. João Pessoa, 07.03.1938, IN **Pasta AGM 38.03.07/1.** CPDOC/FGV.

-----de Jose de Sá, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 01.06.1938, IN **Pasta AGM 38.06.01/2.** CPDOC/FGV.

-----de Magalhães Barata, Tenente-Coronel em João Pessoa, Paraíba, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. João Pessaoa, 06.02.1938, IN **Pasta AGM 38.02.06.** CPDOC/FGV.

-----de Costa Neto, Tribunal de Segurança Nacional, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 04.07.1938, IN **Pasta AGM 38.07.04/1.** CPDOC/FGV.

-----de Magalhães Barata, tenente-Coronel em João Pessoa, Paraíba, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. João Pessoa, 11.03.1938, IN **Pasta AGM 38.03.11.** CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas. Recife, 23.09.1938, IN **Pasta AGM 38.09.23/1.** CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas. Recife, 10.08.1938 IN **Pasta AGM 38.08.10/2.** CPDOC/FGV.

-----de Geraldo Rocha, proprietário do jornal **A Nota**, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 05.10.1938, IN **Pasta AGM 38.10.05/1.** CPDOC/FGV.

-----de França Filho, proprietário da Confeitaria Colombo, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 01.10.1938, IN **Pasta AGM 38.10.01/1.** CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas. Recife, 14.03.1938, IN **Pasta AGM 38.03.14/3.** CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Geraldo Rocha, proprietário do jornal **A Nota**, 11.10.1938. Recife, 11.10.1938, IN **Pasta AGM 38.10.11/1.** CPDOC/FGV.

-----de Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas, para Agamenon Magalhães, interventor de Pernambuco. Rio de Janeiro, 09.05.1938, IN **Pasta AGM 38.05.09/3.** CPDOC/FGV.

-----de Carlos de Lima Cavalcanti, governador de Pernambuco [1930/1937], para Getúlio Vargas, Presidente do Brasil. Rio de Janeiro, 16.06.1938, IN **Pasta AGM 38.06.16/3.** CPDOC/FGV.

-----de Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 27.06.1938, IN **Pasta AGM 38.06.27/2.** CPDOC/FGV.

-----de Hermes Joven da Silva, membro do Conselho Legislativo e de Economia do Estado, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Recife, 10.08.1938, IN **Pasta AGM 38.08.10/3.** CPDOC/FGV.

-----de Olegário Mariano, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 19.03.1938, IN **Pasta AGM 38.03.19/3.** CPDOC/FGV.

-----de Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Petrópolis, 19.03.1938, IN **Pasta AGM 38.03.19/2.** CPDOC/FGV.

-----de Valdemar Falcão, Ministro do Trabalho, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 21.03.1938, IN **Pasta AGM 38.03.21.** CPDOC/FGV.

-----de Jose Joaquim de Almeida, professor, para Agamenon Magalhães, interventor em pernambuco. Recife, 06.06.1939, IN **Pasta AGM 39.06.06.** CPDOC/FGV.

-----de Pedro Calmon, Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 15.03.1940, IN **Pasta AGM 40.03.15.** CPDOC/FGV.

-----de Nilo Pereira, para Agamenon Magalhães, presidente da Comissão Constitucional e da Subcomissão de Ordem Econômica e Social da Constituinte de 1946. Recife, 16.07.1938, IN **Pasta AGM 46.07.16**. CPDOC/FGV.

-----de Nilo Pereira, para Agamenon Magalhães, presidente da Comissão e da Subcomissão de Ordem Econômica da Cosnstituinte de 1946. Recife, 06.08.1946, IN **Pasta AGM 46.08.06**. CPDOC/FGV.

-----de Apolônio Sales, Secretário de Agricultura, Industria e Comercio de Pernambuco, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Recife, 1938, IN **Pasta AGM 38.00.00/8**. CPDOC/FGV.

-----de Apolônio Sales, Secretário de Agricultura, Industria e Comercio de Pernambuco, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 18.08.1939. IN **Pasta AGM 39.18.08**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interveter em Pernambuco, para Gustavo Capanema, Ministro da Educação e da Saúde. Recife, 05.04.1938, IN **Pasta AGM 39.04.05**.CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas. Recife, 23.03.1938, IN **Pasta AGM 38.03.23**. CPDOC/FGV.

-----de Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 07.03.1938, IN **Pasta AGM 38.03.07/2**.CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas. Recife, 09.06.1938, IN **Pasta AGM 38.06.09**. CPDOC/FGV.

-----de Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 27.12.1937, IN **Pasta AGM 37.12.27/1**. CPDOC/FGV.

-----de Olimpio de Magalhães, para Agamenon Magalhães, Ministro das Pastas da Justiça e do Trabalho. Recife, 28.04.1938, in **Pasta AGM 37.04.28**. CPDOC/FGV.

-----de Joel Presidio, DIP, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 06.03.1944, IN **Pasta AGM 44.03.06**. CPDOC/FGV.

-----de Geraldo Rocha, proprietário do jornal A Nota, para Agamenon Magalhães, intervendtor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 08.11.1938, IN **Pasta AGM 38.08.11**.CPDOC/FGV.

-----de Alceu Amoroso Lima, diretor da A Ordem, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, julho de 1938, IN **Pasta AGM 38.07.00/1**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas. Recife, 12.02.1938, IN **Pasta AGM 40.02.12**. CPDOC/FGV.

-----de Arruda Câmara, para Carlos de Lima Cavalcanti, governador de Pernambuco. Recife, 11.05.1937, IN **Pasta AGM 37.05.11**. CPDOC/FGV.

-----de Barbosa Lima, Presidente do I.A.A. para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 01.03.1939, IN **Pasta AGM 39.03.01/2**. CPDOC/FGV.

-----de Epitácio Pessoa, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 15.04.1939, IN **Pasata AGM 39.04.15**. CPDOC/FGV.

-----de Luis Vergara, secretário de Getúlio Vargas, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 08.02.1940, IN **Pasta AGM 40.02.08**. CPDOC/FGV.

-----de Joel Presídio, do DIP, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 01.03.1944, IN **Pasta AGM 44.03.01**. CPDOC/FGV.

-----de Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco para Gustavo Capanema, Ministro da Educação e da Saúde. Recife, 05.04.1939 IN **Pasta AGM 39.04.05**. CPDOC/FGV

## TELEGRAMAS

-----de Assis Chateaubriand, presidente dos Diários Associados para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 17.04.1938. IN **Pasta AGM 38.04.17**, CPDOC/FGV

-----de Heitor Muniz da Agência Nacional, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 24.03.1938. IN **Pasta AGM 38.03.24**. CPDOC/FGV

-----de Getulio Vargas, Presidente do Brasil, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 25.04.1938. IN **Pasta AGM 38.04.25**. CPDOC/FGV

-----de Alzira Vargas, filha de Getúlio Vargas, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 04.01.1938. IN **Pasta AGM 38.01.04/3**. CPDOC/FGV.

-----de Luiz Vergara, secretário de Getúlio Vargas, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 06.06.1938. IN **Pasta AGM 38.06.06**. CPDOC/FGV

-----de Heitor Muniz, da Agência Nacional, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 04.06.1938. IN **Pasta AGM 30.06.04/1** CPDOC/FGV

-----de Luiz Vergara, secretário de Getúlio Vargas, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 05.11.1938. IN **Pasta AGM 38.05.11/1** CPDOC/FGV

-----de Heitor Muniz, da Agência Nacional, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, s/d. IN **Pasta AGM 38.00.00/2**. CPDOC/FGV

-----de Assis Chateaubriand, presidente dos Diários Associados, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, 20.04.1938. IN **Pasta AGM 38.04.20/1. CPDOC/FGV**

-----de Licurgo Costa, DNP, para Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco. Rio de Janeiro, s/d. IN **Pasta AGM 38.00.00/9 CPDOC/FGV**

-----de Heitor Muniz, da Agência Nacional, para Arthur Moura, secretário do Interdiócesis de Pernambuco. Rio de Janeiro, s/d. IN **Pasta AGM 38/45.00.00/7 CPDOC/FGV**

-----Neemias Gueiros, professor da Faculdade de Direito do Recife, para Agamenon Magalhães, Ministro do Trabalho. Recife, 13.11.1937. IN **Pasta AGM 37.11.13/2 CPDOC/FGV**

-----Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco, para Luiz Vergara, secretário de Getúlio Vargas. Recife, agosto/1944. IN **Pasta AGM 44. 08.00/1 CPDOC/FGV**

## **1.2. Periódicos**

### **1.2.1. jornais**

**FÔLHA DA MANHÃ**- Recife, 1937-1945- Arquivo Público Estadual de Pernambuco-Jordão Emerenciano.

**A GAZETA**- Recife- Biblioteca da Cúria Metropolitana de Olinda e Recife.

**A TRIBUNA**. Recife - Biblioteca da Cúria Metropolitana de Olinda e Recife.

### **1.2.2. Revistas**

**BOLETIM DA CRUZADA DE EDUCADORAS CATÓLICAS**. Recife- Biblioteca da Cúria Metropolitana de Olinda e Recife. 1937-1945

**ARQUIVO DA CONGREGAÇÃO MARIANA**. 3 v. - Recife-Biblioteca da Arquidiocese da Cúria Metropolitana de Olinda e Recife.

**A ACÇÃO CATÓLICA**. Rio de Janeiro- Arquivo da Cúria Metropolitana de Olinda e Recife.

**BOLETIM MENSAL DA ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE**. Recife- Biblioteca da Arquidiocese de Olinda e Recife. 1937-1945

**A ORDEM**. Rio de Janeiro- Biblioteca da Arquidiocese da Cúria Metropolitana de Olinda e Recife e Biblioteca do Mosteiro de São Bento( Olinda) 1930-1945

**ATUALIDADES**. Recife- Biblioteca da Arquidiocese da Cúria Metropolitana de Olinda e Recife.

**MARIA.** Recife - Biblioteca dos Jesuítas - Univeridade Católica de Pernambuco. 1930-1939

**MENSAGEIRO DO CORAÇÃO DE JESUS.** Recife- Biblioteca da Arquidiocese de Olinda e Recife.1930-1945

**REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA.** Rio de Janeiro- Biblioteca da Arquidiocese da Cúria Metropolitana de Olinda e Recife.1930-1945

**ESTRELA DO MAR.** Rio de Janeiro - Biblioteca da Arquidiocese de Olinda e Recife. 1930-1945

### 1.3. Encíclicas e Cartas Pastorais

#### 1.3.1. Enciclicas

**LEÃO XIII- Sobre a Condição dos operários.**[ rerum novarum] 1891. São Paulo: Paulinas, 1965

----- **Sobre a democracia cristã.** [ graves de communi]. 1901. Petropolis: Vozes, 1965.

----- **Sobre a Imprensa** [ excertos] 1883. Petropolis: Vozes, 1959

**PIO IX- Sobre os erros modernos do naturalismo e do liberalismo.** 1864. Petropolis: Vozes, 1956.

**PIO X- Sobre as relações entre Igreja e o Estado.** [ Vehementer Nos] 1906. Petropolis: Vozes, 1956.

**PIO XI- Sobre a situação religiosa na Alemanha e no Mexico.** [ Firmissimam Constantiam]. Petropolis: Vozes, 1937.

----- **Sobre os espectaculos cinematographicos.**Petropolis: Vozes,1959

----- **Sobre a necessidade e os caracteres da Ação Católica.**[ Non Abbiamo bisogno] Petropolis: Vozes, 1959

----- **Sobre a Ação Católica** [ Quamvis Nostra]. Petropolis: Vozes, 1960.

----- **Sobre a Ação Católica** [ con singular complacencia] 1931. Petropolis: Vozes, 1959.

----- **Sobre a Ação Católica** [ Cartas Ex. officiosis e Quae Nobis] 1933. Petrópoilis: Vozes, 1956.

-----**Sobre o comunismo ateu** [Divini redemptoris], 1937. Rio de Janeiro: Ed. ABC. 1937.

-----**Ubi Arcano Dei-** 1922. Petropolis: Vozes, 1957.

----- **Sobre a restauração e o aperfeiçoamento da ordem social.** [quadragésimo ano]. Petropolis: Vozes, 1956.

----- **Sobre a educação cristã da juventude.** [Divinni Illius Magistri]. Petropolis: Vozes, 1962.

----- **Sobre a situação religiosa no Mexico.** 1937. Petropolis: 1956.

**PIO XII- Sobre o apostolado do homem católico.** [ sommamente gradito]1942. Petropolis: Vozes, 1962.

----- **Sobre as Congregações Marianas,** 1945. Petropolis: Vozes, 1959

----- **Sobre a paz na vida social** [ radiomensagem do Natal de 1942] Petropolis: Vozes, 1962

----- **Sobre os pressupostos de uma nova ordem.** [ mensagem do natal de 1940]. Petropolis: Vozes, 1957

----- **Sobre a educação da infância.** [ alocução Davanti a questa] 1941. Petropolis: Vozes, 1958.

### **1.3.2. Cartas Pastorais.**

**BECKER, D. João** [ arcebispo de Porto-Alegre] **O laicismo e o Estado Moderno.** Porto Alegre, Centro da Boa Imprensa, 1931.

**LEME, D. Sebastião de Cintra.** [ legado pontificio] 1937. Petropolis: Vozes, 1956

----- **Carta Pastoral a Olinda** [ arcebispo de Olinda e Recife] 1916. Petropolis: Vozes, 1916.

----- **Carta ao Congresso Eucarístico Nacional Brasileiro de Belo Horizonte.** [ legado pontificio]1935. Petropolis: 1956

**VALVERDE, D. Miguel.** **Quaresma de 1936.**[ Arcebispo de Olinda e Recife] Recife: Arquidiocese de Olinda e recife, 1936.

**VILLAS- BOAS, D. Mario.** **Da Ação Católica.** [ bispo de Garanhuns] 1938.

### **1.4- FONTES IMPRESSAS**

**ALBUQUERQUE, T. d'. Integralismo, nazismo e fascismo: estudos comparativos dos tres regimes.** Rio de Janeiro: 1937.

**ALMEIDA, Lacerda.** **A Igreja e o Estado.** Rio de Janeiro: typ. Revista dos Tribunaes, 1924

- ALMEIDA, Miguel Ozorio. **A Vulgarização do Saber**. Rio de Janeiro: Ariel, 1931
- ALVES, Cônego Pereira. **Discursos e Conferências**. Recife: Imprensa Industrial, 1917.
- AMARAL, Azevedo. **Estado autoritário e a realidade nacional**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1938.
- AUGUSTO, Celestino. **Ação Católica nas Escolas**. São Paulo: Francisco Alves, 1937
- ANNAIS DO I CONGRESSO EUCHARISTICO NACIONAL BRASILEIRO**.  
Bahia: 1933
- ANNAIS DO III CONGRESSO EUCARISTICO NACIONAL**. Recife: Imprensa oficial, 1940
- ANDRADE, Geraldo. **O dever do Estado relativamente á assistência aos mais capazes**. Recife: s/editora, 1932
- ANISPO, Monsenhor Pedro. **A Philosophia Thomista e Agnosticismo**. Parahiba: Imprensa Oficial, 1929.
- ANGELO, Bruculeri. **O Estado e o Indivíduo**. Portugal: Agir. 1948
- ATHAIDE, Tristão: **Preparação à sociologia**. Rio de Janeiro: Getulio Costa, s/d
- , **Pela reforma social**. Belo Horizonte: Spinola e Fusco, 1932.
- , **Debates Pedagogicos**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931
- AZEVEDO, Nelson Cunha. **A psicologia da aprendizagem como base para a renovação escolar**. São Paulo: Gráfica Cruzeiro do Sul, 1936.
- AZEVEDO, Nelson. **A psicologia da aprendizagem como base da renovação escolar**. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1936
- AZEVEDO, Fernando de. **As Universidades no Mundo do Futuro**. Rio de Janeiro: C.E.B. 1944
- BECKER, D. João. **O Comunismo Russo e a Civilização christã**. Porto Alegre: Livraria Globo, s/d.
- BARROSO, Gustavo. **A Sinagoga Paulista**. Rio de Janeiro: ABC, s/d
- , **Do Nacionalismo na Hora Presente**. Rio de Janeiro: Livraria Catholica, s/d
- , **Brasil, Colônia de Banqueiros**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1935.
- , **A História Secreta do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1937.
- , **Integralismo e Catolicismo**. Rio de Janeiro: ABC, 1937
- , **O que o Integralista deve saber**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1935.

- **O integralismo em Marcha.** Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.
- **Comunismo, Cristianismo e Corporativismo.** Rio de Janeiro: A BC, 1938.
- BARATA, Julio. **O Espirito da nova Constituição.** Rio de Janeiro: 1938.
- BACKHEUSER, Everardo. **O Professor.** Rio de Janeiro: Agir . 1946.
- **Ensaio de Biotipologia Educacional.** Porto Alegre: Globo, 1941
- **Tecnica da pedagogia moderna ( teoria e prática da Escola Nova).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934
- BECKER, João. **A Religião e a Pátria em Face das Ideologias Modernas.** Porto Alegre: Typografia do Centro S/A, 1939
- BENSON. Roberto H. **Paradoxos do Catolicismo.** Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1940.
- BELLO, Ruy de A. **Filosofia Pedagogica.** Porto Alegre: Globo. s/d
- BITTENCOURT, Pinheiro F. **Compendio de Pedagogia Escolar.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1908
- BOMFIM, Manoel. **O Brazil na História.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.
- **A América Latina.** Rio de Janeiro: A Noite, 1905
- BOING, Guilherme. **O Educador Católico.** Rio de Janeiro: ABC, s/d
- BRANDÃO, ASCÂNIO. **Idéias e Fatos.** São Paulo: Taubaté, 1942.
- BRITTO, Lemos. **A Nova Constituição Brasileira-1934.** Rio de Janeiro: Livraria Jacinto, s/d.
- CABRAL, J. **A questão judaica.** Porto Alegre: Globo, 1937.
- **Ação Social da Igreja: fatos e documentos.** Petrópolis: Vozes, s/d
- **Conceitos e Fatos.** Petrópolis: Vozes, 1930
- CAVALCANTI, Pedro. **Contribuição ao estudo do estado mental dos mediuns.** Recife: ofic. gráficas. Gazeta de Limoeiro, 1934.
- **Investigações sobre as religiões no Recife- uma seita panteísta.** In Arquivo da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, Recife: ano III, n. I, abril, 1933.
- CARNEIRO, Fernando. **Catolicismo, Revolução e Reação.** Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- CARVALHA, Mons. João B. **O Clero Solidário com o povo em 32.** São Paulo: Instituto de História, Geografia de São Paulo, s/d.

- CAMPELO, Barreto. **Pela unidade politica do Brasil.** Rio de Janeiro: Tupy, s/d.
- **Pelo Catholicismo e pela Unidade Politica do Brasil.** Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1934.
- CAMARA, Pe. Arruda. **Na Tribuna e no Púlpito.** Rio de Janeiro: Oficinas Graphics do Jornal do Commercio, s/d.
- **Discurso na Constituinte e na Camara- 1933-1935.** Recife: Imprensa Oficial, s/d
- **Os Ultimos Dias de Pompéa... - O Governo do Sr. Carlos de Lima.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1937
- CARTIER, Horacio. **Politica Sanitaria.** Rio de Janeiro: DIP, 1941
- CASASANTA, Mario. **Dom Bosco Educador.** Niteroi: Salesianas, 1934
- CASTRO, Nery. **Progama de Acção Católica.** Rio de Janeiro: ABC. s/d
- CARRAZZONI, André. **Getulio Vargas.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1939
- CELESTINO, Augusto. **Em defesa da Acção Católica nas escolas.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, s/d.
- CENTRO DOM VITAL DE SÃO PAULO. **Algumas Sugestões ao Plano Nacional de Educação.** São Paulo: Revista dos Tribunaes, 1936
- CEPPI, P. Americo. **História do Povo de Israel.** Rio de Janeiro: Vozes, 1946.
- CHARMOT, François, S.J. **A Estrada Real da Inteligência.** Porto Alegre: Globo, 1931
- COSTA, P. J.B. Portocarrero. **Ação Católica: conceito, programa e organização.** Rio de Janeiro: Ed. ABC, 1937.
- CRUZ, Luiz Santa. **Tristão de Ataíde: seu itinerário de conversão.** Rio de Janeiro: Stella, 1943.
- D'AGUIAR, Armando. **Oliveira Salazar: o homem e o ditador.** São Paulo: Companhia Editora Nacional; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934
- D'AVILA, Antonio. **As modernas directrizes da didactica.** São Paulo: Typ. Ideal, 1935
- DEGREFF, Walter. **Manifestos judios.** Buenos Aires: Francisco A. Colombo, 1937
- D'OLIVEIRA, Antonio Corrêa. **Pátria Nossa: Pátria Vossa- Saüdação ao Brasil.** Rio de Janeiro: Edição Brasilusa, 1937
- DOMINGUES, Octavio. **A Hereditariedade em Face da Educação.** São Paulo: Melhoramentos, s/d
- DORIA, Sampaio. **Educação.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933

- Educação Moral.** São Paulo: Melhoramentos, 1928
- FITZPATRICK, Edw. A. & MAYER, Mary Helen. **Filosofia da Educação de Sto. Tomas de Aquino.** São Paulo: Odeon, 1935
- FRANCA, Leonel. **Ensino religioso e ensino leigo.** Rio de Janeiro: Scmidt, 1931.
- O Método Pedagógico dos Jesuitas.** São Paulo: Agir, 1952
- FERENZY, O. de. **Os judeus e nós os cristão.** São Paulo: Nacional, 1939.
- FORD, Henry. **O judeu internacional.** Porto Alegre: Globo, 1933.
- GASPARINI, Savino. **Palestras de Higiene na Radio Tupi.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945
- JARDIM, Renato. **Escola Nova, Collectivismo e Individualismo.** Rio de Janeiro: Liv. Globo, 1936.
- KILPATRIK, W.H. **Educação para uma civilização em mudança.** São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- LACOMBE, Laura Jacobina. **Moral cristã e educação.** Rio de Janeiro: ABC, s/d.
- , **A Escola e a Vida.** São Paulo: Taubaté, 1942.
- Três Congressos de Educação: Veneza, Florença, Poitiers.** Rio de Janeiro: A.E.C.
- LEÔNCIO, Carlos pe. **Pedagogia- o educando e sua educação.** São Paulo: Salesiana Ed., 1938.
- **Religião e Pedagogia.** Recife: s/editora, 1932
- **Fundamentos de uma educação integral.** Petrópolis: Vozes, 1949
- LEÃO, A. Carneiro. **Os Deveres das Novas Gerações Brasileiras.** Rio de Janeiro: Sociedade Editora de Propaganda dos Paizes Americanos, 1924
- LIMA, Alceu Amoroso. **Elementos de Ação Católica.** Rio de Janeiro: ABC, 1938
- **Pela União Nacional.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1942.
- , **Meditações sobre o mundo moderno.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1942
- **Pela cristianização da idade nova.** Rio de Janeiro: Agir, s/d.
- **A Igreja e o Novo Mundo.** Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1943
- LOURENÇO FILHO. **A Pedagogia de Rui Barbosa.** Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1956.
- Tendencias da educação brasileira.** São Paulo: Melhoramentos, 1940

----- **Educação Moral**. São Paulo, Melhoramentos, 1928

LOPES, Osorio. **O Problema Judaico**. Petropolis: Vozes, 1942.

MANOILESCO, Mihail. **O Século do Corporativismo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938

MARITAIN, J. **Humanismo Integral - uma visão nova da ordem cristã**. São Paulo: Nacional, 1942

----- **Rumos da Educação**. Rio de Janeiro: Agir, 1947

MAGALHÃES, Agamemnon. **O Estado e a Realidade Contemporanea**. Recife: Oficinas Graficas do "Diario da Manhã" S/A, 1933

----- **O Nordeste Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Industria e Comercio, 1936

MAGALHÃES, Basílio de. **Compêndios de "Historia do Brasil"**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1945

MARCY, G. Robinot. **Os católicos e questão social**. Rio de Janeiro: ABC, 1936.

MARTINS, Mons. Vicente. **A Família, o Divorcio e a Eugenia**. Petrópolis: Vozes, 1940

MELLA, João Vasquez. **Filosofia da Eucaristia**. Recife: Imprensa Commercial, 1939

MOURA, Abner. **Os centros de interesses na Escola**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1931

PASCUCCI, Francisco Mons. **Doutrina Cristã**. Rio de Janeiro: ABC, 1937

PINTO, Estevão. **A escola e a formação da mentalidade popular no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1932

PLUS, Raul. S. **Eucaristia**. Petropolis: Vozes, 1944.

PIERSON, Donald. **Branco e pretos na Bahia**. Rio de Janeiro: Nacional, 1945.

PONCINS, L.de. **As forças secretas da revolução- maçonaria e judaismo**. Porto Alegre: Globo, 1931.

**POR QUE SER ANTI-SEMITA ?** Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1933.

**PROGRAMA DE ENSINO( para o colégio Pedro II, Instituto de Educação e demais estabelecimentos de ensino secundário)**. Rio de Janeiro: Jacintho, 1934

**PROTOCOLOS DOS SABIOS DE SIÃO**. Rio de Janeiro: Minerva, 1936.

PERNAMBUCO, Estado de. **Regulamento da Educação Normal**. Recife: Imprensa Oficial, 1930

----- **Discursos Oficiais- comemoração do cincoentenário da abolição.** Recife: Imprensa Oficial, 1938

OLIVEIRA, Plínio. **Em defesa da Ação Católica.** São Paulo: Ave Maria, 1943

OLIVEIRA, C.A.Barbosa. **Educação e Imprensa.** Rio de Janeiro: Rodrigues & Cia, 1942

OLIVEIRA, Ramos de. **A Ilusão Maçonica.** Rio de Janeiro: Getulio Costa, 1943

ORICO, Oswaldo. **O Melhor Meio de Disseminar o Ensino Primario no Brasil.** Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1928

ORTIZ, Carlos P. **Acção Catholica e Jocismo.** Rio de Janeiro: S.C.J. 1937

OTTONI, Pio Benedicto. **A Alma da Pátria.** Niteroi: Salesianas, 1932

REALE, Miguel. **O estado Moderno: liberalismo, fascismo, integralismo.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1934.

----- **O capitalismo internacional.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1936.

----- **A B C do integraliasmo.** Rio de Janeiro: jose Olympio, 1936

----- **Formação da politica burguesa.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1934

RESENDE, Manoel Marcondes. **Do absolutismo pedagógico em face do estado moderno.** São Paulo: Centro D. Vital, 1933.

ROHDEN, P. Huberto. **O Decreto do Ensino Religioso: ligeiras reflexões sôbre o aspecto histórico, juridico, social e pedagógico da questão.** Porto Alegre: Globo, 1932

RAIZMAN, Isaac. **Historia dos israelitas no Brasil- desde o descobrimento até o fim do dominio hollandez.** São Paulo: Buch-Pressse, 1937

ROCHA, Geraldo. **Fim de uma civilização.** Rio de Janeiro: O. Cortes & Botelho C., 1935

ROMERO, Silvio. **O Allemanismo no sul do Brasil.** Rio de Janeiro: Typ. Heitor Ribeiro & Cia. 1906.

SALIM, Cônego Emilio Jose. **Ciência e Religião.** São Paulo: Escolas profissionais Salesianas, 1941.

SERRANO, Jonnathas. **Escola Nova - Uma palavra serena em um debate apaixonado.** Rio de Janeiro: Schhmidt, 1932.

----- **História da Filosofia. O pensamento filosofico astravés dos séculos.** Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1944

-----& VENANCIO FILHO, F. **Cinema e Educação.** São Paulo: Melhoramentos, 1930

SALGADO, Plinio. **O que o integralista deve saber.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

----- **Espirito da Burguesia.** Rio de Janeiro: Liv. Classica Brasileira, 1951.

----- **O que é integralismo.** Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

SANTINI, P. Cândido. **Curso de Acção Católica.** Petrópolis: Vozes, s/d

SOARES, Jose Carlos de Macedo. **Discursos- rumos da diplomacia brasileira.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1937

SURBLED, Georges. **A Moral - nas suas relações com a Medicina e a Higiene.** Porto: Educação Nacional, 1940

TAUZIN, Frei Sebastien. **Bergsom e São Tomaz- O conflito entre a instituição e a inteligência.** Rio de Janeiro: Desclée, de Brouwer, 1943.

TIMASHEFF, N.S. **A Religião na Russia Soviética (1917-1943).** Rio de Janeiro: Stella, 1943

TÓTH, Tihamér. **Eugenésia e Catolicismo.** São Paulo: S.C.J. 1945

VASCONCELOS, João. **Manoel Lubambo.** Recife: Tradição, 1944

VIEIRA, Arlindo P. **A Decadência do Ensino no Brasil - suas causas e remedios.** Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia. 1935

-----**Subsidios para a Reforma do Ensino Primário.** Rio de Janeiro: ABC, 1937

VILHENA, Moraes. **Momentos Eucharisticos na História Brasileira.** Petropolis: Vozes, 1936.

VIEIRA, Arlindo P. **A Decadência do Ensino no Brasil - suas causas e remedios.** Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia. 1935

VILHENA, Moraes. **Momentos Eucharisticos na História Brasileira.** Petropolis: Vozes, 1936.

VIANNA, Oliveira. **Raça e Assimilação.** São Paulo: Nacional, 1932

## 2. BIBLIOGRAFIA

### Obras Gerais e Específicas

ALONSO, Lima Magali. **Formas arquiteturas e esportivas no Estado Novo (1937-1945): suas implicações na plástica de corpos e espíritos.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1979.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA. **História da Aco.** Rio de Janeiro: 1987

ADORNO, Sérgio. **Os Aprendizes do Poder.** São Paulo: Paz e Terra, 1988

ACKERMAN e JAHODA, Nathan W., Marie. **Distúrbios emocionais e anti-semitismo.** São Paulo: Perspectiva, 1969.

ANDRADE, Manoel Correia de. **Poder Político e Produção do Espaço.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Massangana, 1984

ARAÚJO, M. Rosa Barbosa. **A Vocação do Prazer - A Cidade e a Família no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993

-----**O batismo do trabalho- a experiência de Lindolfo Collor.**Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1981

ARAUJO, Ricardo Benzaquem de. **Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plinio Salgado.** Rio de Janeiro: Zahar, 1988

-----**Os mercadores do mal: os judeus na obra de Gustavo Barroso.** Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1979

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana.** Rio de Janeiro: Forense, 1989

-----**Origens do totalitarismo: Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989

-----**Entre o passado e o presente.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988

-----**Homens em tempos sombrios.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989

-----**Da Revolução.** Brasília: UNB, 1962

-----**Sur L'antisémitisme.** Paris: Calmann-Lévy, 1973

-----**A Dignidade da Política.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda Negra Medo Branco.** São Paulo: Paz e Terra, 1987

- BACZKO, Bronislaw. **Les imaginaires sociaux. Mémoire et espoirs collectifs.** Paris: Payot, 1984
- BANDEIRA, Moniz. **O Milagre Alemão e o Desenvolvimento do Brasil: as relações da Alemanha com o Brasil e a América Latina (1949-1994).** São Paulo: Ensaio, 1994
- BALANDIER, G. **O poder em Cena.** Brasília: UNB, 1982
- BARBOSA, Livia. **O Jeitinho Brasileiro-** Rio de Janeiro: Campus, 1992
- BARON, Salo W. **História e Historiografia.** São Paulo: Perspectiva, 1974
- BOSCHI, Renato R. **Corporativismo e Desigualdade.** Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991
- BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira.** São Paulo: Ática, 1992
- (org). **Cultura brasileira: temas e situações.** São Paulo: Atica, 1987
- **Dialética da colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: EDUSP, 1987
- **Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias.** Petrópolis, Vozes, 1986
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1987
- **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989
- BOURDIEU e PASSERON, Pierre e Jean-Claude. **A reprodução- elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990
- BRESCIANI, Stella (org). **Imagens da cidade. séculos XIX e XX.** São Paulo: Marco Zero/ANPUH/FAFESP, 1994
- **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza.** São Paulo: Brasiliense, 1992
- BENJAMIN, Walter. **Documentos de Cultura: documentos de barbarie: escritos escolhidos.** São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1986
- BETTELHEIM, Bruno. **Sobrevivência.** Porto Alegre: 1989
- CAMARGO, Aspásia. **Golpe Silencioso.** Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora S/A, 1989
- **O Nordeste e a Política.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
- CANDIDO, Antonio. **Recortes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993
- CANETTI, Elias. **A Consciência das Palavras.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- **Massa e Poder.** Brasília: UNB, 1983
- CARONE, Edgard. **Revolução do Brasil Contemporâneo.** São Paulo: Difel, 1975
- **A segunda república (1930-1937)** São Paulo: Difel, 1973

- **Brasil anos de crise. 1930-1945.** São Paulo: Ática, 1991
- **A república Nova.** São Paulo: Difusão européia do Livro, 1974
- CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo- imprensa paulista -1920-1945.** São Paulo: Brasiliense, 1989
- , e PRADO, M.L. **O Bravo Matutino: Imprensa e Ideologia. O jornal O Estado de São Paulo.** São Paulo: Alfa-Omega, 1980
- CARVALHO, Jose Murilo de. **A Formação das Almas.** São Paulo, Companhia das Letras, 1990
- **Os Bestializados.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Preconceito Racial- Portugal e Brasil Colônia.** São Paulo: Brasiliense, 1988
- , **O Anti-Semitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração: 1930-1945.** São Paulo: Brasiliense, 1988
- , **O racismo na história do Brasil.** São Paulo: Ática, 1994
- , **"O Mito da conspiração judaica no Brasil", IN AMERICA 92.** São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. (no prelo)
- **O Racismo na História do Brasil- Mito e Realidade.** São Paulo: Ática, 1994
- CASTELLS, Manuel. **La ciudad y las masas.** Madri: Alianza Editorial, 1986
- CASSIRER, Ernst. **EL Mito Del Estado.** México: Fundo de Cultura, 1987
- Linguagem e mito.**São Paulo: Perspectiva,1972
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982
- CAVALCANTI, Paulo. **A Luta Clandestina- o caso eu conto como o caso foi.** Recife: Guararapes, 4º v. , 1985
- Mémoires Políticas- o caso eu conto como o caso foi.** Recife: Guararapes, 2º v., 1980
- CHACON, Vamireh. **Estado e Povo no Brasil- as experiências do Estado Novo e da democracia populista: 1937-1964.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1977
- CHALHOUB, S. **Trabalho, lar e botequim.** São Paulo: Brasiliense, 1986
- CHAUÍ, Marilena. **O Que é Ideologia.** São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984
- **Conformismo e Resistência.** São Paulo: Brasiliense, 1989
- **Ideologia e Mobilização popular.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978
- CHEVALIER, Yves. **L'Antisemitisme.** Paris: Les Éditions du Cerf, 1988

- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Atica, 1991
- CHERESKI, Isidoro, CHONCHOL, Jacques (org). **Crise e transformação dos regimes autoritários**. São Paulo: Icone; Campinas: UNICAMP, 1986
- COHN, Gabriel. **Crítica e Resignação**. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, 1979
- COHN, N. **El Mito de la conspiracion judia mundial**. Madri: Alianza Editorial, 1983
- COLOMBO, Eduardo et all. **El imaginario social**. Montevideo: Editorial Altamira, 1993
- CUNHA, C. da. **Educação e autoritarismo no Estado Novo**. São Paulo: Cortez, 1981
- CURY, C.R.J. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais**. São Paulo: Cortez, 1984
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990
- **O Que Faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1991
- **A Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993
- DARNTON, Robert. **Edição e Sedição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- DE DECCA, Maria Auxiliadoara Guzzo. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo- 1920-1934**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- DEBERT, Guita Grin. **Ideologia e Populismo**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979
- DELGADO, Luiz. **Carlos de Lima Cavalcanti- um "grande" de Pernambuco**. Recife: Cia. Ed. de Pernambuco(CEPE), 1975
- DULLES, J. Foster. **Anarquistas e comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973
- **O comunismo no Brasil: 1935-1945**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
- **A Faculdade de direito de São Paulo e a resistência anti-Vargas. 1938-1945**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: EDUSP, 1984
- DURAND, Jose Carlos Garcia. **Educação e hegemonia de classe**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1990
- e BONAZZI, Mariza. **Mentiras que parecem verdades**. São Paulo: Summus, 1980
- ELIADA, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972
- FAORO, R. **Os Donos do Poder**. Porto Alegre: Globo, 1976
- FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e Conflito Social**. São Paulo, Difel, 1983
- FERRO, Marc. **A Historia Viglada**. São Paulo: Martins Fontes, 1989
- **Como se cuenta la historia a los niños en el mundo entero**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1990

- FERREIRA, Nilda Teves. **Cidadania: uma questão para a educação.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia.** São Paulo: Ática, 1990
- FLANNERY, E. **A angústia dos judeus: história do Anti-semitismo.** São Paulo: IBRASA, 1965
- FREITAG, Barbara. **O livro didático em questão.** São Paulo: Cortez, 1989
- **Escola, estado e sociedade.** São Paulo: EDART, 1978
- FRANCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa.** São Paulo: Perspectiva, 1982
- FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho.** Rio de Janeiro, Record, 1987
- FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social.** Barcelona: Gustavo Gili, 1976
- FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber.** Rio de Janeiro: Forense, 1980
- FIGUEIREDO, Eurico de Lima. **Os militares e a revolução de 30.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1985
- **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Vozes, 1991
- FONTETE, F. **O Racismo.** Lisboa: Bertrand, 1976
- GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação.** São Paulo: Cortez, 1986
- GAMBINI, R. **O duplo jogo de Getulio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo.** São Paulo: Símbolo, 1977
- GARCIA, Nelson J. **Estado Novo: ideologia e propaganda. A legitimação do estado autoritário perante as classes subalternas.** São Paulo: Loyola, 1982
- **Sadismo, Sedução e Silêncio. propaganda e controle ideológico no Brasil-1964-1980.** São Paulo: Loyola, 1990
- GENTILE, Emilio & DE FELICE, Renzo. **A Itália de Mussolini e a origem do fascismo.** São Paulo: Ícone, 1988
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- GIROUX, Henry. **Escola Crítica e Política Cultural.** São Paulo: Cortez, 1988
- GOMES, Angela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo.** São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988
- **Burguesia e Trabalho.** Rio de Janeiro: Campus, 1979
- et all. **Regionalismo e Centralização Política.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980
- GOMES, Cândido Alberto. **A educação em perspectiva sociológica.** São Paulo: EPU, 1989
- GÓES, CAMARGO, Waldir e Aspásia. **O Drama da Sucessão.** São Paulo, Nova Fronteira, 1984

- GOFMAN, E. **Estigma: Notas sôbre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Rio de Janeiro, Zahar, 1982
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e Obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910.** São Paulo, Companhia das Letras, 1992
- GUIMARÃES, A. Passos. **As classes perigosas.** Rio de Janeiro: Graal, 1981
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo : vertice, 1990
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a historia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972
- HIRANO, Sedi. **Castas, Estamentos e Classes Sociais.** São Paulo: Alfa-Omega, 1974
- HILTON, Stanley. **O Ditador & o Embaixador.** Rio de Janeiro: Record, 1987
- HILTON, Stanley. **A Guerra Civil Brasileira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982
- **O Brasil e as relações internacionais.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976
- HITLER, Adolf. **Minha Luta.** São Paulo: Moraes, 1983
- HOBSBAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- **Nações e Nacionalismo desde 1870.** São Paulo: Paz e Terra, 1992
- ERANGER, Terence. **A Inveção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984
- HOLLANDA, Sergio Buarque de. **Raizes do Brasil.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1973
- IANNI, Octavio. **Raças e Classes Sociais no Brasil.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972
- **A Formação do Estado Populista na América Latina.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975
- **Raças e classes sociais no Brasil.** Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1972
- **Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970).** Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1971
- IGLESIAS, F. **História e Ideologia.** São Paulo: Perspectiva, 1981
- **Trajetória Política do Brasil-1500/1964.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993
- ISAAC, J. **Las raices cristianas del anti-semitismo: la ennsenanza del desprecio.** Buenos Aires: Paidós, 1966
- J. S. Charles Pierre. **Los Protocolos de los Sabios de Sion: uma supercheria Anti-semita.** Buenos Aires: Ediciones D.A.I.A., 1954
- JAHODA, Marie & NATHAN, W. Ackerman. **Distúrbios Emocionais e Anti-Semitsismo.** São Paulo: Perspectiva, 1969
- JUNG, C.G. **Civilização e transição.** Petropolis: Vozes, 1993
- KOWARICK, Lúcio. **A Expoliação Urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

- KONDER, Leandro Walter Benjamim- o marxismo da melancolia. Rio de Janeiro: Campus, 1989
- KOSSOY, Bóris. **Fotografia e Historia.** São Paulo: Atica, 1989
- **História e expansão da fotografia no Brasil; século XIX.** Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1980
- KUPER, Gina Zabludovsky. **La dominación patrimonial en la obra de Max Weber.** México: Fondo de Cultura Económica, 1987
- KUPERMAN, Diane. **Anti-semitismo, novas facêtas de uma velha questão.** Rio de Janeiro: Pontal, 1992
- KELLI, Celso. **Politica da educação.** Rio de Janeiro: Reper Editora, s/d
- LE GOFF, Jacques: **A história nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990
- e NORA, Pierre ( org) **Fazer História 1: Novos problemas.** Lisboa: Liv. Bertrand, 1977
- LEFORT, Claude. **A Invenção Democrática.** São Paulo: Brasiliense, 1987
- **As formas da história.** São Paulo: Brasiliense, 1979
- **Pensando o político.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991
- LEITÃO, M. do Rosário de Fátima Andrade. **Caracterização e Contribuição para Interpretação da Política e Habitação Popular. Recife. Estado Novo -1937/1945.** Recife: 1987  
Dissertação( Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco.
- LAFER, Celso. **A reconstrução dos direitos humanos - um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988
- LASSWELL, Harold D. **La politica como reparto de influencia.** Madrid: Aguilar, 1974
- LIMA, DANILO. **Educação, Igreja e Ideologia.** Rio Grande do Sul: Livraria Francisco Alves, 1978
- LEITE, D. M. **O Carater Nacional brasileiro: historia de uma ideologia.** São Paulo: Pioneira, 1976
- LEVINE, R. **O regime Vargas: os anaos críticos (1934-1938).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980
- **A velha usina: Pernambuco na federaçoa brasileira. 1889-1937.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1980
- LENHARO, A. **A Sacralização da Política.** Campinas: UNICAMP/Papirus, 1986
- **Nazismo "o triunfo da vontade".** São Paulo: Ática, 1990
- LIMA FILHO, Andrade. **China gordo- Agamenon Magalhães e sua época.** Recife: UFPE, 1976
- LOPES, Eliana Marta Teixeira. **Perspectivas Históricas da Educação.** São Paulo: Ática, 1989

- LOJKINE, Jean. **O estado capitalista e a questão urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 1981
- LOEWESTENSTEIN, R. **Psicanálise do anti-semitismo.** São Paulo: Senzala, 1968
- LÖWI, Michael. **Redenção e Utopia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- LUBAMBO, Cátia Wanderley. **Bairro do Recife. Entre o Corpo Santo e o Marco Zero .** Recife: CEPE/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991
- MACHADO, Lucilia R. de Souza. **Educação e divisão social do trabalho.** São Paulo: Cortez, 1989
- MACCIOCCHI, M.A. **Elementos para uma análise do Fascismo.** Lisboa: Bertrand, 1977
- MALAMUD, Samuel. **Recordando a Praça Onze.** Rio de Janeiro: Kosmos, 1988
- MARRAMO, Giacomo. **O político e as transformações.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990
- MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1986
- . **Sociologia da cultura.** São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1974
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Ideologia.** São Paulo: Global , 1985
- . **A linguagem da sedução.** São Paulo: Perspectiva, 1987
- . **Ideologia.** São Paulo: Global, 1991
- MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1978
- MEDEIROS, J. **Ideologia autoritária no Brasil (1930-1945).** Rio de Janeiro: FGV, 1978
- MERCADANTE, Paulo. **A Consciência Conservadora no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972
- MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. **A colônia brasilianista. História oral de vida acadêmica.** São Paulo: Nova Stella, 1990
- , **Carnaval, carnavais.** São Paulo: Atica, 1986
- MICELI, Sergio et. alli. **Estado e Cultura no Brasil.** São Paulo, Difel, 1984
- . **Intelectuais e classe dirigente no Brasil: 1920-1945.** São Paulo: Difel, 1979
- MILGRAM, Avraham. **Os judeus do vaticano.** Rio de Janeiro: Imago, 1994
- MITRE, Emilio. **Judaísmo y Cristianismo - Raíces de un gran conflicto histórico.** Madrid: Istmo, 1980
- MOOG, Vianna. **Bandeirantes e Pioneiros.** São Paulo: Nova Fronteira, 1978
- MORAES, Dênis de. **O Imaginário Vigiado- A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53).** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1994
- MORAIS, Vamberto. **Pequena História do anti-Semitismo.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972

MOURA, Gerson. **Autonomia na dependência: a política externa brasileira (1935-1942)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

----- **Sucessos e ilusões: relações internacionais durante e após a segunda guerra mundial**. Rio de Janeiro: FGV, 1991

MOTA, Carlos G. **Ideologia da cultura brasileira**. São Paulo: Atica, 1977

MOTA, Mauro. **Bê-A-Bê de Pernambuco**. Recife: FUNDAJR, 1991

MOSSE, George L. **La Cultura Nazi**. Barcelono: Grijalbo, 1973

NASCIMENTO, Milton Meira do. **Opinião Pública & Revolução**. São Paulo: Edusp, 1989

NEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. **As belas mentiras**. São paulo: Editora Moraes, 1978

NOGUEIRA, Carlos R. F. **O diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Atica, 1986

NOVINSKY, A. **Cristãos -Novos na Bahia (1624-1654)**. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1972

NUNES, Clarice et. alli. **O Passado Sempre Presente**. São Paulo: Cortez, 1992

O'DONNELL, Guillermo. **Análise do autoritarismo burocrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990

----- **Contrapontos, autoritarismo e democratização**. São Paulo: Vertice, 1986.

OLIVEIRA, João Batista. **A Política do Livro Didático**. São Paulo: Unicamp, 1984

ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes**. Petrópolis: Vozes, 1978

----- **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1991

----- **A Consciência Fragmentada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980

----- **Cultura e Modernidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991

----- **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo, Brasiliense, 1985

OLIVEIRA, L. Lippi et alli. **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982

----- (cord). **Elite intelectual e debate político nos anos 30**. Rio de Janeiro: FGV/FNL/MEC, 1980

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento- as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987

PARENTI, Michael. **A cruzada anti-comunista**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1970

PARIS, Robert. **As Origens do Fascismos**. São Paulo: Perspectiva, 1993

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos.** São Paulo: Loyola, 1987

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães.** Recife: Massangana, 1984

PERNAMBUCO. Governo do Estado de. **In Memorium. Agamenom Magalhães.** Recife: Imprensa Oficial, 1952

-----**Programa de ensino para o curso primário infantil em Pernambuco.** Recife: Imprensa oficial, 1962

PEY, Mario Oly. **A Escola e o Discurso Pedagógico.** São Paulo Ed. .Cortez, 1988

PELASSY, D. **Le signe nazi: l'univers symbolique d'une dictature.** Paris: Fayard, 1983

PEREIRA, Nilo. **Agamenon Magalhães, uma evocação pessoal.** Recife: Taperoá Editora, 1974

----- **Conflitos entre a igreja e o estado no Brasil.** Recife: UFPE, 1970

PEREA, Padre Romeu. **Diálogos com Agamenon Magalhães.** Recife: Imprensa oficial, 1977

PEREIRA, Luiz e FORACCHI, Marialice M. **Educação e Sociedade.** São Paulo: Nacional, 1987

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988

PECAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: Entre o povo e a nação.** São Paulo: Atica, 1990

PINHEIRO. Paulo Sérgio. **Estratégias da ilusão.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991

PINTO, L.A. da Costa. **O Negro no Rio de Janeiro.** São Paulo: Nacional, 1952

POLIAKOV, Léon. **De Voltaire a Wagner.** São Paulo: Perspectiva, 1985

----- **O Mito Ariano.** São Paulo: Perspectiva, 1984

----- **De Maomé aos Marranos.** São Paulo: Perspectiva, 1984

----- **Histoire de L'Antisémitisme- 1945-1993.** Paris: Editions du Seuil, 1994

----- **La causalité diabolique.** Paris: Calmann-Levi, 1980

----- **A Europa suicida.** São Paulo: Perspectiva, 1977

----- **Les juifs et notre histoire.** Paris: Flammarion, 1973

POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e Ditadura.** São Paulo: Martins Fontes, 1978

----- **Poder político e classes sociais.** São Paulo: Martins Fontes, 1977

PONCE DE LEON, Fernando, et all. **O retrato brasileiro, fotografias da coleção Francisco Rodrigues. 1840/1920.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983

POLLAK, Micael. **Memória, esquecimento, silencio.** IN Estudos Históricos, 3, Rio de Janeiro: Ed. Vértice, (3) 1989

PORTO, H. & SCHLESINGER, H. **Anatomia do anti-semitismo.** São Paulo: Loyola, 1985

RAMOS, Arthur. **O Negro Brasileiro.** Recife: FUNDAJ, Ed. Massagana, 1988

RATTNER, Henrique. **Tradição e Mudança. ( a comunidade judaica em São Paulo).** São Paulo: Ática, 1977

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo.** São Paulo: Martins Fontes, 1972

**REVOLUÇÃO DE 30: Textos e documentos.** Brasília: UNB, 1992

REITLINGER, Gerald. **La solucion final.** Mexico: Grijalbo, 1973

RIBEIRO, Darcy. **Aos Trancos e Barrancos - Como o Brasil Deu no Que Deu.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1985

RICO, Juan Jose Ruiz. **El papel de la iglesia católica en la España de Franco.(1936-1971).** Madri: Editorial Tecnos S.A. 1977

RICHARD, L. **Le nazisme & la culture.** Paris: François Maspero, 1978

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil.** São Paulo: Nacional; Brasília: INL, 1976

RODRIGUES, J. Honorio. **Conciliação e reforma: um desafio historico cultural.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982

-----**História e historiografia.** Petropolis: Vozes, 1970

ROSE, Arnold M. "A Origem dos Preconceitos". IN Raça e Ciência II. Coletânea de Textos, São Paulo, Perspectiva, 1970

ROSSI, Cardeal Dom Angelo. **Integração de Raças e Nacionalidades.** São Paulo: Companhia Ilimitada, 1991

ROSENFELD, Anatol. **Mistificações literárias: os Protocolos dos Sabios de Sião.** São Paulo: Perspectiva, 1976

ROUANET, Sergio Paulo. **As razões do iluminismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987

SENKMAN, Leonardo. **Argentina, la Segunda Guerra Mundial y los refugiados indeseables (1933-1945).** Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1991

STEPAN, Alfred. **Estado, corporativismo e autoritarismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980

SCHWARTZMAN, Simon et alli. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: EDUSP, 1984

-----**Bases do Autoritarismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Campus, 1982

-----**(org) Estado-Novo, um auto-retrato (Arquivo Gustavo Capanema)**. Brasília: EUB, 1985

SEVERINO, Antonio, Joaquim. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU, 1986

SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e estado no Brasil holandês. 1630-1654**. Recife: FUNDARPE, 1986

SCHOENBERNER, Gerhard. **A estrela amarela- a perseguição aos judeus na Europa (1933-1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1994

SCHWACZ, L. M. **Retrato em Branco e Negro**. São Paulo: Schwarcz, 1987

----- **O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SCHWARTZENBERG, Roger-Gerard. **O Estado Espetáculo**. São Paulo: Difel, 1978

SCHMITT, Jean-Claude. "*A História dos Marginais*". IN LE GOFF, J. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990

SILVA, Hélio. **1945: Porque Depuseram Vargas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976

-----**1938 - Terrorismo em campo verde**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971

-----**Vargas**. Porto Alegre: L&PM, 1980

-----**1937 - Todos os golpes se parecem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970

-----**A ameaça vermelha- o Plano Cohen**. Porto Alegre: L&PM, 1980

-----**1935 - A Revolta Vermelha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969

SILVA, Jose Luiz Werneck da (org). **O Feixe e o prisma: Uma revisão do Estado Novo. O autoritarismo como questão teórica e historiográfica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991

SILVA, Golbery do Couto. **Conjuntura política nacional- o poder executivo & geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981

- SOBRINHO, Barbosa Lima. **Presença de Alberto Torres**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1977
- SORLIN, Pierre. **O Anti-Semitismo Alemão**. São Paulo: Perspectiva, 1974
- SONTAG, S. **Sob o signo de saturno**. São Paulo: LP&M, 1986
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975
- Preto no Branco: raça e nacionalismo no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976
- STOFFELS, Marie-Ghislaine. **Os mendigos na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977
- SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, Pátria e Família: as mulheres no golpe de 1964**. Petropolis: Vozes, 1985
- SVECENCO, Nicolau. **A literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1995
- TÔRRES, Camilo de Oliveira. **Interpretação da Realidade Brasileira**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973
- TEIXEIRA, Anísio. **Educação e o mundo moderno**. São Paulo: Nacional, 1977
- TRACHTENBERG, J. **El diablo y los judios: la concepcion medieval del judio y su relacion con el antisemitismo moderno**. Buenos Aires: Paidós, 1975
- TAGUIEFF, Pierre-André (org). **Les Protocoles des Sages de Sion**. Paris: Berg International Editeurs, v. I e II, 1992
- THOMPSON, E. P. **Tradicion, revuelta y consciencia de clase**. Madrid: Editorial Critica, 1979
- TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993
- WERNECK, V.R. **A ideologia na educação: um estudo sobre a interferencia da ideologia no processo educativo**. Petropolis: Vozes, 1982
- WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979
- Economia y Sociedad**. México: Fondo de Cultura, 2 v. 1969
- WIEVIORKA, Michel. **El espacio del racismo**. Barcelona: Paidós; Buenos Aires: Paidós, 1992
- VALLADARES, Licia . **Passa-se esta casa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

VILCHES, Lorenzo. **Teoria da la imagem periodistica**. Barcelona: Eciones Paidós, 1993

VIEIRA, Nelson. **Construindo a imagem do judeu**. Rio de Janeiro: Imago, 1994

VOLVELE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1991

VIDAL-NAQUET, P. **Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo**. Campinas: Papirus, 1988.